



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MANUELLE ARAÚJO DA SILVA

**UM BÊ-A-BÁ DE ORDEM E PROGRESSO: EDUCAÇÃO SOCIAL E INSTRUÇÃO
ESCOLAR NO CEARÁ DOS ANOS 1940.**

**FORTALEZA
2017**

MANUELLE ARAÚJO DA SILVA

UM BÊ-A-BÁ DE ORDEM E PROGRESSO: EDUCAÇÃO SOCIAL E INSTRUÇÃO
ESCOLAR NO CEARÁ DOS ANOS 1940.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História Social do
Departamento de História da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. João Ernani Furtado
Filho.

FORTALEZA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- S581b Silva, Manuelle.
Um bê-a-bá de ordem e progresso : educação social e instrução escolar no Ceará dos anos 1940. /
Manuelle Silva. – 2017.
254 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em História, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. João Ermani Furtado Filho.
1. Educação Social. 2. Instrução Escolar. 3. Imprensa. I. Título.

CDD 900

MANUELLE ARAÚJO DA SILVA

UM BÊ-A-BÁ DE ORDEM E PROGRESSO: EDUCAÇÃO SOCIAL E INSTRUÇÃO
ESCOLAR NO CEARÁ DOS ANOS 1940.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: História Social.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dr.^a. Fátima Maria Leitão Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof.^a. Dr.^a Ana Carla Sabino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha família.

AGRADECIMENTOS

"Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças, nem barômetros. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós."
Manoel de Barros

Ao meu orientador, professor João Ernani, sobretudo pelo atributo de suscitar inspirações. Cultivo gratidão pelo zelo, atenção e paciência na orientação da pesquisa e da pesquisadora, desde os meus primeiros passos na graduação. Os momentos do tipo "estou confuso e quero ouvir sua palavra" foram sempre muito profícuos.

Aos meus pais, por sempre terem colocado o acesso à educação dos filhos em primeiríssimo lugar na lista de prioridades de nossa família. Não obstante as dificuldades, esta dissertação é um dos frutos desse discernimento do saber como algo fulcral à vida. Não imagino a minha trajetória sem cada uma das sábias escolhas que vocês trilharam.

Aos meus avôs Francisco, Raimunda e Aldenor (*In memoriam*). À Mãe Rosa, minha avó materna, por mesmo sem entender muito bem o universo acadêmico, mostrar-se sempre interessada em compreender o que desperta meu interesse. Não raras foram as vezes em que conversamos sobre o ensino de seu tempo. Agradeço à "tia-madrinha", pela presença e motivação diária desde sempre.

Aos meus irmãos. A Mauro Júnior, pelo exemplo de persistência e determinação em tantos âmbitos da vida. À Mirelle, que, além de ter tido papel fundamental no processo de construção da minha trajetória acadêmica, prova constantemente a força da resiliência. À Micaelle, cujo apoio cotidiano foi fundamental para o andamento deste trabalho e, sobretudo, para a manutenção de minha sanidade mental. Agradeço também ao André e à Raquel, meus cunhados.

Ao Mauro Neto, meu sobrinho, que nasceu no ano em que iniciei a graduação em História, em 2011. Marcou e alegrou, portanto, cada momento desses anos que me dediquei a essa área do conhecimento. A tia Manu será eternamente grata.

Cada professor que passa por nossas vidas deixa, variavelmente, marcas. Agradeço a todos os meus educadores, desde os que protagonizaram o meu processo de alfabetização até aos que ainda virão.

Às professoras Adelaide Gonçalves e Kênia Rios, pelas contribuições feitas na Banca de Qualificação. Às professoras Fátima Leitão e Ana Carla Sabino, por prontamente aceitarem o convite para a Banca de Defesa desta dissertação.

Aos professores Jailson Silva e Ana Carla Sabino, meus tutores nos tempos de PET - História, por acreditarem sempre em meu potencial, não raras vezes até mais do que eu mesma.

Aos colegas de turma do Mestrado, sempre interessados em papear sobre fontes, bibliografias e aperreios cotidianos. Em especial, Clarissa Franco, Cleidiane Moraes, Raul Gondim, Pedro Paulo, Alberto Rafael e Adson Rodrigo. Agradeço também ao Lucas Assis, que não é da minha turma, mas é como se fosse.

Aos amigos dos meus tempos de escola, que, na contramão do tempo, fazem-se presentes. À Flâmila Machado, Isabelle Rodrigues, Priscila Rios, Priscila Bandeira, Nathanna Alves, Myrella Araújo, Lucas Breno, Rennan Lemos, Mayara Rocha, Caroline Nobre e Isabel Cristina, o meu muito obrigada.

Aos amigos que comigo compartilharam a mesma sala de aula nos anos da graduação. Em especial, Brena Colaço, Ana Cristina, Camila Parente, Elton Menezes, Cláudia Rodrigues, Rodrigo Camilo, Rosa Evaristo. Agradeço pelas experiências compartilhadas, para muito além das paredes da Universidade. Fora da minha turma, mas ainda falando de História - UFC, agradeço a Thiago Sales, Diego Estevão, Karla Cristine, Ana Carla Pereira, Daniel Alencar, David Botelho, Plauto Daniel, Airtton Júnior, dentre tantos outros.

Ao Neto Almeida e Eduardo Valentim, que me acompanharam na aventura do Estágio.

Bianca Freitas e Giordana Freitas são duas queridas que a História me deu, direta e indiretamente. Agradeço por tudo!

Carol, Bárbara e Tielly também são amigas que conheci na graduação. Agradeço pela presença e pelas conversas constantes, apesar dos afazeres da vida.

Liz Sabino, Jéssica Guedes, Juliana Basílio, Jonatas Jonas, Diego Belfante, Raul Agrela, Amanda Guimarães, Rennê Câmara, Adeliana Barros e Raylane Marques foram presentes que o PET - História me deu. Nutro muito carinho por vocês.

Jéssica Araújo e Rosângela Araújo foram presentes que a COFAC, minha primeira bolsa na graduação, me deu.

Aos funcionários das instituições de pesquisa pelas quais passei. Aos solícitos, o agradecimento é em função do estímulo e da gentileza. Aos nem tão disponíveis para ajudar, agradeço pelo estímulo indireto. Insistência nem sempre é inconveniência.

À família do Prof. Coelho Sampaio, que sempre foi muito gentil nas vezes em que mantive contato.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. À Luciana, secretária da Pós, por esclarecer todas as minhas dúvidas, quase sempre desesperadas. Ao Gil, Cristiano e Roberto, por viabilizarem leituras e gentilezas.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro à pesquisa.

Aos amigos que fiz nas aulas de flauta transversal do Projeto de Extensão do curso de Música da UFC. Dessa área da minha vida, agradeço a Frederico Menescal, Vanêssa Gomes, Mirla Manuela, Rafael Oliveira, Lívia e Alexsandra Vasconcelos. Também agradeço aos professores e tutores Leandro Serafim, Themístocles Stanton, Filipe Ximenes, Bruno Marques, Bruno Queiroz e Luana Feliciano.

Às amigas de longa data, que os quilômetros separam, mas as afinidades aproximam: Thainá Cristine, Thaís Pena, Jéssica Azevedo, Giovana Azevedo, Gabryella Regina, Nathália Bizelli, Sara Franco e Adriana Ribeiro.

À Rosane Lorena, amiga recente que conheci na Secretaria de Educação e que já muito me ensina com sua experiência.

Às amigas da série “um dia eu ainda aprendo inglês”, destaco a Alexandra Figueira, que conheci no CLEC, e a Joyce Oliveira e Roberta Varela, que conheci na CCB.

À Larissa Breves, Alê e Letícia, que, do posto de "amigas da minha irmã menor", tornaram-se também minhas amigas.

Ao João, que com sua alegria constante me ensinou muito mais do que exercícios de pilates.

Ao "Fransquim" ou simplesmente “Aú”, que afirmava, desde quando eu era bebê, que um dia eu seria doutora em alguma área do conhecimento. Alguns passos foram dados. Quem sabe um dia?

Por fim, sublinho que esse ato de rememorar e narrar agradecimentos me fez reforçar o sentimento de gratidão que nutro por cada um dos seres que agregaram algo em meu caminho, cada um ao seu modo. “Nunca é tarde demais para começar tudo de novo”, já estampava o poeta, em letras garrafais, nos palcos que presenciaram o fenômeno *Krig-ha, Bandolo!* no início dos anos 1970. Reinventemo-nos sempre!

"Ter é tardar".
Fernando Pessoa

"O homem é o exercício que faz."
Raul Seixas

RESUMO

Em janeiro de 1944, o popular matutino diário fortalezense *Gazeta de Notícias* publicou o primeiro número da coluna intitulada *Ensino e Educação*, assinada por Coelho Sampaio. Com periodicidade irregular, mas sendo, via de regra, semanal, a referida seção perdurou até janeiro de 1950. Essa coluna destaca-se por ser um espaço jornalístico fixo, destinado a refletir sobre motes educacionais no período, em moldes de ensinamentos ou sistematizações de passos a serem seguidos, a fim de se alcançar o melhoramento da Educação, avaliando como correlato a isso, o engrandecimento da Nação. Esta pesquisa tem como objetivo buscar compreender, *a partir* de um estudo de caso da coluna *Ensino e Educação*, assinada por Coelho Sampaio no jornal cearense *Gazeta de Notícias*, de 1944 a 1950, como se articulam discursos sobre uma instrução escolar e uma educação social pautada por ideais moralizadores e disciplinadores, sob a égide do progresso pátrio. Para tanto, investigaram-se problemáticas educacionais latentes do período, tais como: o que poderia significar o ideal de moralizar os costumes, na condição de tarefa educativa? O que sustentava a ambição de higienizar leituras e meios de comunicação? Como se idealizou a função e a profissão docente no período? Quais as construções em torno da figura da infância e do aluno? Quais os embasamentos dos ideais de educação para o trabalho, em um contexto de industrialização e urbanização? De que forma isso influenciou discursos voltados para uma educação profissional, rural e de adultos? As fontes jornalísticas são as principais nesse estudo, mas são traçados diálogos com outros tipos de documentos. São eles: oficiais, produzidos pelo Ministério da Educação e Saúde e o Departamento de Educação do Ceará; fontes periódicas, como a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP), o *Almanaque do Estado do Ceará* e o *Censo Demográfico do Ceará*; literatura didática; bem como fontes biográficas e memorialísticas. No que concerne aos aspectos metodológicos, utiliza-se o conceito de jogos de escala, delineado por Jacques Revel, de modo a investigar as relações dos meandros sociais e educacionais, variando os ângulos de análise entre abordagens "micro" e "macro". À guisa de conclusão, destaca-se que os conceitos de *educação* e de *educação social* mostram-se como mais centrais do que o de *ensino* e o de *instrução escolar*, por serem geradores de outros conceitos atrelados às noções de moral, civismo e ordem, embora na presente pesquisa eles sejam pensados em relação.

Palavras-chave: Educação Social, Instrução Escolar, Imprensa.

ABSTRACT

In January 1944, the popular morning newspaper *Gazeta de Notícias* published the first issue of the column entitled *Ensino e Educação* (*Teaching and Education*), signed by Coelho Sampaio. With irregular frequency, but being, as a rule, weekly, this section lasted until January of 1950. This column stands out because it is a fixed journalistic space, destined to reflect on educational matters of that time, in the form of teachings or systematizations of steps to be taken in order to achieve the improvement of Education, evaluating the aggrandizement of the Nation as a correlate. This research aims to understand, from a case study of the column named *Ensino e Educação* (*Teaching and Education*), written by Coelho Sampaio in the newspaper *Gazeta de Notícias* from Ceará, from 1944 to 1950, how speeches about school education and a social education based on moralizing and disciplining ideals under the aegis of the country's progress are articulated. In order to do so, we investigated latent educational problems of the period, such as: what could mean the ideal of moralizing customs, as an educational task? What sustained the desire to sanitize reading activities and means of communication? How were the function and the teaching field in the period idealized? What are the constructions around the notion of childhood and student? What are the foundations of the ideals of education for work, in a context of industrialization and urbanization? In what way has this influenced discourses aimed at professional, rural and adult education? The journalistic sources are the main ones in this study, but it is drawn a parallel with other types of documents: official ones, produced by the Ministry of Education and Health, and the Department of Education of Ceará; periodical sources, such as *Revista Brasileira de Estudos Pedagogicos* (*Brazilian Journal of Pedagogical Studies* - RBEP), *Almanaque do Estado do Ceará* (the *Almanac of the State of Ceará*) and *Censo Demográfico do Ceará* (the *Demographic Census of Ceará*); didactic literature; as well as biographical and memorialistic sources. As far as methodological aspects are concerned, the concept of scale games, outlined by Jacques Revel, is used to investigate the relationships between social and educational aspects, varying the angles of analysis between "micro" and "macro" approaches. As a conclusion, it should be noted that the pair of concepts of *Education* and *Social Education* are shown to be more central than the pair of concepts of *Teaching* and *School Instruction*, as they generate other concepts linked to the notions of morality, civility and order, although in the present research those both pairs of concepts are somehow connected.

Keywords: Social Education, School Instruction, Press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia da página 5 do jornal <i>Gazeta de Notícias</i> , na qual se publicou uma das colunas <i>Ensino e Educação</i> , em 13 de outubro de 1944.....	30
Figura 2 – Fotografia da fachada da escola dirigida por Coelho Sampaio, denominada de Instituto São Raimundo, publicada nas páginas da <i>Gazeta de Notícias</i> em 14/06/1947.....	55
Figura 3 – Fotografia de Coelho Sampaio em trajes de Colação de Grau.....	72
Figura 4 – Fotografia do Coelho Sampaio discursando, ao microfone, no IV Congresso Estadual dos Estudantes do Ceará, em 1946.....	72
Figura 5 – Fotografia das festividades em ocasião do Dia do Professor, em 15/10/1948. Em pé e discursando, vê-se Coelho Sampaio.....	72
Figura 6 – Capa da revista <i>O Gibi</i> , publicada em julho de 1949.....	88
Figura 7 – Capa da revista <i>O Guri</i> , publicada em setembro de 1948.....	88
Figura 8 – Capa da revista <i>O Guri</i> , publicada em setembro de 1948	89
Figura 9 - Capa da revista <i>O Guri</i> , publicada em dezembro de 1948	89
Figura 10 – Capa da cartilha <i>Nossas Lições</i> , cuja autoria é do Prof. Coelho Sampaio.....	114
Figura 11 – Página de dedicatória da cartilha <i>Nossas Lições</i> , cuja autoria é de Coelho Sampaio.....	115
Figura 12 – Publicidade do Instituto São Raimundo, cujo diretor era Antonio Coelho Sampaio. (<i>Gazeta de Notícias</i> , 19/02/1950, p. 3).....	121
Figura 13 – Fotografia do fragmento de artigo publicado na <i>Gazeta de Notícias</i> , sob autoria de Fernanda Brito, incluindo uma foto da autora, incorporada à publicação.....	138
Figura 14 – Publicidade que traçou entrecruzamentos entre a fortificação do corpo e o rendimento escolar.....	175
Figura 15 – Fotografia de Estudantes do Instituto São Raimundo, escola particular cujo proprietário e diretor foi o Prof. Coelho Sampaio. Constan nomes, médias e fotos dos alunos.....	193
Figura 16 – Fotografia do trecho subsequente da publicação descrita acima.....	194

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ENLACES E DESENLACES ENTRE EDUCAÇÃO SOCIAL E INSTRUÇÃO ESCOLAR A PARTIR DA COLUNA <i>ENSINO E EDUCAÇÃO</i>.....	28
2.1 “Na rua e em toda parte”: ideais de moralização dos costumes como tarefa educativa fora da escola.....	28
2.2 Trajetos para um lugar: a trajetória de Coelho Sampaio e a coluna <i>Ensino e Educação</i> como lugar social.....	53
2.3 Ambições higienizadoras de leituras e dos meios de comunicação.....	81
3 REPRESENT(AÇÕES) PROFESSORAIS E CONSTRUÇÕES SOBRE O ALUNO NO CEARÁ DOS ANOS 1940.....	103
3.1 Sob a mira da moralidade: como se idealizou a função docente nos anos 1940?	103
3.2 Noções de abnegação e profissão em conflito: professores como classe.....	132
3.3 O porvir em pauta: construções em torno das figuras do aluno e da infância.....	163
4 EDUCAR PARA PRODUZIR: A EDUCAÇÃO A SERVIÇO DE INTERESSES ECONÔMICOS.....	202
4.1 "Faltam braços para a lavoura": discursos sobre educação rural.....	202
4.2 A problemática da educação para o trabalho em tempos de industrialização.....	217
4.3 O analfabetismo como chaga social e a educação de adultos como antídoto.....	231
5 CONCLUSÃO.....	240
REFERÊNCIAS.....	244

1 INTRODUÇÃO

As seguintes páginas introdutórias têm por objetivo explicar os aspectos e as características das fontes utilizadas no trabalho proposto, buscando ressaltar suas especificidades e os procedimentos/precauções de análise. Almeja-se destacar, também, referenciais teórico-metodológicos tidos como norteadores da investigação e explicar sobre a forma com que foi pensada a estrutura da dissertação.

Esta pesquisa tem como objetivo buscar compreender, *a partir* da coluna *Ensino e Educação*, assinada por Antonio Coelho Sampaio no jornal cearense *Gazeta de Notícias*, de 1944 a 1950, como se articulam discursos sobre uma instrução escolar e uma educação social pautada por ideais moralizadores e disciplinadores, sob a égide do progresso pátrio. Para tanto, investigaram-se problemáticas educacionais latentes do período, *a partir* desse corpo documental em foco: a coluna *Ensino e Educação*.

Então, é importante ressaltar que, apesar de buscar viabilizar a investigação a partir da coluna, articulando-a com outras fontes e debates mais amplos, cumpre destacar que essas cartas públicas de Sampaio, que circularam na *Gazeta de Notícias* de 1944 a 1950, são as principais fontes deste trabalho. Dessa forma, a subdivisão dos capítulos e tópicos foi feita, em certa medida, remetendo aos temas de maior recorrência ou ênfase na argumentação de Antonio Sampaio, almejando situar os debates para além dela.

Afirmar que se anseia compreender e analisar a temática educacional para além da coluna *Ensino e Educação* significa afirmar que a referência de Jacques Revel, no que se refere ao conceito de *jogos de escala*, é algo primordial para esta pesquisa. Não por pretender desenvolver uma micro-história, mas por buscar seguir uma abordagem que varie os ângulos de observação. Sendo importante ratificar que tal variação de ótica não consiste em privilegiar uma ou outra escala ou meandro social por ter caráter “micro” ou “macro”, mas sim investigar suas relações no *embaralhamento das lógicas sociais*.¹

O primeiro capítulo, intitulado “*Não se educa apenas nas escolas*”: *enlaces e desenlaces entre Educação Social e Instrução Escolar a partir da coluna Ensino e Educação*, faz entrar em zona de contato dois pólos temáticos: a questão (auto)biográfica e os intercâmbios e distanciamentos entre os conceitos de Educação Social e Instrução Escolar.

¹ REVEL, Jacques. (Org.). **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Por agrupamento temático, esta introdução iniciará com especificações referentes ao segundo tópico do primeiro capítulo e, em seguida, abordará o primeiro e o terceiro tópicos.

No que se refere ao segundo tópico, intitulado "*Trajetos para um lugar: a trajetória de Coelho Sampaio e a coluna Ensino e Educação como lugar social*", que trata da questão (auto)biográfica de Antônio Coelho Sampaio, têm-se que as principais fontes utilizadas são: a autobiografia do Prof. Sampaio; editoriais da *Gazeta de Notícias* sobre o Instituto São Raimundo, instituição de ensino primário que o mesmo fundou e dirigiu nos anos 1940; artigos do jornal *Diário do Povo*, situados mais ao fim da década de 1940 e artigos da coluna *Ensino e Educação*, saídos na *Gazeta de Notícias* de 1944 a 1950. Afora isso, conta-se com uma breve utilização de um artigo do jornal *O Estado*, saído em 2008, que trazia um pouco da experiência de um ex-aluno do Instituto São Raimundo no período estudado, no espaço da sua história de vida.

A autobiografia em questão foi importante para a escrita do segundo tópico do primeiro capítulo, porque um dos objetivos centrais da seção consistiu em investigar elementos da trajetória social do autor. Tal ênfase foi feita basicamente por duas razões. A primeira faz do estudo da coluna *Ensino e Educação* e do seu autor um grande desafio, porque não existem outros trabalhos quer sejam sobre a figura do Prof. Coelho Sampaio ou mesmo sobre a coluna em questão, dificultando, portanto, o acesso aos aspectos da sua história de vida. Afora que a falta de literatura sobre o objeto priva um contato com trabalhos que seriam referência sobre o tema. A outra razão da ênfase na trajetória social de Sampaio deu-se porque também se constituiu como objetivo central do tópico pensar o seu exercício de *escrita de si*, sobretudo quando isso se transforma em ferramenta de legitimação para o seu pensamento educacional na imprensa cearense dos anos 1940.

Para a análise da autobiografia de Coelho Sampaio, bem como em outros momentos, nos quais o autor exerce exercícios autobiográficos, foi bastante pertinente o conceito de *escrita de si*, levado a cabo por Ângela de Castro Gomes², no sentido de explicitar as várias possibilidades de como pensar essa narrativa que os indivíduos fazem em primeira pessoa e que podem ser de ordem do privado, do público ou mesclar características dos dois âmbitos, como é o caso das missivas públicas da presente pesquisa. A par disso, dois artigos de Bourdieu e Levi ajudam a pensar essas questões biográficas. São eles: *A Ilusão Biográfica*,

² GOMES, Ângela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

de Pierre Bourdieu³ e *Usos da biografia*, de Giovanni Levi⁴, nos quais os autores salientam a importância de saber balancear os enfoques entre indivíduo e contexto e vice-versa, longe das pretensões de usos tradicionais do elemento biográfico, que pressupunham que a tarefa de tornar uma vida um enredo inteligível poderia se processar retilinearmente.

A historiadora Sabina Loriga, na obra *O pequeno X. Da biografia à História*⁵, também corrobora com tais premissas, ao passo em que ressalta o quão profícuo pode ser explorar a dimensão individual da/na História, humanizando-a e pluralizando-a, através da discussão da historicidade dos enfoques e abandonos de tal vertente de preocupações. Por fim, François Dosse, em *O Desafio Biográfico - Escrever uma Vida*⁶, por dedicar-se à historicidade do uso do gênero biográfico na História, desde a sua experiência de "eclipse" à experiência de holofote, contribui como base para a pesquisa em andamento.

A noção de trajetória/itinerário social é aqui adotada em função da presente abordagem se afastar das noções mais clássicas de biografia. Mesmo porque não se tem por pretensão desenvolver uma biografia de Coelho Sampaio, mas investigar como o elemento biográfico foi utilizado pelo educador. O conceito de trajetória foi pensado a partir do entendimento de que as contradições e incongruências nela presentes são intrínsecas ao ser humano, cujo itinerário social não pertence ao campo das linearidades.

A autobiografia de Coelho Sampaio, intitulada *Nos Caminhos do Destino*, é um livreto composto por um pouco mais do que 30 páginas, que não teve editoração e foi distribuído gratuitamente em comemoração ao aniversário de 84 anos do autor, em espaço de entidade caritativa fundada pelo mesmo. Entretanto, apesar de ser um livro singelo, a obra encontra-se disponível presencialmente na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, onde foi consultado e coletado pelo suporte da fotografia. Na dedicatória, o autor evidencia que ofertou o livro ao acervo da biblioteca, em março de 2004. O que pode ser lido como mais um indicativo de empenho por espalhar sua trajetória e outros livros de sua autoria.

Assim, a autobiografia de Sampaio se configura como uma fonte central para o tópico em questão, pois representa mais um indicativo do esforço de escrita e divulgação da sua trajetória, isto é, a situação de concretização da obra denota um desejo do autor de fazê-la

³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M. J. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

⁴ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

⁵ LORIGA, Sabina. **O pequeno X: da biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

⁶ DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: USP, 2009.

circular. Entretanto, tal valorização e explicitação de sua história de vida já pareciam caras ao autor nos anos 1940, em meio às questões relativas à educação.

Por outro ângulo, *Nos Caminhos do Destino* também foi significativa sobretudo nos momentos em que Coelho Sampaio rememora o período no qual a pesquisa adota como recorte temporal: a década de 1940. Assim, ao passo em que o ator recorda o modo com que começou a ter contato com o universo tipográfico, até tornar-se colaborador de jornais, surgem indícios para pensar também a criação do colégio que ele fundou em Fortaleza nesse período e a sua relação com a União Estadual dos Estudantes à época. Todavia, Coelho Sampaio menciona apenas a sua colaboração nos principais jornais da cidade, não citando, em específico, a coluna *Ensino e Educação*.

As outras fontes utilizadas no tópico, como dito anteriormente, foram jornais. Organizando do mais recente para o mais antigo, utilizaram-se trechos de aspectos biográficos de um ex-aluno do Instituto São Raimundo — entidade escolar criada e dirigida por Coelho Sampaio nos anos 1940 — apenas no que mantinha relação com a sua experiência nesse estabelecimento. Trata-se de elementos biográficos de Iraguassú Teixeira, publicados no jornal *O Estado*, em 2008, disponíveis virtualmente. Utilizaram-se, também editoriais do jornal *Diário do Povo*, sobretudo no ano de 1950, período no qual Coelho Sampaio se identificava e era identificado na condição de jornalista, diferente dos editoriais da década de 1940, quando a profissão professor era mais ressaltada aos leitores. Por fim, mas não menos importante, as colunas *Ensino e Educação* também fizeram-se presentes.

Nesse tópico, foram selecionados os números da coluna que traziam aspectos (auto)biográficos de Coelho Sampaio, bem como rastros da sua atuação social, sobretudo através da coluna, atentando à questão principal: de que forma esses elementos biográficos buscavam legitimar a atuação impressa do Prof. Sampaio? Ainda nas páginas da *Gazeta de Notícias*, também foram utilizadas fotografias do Professor, em momentos de atuação social, buscando problematizá-las.

No primeiro tópico do primeiro capítulo, intitulado *Na rua e em toda parte: ideais de moralização dos costumes como tarefa educativa*, teve-se por intenção apresentar ao leitor a coluna *Ensino e Educação*, em específico, e refletir acerca da função do jornal na Fortaleza dos anos 1940, em geral. Acerca da circularidade desses periódicos, foi utilizada a tipologia de fonte dos memorialistas, principalmente o livro *Royal Briar: A Fortaleza nos Anos 1940*, de Marciano Lopes. Ao passo em que o discurso desse memorialista foi utilizado, buscou-se

situar as peculiaridades desse tipo de fonte, explicitando que essa memória também é passível de questionamentos. Não sob uma ótica de suspeição, mas de problematização.

Nesse primeiro tópico, então, utilizaram-se números da coluna *Ensino e Educação* que tratavam sobre o que seria uma moralização dos costumes sendo posta como questão educacional, a ser projetada dentro das escolas e fora delas. Houve utilização, também, de artigos de outros colaboradores da *Gazeta de Notícias*. Outras seções desse jornal foram observadas, ainda que, em certos casos, a temática não fosse necessariamente a educacional; no intento de não naturalizar a seção de Coelho Sampaio. A par dos artigos selecionados da coluna *Ensino e Educação*, foram utilizadas também outras vozes, de variados colaboradores da *Gazeta de Notícias*. Essas falas, apesar de saírem no mesmo jornal, ora se elidiram e ora estavam em consonância.

Outra tipologia de fonte utilizada no tópico 1.1, foram os censos estatísticos dos anos 1940. O censo utilizado data a sua publicação do ano de 1950. Isso porque esse material fora expedido sempre no decênio posterior ao dos dados contidos no documento. São, basicamente, de dois tipos: nacionais e estaduais. Interessou, mais de perto, o quantitativo pertencente ao Ceará, ao passo em que também foi importante fazer um paralelo com os números nacionais. Esses censos foram acessados no *site* do IBGE.

Nesses censos, existe uma seção destinada aos números educacionais. No que atine a essas fontes estatísticas, o intento é apreender também quantitativamente meandros da sociedade que recepcionava esses discursos pedagógico-educacionais na imprensa. Por exemplo, na área dedicada à *instrução* nos censos, as classificações podiam variar entre *saber ler e escrever*, *não saber ler e escrever* e *instrução não declarada*. Os números, apesar de questionáveis, apontam para porcentagens muito altas de analfabetismo, em contraste com fatias diminutas daqueles que sabiam ler e escrever. Tal dado forneceu indícios para discutir o acesso da população ao conteúdo dos jornais, que são as fontes principais da presente pesquisa. Para essa questão, os memorialistas discorrem acerca das várias formas de leitura e disseminação desses conteúdos, que não através da leitura direta das páginas dos jornais.

Esse mesmo dado, sobre as altas taxas de analfabetismo nos anos 1940, também pode ser indício para uma hipótese da pesquisa. Percebe-se, na fala dos intelectuais que refletem sobre educação no Ceará dos anos 1940, e inclusive na fala de Coelho Sampaio, uma preocupação com os conteúdos escolares, postura professoral, comportamento do aluno, dentre outras coisas; porém nota-se que a preocupação com a educação em sentido amplo, mais próxima de noções de moralização dos costumes como sendo tarefa educativa, desperta

muito mais inquietação, está muito mais na mira. A hipótese, então, é de que esses intelectuais sabiam que o público que poderia chegar às escolas era muito parco e que, se esses intentos moralizadores partissem apenas dos professores em sala de aula, talvez isso não tivesse resultado em sociedade, não se alcançaria a almejada educação para a *harmonia social*.

Outro tipo de fonte abordado no primeiro tópico do capítulo I foi o documento mensal, expedido pelo Ministério da Educação e Saúde e organizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), intitulado *Subsídios para a História da Educação Brasileira* referente ao mês de outubro de 1941. Essa documentação foi consultada no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). No entanto, ela não está catalogada. Sendo apenas sutilmente organizada pelo grande tema "Educação", pode ser consultada em caixas que abrigam os mais diversos documentos, nos quais predominam os de caráter oficial. O acesso às informações para referenciá-las, como data e localidade, foi possível de coletar por constar no próprio documento.

Essa documentação foi relevante por permitir compreender as nuances dos conceitos de instruir/educar, ensinar/educar, vistas sob a ótica do governo do Estado Novo, sobretudo na primeira metade da década de 1940. O exame de fontes que permitam a investigação de conceitos como ensino, educação, instrução escolar, educação social e suas variantes, mostram que, apesar desses termos parecerem sinônimos, em determinadas situações eles podem contrastar entre si, travando complexas relações. Ainda fazendo referência aos *Subsídios para a História da Educação Brasileira*, é oportuno notar que a própria forma de denominação desse documento é bastante questionável, pois seu título sugere que os escritos ali contidos sejam, mecanicamente, bases para a História da Educação no Brasil, por sua intenção de estabelecer algo aproximado a um serviço de informações sobre a temática, através de relatórios e boletins contendo supervisões e controles.

O terceiro tópico do primeiro capítulo, intitulado *Ponto capital de Educação: ambições higienizadoras de leituras e dos meios de comunicação*, investiga outros meandros do assunto examinado no primeiro tópico: propósitos moralizadores como tarefa educacional. Nesta seção é possível perceber quais conteúdos eram considerados como perturbadores à moral empreendida por esses discursos, sobretudo o que circulava nos meios de comunicação e em determinados tipos de publicações, como o gibi.

As fontes para a confecção desse tópico foram compostas por alguns números da coluna *Ensino e Educação*; artigos de outros colaboradores da *Gazeta de Notícias*, inclusive, em alguns casos, em textos que não eram necessariamente sobre a temática educacional;

editoriais do jornal católico carioca citado por Coelho Sampaio, chamado *A Cruz* e capas de gibis mencionados por ele como sendo amorais.

Dentro da argumentação de Coelho Sampaio, as publicações do tipo gibis obtiveram bastante recorrência quando o seu objetivo era expor o símbolo da literatura considerada perniciosa para crianças e jovens. Foi possível encontrar as capas de gibis por ele mencionados, disponíveis virtualmente. Em adesão de Coelho Sampaio à campanha contra esse tipo de leitura, nos anos 1940, rastreou-se — através de sua citação direta a um jornal católico carioca, chamado *A Cruz* — sua leitura e acesso a outro jornal que não fosse da capital cearense. A pesquisa nesse jornal carioca foi feita através do acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional, no qual foi possível consultar o início da campanha contra a considerada má leitura e má imprensa, bem como outros artigos que se posicionavam contra os gibis, orientados por premissas bastante parecidas com a argumentação de Coelho Sampaio em relação a isso.

Por fim, foi utilizado como fonte para esse tópico um livro de leitura para o Curso Primário, saído pela Editora do Brasil, de autoria dos Profs. Domingos Barroso e Rita Tomaz Barroso, livro citado por Coelho Sampaio no último número da coluna *Ensino e Educação*, em artigo intitulado *Um Novo Aspecto da Leitura*. Um livro dessa coleção foi consultado apenas recentemente no Plebeu Gabinete de Leitura, situado no centro de Fortaleza.

O capítulo 2, intitulado "*Represent(ações) professorais e construções sobre o aluno no Ceará dos anos 1940*", investigará conceitos pertencentes à esfera escolar. De modo mais específico, serão analisados os conceitos de professor, como expectativa de ideal profissional e também como classe, e o conceito de aluno/infância. Nesse capítulo será fundamental a utilização da história dos conceitos como ferramenta de análise. Principalmente a partir de Reinhart Koselleck⁷, tem-se que esta se distingue de uma história das ideias, por não considerar apenas o discurso pelo discurso. Suas premissas residem, sobretudo, em analisar a relação entre a semântica e a pragmática dos discursos.

No tópico 1 do capítulo II, chamado "*Sob a mira da moralidade: como se idealizou a função docente nos anos 1940?*" a pergunta geradora foi: de quais maneiras e por quais construções discursivas se idealizou a função docente nos anos 1940? A intenção será analisar de quais formas a prática do magistério, em geral, e o conceito de professor, em

⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. **Historias de conceptos**. Estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

específico, foram pensados na escrita de Coelho Sampaio, na coluna *Ensino e Educação*, no Ceará dos anos 1940, de modo a traçar articulações desse pensamento com outros intelectuais do período, variando temporalmente e geograficamente as escalas de observação.

Assim, tendo por objetivo pensar o conceito de professor/professora no período, isso significou dedicar atenção às questões de gênero, como categoria transversal⁸. Interessa, sobretudo, perceber como se construíram ideais para tal tarefa, que em certos momentos era concebida como vocação, bem como características pautadas pelo universo religioso, como dom, predestinação, faina e penitência e ora como profissão, havendo, inclusive, reconhecimento de classe profissional e reivindicações. A Associação Cearense de Estudos Pedagógicos (ACEP), criada e dirigida por Coelho Sampaio, tinha como objetivo também conquistar melhorias para o trabalho cotidiano dos professores, a par das discussões pedagógicas.

Outros editoriais da *Gazeta de Notícias* acerca do tema foram investigados, buscando perceber aproximações e tensões em relação aos ideais de Sampaio sobre o ser professoral, bem como artigos de outros periódicos coetâneos. Analisaram-se também conteúdos que circularam na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP), que foi criada pelo então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em 1944, ou seja, no penúltimo ano de vigência do Estado Novo, com periodicidade quadrimestral. Um instrumento de grande valia para a utilização da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* como fonte é a existência do índice surgido em comemoração ao 40º aniversário da Revista. Nele, consta a informação de que existem outros índices, mas o que se tem acesso até o momento é o que inventaria por assunto e autor a RBEP entre os anos de 1944 a 1984.

Na década de 1940, os editoriais da RBEP são divididos em algumas seções: *apresentação*, *ideias e debates*, *documentação* (geralmente mais ligados às despesas do Ministério da Educação e Saúde), *bibliografia pedagógica brasileira*, *vida educacional* (que podiam ser informações sobre a educação no Brasil, nos Estados e no exterior, em determinados meses), *através das revistas e jornais* e *atos oficiais* (legislações federais expedidas recentemente).

O uso da RBEP como fonte para a pesquisa, em geral, será feito na intenção de investigar as questões educacionais mais latentes em nível nacional, tendo em vista o

⁸SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 1-35, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%Aanero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em 20 mai 2016.

cotejamento com as ideias de Coelho Sampaio. Em específico, cumpre examinar como se representou o ser professoral na principal revista de cunho pedagógico no Brasil, no período estudado, buscando cotejar essas representações com as de Coelho Sampaio e seus pares na imprensa. Uma referência basilar para pensar a RBEP é o livro *Intelectuais, estado e educação: revista brasileira de estudos pedagógicos (1944-1952)*⁹, fruto da tese homônima da autora Raquel Gandini. Obra que explora minuciosamente aspectos de tal publicação, abordando, também, a atuação de intelectuais como Lourenço Filho e Almeida Júnior, mais detidamente, nessa revista de circulação nacional.

Obras de Tânia Regina de Luca são significativas para esta pesquisa por, além de se dedicar aos jornais, analisar revistas. Os livros dessa autora, intitulados *Leituras, Projetos e (Re)vistas do Brasil (1916-1944)*¹⁰ e *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a Nação*¹¹, auxiliam na forma de abordar metodologicamente e em suas especificidades as revistas. Também soma contribuições o fato de que parte do recorte temporal da autora coincide com o da presente investigação. A autora Ana Luiza Martins, em seu livro *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República – São Paulo (1890-1922)*¹², tem por preocupação explicitar seu percurso metodológico. Embora essas obras citadas, por serem lúdicas e ilustradas, sejam revistas bastante diferentes da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, tais obras são relevantes para a pesquisa por não homogeneizarem a categoria de periódicos, buscando perceber as características específicas do uso de revistas como fontes históricas. Ângela de Castro Gomes e seu livro *História e Historiadores: A Política Cultural do Estado Novo*¹³ também se torna contribuição interessante pois nos capítulos 5º e 6º da obra, a autora se dedica a analisar números e seções da revista *Cultura Política*, que por seu caráter oficioso – como revista destinadas a propagandear o Estado Novo – se aproximam mais da RBEP.

No tópico 2 do capítulo II, intitulado *Noções de abnegação e profissão em conflito: professores como classe*, o foco deslocou-se dos ideais construídos em torno do

⁹ GANDINI, Raquel. **Intelectuais, Estado e educação**: a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1952). Campinas: UNICAMP, 1995.

¹⁰ DE LUCA, Tania Regina, História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In: _____. PINSKY, Carla Basanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: UNESP, 2011.

¹¹ _____. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

¹² MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: USP, 2001.

¹³ GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

magistério para a forma com que os professores se reconheciam como classe. Nesse sentido, esse tópico terá por finalidade investigar por quais configurações ocorreram aproximações e distanciamentos entre esses dois modos de se conjecturar o papel docente: como missão e como profissão.

É relevante explicitar que se toma por classe o entendimento proposto por E. P. Thompson¹⁴, quando o autor afirma que é necessário estar atento ao *fazer-se* da classe, composta por sujeitos dotados de ações ativas. Para tanto, concorda-se que a dimensão da agência humana na classe deve ser interpretada como centro da questão, procurando evitar noções imóveis, estruturais e generalizantes.

Nesse sentido, buscar-se-á destinar atenção aos conflitos existentes nesse *fazer-se*, de professores e professoras que enxergavam na imprensa um meio para fazer circular denúncias e reivindicações. Escritos esses que, quando utilizados na condição de fontes históricas, permitem descortinar cotidianos sofríveis daqueles que se dedicavam ao ofício de ensinar, bem como uma forma de observar que os profissionais da educação desse período não sofriam de maneira inerte. Ao inverso, auxiliados por uma consciência de classe, lutaram para construir os seus mo(vi)mentos.

Tendo por fontes principais editoriais saídos em jornais é relevante explicitar o princípio metodológico de que o jornal, como afirmam autores que se debruçaram sobre questões pertinentes ao uso da imprensa como fonte histórica pelo historiador¹⁵, deve ser analisado sob múltiplas perspectivas. Um desses elementos reporta a um cuidado de análise fundamental: mesmo que na presente pesquisa se tenha por foco investigar questões educacionais no Ceará dos anos 1940, a partir dos textos saídos na coluna *Ensino e Educação*, foi preciso dedicar olhar atento aos outros editoriais e seções saídos no jornal em que a coluna foi publicada por 6 anos, a *Gazeta de Notícias*, bem como a outros jornais que também circularam no período examinado.

Tal caminho metodológico permitiu a compreensão de que, em algumas situações, as ideias apregoadas em um mesmo órgão editorial estabeleceram relações de convergência ou complementaridade e em outros momentos, elas divergiram veementemente. Situações

¹⁴ THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹⁵ CAMARGO, A. M. de A. **A imprensa periódica como objeto e instrumento de trabalho**. Tese. (Doutorado em História) – Centro de Humanidades. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975. ; CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.; CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. C.. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, v3, nº 35, p. 253-270. jun./dez. 2013. Disponível em <<http://www4.pucsp.br/projetohistoria/series/series3.html>>. Acesso em 09 de jul. de 2013.; DE LUCA, Tania Regina, História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In:_____. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

essas que aconteceram, inclusive, não somente no campo das publicações educacionais, mas também em outros assuntos considerados palpitantes pelo público leitor. Suscitaram debates calorosos, com ideais divergentes entre si, na *Gazeta de Notícias*, por exemplo, editoriais opinativos sobre a situação política de transição do período, discutindo aspectos do governo do Estado Novo e a figura do então presidente Getúlio Vargas¹⁶.

Ratifica-se, então que, apesar dos jornais comumente zelarem por propósitos unificadores, as diferentes concepções político-educacionais dos colaboradores e articulistas não são mecanicamente cerceadas pela linha editorial do jornal. Isto é, apesar de sua existência, há visões destoantes co-existindo nesse mesmo espaço. Tal observação subsidia o entendimento de que o jornal não se configura como uma entidade abstrata, mas que é composto por sujeitos. Jornalistas e colaboradores fazem emergir brechas que possibilitam e sustentam a existência de debates com ideias contrastantes frente às pressões da linha editorial.

No tópico 3 do capítulo II, chamado *O Porvir em Pauta: construções em torno das figuras do aluno e da infância*, o objetivo será de atentar ao conceito de aluno, que se relaciona com o conceito de infância. Diferente do conceito de professor/professora, para o qual existem inúmeros artigos da coluna *Ensino e Educação* e de outros jornais da capital discutindo diretamente a noção, o conceito de aluno mostra-se mais complicado de compreender, porque sua noção é mencionada ou projetada com parca frequência. Uma referência essencial para refletir sobre isso remete ao livro de Gimeno Sacristán, chamado *O aluno como invenção*¹⁷. Nele, o autor demonstra como as imagens dos menores e do aluno são sempre determinadas pelo adulto. O aluno, por essa lógica hierarquizante, seria aquele que não teria autonomia para projetar-se, falar de si, construir-se.

Como foi construído o conceito de aluno, na condição de infante, nas discussões educacionais dos anos 1940? O que se esperava como comportamento ideal para as crianças em idade escolar e o que se repudiava nas mentes e condutas desses sujeitos que experienciavam seus primeiros anos de escolarização? O presente tópico tem por objetivo principal refletir sobre a construção de significados em torno da figura do aluno. Nas fontes analisadas, as representações em torno do educando estavam intrinsecamente relacionadas ao

¹⁶SILVA, M. A. da. Matéria de Salvação Pública: *Ensino e Educação* no Ceará da Década de 1940. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA POLÍTICA INTERFACES E DIÁLOGOS COM AS CIÊNCIAS HUMANAS, 1., 2015, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/165-12582-22052015-231337.pdf> Acesso em 3 fev. 2016.

¹⁷ SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

conceito de infância. Dessa forma, questiona-se: por que, nesse período, há denso enfoque na criança? Quais as razões para os entrelaçamentos feitos entre ser aluno e ser infante?

A existência de poucas reflexões diretas sobre o aluno, em contraste com a torrencial quantidade de ponderações sobre a figura do mestre, no entanto, já consiste em um indicativo importante para a compreensão de que, por vezes, compartilhava-se uma ideia de prevalência da importância do papel do professor, em detrimento do papel do aluno no processo ensino-aprendizagem. Constatação essa que é indício para a percepção de um conflito.

No terceiro capítulo, intitulado *Educar para produzir: a educação a serviço de interesses econômicos* interessa atentar, novamente, às tensões existentes entre as noções de educação social e instrução escolar. Aquela, projetada em sentido disciplinador amplo, não restringida à instituição Escola. Esta, pensada para todos os meandros referentes ao cotidiano das salas de aula. Educar o cidadão em sentido amplo, isto é, projetar uma educação social, como visto até o momento constava nos discursos da época, nas falas dos sujeitos que experienciaram os anos 1940, como uma necessidade mais urgente do que o ato de educar em âmbito escolar.

Entretanto, concomitante a esses discursos e esforços, surgiu também com veemência, sobretudo em meados da década em questão, uma preocupação com o problema do analfabetismo. Isto é, as ambições em torno de uma educação social não excluía uma preocupação com a instrução escolar. Isso ocorre porque as relações travadas entre elas são complexas. Co-existiam, então, junto ao intento de educar os cidadãos em sentido amplo, como ato que iria do espaço familiar ao ambiente público, uma série de ponderações sobre o que poderia significar, em termos de comprometimento do progresso nacional, a presença pungente do analfabetismo na população brasileira do período.

A partir dessas ênfases constantes sobre o fracasso do alcance quantitativo e qualitativo do processo de alfabetização brasileiro no recorte temporal em escrutínio, eram recorrentes discursos que buscavam delinear *para quem* e *para quê* seria considerado prioritário um direcionamento do ensino formal. Isto é, outro mote que acendeu as discussões sócio-educacionais no período dos anos 1940 foi a reflexão que se pautava pelo enfrentamento do problema secular do analfabetismo.

E, diante da crença de que para se remediar o que se considerava uma situação desoladora, referente ao quadro educacional brasileiro, era situação recorrente nas fontes que

se buscasse delimitar quais setores sociais eram considerados mais urgentes nesse processo de inserção dos indivíduos no processo formal de ensino.

Dessa forma, tem-se por objetivos, nesse capítulo, perceber de quais formas representaram-se o analfabetismo e a figura do analfabeto; investigar as razões pelas quais esses sujeitos não escolarizados eram considerados um peso morto para o progresso pátrio; pensar de quais formas se conjecturou intensificar o processo de alfabetização e suas respectivas construções de prioridade, bem como analisar as imbricações construídas entre trabalho e educação.

No primeiro tópico do capítulo 3, chamado *"Faltam braços para a lavoura": discursos sobre Educação Rural*, em específico, investigar-se-ão os discursos direcionados para o que seria uma educação rural, matizando as diferenças estabelecidas entre educar e instruir o camponês. Para tanto, será necessário conferir análise às construções que embasam essas seleções envolvidas no processo de delimitação de quais finalidades eram projetadas para a educação rural, bem como analisar a forma com que essas funções se modificavam de acordo com o público-alvo para o qual ela era pensada; atentando aos conflitos existentes entre uma educação pensada para o trabalhador camponês e também para os seus filhos, as crianças camponesas.

Almeja-se analisar de quais formas se pensou um projeto de educação rural nos anos 1940, buscando perceber as particularidades delineadas para este segmento educacional. Havia escopos diferentes para escolas do campo e escolas da cidade? Era esperado que o aluno da esfera rural tivesse o mesmo tipo de comportamento do que o aluno citadino? O ideal de educação e o material escolar eram os mesmos, caso se olhe em perspectiva comparada entre campo e cidade no período?

No tópico 2 do terceiro capítulo, intitulado *A problemática da educação para o trabalho em tempos de industrialização*, investigar-se-á como os ideais disciplinadores e moralizadores, analisados em toda a dissertação se voltam para a figura do trabalhador. Frente ao processo de industrialização e o forte incentivo industrial, vigente na economia do período, gerou-se também uma série de discursos preocupados em delimitar que a educação atingiria seu ápice de função ao formar o trabalhador brasileiro.

Cumpra então, questionar: qual era o perfil a ser execrado por esses discursos e qual era o perfil do proletário a ser considerado ideal por essas vozes? Este tópico foi guiado pelo entendimento de que esses intentos disciplinadores foram entendidos no período como

tarefa educacional e canalizaram seus esforços em uma série de discursos e medidas também direcionadas ao trabalhador das cidades.

Interessa perceber neste tópico, então, de que maneira foram ponderados na escrita de Coelho Sampaio, na coluna *Ensino e Educação*, as aproximações entre educação e trabalho, buscando articular as tensões desse pensamento com outros intelectuais do período, variando temporalmente e geograficamente as escalas de observação. É importante ressaltar que seus posicionamentos devem ser entendidos como escolhas, visto o cenário conflituoso que era característica do período.

No tópico 3 chamado *O analfabetismo como chaga social e a Educação de Adultos como antídoto*, do terceiro capítulo, o objetivo foi discutir aspectos dos debates em torno da Educação de Adultos. Apesar de esse não ter sido um tema discutido por Coelho Sampaio, a década de 1940 simbolizou um marco no início de uma institucionalização do que à época era denominado Educação de Adultos e que nas décadas seguintes seria chamado de Educação de Jovens e Adultos. Investigar-se-ão as iniciativas que reivindicavam a erradicação do analfabetismo. Esses altos índices de sujeitos não escolarizados eram então identificados como uma vergonha nacional e esses clamores por uma difusão do ensino pertenciam muito mais ao signo do quantitativo do que do qualitativo¹⁸.

As reflexões que neste tópico serão traçadas, justificam-se por ter tido relevo nas discussões educacionais do período e por articularem-se às noções analisadas no segundo tópico deste capítulo, sobre educação popular e educação das massas.

¹⁸LUSTOSA, K. da S.; SILVA, M. do S. A Educação Popular e os Movimentos Educativos e de Cultura Popular da Década de 1960. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 9., 2016, Recife. **Anais...** Recife, 2016. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/apresentacao.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2017.

2 ENLACES E DESENLACES ENTRE EDUCAÇÃO SOCIAL E INSTRUÇÃO ESCOLAR A PARTIR DA COLUNA *ENSINO E EDUCAÇÃO*.

2.1 “Na rua e em toda parte”: ideais de moralização dos costumes como tarefa educativa.

Quando a família está à mesa, tomando o café, passam os meninos "gazeteiros" gritando "Gazeta, Unitário, Estado!". Conduzem os matutinos em capas improvisadas dos "flãs", espécie de forma onde os jornais foram moldados. São feitas de um papelão especial, duro, que dão dificuldade de dobrar. (...) [Lá pelas três horas] E passam, novamente, os "gazeteiros", gritando os vespertinos: "Correi Pô!". Confesso que durante muito tempo, aquele "Correi Pô" me intrigou. Que diabo seria? "correi pô". Dentro daqueles papelões dobrados... Só muito depois descobri que se tratava dos jornais da tarde "Correio e Povo", melhor explicando: "Correio do Ceará" e "O Povo", os dois jornais de maior circulação que rodavam na parte da tarde. Alguns meninos apregoam, também, "O Democrata", que tem pouca aceitação porque é um jornal comunista.¹⁹

No Ceará dos anos 1940, os jornais eram o principal veículo de comunicação daquele momento. Não havia a presença da televisão, trazida para o Brasil apenas na década seguinte, em 1950. E o rádio, que iniciou sua popularização nos anos 1930, não poderia equiparar-se, ainda, à potência de difusão da imprensa, consolidada desde o século XIX em terras cearenses.

A epígrafe acima, cujo trecho remete ao livro memorialístico de Marciano Lopes (1935-2015), intitulado *Royal Briar: A Fortaleza nos Anos 1940*; aponta para a presença dos jornais nos três turnos do dia, no cotidiano fortalezense nesse período. O primeiro jornal rememorado por Marciano Lopes, que na fala do gazeteiro é mencionado por seu nome corriqueiro, *Gazeta*, trata-se da *Gazeta de Notícias*, um dos mais populares jornais da capital. Esse matutino foi fundado por Antonio Drummond e tinha como slogan ser um *Diário Matutino Independente*. Como poucos à época, não era um jornal integrante dos *Diários Associados*, rede nacional criada por Assis Chateaubriand.

No periódico em questão existiu uma coluna intitulada *Ensino e Educação*, assinada por Antonio Coelho Sampaio, e que foi publicada na *Gazeta de Notícias* entre janeiro de 1944 e janeiro de 1950, somando em seus seis anos de circulação mais de 87 cartas.²⁰ Isto é, colunas que antes de se tornarem públicas, se situavam na lógica dos trâmites

¹⁹ LOPES, Marciano. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40**. Fortaleza: ABC, 1996.

²⁰ A falta de precisão em moldes quantitativos dos números da coluna, diz respeito a dois fatores: 1) ela só foi enumerada até a 12ª carta pública, deixando de existir a numeração em publicações posteriores. 2) Embora a coluna *Ensino e Educação* tenha sido pesquisada por mim em dois acervos distintos – Biblioteca Pública Mene-

epistolares, pois eram enviadas, por meio de cartas, à Redação do periódico.²¹ A título de exemplificação, ao final de cada artigo do Prof. Sampaio, consta a cidade onde as cartas foram redigidas, Fortaleza, seguido de uma data sempre precedente ao dia da publicação. Há também, nos escritos dessa seção, amiúde, notas que buscam corrigir erros de transcrição da coluna publicada mais recentemente.

Assim, é importante explicitar que não são cartas na feição de confissões da intimidade, pois o mote principal dos assuntos era sempre ligado à Educação e ao Ensino, ou seja, assuntos públicos; além do fato de serem escritas com a ciência de que se tratava de um posicionamento que seria veiculado em um jornal de grande circulação. Também são estabelecidas conexões entre o íntimo e o público, na medida em que, sua escrita em primeira pessoa busca, como estratégia discursiva, estabelecer uma relação de proximidade com o leitor, ao mesmo tempo em que magnetiza para si a responsabilidade de sua fala²² no jornal *Gazeta de Notícias*²³. Seu propósito era de ser semanal, mas, variava a periodicidade, tornando-a irregular por alguns anos.

Entretanto, a existência de um espaço fixo, com um mesmo autor, destinado a discutir a temática educacional, em um jornal de grande circulação, como foi o matutino *Gazeta de Notícias*, no Ceará dos anos 1940, é fato nada desprezível. Comumente a coluna ocupava 1/3 da página do jornal. Sobre aspectos de diagramação da coluna em relação à página do jornal, observe-se a **Figura 1** na página seguinte desta dissertação. Isto é, isso significou a possibilidade de um espaço específico para discutir as mais variadas sub-temáticas dentro do tema maior, qual seja, a temática instrutiva e educativa. Afora isso,

zes Pimentel e Instituto Histórico e Antropológico do Ceará – houve a percepção de que, em função dos defeitos de conservação dos documentos afetaram a coleta de alguns números dessa seção, na medida em que o autor fazia referência ao número seguinte que iria escrever e a próxima seção por mim pesquisada tratava-se de uma coluna divergente da que Coelho Sampaio sumariou.

²¹ A título de exemplificação, ao final de cada artigo do Prof. Sampaio, consta a cidade onde as cartas foram redigidas, Fortaleza, seguido de uma data sempre precedente ao dia da publicação. Há também nas colunas seguintes, amiúde, notas que buscam corrigir erros de transcrição.

²² Uma das referências basilares ao estudo da especificidade da(s) escrita(s) epistolar(res) remete ao livro *O Coração Desvelado*, cuja autoria é de Peter Gay. A referência completa da obra está situada na seção *Referências*.

²³ O jornal diário *Gazeta de Notícias* manteve seu slogan de ser *O Matutino Independente do Ceará* durante toda a delimitação temporal desta pesquisa, buscando afastar-se do caráter político-partidário. O slogan pode dizer muito sobre como um jornal intenta se auto-representar para a sociedade. Ademais, essa representação de si mesmo também deve ser problematizada, na medida em que esse periódico publica eminentemente editoriais moralistas que buscavam promover a brasilidade, a ordem, o civismo, a religião cristã nos indivíduos. Isto é, embora ele não tenha se declarado como um *Diário de orientação católica*, como fez *O Nordeste* no mesmo período, subsidiado pela Arquidiocese de Fortaleza; o seu posicionamento deve ser compreendido nas sutilezas do não dito.

existem, concomitantemente à coluna *Ensino e Educação*, outros escritos jornalísticos esporádicos, de variados autores, que trataram sobre assuntos análogos.

Figura 1 – Fotografia da página 5 do jornal *Gazeta de Notícias*, na qual se publicou uma das colunas *Ensino e Educação*, em 13 de outubro de 1944



Fonte: *Gazeta de Notícias* (13 out.1944).

Desse modo, é relevante o seguinte questionamento: o que poderia significar, no período estudado, manter uma coluna semanal em um jornal de grande circulação? Tendo em vista que os jornais são artefatos culturais que, apesar de possuírem linhas editoriais, não deixam de priorizar o interesse do público leitor, de forma a fomentar sua vendagem, veja-se o seguinte anúncio:

O Sr. Abdias Lima dará aos leitores, através de jornal ou revista, lições práticas de português. O jornal que aceitar a coluna do estudioso dos problemas de nossa língua, de certo verá aumentar, por centenas, o número de seus leitores e assinantes.²⁴

O trecho acima foi retirado do jornal *Gazeta de Notícias* em momento contemporâneo à coluna de Antonio Coelho Sampaio. Anuncia-se a disponibilidade de um

²⁴ Lições práticas de português. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 5, 02 abr.1947.

especialista no assunto gramatical a ser tratado em moldes colunares, julgando como correlato a isso o aumento dos seus assinantes em função do interesse dos leitores sobre o assunto. Apesar de dever ser circunstanciado que se trata de uma publicidade e que existam, no mais das vezes, diferenças entre o que se anuncia e o que realmente se processa; compreende-se que esse anúncio pode ser indício para uma das possibilidades de resposta ao porquê de a colaboração do Prof. Sampaio ter possuído extensa duração.

Ainda na tentativa de circunstanciar o que significa ser um colaborador assíduo de um jornal nesse período, como é o caso do professor Coelho Sampaio na coluna *Ensino e Educação* na *Gazeta de Notícias*, observe-se o que publicou o autor identificado apenas como H. Firmeza²⁵, em sua coluna chamada *Aos Domingos*²⁶, nesse mesmo periódico, com o subtítulo “Ligeira Explicação”:

Há uns dois domingos, que me tem faltado tempo para dirigir-me, como costume fazer semanalmente aos leitores da GAZETA. Devo explicar que tenho estado numa fase de ocupações muito grandes, a ponto de andar privado até do convívio dos meus melhores amigos. (...) A minha última fala foi pelo Natal desejando boas festas às pessoas amigas e agora ainda aqui quero retribuir votos de felicidades que recebi, em cartões e telegramas de várias procedências, pela entrada do ano de 1945. (...) Confio que da próxima semana em diante já poderei acudir mais pontualmente aos deveres desta coluna.²⁷

A coluna *Aos Domingos* difere da coluna de Coelho Sampaio por se propor a tratar de temas de ordem distinta, na forma de crônicas sobre casos cotidianos ou, nos termos do jornalista, de *assuntos inofensivos*. Outra diferença é que a de H. Firmeza, como o título sublinha, era sempre publicada no mesmo dia da semana e a de Coelho Sampaio não dispunha de dia fixo para publicação. No entanto, é possível notar uma semelhança relevante entre as duas colunas em questão. Ambas possuíram o propósito de ser semanal, o que permite que o autor das seções dirija-se ao público leitor com a intenção de diminuir o distanciamento entre eles, já que haveria algo como um encontro semanal marcado.

Isto é, o trecho de H. Firmeza torna-se relevante para destacar a responsabilidade que traz consigo a oportunidade de manter a colaboração em moldes colunares, em um jornal

²⁵ Hermenegildo de Brito Firmeza escreveu com recorrência para a *Gazeta de Notícias* no período estudado. Nascido em 1881, iniciou jovem as colaborações no jornalismo, ainda em 1903. Além disso, formou-se em Direito; fundou o seu próprio jornal, *Folha do Povo*, que em 1921 se transformou em *Diário do Ceará*; ingressou na vida política e foi professor de História da Civilização e História do Brasil no Liceu do Ceará na década de 1910. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FIRMEZA,%20Hermenegildo.pdf>>. Acesso em 05 de ago. de 2014.

²⁷ FIRMEZA, H. Aos domingos: Ligeira Explicação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 14 jan. 1945.

de grande circulação naquele período. Ademais, esse excerto também possibilita entrever o alcance desses escritos, visto que o autor agradece aos inúmeros contatos que recebeu em resposta aos seus votos de feliz ano novo, em editorial próximo ao período natalino.

Vejam-se outras colunas do mesmo jornal: *Odontologia e Saúde*²⁸, *Lições de Civismo*²⁹, *Em Torno da Crise*³⁰ e *Educação: O Problema Vital para a Paz*³¹. Problemas odontológicos, crise, paz, educação: todos parecem despertar interesse contínuo nas pessoas, por afetarem – ainda que uns mais e outros menos – seus cotidianos. Será a colaboração de Coelho Sampaio, sobre Educação, um artifício de atração do leitor ao jornal *Gazeta de Notícias*? Como se processou a abordagem da questão educativa nos seus escritos na década de 1940?

Os números do censo estatístico publicado pelo IBGE em 1950³², ou seja, com conteúdos concernentes à década de 1940, apontam que em todo o Estado do Ceará, nessa década, havia um total de 1.260.926 pessoas que não sabiam ler e escrever para um total de 448.426 pessoas que sabiam ler e escrever, situados em uma população cujo total era tido por 1.714.462.³³ Apesar de ter-se em vista que esses números são questionáveis, sabe-se, que o analfabetismo era, de fato, a tônica do período. Visto isso, torna-se relevante o seguinte questionamento: se a população analfabeta existira em proporção tão grande entre os cearenses nos anos 1940, é possível conceder destaque a uma coluna que circulou em um jornal, portanto, por escrito?

Novamente no livro memorialístico de Marciano Lopes, chamado *Royal Briar: A Fortaleza dos anos 1940*, através de uma escrita marcadamente nostálgica e com contornos idealizantes, é possível entrever um aspecto relevante:

²⁸ Assinadas pelo Prof. Paulo Firmeza, aliava as instruções práticas da educação sanitária ao incentivo ao patriotismo e aos princípios da moral cristã.

²⁹ A autoria desta seção é de Pereira e Silva. Até pelo seu título, nota-se que o objetivo é *ensinar* aos seus leitores, definições de símbolos e conceitos cívicos, bem como as datas e os vultos da História do Brasil, sob o viés factual e político. São artigos que buscavam despertar uma *consciência cívica* – que também foi título de um editorial da *Gazeta de Notícias* – nos cidadãos brasileiros, incitando o amor à Pátria.

³⁰ Seção que objetivava expor a origem dos problemas sociais do período, assinadas por Heitor Cavalcanti, no jornal *Gazeta de Notícias*. Eventualmente falava-se sobre assuntos do setor educacional.

³¹ Coluna publicada a partir do fim de 1944, discutindo mundialmente as relações entre Educação e Segunda Guerra no jornal *Gazeta de Notícias*.

³² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico do Estado do Ceará**. Rio de Janeiro: IBGE, 1940-1950. Anual.

³³ Para esses dois montantes, parece ser equilibrado o acesso à instrução entre homens e mulheres. Do total de 448.426 pessoas que sabiam ler e escrever, 232.248 eram homens e 216.178 eram mulheres. Do total de 1.260.926 analfabetos, 602.028 eram homens e 658.898 eram mulheres.

Nos idos da década de 40, quando não tinha televisão para isolar as pessoas, quando não havia "novela das oito" para inspirar torcidas organizadas, criando grupos distintos dentro dos lares, as famílias da classe média costumavam reunir-se nas chamadas "rodas de calçadas". (...) Enquanto as matronas agitavam as banhas nas cadeiras de balanço, o papo tinha continuidade e os assuntos eram os mais diversos: as traquinagens das crianças, as notas na escola e o devido funcionamento da palmatória. E falavam das compras de mercearia, porque "seu" Carlos tinha aumentado o preço do arroz, porque o açúcar estava escuro e se continuasse daquele jeito era melhor usar logo açúcar mulatinho, porque o feijão-de-corda estava com gorgulhos... (...) Alguma mais letrada e informada, tascava sua sabedoria e falava dos horrores da Guerra, da tirania de Hitler e vinham à baila, as lojas incendiadas em Fortaleza, por pertencerem a alemães e italianos.³⁴

No trecho supracitado, o autor disserta sobre o hábito de as pessoas se reunirem em suas calçadas para conversar. Nas ditas *rodas de calçadas*, para além de ser observável que assuntos relacionados à educação, à escola e ao comportamento das crianças estavam na ordem do dia, é possível destacar também a circulação oral de informações escritas. Isto é: para “ler”, não era preciso, necessariamente, saber ler. Para ter acesso aos conteúdos escritos nos jornais, não era preciso, essencialmente, ser alfabetizado.

No trecho de Marciano Lopes, vê-se uma das possibilidades da disseminação dos vários tipos de leitura. Nesse caso, no espaço das rodas de calçada, as pessoas alfabetizadas repassavam informações saídas nos jornais acerca de assuntos palpitantes. Trata-se apenas de uma das maneiras de coletivizar as leituras e informações. Portanto, o número de leitores de um jornal não deve ser reduzido à porcentagem de assinantes e os índices de pessoas analfabetas não devem ser confundidos com pessoas que, necessariamente, não tinham acesso às informações contidas na palavra escrita e estavam alheias às ideias circulantes nos jornais.

O uso de jornais como fontes históricas situadas temporalmente no período do Estado Novo, exige o cuidado metodológico de atentar ao importante elemento de análise das condições de produção das fontes: a questão da censura. Cumpre explicitar que a primeira metade da década de 1940 foi permeada por ações de repressão à imprensa, dentre outros âmbitos, por parte do governo e que a coluna *Ensino e Educação* iniciou suas publicações no penúltimo ano de vigência desse governo de exceção.

No Ceará, há alguns registros que enfatizam esse aspecto do período. O historiador Geraldo da Silva Nobre, que era jornalista durante os anos 1940, sobretudo com atuação na *Gazeta de Notícias*; chamou a atenção em seu livro *Introdução à História do Jornalismo Cearense*³⁵, que nos decênios de 1930-1939 e de 1940-1949 houve um

³⁴ LOPES, Marciano. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40**. Fortaleza: ABC, 1996.

³⁵ Publicado inicialmente em 1975 pela *Gráfica Editorial Cearense* e, em 2006, saído em edição fac-similar na coleção *Outras Histórias*, pelo NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará.

considerável aumento na tiragem dos jornais, em virtude principalmente da conflagração da Segunda Guerra Mundial até 1945, e entretanto, nas palavras do autor, "a situação nacional, com a vigência do Estado Novo até aquele mesmo ano, impossibilitou a saída de novos órgãos jornalísticos, na capital cearense, no quinto decênio do século XX".³⁶

Essas ponderações, que até ganham contornos de registro memorialístico, pelo fato de o autor ter vivenciado o período como jornalista, são importantes elementos de análise por fornecer em aspectos da forma de produção desses editoriais, compondo intenção de fazer dialogar análises textuais – as matérias do jornal – e exames contextuais, mais notadamente a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a vigência do Estado Novo. Embora Geraldo Nobre em livro intitulado *Democracia à Prova*, obra editada, entre outras comemorações, por ocasião do cinquentenário da redemocratização³⁷, afirma que quem estivesse atentamente acompanhando a situação nacional nos anos findos desse governo autoritário poderia, de certa forma, até mesmo prever seu final e enfatiza que no decurso de 1944, as manifestações a favor da Democracia tinham aumentado de frequência.³⁸

Em 1944, no sétimo número da coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio condensou em poucas palavras, um dos seus pensamentos mais latentes do início ao fim de sua atuação colunar: "Entretanto, a moralização dos costumes não devia estar apenas nas escolas. Mas sim, em toda³⁹ parte onde se pudesse influir na mentalidade humana, direta ou indiretamente."⁴⁰ A partir desse trecho conciso, é possível compreender que estavam em voga abordagens sobre o problema educacional que transcendiam o espaço escolar. Embora o âmbito da educação escolar estivesse também densamente em pauta, nota-se que os ideais de fortalecimento da moral cristã e a formação de cidadãos úteis à Pátria, não somente instruídos, mas moralmente educados para a vida em sociedade mostravam-se tão latentes quanto os problemas escolares, senão mais. Dessa maneira, não se objetivava apenas o aprimoramento das intelectualidades sem fins utilitários para a Pátria. Advogava-se que “instrução escolar” e “educação social” deveriam se processar sinergicamente.

³⁶ NOBRE, Geraldo. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: Grecel, 1976.

³⁷ O marco estabelecido pelo autor para redemocratização é o ano de 1947, em função da primeira legislatura cearense após o Estado Novo. Trata-se de um livro editado pelo Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - INESP. Cf. NOBRE, Geraldo da Silva. **Democracia á prova**: legislativo estadual cearense, 1947-1997. Fortaleza: INESP, 1998.

³⁸ Geraldo Nobre concede o título ao primeiro capítulo da obra como "Colapso - O Ceará na Era Vargas - O Desfecho esperado", no qual disserta sobre a situação do Estado Novo nos anos finais de sua vigência.

³⁹ A grafia da época será mantida em toda esta dissertação.

⁴⁰ SAMPAIO, C. Ensino e educação: criança – o homem do futuro (conclusão). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 20 out. 1944.

Partindo dessa premissa, ressalta-se um questionamento constante neste trabalho: a partir da coluna *Ensino e Educação*, assinada por Coelho Sampaio no jornal cearense *Gazeta de Notícias*, entre os anos de 1944 a 1950, de que forma se articulam discursos sobre uma instrução escolar e uma educação social? Dessa forma, o enfoque dado à atuação de Coelho Sampaio na imprensa, busca, fundamentalmente, compreender as metamorfoses de significado atribuídas aos termos Ensino e Educação e suas variantes, pois, suas missivas públicas mesclam dois tipos de análises: há ditames sobre o campo educacional, mas articulam-se a isso interpretações do que seria o nível moral da sociedade cearense. E mesmo as discussões sobre a temática educativa, são múltiplas. Assim, instiga-se que o presente leitor esteja atento à polissemia que o termo educação evoca.

Acerca dessa multiplicidade da temática educativa, ressalta-se que as ponderações relativas ao que seria uma moralização dos costumes da população cearense daquele momento, foram compreendidas com bastante recorrência como uma tarefa educacional. E tal intento moralizador pressupunha a seleção de costumes considerados como morais postos como superiores aos que seriam os costumes eleitos como amorais.⁴¹

Pode-se destacar também como epíteto sintetizador dos ideais de Coelho Sampaio sobre *Ensino e Educação*, o anseio de "moralizar os costumes e reprimir as más tendências"⁴². Desse modo, tendo em vista que os indivíduos considerados portadores de maus costumes eram comumente classificados como mal educados, o presente tópico tem por objetivo investigar as nuances de significados atribuídas ao conceito de educação, em sentido amplo, nos anos 1940, atentando a alguns questionamentos norteadores: o que poderia significar ser um sujeito bem educado ou mal educado nesse período? Quais seriam os costumes considerados como maus que estariam na mira da moralização? Em contrapartida, quais seriam os costumes considerados bons e louváveis para esses intentos moralizantes?

É notável como questão basilar na escrita de Antônio Coelho Sampaio a sua diligência em explicitar as diferenças entre as denominações Ensino e Educação ou suas variantes que representassem o âmbito da escola em contrapartida a um sentido social. Deduz-se isso até mesmo a partir do título da coluna, sendo sintomática a conjunção existente entre

⁴¹ Sobre como se operam seleções e embates relativos aos costumes e tradições, conferir: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴² SAMPAIO, C. Ensino e educação: criança – o homem do futuro (conclusão). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 20 out. 1944.

os dois termos; até o fato dessas divergências se constituírem, não por acaso, a temática central dos seus dois artigos de estreia e por constar nos últimos números da coluna.

No primeiro número da coluna *Ensino e Educação*, intitulado *Ensinar e Educar*, o autor é incisivo:

Ensinar não é só formar valores em matéria de conhecimentos, com fins objetivos. A par do ensino das ciências, letras e artes, deve-se procurar formar o caráter do aluno. É a educação moral e espiritual; humanitarista e de solidariedade; econômica e religiosa. Esta disciplinação, bem dirigida, criará no espírito do discípulo uma ideia segura da verdadeira finalidade do homem, que é praticar o bem sempre e incansavelmente.⁴³

Como é possível compreender, as disciplinas escolares não eram desconsideradas em critérios de relevância. No entanto, o que o autor denomina acima como educação moral, exigiria um trabalho, sobretudo, fora da escola. Em seu segundo texto da coluna jornalística em questão, denominado “Instruir e Educar”, Coelho Sampaio ratifica que a similaridade desses termos não deve ser capaz de dissolver as divergências – que ele julga acentuadas – entre essas duas ações: “O mestre, procura apenas formar valores, com fins objetivos. O educador, incentiva e desenvolve, no educando, as qualidades morais; o sentimento cívico; a religiosidade; e o amor à pátria.”⁴⁴. Tratava-se de destinar a ênfase às divergências entre essas duas práticas, ao buscar transmitir uma explicação didática, sob a legitimação do saber pedagógico, aos seus leitores. Nesse sentido, o seguinte excerto é entendido como central nesta pesquisa, na medida em que ele sintetiza qual seria esse sentido mais amplo de educação e a sua pretensão totalizante em meio social:

Como meios eficazes de instrução moral temos a leitura de obras escolhidas e o cinema educativo. Naturalmente, como a finalidade é moralizar os costumes e reprimir as más tendências, é difícil de se encontrar nos nossos dias, filmes que tenham tais finalidades.⁴⁵

O que se apresenta no excerto citado acima como algo naturalizado – buscando se respaldar nas aproximações entre Psicologia e Educação e advogando uma “educação das personalidades”⁴⁶ – urge ser interpretado sob a ótica do problema: quais parâmetros de aquilatação são utilizados por Coelho Sampaio na classificação do que seria uma boa ou má

⁴³ SAMPAIO, C. Ensino e educação: ensinar e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 19 jan. 1944.

⁴⁴ SAMPAIO, C. Ensino e educação: instruir e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 01 jun. 1944.

⁴⁵ SAMPAIO, C. Ensino e educação: criança – o homem do futuro (conclusão). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 20 out. 1944.

⁴⁶ SAMPAIO, C. Ensino e educação: psicologia na educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 29 set. 1944.

tendência no indivíduo? De que maneira ocorre a separação entre o que deveria ser considerado um costume moral ou amoral? Quais conteúdos veiculados no cinema, no rádio e no jornal seriam julgados virtuosos e quais seriam os avaliados como corruptíveis?

Em um dos últimos números de sua coluna, denominado *Há Educação Cívica?* Coelho Sampaio continua a refletir sobre as fronteiras e aproximações entre o ensino ministrado nas escolas e a educação processada em sociedade:

Pouco poderá conseguir a escola, se os pais ou outros adultos, na rua e em toda parte, demonstram os piores costumes, destruindo, podemos dizer, o que alicerçam os professores. (...) São rapazes e moças estudantes, senhores e senhoras, respeitáveis, que não sabem cantar o hino nacional de nossa extremada pátria; são crianças, de menos de 10 anos, que fumam, acintosamente, a vista das próprias autoridades, encarregadas de manter a ordem; são jovens que assobiam e vão, por outros meios anárquicos, as mais altas dignidades da nação, principalmente o presidente da República - assim ultrajadas e desrespeitadas em público; são crianças desocupadas, que sacodem [ilegível] ou casca de fruta nas pessoas que transitam pelas ruas; são adultos "respeitáveis" que cospem quase na cara dos transeuntes, pelas janelas, e muitas outras falhas que seria impossível enumerar... Que impressão poderá ter quem nos visita?⁴⁷

Nesse excerto, situado temporalmente no fim da década de 1940, Coelho Sampaio parece partir do entendimento de que os hábitos considerados como maus costumes em meio social, na Fortaleza daquele momento, inculcariam seus exemplos nas crianças e jovens. E a instituição escolar, em contrapartida, não seria capaz de alcançar sua finalidade moralizadora. A escola e os discursos teóricos seriam menos eficazes do que os hábitos escancarados nas ruas. É válido ressaltar que era uma constante nos discursos da época que, quando se falasse de rua, sob voz aparentemente abrangente, estava-se falando sobretudo do incômodo que a presença popular poderia causar nessas mesmas ruas, no ambiente público. A força do exemplo, no cotidiano, soa mais mordaz do que aulas consideradas propagadoras da moral.

A lista de comportamentos citados por Coelho Sampaio como falhas de conduta – todos relativos ao que estava exposto em espaço social – e o questionamento feito pelo autor ao fim do excerto citado – preocupado com a impressão dos não-moradores sobre a cidade – indicam uma inquietação latente com o âmbito público. Para Sampaio, quanto mais esses hábitos considerados ruins ganhassem as ruas, tanto mais eles seriam preocupantes. É necessário ter em vista que os projetos de delimitações – sempre em conflito – entre o público e o privado são imbuídas em relações de poder.

⁴⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação: há educação cívica?. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 24 jun. 1949.

Tendo-se por objetivo principal refletir sobre a maneira com que a instrução escolar era relacionada com uma educação social a partir dos escritos de Coelho Sampaio é oportuno o questionamento: quais premissas caras ao Coelho Sampaio eram próprias do seu pensamento e quais faziam parte de movimentos maiores? De quais outras formas era possível pensar, à época, a causa educacional?

Em período coetâneo à escrita de Coelho Sampaio, em meados da década de 1940, estampou-se na *Gazeta de Notícias* uma reportagem que ocupou uma página inteira desse matutino diário. O alvo do escrito referenciado eram ponderações acerca da conduta da população fortalezense. Veja-se seu extenso título e sub-título da matéria cuja autoria é do jornalista Adonai de Medeiros⁴⁸:

Educar, Educar... É sempre Educar - A melhor política preventiva. Hábitos que precisam desaparecer - Quando falece a autoridade paterna o poder público deve exercer o pátrio poder - Modo de andar, jogo de foot-ball, morcegagem de veículos, pilherias ofensivas, etc, vão ser objeto da repressão policial - Para tal fim mister se torna a criação da Delegacia de Costumes. Muita gente há, por aí, que se julga educado pelo simples fato de, na maioria dos casos, ser portador de diploma oficial, quando, em verdade, não é possuidor da mais mezinha educação doméstica, aquela que é a base de todo o processo educacional, diríamos mesmo pedagógico. (...) E essa “juventude de hoje”, de quem depende os “lares de amanhã” no título do trabalho de Laurita Pessoa Raja Gabaglia e Annita Lima Guerreiro de Castro, estiola-se, fenece, abastarda-se, acanalha-se. (...) ⁴⁹

Apontada como solução para o que seriam os maus costumes, o ato de educar aparece como ação disciplinadora ampla, que envolve pretensões que vão desde os atos até os pensamentos dos sujeitos. Aqui é possível perceber que os ideais de Coelho Sampaio tinham articulações ideológicas com outros sujeitos a ele contemporâneos: o intento moralizador dos costumes como ato educacional exigia vigilância constante até mesmo no que habitava as mentes das pessoas. Nos argumentos existentes em prol de uma Delegacia de Costumes, o que está em jogo é a disputa por um poder disciplinador: na ausência da pretensa autoridade da figura paterna, pretende-se o protagonismo de ação homogeneizadora do poder pátrio, guiado sobretudo por ideais de hierarquização de costumes, hábitos, culturas e ações.

Conforme depreende-se no trecho citado de Adonai de Medeiros, o ato de educar aparece de forma ampla e subjetiva, deixando claro que a educação sobre a qual disserta não

⁴⁸ Abaixo do título e sub-título do editorial, explicita-se que o autor é repórter da *Gazeta de Notícias*.

⁴⁹ MEDEIROS, A. de. Educar, educar... e sempre educar - a melhor política preventiva. Hábitos que precisam desaparecer - Quando falece a autoridade paterna o poder público deve exercer o pátrio poder - Modo de andar, jogo de foot-ball, morcegagem de veículos, pilherias ofensivas, etc, vão ser objeto da repressão policial - Para tal fim mister se torna a criação da Delegacia de Costumes. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 23 jul. 1945.

tem a ver com diplomas. Portanto, torna-se fundamental buscar compreender as definições e os parâmetros estabelecidos para se distinguir o que seriam os maus costumes, colocados sempre em contraposição categórica aos bons costumes e quais seriam os hábitos que se elegeram como condenados a desaparecer.

Havia, no período, uma Delegacia da Ordem Política e Social (DOPS), cujo funcionário Walmir Silva concedeu, inclusive, entrevista ao repórter Adonai de Medeiros no editorial em questão. Mas, o quê, afinal, fez compor o horizonte de expectativas⁵⁰, de considerável setor da população, no que concerne à criação de uma delegacia específica para determinados costumes, somando-se ao DOPS? É importante ressaltar que a reportagem aqui citada não se configura algo isolado. Ao contrário, ela está inserida em uma verdadeira campanha por uma delegacia dos costumes que também poderia ser referida como polícia de costumes – localizada temporalmente nos anos 1930 em Fortaleza. Campanha essa que, apesar de iniciada no âmbito das ideias, sobretudo no espaço jornalístico, conseguiu transformar-se em concretude, instituindo, de fato, uma *Polícia de Costumes*.⁵¹

A denominação *Delegacia de Costumes* ou *Polícia de Costumes*, por não agregar valoração apreciativa ou negativa aos costumes em seus nomes, abriga certa neutralidade. Em contraposição a isso, é possível identificar no discurso do jornalista Adonai de Medeiros, elementos para descortinar o que é propalado como neutro. A começar pela obra que embasa seus argumentos educacionais e pedagógicos, intitulado *Juventude de hoje, lares de amanhã*, cuja primeira edição é saída no Rio de Janeiro e datada de 1935⁵². A análise desse livro possibilita identificá-lo como guiado, do começo ao fim, pelos dogmas da igreja católica. Entre nomes de padres, cardeais e bispos, trata-se de uma edição que buscou abordar a temática da família e do jovem. O sub-tema educação aparece duas vezes: como sub-tópico do capítulo sobre o papel da família e como capítulo, denominado *Formação pedagógica*. Isto é, o conceito de Educação trazido por Adonai de Medeiros é pautado por referenciais ancorados na moral cristã.

⁵⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

⁵¹ Cf. GONÇALVES, D. da C. **A insuficiência da ordem: discursos e reformas policiais (Fortaleza, 1930-1945)**. 2011. 189f. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Conforme o autor, "Foi na década de 1930 que se iniciou uma intensa campanha na criação de uma Polícia de Costumes para Fortaleza. A polícia ficaria com uma dupla função nesse aspecto: instruir a população de como agir e se comportar nos espaços públicos; e reprimir, usando a força quanto fosse necessária contra todos aqueles que não seguissem o padrão do bom convívio urbano, que implicava, decoro público e civilidade nos costumes."

⁵² GABAGLIA, Laurita Pessoa Raja. **Juventude de hoje, lares de amanhã**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1935.

Veja-se um de seus argumentos centrais:

Os pais, premidos pelas dificuldades economicas abandonam a casa e vão para o chamado "struggle for life", a luta pela vida, e os filhos, enquanto pequenos são entregues á irresponsabilidade das amas e governantas, ou a si mesmos, e na adolescencia passam a viver ao léu como cães vadios.⁵³

O trecho supracitado subsidia indícios para um espectro relevante acerca da questão das valorações dos comportamentos e da análise social empreendidas pelo autor. Sua análise da sociedade, naquele momento, concernia a algo decadente e que, ainda, tenderia a debilitar-se constantemente com o passar do tempo. Um dos argumentos cardeais de sua explanação é a de que a raiz desse processo estaria sendo transmitida dos genitores para os filhos, muito em função de que os pais necessitavam, cada vez mais, trabalhar em espaços fora do lar. E a crença de que esse hábito seria mais frequente com o passar do tempo fomentava forte teor de desesperança no futuro e carga nostálgica para se pensar o passado.

O ambiente público, no mais das vezes denominado como *mundano*, abrigaria de forma mais contundente o que deveria ser evitado conforme essa visão moralizadora. E o espaço privado, a ambiência da casa, seria sacralizado não em sua totalidade. Mas apenas no que diz respeito ao convívio dos filhos com os genitores. Torna-se fundamental perceber a associação direta estabelecida entre a classe proletária das empregadas domésticas como sendo portadoras do que por ele é classificado como maus costumes. Para o autor, o convívio dos filhos com governantas resultaria necessariamente em irresponsabilidades. Desse modo, percebe-se aqui uma associação direta entre classes pobres/classes laboriosas e classes consideradas como perigosas⁵⁴, apontados como portadores de costumes maus. Ainda cumpre destacar que não há nenhuma preocupação por parte do autor sobre os filhos das governantas. Preocupa-se com os filhos das patroas, mas, e os filhos das empregadas? Esse tipo de questionamento clarifica sobre para quais classes fala Sampaio e sobre quais sujeitos ele concede cuidado ou desprezo.

Entretanto, apesar de a forma demarcada de interpretação social formulada por Adonai de Medeiros, veiculado na *Gazeta de Notícias*, que culmina em certo molde de manifesto por uma Delegacia específica para reprimir determinados costumes, tenha se

⁵³ Idem – nota 31.

⁵⁴ Problema examinado primeiro pelo historiador Louis Chevalier, a partir da sua investigação sobre classes populares francesas no período situado no século XIX e posteriormente pelo historiador Sidney Challoub, que examinou o conceito de classes perigosas no Brasil do final do século XIX.

configurado como voz confluyente no período, não seria assertivo afirmar que não havia vozes dissonantes que questionassem algum aspecto da ação policial em assuntos educativos, em sentido amplo.

Em 1947, o médico Tarciso Soriano Aderaldo publica o artigo intitulado *Repressão ou educação?* No qual discute, a partir da questão do comportamento das pessoas no ambiente do cinema, sobre a atuação policial em assuntos por ele considerados como educacionais, conforme indica seu título:

Anda a policia empenhada em acabar de vez com o canalhismo em nossos cinemas. Faço votos para um bom exito. Ponho, entretanto, minhas duvidas pois si agirmos apenas com meios repressivos, nada conseguiremos de aproveitavel. Vejo somente um meio convincente: a educação. Na realidade, é o que nos falta. O comportamento de nosso povo nas casas diversionais é deploravel. Não são apenas os canalhas os moleques que perturbam a nossa vida socio-diversional. Possuimos costumes verdadeiramente lastimaveis que envergonhariam qualquer platéia bem educada. (...) Vemos isso até em torneios intelectuais onde os conferencistas são distraidos e desrespeitados com a retirada de ouvintes mal educados. Afirmo, portanto, que só a Policia com sua ação repressiva pouco conseguirá. A educação por meio de cartazes ou de legendas cinematográficas expressivas onde se ponha em relevo a deselegancia de certos costumes, por certo trará mais frutos.⁵⁵

O que está sendo posto em questão no artigo de Tarciso Aderaldo, desde o chiste que é o seu título, é a ação da polícia, caracterizada por atos de repressão, sobre os costumes considerados perturbadores no ambiente das salas de cinema, nesse caso em específico. O autor, apesar de concordar em parte com o propósito policial, aponta que somente a educação, em aspecto preventivo, mais do que uma repressão, reverteriam os considerados maus costumes em ambientes públicos. O que causa surpresa no autor, entretanto, é que os chamados desordeiros não são apenas os adolescentes, chamados por ele de "moleques", e sim os "gran-finos", como cita em outras partes do mesmo texto, e ouvintes de eventos intelectuais. O que já permite sondar o perfil aceito no período para os considerados como mal educados e sondar contradições e a heterogenia no campo intelectual. Para tal situação, considerada pelo autor como alarmante, a correção policial, pontualmente, não poderia consertá-la, somente uma educação de caráter preventivo.

No artigo acima, de Tarciso Aderaldo, foi destacado o que seria uma má educação principalmente no que concernia aos adultos. Nem sempre a maior preocupação era a dita má educação dos adultos. Havia os autores que lançavam realce e direcionavam maiores apreensões para o que seria a educação dos infantes, ou seja, sobre o papel social do filho em

⁵⁵ ADERALDO, T. S. *Repressão ou educação?* **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 30 mar. 1947.

diálogo com os outros papéis familiares. Conforme Argemiro Carvalho, em artigo intitulado *Educação Familiar*, publicado em 1946 na *Gazeta de Notícias*:

A educação de hoje deteriora-se á proporção que os dias passam. Quem se der ao trabalho de lançar um olhar circunscrito através do menino de há trinta anos atrás, e olhar para o de hoje verá por certo a diferença existente nos modos e procedimentos de cada um. O menino de outrora era obediente e respeitador, enquanto que o de hoje não respeita nem sequer ao pai, isso com rara exceção. (...) O princípio da boa educação nasce no seio da própria família. Alguem perguntou a um grande educador quando devia começar a educação do filho. Quantos anos tem seu filho? Quatro, - respondeu o pai. O senhor já perdeu quatro anos, se ainda não começou. Ai está uma boa lição para os que pensam que só devem começar a educação do filho quando este estiver em idade avançada. Infelizmente, nem todos compreendem o verdadeiro sentido da Educação. Muitos pensam que educar é só ensinar a ler e a escrever, desprezando os verdadeiros princípios da polidez e cortesia. Dai por que encontrarmos constantemente pessoas bem aprendidas, versadas mesmo nas letras, más, em artigo de civilidade, é um fracasso...⁵⁶

O autor utiliza-se do recurso de estruturação do seu texto a partir de um diálogo, uma prosa cotidiana para diferenciar o ato de educar e o ato de alfabetizar. A educação naquele período foi avaliada, em sentido amplo, por Argemiro Carvalho, através de um discurso imbuído de carga nostálgica. O parâmetro comparativo que ele estabelece para a análise do nível educacional do período se processa em contraste com o passado, com os meninos e meninas de outrora, da década de 1910, fato que ampara sua nostalgia. Desde as primeiras linhas do seu artigo, é possível notar que a sua concepção de futuro, nesse sentido, estaria situada em direção às sensações como o medo do futuro próximo e à certeza que nada melhoraria.

No trecho abaixo, o autor afirma que os pais da criança seriam os maiores responsáveis pelos filhos e que essa educação deveria ser gestada e desenvolvida no seio familiar, para além das escolas. No entanto, ao passo em que o autor afirma que as crianças daquele período, segundo sua visão, não respeitavam "nem sequer o pai" é possível entrever a figura paterna sendo posta como portadora de autoridade máxima no âmbito familiar. Outra diferenciação de papéis familiares pode ser rastreada e atine às diferenças entre o filho e a filha:

Não há dúvida que os pais são os maiores responsáveis pelos filhos; responsabilidade essa, não só perante aos homens, mas, sobretudo, perante Deus. Certamente ninguém ignora que os filhos são objetos que Deus põe nas mãos dos pais, isto é, sob sua guarda, proteção, e melhor ainda sob sua responsabilidade, e, que, um dia, terão que responder por eles. Dai a necessidade que tem os pais de

⁵⁶ CARVALHO, A. Educação familiar. *Gazeta de Notícias*, p. 6, 18 jun. 1946.

cuidar dos filhos, e, com mais razão, das filhas. Um cidadão chegando em casa de amigo, perguntou-lhe pelo cavalo. Está no cercado. - disse-lhe o dono da casa. E o cachorro que você tinha? Aquele cachorro, meu amigo, deu para valente, por isso trago-o sempre amarrado, soltando-o somente á noite. E o galo de briga, você ainda tem? Tenho sim, sim. Ainda há pouco puz-lhe no chiqueiro. No correr da palestra verificou o visitante que as moças, filhas da casa, não se achavam presente. Lembrou-se então, de perguntar ao amigo pelas meninas, como era natural. As meninas saíram, e eu não sei para onde - disse sem vacilar. Ai está o que vemos constantemente em nossa sociedade: o dono da casa sabe onde está o cavalo, onde está o cachorro, onde está o galo, porem não sabe por onde andam as filhas moças, aquelas horas da noite. E existem mães que dão liberdade as filhas a andarem conversando pelos becos escuros, com os namorados, a fim, dizem elas, de arrumarem casamentos. Esta é a razão de tanta miséria no mundo! E' que os pais não sabem pesar as responsabilidades que, queiram ou não queiram, tem pelos filhos, deixando-os com rara exceção, entregues ao proprio destino. E' como disse um grande filósofo: O pai que não quer que o filho chore, há de chorar por ele.⁵⁷

Utilizando-se do argumento religioso para justificar o porquê de os pais zelarem pelos filhos, o autor apresenta uma diferenciação notória entre uma educação para crianças do gênero masculino e do gênero feminino. A educação das moças careceria, segundo a sua visão, de maior cuidado. Novamente a partir de uma prosa cotidiana, talvez como estratégia de aproximação com o leitor, Argemiro reforça que, sobretudo, com relação às meninas, os pais deveriam manter a vigilância, mapeando os locais frequentados pelos filhos (e sobretudo as filhas) disciplinando-os(as). Os filhos, sub-repticiamente, são equiparados aos bens materiais, que deveriam ser guardados a sete chaves.

Meses depois dessa publicação de Argemiro Carvalho sobre educação familiar na *Gazeta de Notícias*, em 1946, Coelho Sampaio publicou o artigo chamado *Educadoras Anônimas*, na coluna *Ensino e Educação*, nesse mesmo periódico. Nele, apesar de o tema central ser outro, qual seja o de parabenizar a atuação da *Escola de Nutrição Agnes Leith* na capital cearense, em função do aniversário desse estabelecimento; o autor torna a discorrer sobre as distinções entre instrução e educação, interligando isso à questão familiar:

Há, é claro, muitas formas de instruir e educar. Não se educa apenas nas escolas. Os meios de educação estão em toda parte: na rua, na igreja, no clube, no restaurante, no mercado e especial e fundamentalmente, no lar. É no lar que se irradia e se solidifica, se baseia e se objetiva, se concretiza e se intensifica todo o trabalho de educação do homem de amanhã.⁵⁸

Semelhante ao pensamento de Argemiro Carvalho, Coelho Sampaio afirma que o espaço do lar aparece de modo privilegiado na tarefa educativa, quando se ponderam lugares além da escola. E diferente desse outro autor, não se discutem nesse artigo, os diferentes

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ SAMPAIO, C. Ensino e educação: educadoras anônimas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 31 out. 1946.

papéis dentro da instituição familiar. A palavra *apenas*, referindo-se às escolas, não sugere restrição de importância, mas restrição de quantidade. Os frequentadores do ambiente escolar eram fração reduzida da população. E, em consequência disso, ambicionaram-se todos os outros espaços para o cumprimento de intentos educativos. Qualquer espaço social – público – e o espaço do lar – privado – seriam oportunidades educativas.

Em artigo intitulado como *Nível Educacional*, saído na coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio analisa, como o título já pode sugerir, o que seria o nível de educação da sociedade cearense. Esse nível, entretanto, apesar de travar relações com o espaço escolar e curricular, não era medido por índices escolares ou de alfabetização:

Houve quem dissesse que "as vitrinas são o espelho do adeantamento de um povo." No meu modo de ver e analisar as cousas, julgo que o grau de adeantamento a que possa ter atingido a civilização de um povo será aquilatado, mais facilmente, pelo seu índice de educação. Diz D. Antonio de Macedo Costa: "E' a civilidade, no conceito de todos, um complemento indispensavel da boa educação. Seus principios e regras devem ser inculcados diligentemente aos meninos, desde os mais tenros anos, e assim se acostuma praticar nos paises mais avantajados em civilização, donde resulta tornar-se a sociedade ali tão recomendavel pela fina urbanidade, primorosa elegancia e nobreza no trato". E se assim fosse, se nos institutos de ensino do pais fosse obrigatorio o ensino da civilidade, a juventude dos dias que passam não dariam tanta amostra de pessima educação. A educação do homem, desde criança, nesse sentido, é importante até mesmo como um alicerce basico para assegurar a harmonia da vida social.⁵⁹

O que estava em questão, fundamentalmente, era o modo com que se julgava o convívio social naquele momento. Nesta coluna, Coelho Sampaio cita várias referências de contextos e autores. Alude à França de Luiz XIV, louvando-a por suas aristocracias que prezavam pela etiqueta e ditas regras de boas maneiras, apesar de lembrar que era um sistema absolutista; refere-se ao autor Cesar Neto, utilizando-se de um trecho que trazia esse assunto sob a ótica jurídica, embora não tenha situado qual era a obra desse autor que estava sendo citada e, por fim, como pode ser observado no trecho acima, cita também uma referência religiosa: Dom Antônio de Macedo Costa, para ressaltar o que considerava ser a importância da civilidade para se alcançar o que se entendia por boa educação.

Corroborando com o excerto desse religioso, que advoga que a civilidade deveria ser *inculcada diligentemente* sobretudo nos infantes, Coelho Sampaio aproxima-se do âmbito escolar – julgando importante o ensino da civilidade como matéria escolar obrigatória – e o aspecto de educação social, analisando as relações das pessoas em sociedade, o que por ele foi

⁵⁹ SAMPAIO, C. Ensino e educação: nível educacional. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 03 fev. 1946.

denominado de nível educacional. Entretanto, o que parece estar mais em foco é a educação em sentido amplo, fomentando harmonia social, isto é, fora da escola.

Persistindo nesse raciocínio, na coluna *Ensino e Educação* chamada *Educação Popular*, em 1946, Coelho Sampaio afirma:

Os interessados pelos problemas educacionais tem á sua frente, um vasto campo de experimentação, que é a observação do "modus-vivendi"⁶⁰ do proprio povo. Este povo, que não sabe amar e aproveitar as sabias lições da Natureza, sempre prodiga e chega até a descreer na existencia de um Ser Supremo, criador do imenso Cosmos que rodeia o nosso microscopio planeta... Este povo, que cria engenhos-de-morte fantásticos e maquinas-de-precisão absoluta, capazes de fazer o homem economizar a insignificante diferença de um minuto. (...) Os tres alicerces principais em que se deve basear o estudo do problema educativo são: o biologico, o social e o moral.⁶¹

Esse número da coluna é um dos artigos mais extensos dos 87 números dessa seção. Nele, o autor inicia relacionando diretamente os problemas educacionais ao comportamento popular. E isso implica tecer representações sobre o povo. Assim, Coelho Sampaio pauta os argumentos do seu artigo sobretudo com críticas ao povo, aproximando da ignorância, utilizando-se, inclusive, da metáfora do fantoche, na qual os populares seriam seres manipuláveis. Da mesma forma que afirma que esse setor social não saberia dar valor à natureza e a Deus, criando, ao inverso, máquinas de morte, referindo-se, como se pode intuir, aos aparatos bélicos da Segunda Guerra Mundial. Uma das causas do que Coelho Sampaio também considera como degeneração moral do povo é a perda da fé no cristianismo, explicitando em seu artigo, com espanto, que até mesmo a ciência nega Jesus.

Novamente aparece nesse artigo a questão curricular. O que no artigo *Nível Educacional* consta como um desejo pelo ensino da civilidade nas matrizes curriculares, no artigo há pouco citado, fala-se sobre ser um pesar não se ministrar a disciplina de educação moral e cívica nas escolas. Fator que agrega um peso nostálgico na análise da sociedade de seu tempo.

Com relação ao fator biológico, presente no tripé que, segundo a sua visão, deveria embasar o problema educativo, o argumento presente é que existiria uma degenerescência fisiológica, através do que ele considerava vícios, que entravavam o *alevramento eugenico do povo*. Afirmando isso a partir do autor identificado apenas como A. Gomes, autor defensor da educação da saúde para manter a integridade física do povo.

⁶⁰ Aspas do autor.

⁶¹ SAMPAIO, C. Ensino e educação: educação popular. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 06 jan.1946.

No início da década de 1940, Hermenegildo Firmeza⁶² publicou na coluna *Aos domingos*, um artigo chamado *Defeitos de Educação*, no qual abordava a questão dos costumes fortalezenses, tendo em vista o que poderia enxergar o olhar "dos de fora", de forma semelhante a Coelho Sampaio. Sua citação será feita quase na íntegra, pois seu escrito suscita indícios para entender quais eram os costumes apontados como sintoma da má educação do povo cearense, bem como quem seriam alvos dessa análise depreciativa, também no pensamento dos pares de Sampaio:

Já um observador que por aqui passara, em viagem de turismo, notou que a educação do povo de Fortaleza, posta em confronto o adeantamento que a capital tem tido, indica um atraso de vinte ou trinta anos. A observação feita por um hospede, foi irreverente e indicava que o arguto viajante também tinha a sua dose de má educação. Mas era rigorosamente justa e verdadeira. Há poucos dias, vi em pedaços, na Farmacia S. Jose, uma placa luminosa que o proprietário da casa, sr. Edson Braga, havia mandado preparar para, colocada na parede externa, indicar ao publico, durante a noite, as farmacias de plantão. Além de ser um objeto caro, que custara algumas centenas de mil reis, destinava-se a um fim muito util e concorria, pela iluminação para o embelezamento da rua, tudo a expensas do prestante farmaceutico. Por ali passou, porem, um barbaro, que, ao que consta, era um rapaz bem vestido, e quebrou o precioso objeto... E' de notar que não são mais os moleques que sujam as calçadas, riscam as paredes recentemente pintadas, e se portam mal pelas ruas. E' a gente branca, a gente de familia, a gente bem vestida. Um relógio, também luminoso, foi colocado na Praça do Patrocinio por uma firma industrial do sul do pais. Esse relógio foi despedaçado, para a vergonha do nosso povo, porquanto dos relógios que foram assim postos em todas as capitais do Brasil, pela mencionada firma, só o de Fortaleza teve esse destino. Com as placas dos medicos, advogados, dentistas etc tem acontecido o mesmo, pois os filhos das familias *bem educadas*⁶³ as quebram com pedras e baladeiras. Quem quiser entre nós ver gente mal educada, tome um onibus ou um bonde e repare como se portam certos individuos de boas roupas, atirando fumaça na cara dos outros, nas senhoras inclusive, ou emporcalhando os carros com cusparadas, uma parte das quais vai impregnar-se na vestimenta ou no corpo alheio. Outros arrumam os pés nos bancos, como se estes fossem destinados ao descanso das pernas e não ao assento de passageiros. No transito das ruas é a mesma coisa. Um dia destes, uma senhorita teve de entrar numa farmacia e pedir alcool para lavar o braço atingido pelo fluxo nasal de um individuo que ao passar por ela se assoam com os dedos nas narinas. Faz tristeza ver-se as vezes até senhoras e senhoritas largarem cusparadas nas calçadas. Além de ser feio vicio de cuspir em publico, existem as coxias onde quem quizesse poderia escarrar, sem emporcalhar os passeios das ruas. (...) O que ai está é apenas uma pequena amostra da má educação da nossa gente, cuja civilização está atrasada dezenas de anos do adeantamento da cidade, conforme a observação do turista, irreverente mas verdadeiro.⁶⁴

⁶² Hermenegildo Firmeza foi jornalista, professor, dono do jornal A Folha do Povo e Diário do Ceará, diretor da Escola de Aprendiz e Artífices, redator d'O Unitário, além de ter atuação política. Assim, conclue-se que sua fala contava com legitimidade social, como uma voz estabelecida nesses debates.

⁶³ Grifo do autor.

⁶⁴ FIRMEZA, H. Defeitos de educação. **Gazeta de Notícias**, p. 5, 27 out. 1940.

Embora H. Firmeza tenha caracterizado o depoimento do olhar do turista, sobre o que seria o nível de educação da sociedade cearense, como detentor de certo tom insolente, o autor, ainda assim, concorda com esse parecer negativo sobre o que ele denomina como educação do povo de Fortaleza. Em moldes de crônica, alicerça sua argumentação com base em fatos cotidianos por ele observados. Sob a égide de estimular ações que conservem o patrimônio público e privado, vão se edificando em seu discurso, indícios nos quais pode ser identificada e analisada uma série de construções relativas a papéis sociais envolvidos no par boa educação/má educação.

Ao relatar o episódio de depredação da placa luminosa da farmácia, o indivíduo responsabilizado pela ação é classificado como bárbaro. Entretanto, é fundamental notar que o espanto e a revolta do jornalista não diz respeito à ação em si. O foco da sua argumentação reside na caracterização social desse sujeito, que seria bem vestido. A partir disso, ao chamar a atenção do leitor que, nos tempos ao qual retratara, tais ações não seriam empreendidas por traquinagens de crianças e adolescentes, adjetivados de "moleques"; mas por pessoas da pele branca; do que ele considera procedência familiar, ou, em suas palavras por ele mesmo destacadas *bem educadas* e também por indivíduos portadores de boas vestimentas, ou seja, pode-se presumir que não são pessoas pertencentes às camadas pouco abastadas.

Empreendendo a análise pela negativa é possível ter acesso ao perfil do que se esperava que fosse um causador de desordem social ou portador de má educação: sujeitos pobres, negros ou pardos, não pertencentes a famílias elitizadas. A revolta ou o espanto do autor parece constar na observação de que o povo no qual se concentravam as esperanças de melhoramento social – elites brancas – está apresentando comportamentos contrários ao que é estabelecido para ele como padrão social. A par disso, aglutina-se o argumento de que esse considerado atraso social paira mais sobre Fortaleza do que outras capitais brasileiras, o que gera sentimento de atraso sócio-cultural.

Ao colocar em questão as cusparadas e outros fluidos corporais expelidos em espaço público, novamente o autor mostra-se muito mais surpreendido com o fato de que senhoras e moças também o façam, do que com a própria ação. Aqui, ressalta-se a quebra de um papel feminino historicamente construído, no qual moças e senhoras deveriam seguir o que se definia por bom comportamento público: delicadeza, polidez, discrição.

Ônibus, bondes, ruas e praças, ou seja, lugares públicos da sociedade, são, portanto, postos como espaços que suscitam vergonha e nostalgia. E, no texto de H. Firmeza, o autor ainda afirma estar tratando de uma parte diminuta da má educação cearense, o que

sugere ao leitor que o estado da educação dos cearenses estaria muito pior. Para tanto, usa-se a cristalização de imagens positivas do passado para tencioná-las com os diagnósticos negativos do presente. Isso gera uma atmosfera de desesperança que, no texto, pode ser rastreada pela falta de proposições ou alternativas a fim de se alcançar um melhoramento dessa situação. Assim, torna-se fundamental o desenvolvimento de reflexões sobre essas legitimações e valorações em moldes negativos ou positivos, que se apresentam como naturais, mas que são históricas e se constituem essencialmente em disputas cotidianas.

Entretanto, como visto, se a sua análise social daquele momento não pode ser considerada uma exceção às outras opiniões circulantes, também não deve ser tida como consensual. Isto é, ainda que se tenham notado as apreciações nostálgicas e depreciativas do que seria o nível educacional cearense a partir de motivações e casos cotidianos como sendo algo prevalente no período, não se pode afirmar que se trata de uma forma única de significar o período, a sociedade, a geração.

No artigo chamado *Educação Carioca*, o autor curiosamente identificado como Joan François Champollion, o que pode indicar tratar-se de um pseudônimo; traça comparativos entre o que considera o nível educacional do Ceará e do Rio de Janeiro, em outra perspectiva, de forma a subsidiar evidências para afirmar que nem todos nutriam essa vertente de análise social da cidade nos anos 1940. Mais ao fim da década, o autor afirma:

Fortaleza inegavelmente está se tornando uma cidade educada! Os seus 200.000 habitantes já possuem uma noção mais ou menos nitida, do que seja, ou, possa sêr: educação em toda a acepção do termo! Talvez que, os fortalezenses aqui residentes, os quais nunca se deslocaram da Capital, afim de fixarem morada no interior, ou mesmo; fora do Estado, não possuam acuidade de espirito e senso de observação, que os tornem capazes de uma tal verificação. Não quero dizer com isso, que o cearense seja um indivíduo intelectualmente mediócre. Não! Muito pelo contrario! O Nordestino - e muito particularmente o homem das "caatingas" o "cabeça-chata" - enquadra-se entre os mais inteligentes deste pais de meu Deus! (...) Os que vem de fóra, os que depois de algum tempo de ausencia, regressam ao "lar paterno" são exatamente, áqueles que notem êsse progresso ou, melhor, êsse grau de evolução na educação do povo. (...) ⁶⁵

As análises sociais da sociedade cearense, quando emanadas por turistas ou viajantes oriundos do Ceará, buscam magnetizar para si maior poder de fala. É possível notar que mesmo quando o autor se aproxima de tons de crítica, ainda que velada, aos cearenses; logo reverte a situação para elogios escancarados. Na contramão do que parece ser a sensação dominante no período, qual seja a de julgar o nível de educação do cearense em sentido amplo

⁶⁵ CHAMPOLLION, J. Educação carioca. **Gazeta de Notícias**, p. 3, 04 fev. 1948.

como resultado de retrocessos e algo que apenas tenderia a piorar; o autor afirma haver evolução no nível educacional do povo cearense.

O autor identifica o cearense como ser educado em todas as acepções do termo. Isto é, a educação retratada pelo autor transcende a esfera escolar. A educação valorizada por ele seria aquela responsável por fomentar harmonia social e convívio agradável entre as pessoas. No entanto, nem sempre o termo educação poderia ser adotado em sentido amplo, enfocando os meandros sociais. Veja-se o artigo de Mario Pinto Serva⁶⁶, intitulado *Credo da Educação*:

Creio que os homens valem aquilo que sabem. Creio que, na historia do mundo, o homem e a humanidade se elevaram á medida dos conhecimentos que adquiriram. Creio que, a educação é o aperfeiçoamento fisico e mental dos individuos e dos povos. Creio que o alfabeto é o veiculo para a transmissão de todos os conhecimentos humanos. Creio que, um povo analfabeto não pode ser educado. Creio que, os homens se elevam na sociedade na proporção dos acontecimentos que adquirem. Creio que o saber é o maior poder do mundo. Creio que, na lavoura, no comercio, na industria e em todas as atividades, a superioridade pertence aos que tiveram a melhor educação. Creio que, só a educação forma bons cidadãos, como também bons profissionais em qualquer oficio. (...) Creio que, o aperfeiçoamento social consiste em que cada um se eduque a si mesmo e em que uns aos outros se eduquem. Creio que o educador é o escultor de personalidade humana. Creio que, faremos do Brasil uma nação feliz, alfabetizando e educando, sem exceção, todos os cidadãos. Creio que, os analfabetos equivalem a verdadeiros mutilados, pela privação de uma capacidade do mundo atual. Creio que, em todos os paises do mundo, o homem bem educado se distingue do homem mal educado. Creio que, todos os brasileiros devem trabalhar no proprio aperfeiçoamento, de que a alfabetização é o primeiro passo e condição indispensável. (...) Creio que, o analfabetismo é miseria fisica, mental e social. Creio que, dele decorre a pobreza das nações e nos individuos, bem como as endemias e fraquezas que produzem a atrofia fisica e mental.⁶⁷

Mário Pinto Serva foi protagonista nos debates sobre educação principalmente na década de 1920, quando defendeu em suas obras a popularização do ensino para todas as classes sociais, conforme retoma o anseio no artigo supracitado situado temporalmente nos anos 1940. Nesse artigo, uma construção de um credo civil desenvolvido por anáforas, o autor

⁶⁶ A autora Elaine Rodrigues analisa, dentre outros sujeitos, obras de Mário Pinto Serva na década de 1920. Mário Serva (1881-1962) foi político e jornalista. De acordo com a autora, o autor foi um dos principais propulsores da tese que situa a Educação como solução modernizadora da sociedade. Tendo como uma de suas principais preocupações o combate ao que diagnosticava como profundo atraso social no período, centraliza suas reflexões sobre como poderia se alcançar a modernização nacional. Serva defendia a consolidação da democracia do acesso à educação para todas as classes sociais. Cf. RODRIGUES, Elaine. *Educação Nacional: Ancestralidade e Projeção de um Projeto de Democratização*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.18, p. 65 - 79, jun. 2005. E a autora Vanilda Pereira Paiva, localiza Mario Serva também como defensor da Educação Popular, sob argumentos que culpabilizavam a ação da igreja católica. Em sua visão, em função de os católicos se preocuparam em educar apenas as elites, mas não para as camadas mais baixas, as taxas de analfabetismo estariam alarmantes. Cf. PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo: Edições Loyola,. 1987.

⁶⁷ SERVA, M. Credo da educação. *Gazeta de Notícias*, p. 5, 17 jul. 1948.

reduz o valor humano aos conhecimentos adquiridos na escola e, sobretudo, à alfabetização. Os enlaces e desenlaces entre educação e alfabetização, no escrito de Mário Serva são presentes, mas sobrepujam-se anseios de preponderância da escolarização em contraponto à educação em sentido mais amplo. Esse saber escolar culminaria em direito à distinção ou, ainda, superioridade nas mais variadas esferas sociais, por quem o adquirisse.

A alfabetização é apresentada como salvação nacional e a figura do analfabeto é representada como ser mutilado e incapaz, sendo entendido como tábula rasa para os conhecimentos escolares. Legitima-se a ideia de que o analfabeto seria incapaz de obter qualquer tipo de educação informal e portador de comportamento social considerado satisfatório, ao afirmar que "um povo analfabeto não pode ser educado". Assim, ainda que distinga em seu texto as ações de educar e alfabetizar, ao falar que a educação somente é possível a partir da alfabetização, Mário Pinto Serva profere representações divergentes das analisadas até aqui, para o conceito de Educação.

Longe de ser uníssono, o conceito de Educação necessita ser analisado em sua pluralidade de representações e usos no período investigado. As diferenças entre instruir e educar se configuraram como questão latente também no início da década, ainda no período do Estado Novo. O trecho abaixo tem a autoria atribuída ao então presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Situado em anos autoritários, esse excerto estampa a capa do documento mensal, expedido pelo Ministério da Educação e Saúde e organizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), intitulado *Subsídios para a História da Educação Brasileira* referente ao mês de outubro de 1941.⁶⁸

Devemos repetir que educar não consiste somente em ensinar a ler. O analfabetismo é estigma de ignorância, mas a simples aprendizagem do alfabeto não basta para destruir a ignorância. A massa de analfabetos, pêso morto para o progresso da Nação, constitui mácula que nos deve envergonhar. É preciso confessá-lo corajosamente, toda vez que se apresentar ocasião. Cumpre fazê-lo aqui, não para recriminar inutilmente, mas, apenas, para nos convenceremos de que o ensino é matéria de salvação pública.⁶⁹

É possível diferenciar os pares educação/ensino e educação/instrução a partir de muitos motes relativos à temática social. Nesse trecho, a diferença entre os termos educar e

⁶⁸ Essa documentação foi consultada no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). No entanto, ela não está catalogada. Sendo apenas sutilmente organizada pelo grande tema "Educação", pode ser consultada em caixas que abrigam os mais diversos documentos, nos quais predominam o caráter oficial. O acesso às informações para referenciá-las, como data e localidade, foi possível de coletar por constar no próprio documento.

⁶⁹ BRASIL. Subsídios para a História da Educação Brasileira referente ao mês de outubro de 1941. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1940-1950.

ensinar também está situada a partir do problema do analfabetismo, conforme fez Mário Pinto Serva. Nesse caso, a figura do analfabeto desperta preocupação do governo apenas ao passo em que esse sujeito, considerado uma massa, não seria dotado de utilidade motora na engrenagem do progresso pátrio. Associa-se a salvação nacional à educação daqueles que não são letrados, como forma de acionar a força desse braço trabalhador, ou seja, é no trabalho que residiria a utilidade do cidadão. Deve-se também ter em vista que a educação nesse contexto era signo de distinção e desigualdade social. E a ideia de que a escola deveria formar elites era exposta em muitos dos discursos políticos e educacionais.

A forma com que se escolheu denominar o documento em questão - *Subsídios para a História da Educação Brasileira* – também deve ser motivo de questionamentos pois seu título sugere que os escritos ali contidos sejam, mecanicamente, base para a História da Educação no Brasil. Entretanto, a perspectiva deste estudo é contrária a essa naturalização, na medida em que almeja problematizar esses discursos.

Observe-se um dos tópicos das denominadas *instruções gerais*, que se destinavam a elencar quais seriam as finalidades de criação do documento que ora é discutido:

A finalidade do serviço é fazer refletir, neste Instituto, - como órgão técnico central do Ministério da Educação - todo o movimento educacional do país, de modo a habilitá-lo a manter um serviço de "documentação", que tão completo quanto possível, e a receber "informações", tão rápidas quanto possível, sobre as iniciativas, realizações, ou variações dos serviços de educação e difusão cultural, sejam oficiais ou particulares, em todo o território nacional.⁷⁰ (Ordem de serviço nº 5 - Subsídios para a História da Educação Brasileira - Instruções Gerais).

Embora na citação utilizada há pouco, na qual o presidente Getúlio Vargas tenha colocado a questão do analfabetismo como um problema que se devesse confessar, quase em tom vergonhoso, naquele momento; e no trecho citado logo acima tal empreendimento registrasse como parâmetro norteador captar o *movimento educacional* brasileiro, a tônica desses documentos oficiais ignora o significado do termo movimento, na medida em que isso inclui variações que não se processam de maneira estática no tempo.

Dessa forma, ao observar-se também o que seria digno de registro para constar nesse documento, quais sejam, iniciativas, realizações e serviços educacionais/culturais, nota-se nas letras datilografadas do *Subsídios para a História da Educação Brasileira* uma forte vertente laudatória presente nesses intentos. Sua intenção é a de estabelecer algo aproximado a um serviço de informações sobre a temática, que seriam no mais das vezes rápidas, através

⁷⁰ As aspas são do autor.

de relatórios e boletins contendo supervisões e controles. Não obstante a isso, mesmo nesse tipo de documentação, o almejo centralizador de Getúlio Vargas se utiliza desse espaço para fazer circular postulações retóricas.

Ensino, Educação, Instrução Escolar e Educação Social: esses termos e suas variantes, que para olhares ligeiros podem parecer sinônimos, travam relações entre si ora de concordância e ora de elisão. As valorações direcionadas aos costumes cearenses naquele momento, sendo entendidos como questão educacional, eram imbuídas de lógicas excludentes. Só é possível falar em corrupção de costumes, quando se adota a perigosa noção de costumes puros.

Este primeiro tópico desta dissertação esteve atento à polissemia que o termo educação evoca. Em um mesmo contexto historicamente situado, educar poderia significar: reprimir, moldar, formatar, enformar, enquadrar, polir, civilizar, instruir. Assim, essa variação de sentidos, conforme apresentam-se ideias e projetos educacionais, podem dizer muito sobre a forma com que se pensa a educação. Muitas dessas palavras-chave parecem sempre ser hauridas e nutridas pelo pensamento conservador, representantes de uma moral burguesa.

Tem-se por hipótese que essa preocupação muito maior com uma educação em âmbito social em detrimento à educação escolar tenha assim se processado, em função de que o público escolar era uma fração bastante reduzida da população cearense – podendo-se estender a afirmação para nível nacional – no período examinado. Assim, se muitos não frequentavam a escola, os intelectuais do período pensaram formas outras de formular e repassar o que eram tidos como valores educacionais.

2.2 Trajetos para um lugar: a trajetória de Coelho Sampaio e a coluna *Ensino e Educação* como lugar social.

O presente tópico é movido por duas questões que orbitam os elementos que conferiram legitimidade para a coluna de Coelho Sampaio se sustentar por 87 números, por seis anos em um jornal de grande circulação. Trata-se de duas questões interligadas. O primeiro objetivo desta seção é rastrear os aspectos da trajetória social⁷¹ de Antonio Coelho Sampaio até o fim da publicação da coluna *Ensino e Educação*, constantemente ressaltados aos leitores da *Gazeta de Notícias*, atentando à primeira dessas questões: de que forma esses elementos biográficos buscavam legitimar a atuação impressa do Prof. Sampaio?

Tendo em vista que, ao longo dos anos de publicação da coluna, a mesma foi se tornando um lugar social para o autor, têm-se o outro questionamento motriz deste tópico: de que maneira Coelho Sampaio utilizou o espaço fixo na coluna *Ensino e Educação*, em um jornal de grande circulação, como meio para agregar pessoas em torno de causas relacionadas ao tema educacional e mesmo a temas que não se conectavam diretamente com o assunto Ensino e Educação?

Entender os artigos de Coelho Sampaio significa buscar compreender suas escolhas. Cada nuance de sua escrita deve ser entendida como escolha, que, enquanto tal, exige seleções e exclusões. Da sua forma de escrita aos conteúdos da coluna e dos conteúdos à sua forma estão presentes características que não são naturais.

Afinal, quem era o autor das missivas públicas sobre Educação que circularam na cidade de Fortaleza durante seis anos no jornal *Gazeta de Notícias*?

Em janeiro de 1944, mês de estreia da coluna *Ensino e Educação*, o tom catedrático de seus escritos camuflava o jovem professor de 23 anos, estudante do curso da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará – período anterior à criação da Universidade Federal do Ceará e fundador do Instituto Escolar São Raimundo, que também dirigira até 1954, ano em que emigrou para a cidade de Vitória, no Espírito Santo, conforme descreve o exercício autobiográfico de

⁷¹ A noção de trajetória social/itinerário social é aqui adotada em função da presente abordagem se afastar das noções mais clássicas de biografia. O conceito de trajetória foi pensado a partir do entendimento de que as contradições e incongruências nela presentes são intrínsecas ao ser humano, cujo itinerário social não pertence ao campo das linearidades. Entretanto, a noção de biografia crítica também é adequada aos propósitos deste trabalho. Conforme Lilia Moriz: “Ora, uma biografia precisa de um problema, de uma questão a orientá-la, com o perigo de, ao contrário, cair na armadilha fácil de buscar em fatos (devidamente selecionados e dispostos cronologicamente) um registro seguro a evitar uma parcialidade (que, ao fim e ao cabo, não se evita). Cf. SCHWARCZ, L. K. M. . Biografia como gênero e problema. **História Social**. Campinas, v. 24, n. 24, p. 51-74, 2013. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577/1083>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

Coelho Sampaio intitulado *Nos Caminhos do Destino*.⁷² Como pondera o autor na apresentação do livro:

Estou escrevendo estas linhas, no ano de 2003, deslumbrado pelas inovações tecnológicas para quem nasceu em 1920. Se me fosse permitido por DEUS o direito da premonição, passaria para estas páginas um esboço da minha biografia. No estilo reservado às personalidades, acrescentaria com aqueles fatos de minha infância não esquecidos pelo tempo, mas, que me trazem os poucos momentos de inocente alegria, despertando-me, na rotina desta vida solitária, para a realidade, na difícil tarefa de adaptação de quem, em “uma máquina do tempo”, acorda 80 anos depois.⁷³

Trata-se de um livro diminuto, com pouco mais de 30 páginas, quase em formato de livreto. Logo nas primeiras páginas, há informações sobre a sua confecção e circulação: "O presente livrinho será distribuído, gratuitamente, em comemoração ao natalício do Autor, que completa 84 anos de idade com 25 obras editadas". Ou seja, a autobiografia de Coelho Sampaio foi confeccionada por iniciativa própria, sem o apoio de editora e houve, também por parte do autor, esforço de circulação do livro com a sua história de vida. Entretanto, apesar de tamanha simplicidade da publicação, o livro está cadastrado na fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, o que também converge para o entendimento de que se tinha por intenção a circularidade do texto, caracterizando estratégias para se alcançar notabilidade.

Antônio Coelho Sampaio nasceu em 1920 na Serra de Ibiapaba⁷⁴, em uma família de pequenos agricultores, sendo registrado anos após o seu nascimento, na cidade de Sobral, onde iniciou seus estudos. Mais tarde, em fins da década de 1930, cursou o primário no Colégio Sagrado Coração de Jesus (Irmãos Maristas), instituição particular de ensino que funcionou em Fortaleza/Ceará. Não prosseguiu os estudos na referida instituição por falta de condições financeiras e saiu na 1ª série ginasial para o prestigiado Liceu do Ceará, onde concluiu o curso secundário em 1941.

Em formato reminescente, no livro *Nos Caminhos do Destino*, o autor concede ênfase para matizes da sua ascensão social de estudante pobre, quando criança, à conquista de sua graduação; participação em eventos estaduais e nacionais do movimento estudantil; seus tempos de presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE)⁷⁵ e à fundação do colégio São Raimundo.

⁷² Livro consultado na Fundação Biblioteca Nacional.

⁷³ SAMPAIO, Coelho. **Nos Caminhos do Destino**. Vitória, ES, 2004.

⁷⁴ Embora no livro *Missão Cumprida* conste que o autor nasceu em Sobral, no livro *O Fel dos Deuses*, cuja autoria é de Coelho Sampaio, é explicitado que o autor nasceu na Serra da Ibiapaba, mas foi registrado em Sobral. Cf. SAMPAIO, Antonio Coelho. **O Fel dos Deuses**. Vitória: Ministério da Cultura e do Desporto, 1989.

⁷⁵ Trata-se de uma entidade estudantil que representa e agrega discentes do Ensino Superior, por Estado brasileiro.

Em sua autobiografia, o autor se atém às minúcias do seu percurso anterior à escrita das cartas públicas para a *Gazeta de Notícias*, o que nos permite problematizar alguns elementos.

No que concerne à fundação do Instituto São Raimundo, colégio que criou e dirigiu por dez anos, observa-se a diferença entre o que era publicado no jornal e o que o autor narrou em formato memorialístico, longe das pressões e interesses de fazer propaganda a algo em vigência.

Em 14 de janeiro de 1947, estampou-se nas páginas da *Gazeta*⁷⁶ um editorial, que ocupou o espaço de mais de uma página inteira do suplemento do matutino: “O 4º aniversário de um colégio-modêlo”. Nele constam as glórias e vitórias da escola, estampando-se as fotos dos estudantes do Instituto que conseguiram sucesso nos testes de admissão daquele ano, além de publicar uma foto da fachada da instituição de ensino (**ver figura 2, abaixo**). O jornalista explana sobre suas impressões de visita ao estabelecimento:

Figura 2 - Fotografia da fachada da escola dirigida por Coelho Sampaio, denominada de Instituto São Raimundo, publicada nas páginas da *Gazeta de Notícias* em 14/06/1947



Fonte: *Gazeta de Notícias* (14 jun. 1947).

Fizemos uma visita a esse Instituto. Ele se acha situado num dos bairros mais aprazíveis de Fortaleza e instalado em predio confortavel, com todos os requisitos exigidos pela higiene e pela pedagogia moderna: salões higienicos e amplos; boa e sadia ventilação, propria daquela região; luz natural suficiente; material didatico apropriado e moderno. (*Gazeta de Notícias*, 1946).

⁷⁶ S/A. O 4º aniversário de um colégio-modêlo. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 1, 14 jul. 1946.

Acredita-se que por constar uma foto da fachada da escola junto à apreciação positiva do jornalista esse padrão arquitetônico escolar exposto na fotografia talvez fosse bem aceito à época. Entretanto, o parecer positivo do matutino contrasta com os relatos reminiscentes da autobiografia de Coelho Sampaio. Ao discorrer sobre as dificuldades financeiras que o fizeram se afastar dos estudos por três anos logo no início do curso ginásial e trabalhar, a partir dos seus 14 anos, como higienizador e posteriormente mecânico de linotipos na Imprensa Oficial e nos Diários Associados; ele explica sobre essa transição de empregos ao criar o Instituto São Raimundo:

A essa época [1947] já não trabalhava como mecânico, mas nas oficinas dos diários associados. Resolvera deixar o macacão azul de mescla e procurar uma profissão que se harmonizasse com a de um profissional liberal. E, mais uma vez, me veio a intuição: seria o magistério. E foi assim que, em 1942, aluguei uma casinha em uma vila popular, fora da zona urbana de Fortaleza, (lembro-me do nome: porangabussu) e, ali, após visitar casa por casa, procurando professoras, abri uma escolinha para crianças do Curso Primário. Abro um parêntese: antes já havia realizado experiência, ensinando, gratuitamente, na Casa do Estudante e no Colégio “Dom Bosco”.⁷⁷

Esses trechos atinem a versões conflitantes sobre um mesmo mote, o Instituto São Raimundo, em tipologias documentais distintas, ainda que se constituam pareceres separados por mais de cinquenta anos e se tenha o conhecimento de que, conforme Lucien Febvre “O homem não se lembra do passado. Reconstrói-o sempre”⁷⁸. Sem o cruzamento das fontes memorialísticas e jornalísticas, não se teria acesso a minúcias dos primeiros anos de funcionamento da escola São Raimundo. Haveria contato, apenas, aos aspectos de glórias e vitórias, trazidos pelo jornal.

Na seção *Opinião* do jornal *O Estado*⁷⁹, foi publicado em período próximo aos dias atuais, em 16 de outubro de 2008, um artigo intitulado *O mais antigo na Câmara de Fortaleza*. Nesse editorial, o texto sem assinatura dedica-se a versar sobre o político, médico e radialista Iraguassu Teixeira e, ao falar sobre sua infância, menciona a sua passagem como aluno do Instituto São Raimundo:

Aqui chegou com pouco mais de um ano de idade, trazidos pelos pais, tentando escapar da seca que assolava os sertões de Canindé, onde nasceu em 7 de janeiro de 1941, filho único de um casal de lavradores. A vida na grande cidade não foi fácil. O pai, seu Raimundo Teixeira Rocha, ajudado pela mãe Dona Luiza Teixeira, só sabiam cuidar de agricultura... Foram morar no Porangabussu, pertinho da Faculdade de Medicina, e a alternativa de sobrevivência foi plantar batatas nas margens da Lagoa do Bessa, e criar

⁷⁷ SAMPAIO, Coelho. **Nos Caminhos do Destino**. Vitória: SE, 2004.

⁷⁸ FEBVRE, L. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1985.

⁷⁹ O jornal *O Estado* foi fundado no Ceará em 1936, por políticos do PSD (Partido Social Democrata), com o objetivo maior de defender causas partidárias. Em função disso, obtiveram altos e baixos em sua vigência. Entretanto, circula até os dias atuais, também de modo digital.

algumas vaquinhas leiteiras... O menino crescia robusto. Colocaram-no para estudar as primeiras letras na Escolinha do “Seu Zequinha”. Era um galpão improvisado, anexo à casa do professor e “dono”, o qual acumulava ainda o status de liderança comunitária do bairro Porangabussu. De lá saiu para o Instituto São Raimundo, na av. João Pessoa e depois para o Instituto Leonardo Mota, na Vila Porangabussu, estabelecimentos de ensino particular e de baixo custo, mas que lhes deram boa base para aprovação no Exame de Admissão ao Liceu do Ceará, onde cursou o Ginásial e o Científico.⁸⁰

Interessa-nos aqui, a informação advinda do enfoque dado pelo autor, do estatuto de colégio de pequeno porte conferido ao Instituto São Raimundo, não raras vezes opções para alunos e famílias de baixo poder aquisitivo. Devendo-se observar, também, que seu ex-aluno Iraguassu Teixeira frequentou a segunda sede desse estabelecimento, localizado na Av. João Pessoa, cujo grande atrativo seria o serviço de ônibus disponível para a região. Os anúncios publicitários desse colégio, no decorrer da década de 1940, informam que na primeira sede do Instituto São Raimundo, ou seja, quando o colégio foi criado, os anúncios referiam o endereço apenas como Porangabussu - Benfica. Com o passar dos anos, foram-se agregando informações nos anúncios que indicavam o crescimento do colégio: a mudança da sede para a Av. João Pessoa, no bairro Barreiros, constando também que tal estabelecimento era registrado na Secretaria da Educação e Saúde.⁸¹

Assim, é oportuno o questionamento: ser diretor de um estabelecimento de Ensino legitimou o monopólio de escrita na coluna *Ensino e Educação* ou ter essa seção em um jornal de grande circulação legitimou seu Instituto Escolar e a sua atuação como diretor e professor daquele estabelecimento?

Em certa medida, pode-se afirmar que tais hipóteses não são necessariamente excludentes. Não se trata de estabelecer autoridades e hierarquizações entre as duas possibilidades, mas buscar compreender a complexa relação existente entre elas.

No início da coluna, não havia relações explícitas entre Coelho Sampaio como colaborador na seção do jornal e a sua figura como diretor do Instituto São Raimundo. Constanço primeiro número da seção *Ensino e Educação*, em janeiro de 1944, uma chamada de matrículas para o curso primário no Instituto São Raimundo, através de uma publicidade do colégio⁸². No entanto, nessa publicidade, existem apenas as informações de que o

⁸⁰O mais antigo na Câmara de Fortaleza. **O Estado**, Fortaleza, 2 out. 2008. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/noticia/o-mais-antigo-na-camara-de-fortaleza>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

⁸¹ O anúncio posto como referência desse crescimento foi o do ano de 1947. *Gazeta de Notícias*, p. 5, 12 jan. 1947.

⁸² Durante toda a década de 1940, foi fato bastante frequente que os estabelecimentos de ensino particulares anunciassem publicidades de seus colégios, não somente para informar o período das matrículas, mas simplesmente para promover a imagem dos colégios.

estabelecimento se situa na localidade de Porangabussu - Benfica e que o início das aulas dar-se-ia no primeiro dia de fevereiro e que o *slogan* do colégio era: *ensino eficiente, disciplina rigorosa*. Ou seja, apesar de a publicidade se situar na mesma página que o primeiro número da coluna, não foi explicitada a informação de que o diretor desse colégio era o colaborador daquele jornal.

Entretanto, com o passar dos anos, em todas as publicidades do Instituto São Raimundo e em outros editoriais publicados na *Gazeta de Notícias* relacionados a esse estabelecimento de ensino, destacava-se fortemente a figura de Coelho Sampaio como seu fundador, diretor e professor.

Aos elementos de trajetória de Coelho Sampaio não coube o confinamento somente nos moldes autobiográficos, ou seja, no livro *Nos Caminhos do Destino*. Em sua coluna *Ensino e Educação*, eles se fazem presentes. No artigo “Educação Social” nota-se, de modo mais claro, que a sua trajetória de vida foi utilizada como uma estratégia discursiva de legitimação ao que se argumentava:

A ninguém, por exemplo, se impede de elevar-se na escala social, desde que trabalhe e conquiste o posto que deseja por meios lícitos. Eu tenho experiência própria. Já fui operário, tendo iniciado a minha carreira profissional como ajudante em uma tipografia e nesse ambiente proletário trabalhei 7 anos. (...) E como operário estudei, fiz o Ginásio, fiz a Faculdade, mudei de profissão de acordo com a minha vocação, o que só foi possível numa democracia. Eis, portanto, que se pode dizer: há oportunidade para todos.⁸³

Neste trecho, o autor utiliza o argumento de que em uma sociedade democrática, as pessoas estariam mais propensas a prosperar socialmente, desde que isso fosse sedimentado pelos seus esforços próprios. E para isso, é elemento central na sua argumentação, o uso da sua experiência, ou seja, a utilização dos seus elementos auto-biográficos para sustentar a sua legitimidade de fala. Aqui, o autor, a partir de argumentos provindos da meritocracia, parece homogeneizar as experiências de vida dos cidadãos a partir da sua própria trajetória. Isto é, quando se lêem as assertivas pela negativa, o escrito sugere que as pessoas que não são consideradas ou que não se consideram bem sucedidas na escala social, não o são por falta de esforço próprio, desconsiderando fatores outros. Tal raciocínio choca-se, entretanto, com a diligência de Coelho Sampaio em solicitar melhorias e maior amparo, provindo dos governantes, sobretudo para o estudante pobre e para a classe professoral.

⁸³ SAMPAIO, C. Ensino e educação: educação social. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 5, 05 set. 1948.

Tem-se por hipótese que a sua experiência como aprendiz de linotipista, ou seja, circulando nos ambientes tipográficos, mantenha alguma relação com a sua oportunidade de colaboração inicialmente na *Gazeta de Notícias* e posteriormente em outros jornais. Trata-se de uma hipótese porque o autor não afirma isso, apenas destaca que foi operário nesse setor de imprensa.

O recurso de utilização do argumento meritocrático, ou seja, a crença na lógica de que, para as pessoas serem bem sucedidas, isso dependeria apenas do seu esforço próprio, é característica dos escritos de Coelho Sampaio. No entanto, não se pode afirmar que essa seja uma característica específica sua no período. Na chamada *Coluna Racionalista Cristã*, seção fixa do jornal *Gazeta de Notícias*, Maria Amalia Vaz de Carvalho afirma:

Procurai, sim, dar bons exemplos aos vossos filhos para que em tempo algum possam corar de vergonha do passado dos pais. E' grande a crise de caráter; os pais não impõem respeito aos filhos, os filhos não obedecem aos pais, todos procedem mal; portanto, os pais não têm força moral para apontarem os defeitos e os maus hábitos aos filhos. Os pais defeituosos não foram preparados para conduzir espíritos, para criarem uma prole. Esses já não possuíam pais educadores, foram lançados ao mundo em fiel obediência às leis da reprodução da espécie, mas viveram completamente alheios às leis que regulam o processo evolutivo do espírito. O estado espiritual da humanidade só melhorará quando os conjugues compreenderem bem a responsabilidade que lhes cabe no matrimônio. As crianças de hoje serão os homens e as mulheres de amanhã, e se não receberem exemplos salutareos dos pais, como poderão vir a ser bons pais e boas mães! Ha criaturas que se viram lançadas ao mundo como sendo umas infelizes desprezadas e que no entanto, hoje são acatadas e respeitadas como seres superiores, porque souberam lutar contra os sofrimentos surgidos pelo caminho da vida. Souberam preparar-se para subirem como homens dignos e como mulheres valorosas e portadoras de obras e ações dignas. Que a minha irradiação sirva de incentivo para a luta do Bem contra o mal.⁸⁴

Na *Coluna Racionalista Cristã*, como o nome sugere, eram abordados assuntos que giravam em torno de um tema central maior: os preceitos cristãos afinados com a ótica espírita⁸⁵. O artigo supracitado intitula-se *A Educação*, isto é, a autora aborda o assunto educação em sentido amplo, aquele que excede o campo escolar. Caráter, defeitos e maus hábitos, são todos conceitos construídos à base da doutrina cristã, baseada em dogmas. Assim, a autora afina-se com outros intelectuais do período, por interpretar o seu tempo como um tempo de crise de caráter, conforme discutido no primeiro tópico desta dissertação.

⁸⁴ CARVALHO, M. A. V. de. Coluna Racionalista Cristã – A Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 09 dez. 1948. Este artigo aparece ao lado, na mesma página, da coluna *Ensino e Educação* sobre o Instituto de Pesquisas Econômicas.

⁸⁵ COUTINHO, D. S. **Os Combates de Luiz de Mattos (1912 – 1924): o Espiritismo Kardecista e o Tratamento Médico da Doença Mental**. 2010.153f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Centro de Ciências e Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

E essa crise, de acordo com o que a sua argumentação sugere, tenderia a se proliferar, de acordo com o seguinte raciocínio: as crianças, que seriam os homens e as mulheres no futuro, não receberiam os ditos bons exemplos dos pais e, portanto, não seriam bons pais e mães nas gerações futuras, repetindo-se o ciclo com os filhos de seus filhos e assim por diante, através da pedagogia do exemplo.

Ao fim da sua argumentação, afirma-se que existem pessoas que nasceram em situações desfavoráveis à prosperidade e, mesmo assim, conseguiram remodelar as situações adversas pelas quais passaram, de maneira semelhante ao que afirmara Coelho Sampaio. No entanto, há no seu discurso uma contradição. Ao mesmo tempo em que a autora considera haver um tom de declínio constante do que era considerado como caráter das pessoas, com certa lógica de determinismo, que tenderia a piorar; co-existe no discurso de Maria de Carvalho, assim como nos escritos de Coelho Sampaio, a aceitação da ideia de que se as pessoas formassem a sua própria realidade, isso poderia ser revertido.

No discurso de Coelho Sampaio, entretanto, esse processo foi representado de forma mais fácil, ou seja, bastava querer se desvencilhar das dificuldades cotidianas e o progresso seria possível; e no entender de Maria Vaz, isso se aproximaria mais de uma arteficial complexa, na qual *saber lutar* contra esses percalços se configuraria como uma situação mais difícil de lidar.

No artigo intitulado *O problema do professor particular*, localizado como o último número da coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio novamente centraliza a questão auto-biográfica em suas reflexões educacionais, na condição de elemento fulcral na sua argumentação:

Não faz muito, escrevi uma série de artigos mostrando a necessidade de ser amparado o professor particular, nesta coluna da "GAZETA DE NOTÍCIAS". (...) Fiz, também, um retrospecto da vida, numa verdadeira "via crucis", que, passando de dificuldade em dificuldade, lutam entre a vida de abnegação nos estudos e as diversões convidativas do mundo vulgar. Por fim, retirei a capa que descortina a vida íntima do estudante pobre - pois fui um deles - estudando, noites e noites seguidas, sob a luz bruxuleante de um lampeão, á procura de conhecimentos que, mais tarde, venham servir-lhe para assumir a responsabilidade da cátedra, na faina patriótica de educar a mocidade e alicerçar o futuro da Pátria.⁸⁶

⁸⁶ SAMPAIO, C. Ensino e educação: o problema do professor particular. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 25 jan. 1950.

A escrita de si⁸⁷ empreendida por Coelho Sampaio como sendo um dos elementos legitimadores dos seus libelos é um elemento importante a ser ressaltado. O autor representa sua vida a partir de um elemento religioso, qual seja a *via crucis*, buscando destacar que teria mais propriedade para falar sobre o assunto do estudante pobre, porque já fôra um deles, passara por grandes dificuldades cotidianas para sustentar seus estudos e conseguiu vencer os percalços. Isto é, a sua história de vida é utilizada para alicerçar seus dizeres e análises sobre a questão educativa.

Um dos elementos de trajetória social no qual o autor conseguiu alcançar mais destaque no meio cearense de seu tempo foi quando o mesmo foi eleito para ser presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE), sendo líder estudantil no IV Congresso Estadual dos Estudantes, em 1946. A UEE foi um movimento estudantil composto por estudantes do ensino superior⁸⁸.

Na trajetória de Coelho Sampaio este foi um momento de destaque e liderança. As edições dos *Congressos Estaduais dos Estudantes do Ceará* eram amplamente noticiados pelos jornais cearenses. Em sua quarta edição, na qual Coelho Sampaio foi presidente, não foi diferente. Existiram matérias desde a conferência de abertura, até as solenidades de encerramento.

Sobre a sua conferência de abertura, veja-se um trecho do que foi noticiado pela *Gazeta de Notícias* sob o título *Solenemente inaugurado sabado o IV Congresso Estadual de Estudantes. Como decorreu a sessão no Teatro José de Alencar - Os oradores*:

Compareceram os exmos. srs. Interventor Federal, por seu representante, dr. Moacir Teixeira de Aguiar, General Onofre Muniz Gomes de Lima, Comandante da 10ª Região Militar, Desembargadores Daniel Augusto Lopes e Faustino de Albuquerque e Sousa, presidentes dos Tribunais de Apelação e Regional Eleitoral, respectivamente, dr. Cesar Cals de Oliveira, Prefeito Municipal, Tenente Coronel Juarez de Vasconcelos e Capitão de Corveta Vadir Ramos de Holanda, comandantes do 23º Batalhão de Caçadores e Escola de Aprendizes Marinheiros, respectivamente; além do patrono do Congresso, Dr. Acrísio Moreira da Rocha. Os Oradores: Aberta a sessão pelo representante do Chefe do Governo, falou o dr. Antonio Coelho Sampaio, presidente da União Estadual de Estudantes, seguindo-se-lhe com a palavra o acad. Aluisio Bonavides, presidente da Comissão organizadora do Congresso.⁸⁹

⁸⁷ GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

⁸⁸ Conforme Bráulio Ramalho, a data de fundação da UEE é considerada por 13/12/1942, pouco depois da ocasião em que Raimundo Ivan, credenciado como delegado da UNE, convocou um Congresso Estadual de Estudantes. Essa assembleia foi presidida pelo renomado Antônio Girão Barroso, na Escola Normal Justiniano de Serpa, em 27/11/1942. RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. **Foi assim! O Movimento Estudantil no Ceará (1928 - 1968)**. Rio - São Paulo. Fortaleza: ABC, 2002.

⁸⁹ Solenemente inaugurado sabado o IV Congresso Estadual de Estudantes. Como decorreu a sessão no Teatro José de Alencar - Os oradores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 02 abr. 1946.

A partir do trecho acima é possível ter noção do que poderia significar esse evento na sociedade cearense, que conseguia reunir a presença de autoridades do governo e da administração da cidade, ou seus representantes: pode-se chegar à conclusão de que esse Congresso não era de pequeno porte. Além das autoridades políticas, nota-se também a presença de militares em clima de cordialidade com os estudantes.⁹⁰

Também é possível identificar o lugar de fala de Coelho Sampaio, na condição de presidente da UEE: logo após iniciada a sessão de abertura feita pelo chefe de governo à época, lhe foi dado o direito à fala, através de um discurso. Discurso esse que foi publicado na *Gazeta de Notícias*⁹¹, ilustrado com uma foto do professor ao microfone, lendo seu discurso, à mão. (Ver figura 4, na página 71 desta dissertação):

Estamos, hoje, aqui, para, pela primeira vez, no Ceará, discutirmos democraticamente, os nossos problemas - aqueles que, mais de perto, nos interessam pela necessidade de uma solução imediata - e procurarmos um meio de resolvê-los. Estamos, hoje, aqui, reunidos, para confraternizarmos as duas classes mais poderosas e representativas do meio estudantil cearenses: os universitários e os ginasianos - colunas mestras dos movimentos estudantis de nossa terra; baluartes fortes e destemerosos das lutas pelos direitos do estudante; batalhadores incansáveis da Democracia! Estamos hoje, aqui, reunidos, para, irmanados, elevarmos uma prece ao Todo Poderoso prece sincera de gratidão pelo que Ele nos há concedido depois desses duros anos de uma II Grande Guerra paz para as nossas famílias; segurança e tranquilidade para a nossa amada Pátria; satisfação pelo feliz regresso dos nossos valentes e aguerridos Expedicionários; e a volta da Democracia às plagas dessa Pindorama tão querida dos seus filhos. E, caros colegas, com a volta á Democracia, temos aquilo que mais almejávamos: a Liberdade! Roguemos, pois, a Deus, dizendo como Rui Barbosa: "... não permitais que as maquinações de egoísmo de alguns prevaleçam ao bem de um povo inteiro, que a barbaria senhoreie de novo a nossa Pátria, que os semeadores de violências e desunião vejam prosperar outra vez a sua funesta sementeira nas regiões benditas, sobre cujos ceus ascendestes a constelação da vossa cruz"⁹².

Trata-se de um texto confeccionado para ser lido em voz alta, de modo a agregar, ainda mais, as pessoas ali reunidas. Acontecido o Congresso em 1946, o Prof. Coelho

⁹⁰ Acerca do ano anterior ao que ocorreu a IV edição do *Congresso Estadual dos Estudantes*, ou seja, 1943, houve a primeira semana universitária anti-fascista no Theatro José de Alencar, dois meses após a fundação da UEE, e foi encerrada com um comício anti-nazista na Praça do Ferreira. Antônio Girão Barroso, acerca da UEE, afirmou: "Não tinha partido de maneira ortodoxa. Não tinha ligações com o PCB, com o PSB ou com o PTB. Mas, levava em conta os interesses do país e da população brasileira. Notadamente, no nosso caso, da população cearense, tendo em vista as reivindicações populares.". Cf. RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. **Foi assim!** O Movimento Estudantil no Ceará (1928 - 1968). Rio - São Paulo. Fortaleza: ABC, 2002.

⁹¹ No livro literário de Coelho Sampaio intitulado *Adeus meu Cricaré*, o discurso de posse na Presidência da UEE do Ceará, consta como uma de suas obras listadas na seção *Obras do Autor*. Cf. SAMPAIO, Antonio Coelho. **Adeus, meu cricaré**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.

⁹² Congresso dos Estudantes – O Discurso Inaugural. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 05 abr. 1946.

Sampaio incluiu em seu discurso a marca de acontecimentos mundiais e nacionais que preocuparam o país por anos. Aquele era o ano seguinte à extinção do governo autoritário do Estado Novo, administrado por Getúlio Vargas e a temática do retorno à Democracia estava em voga também no discurso de Coelho Sampaio, mesmo que não se tenha mencionado claramente nada sobre o governo ou ex-presidente. Mais uma vez, seus dizeres são marcados pelo elemento religioso, cristão, mais perceptível quando o mesmo eleva preces a Deus pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Esse conflito de proporções gigantescas configurou-se como elemento marcante na fala de Coelho Sampaio, assim como estava latente no imaginário brasileiro.

No prosseguimento de seu discurso, o autor conclama os estudantes cearenses a lutarem por causas comuns:

Estudantes cearenses: estamos diante de um sério dilema: ou nos decidimos a lutar pelos nossos próprios direitos ou ficaremos sempre relegados a um plano inferior, sem nada conseguir que amenize as nossas necessidades. Nada possuímos no terreno da assistência social que venha a resolver a triste situação do estudante pobre, subalimentado sem livros, sem escolas, sem habitação. Centenas de milhares de estudantes deixam de frequentar as escolas, todos os anos, por falta de meios; outras centenas sem sequer ingressam por falta de roupas e livros; milhares deles estudam, num esforço sobrehumano para elevar e sair do estado de pobreza e miséria em que foram jogados pelo destino e, fracos, debilitados pela alimentação deficitária, trabalhando, árduamente, no comércio, oficinas e repartições públicas, frequentam os cursos noturnos, que - com raras exceções - não compensam esses esforços, por falta de organização. E quando, por uma contingência própria da condição parca de recursos da classe média, um estudante, já no meio do curso, vê-se sem possibilidades para continuar os estudos, o colegio cancela-lhe a matrícula por falta de pagamento. Trata-se, muitas vezes, de um Estabelecimento riquíssimo que, poderia, perfeitamente, amparar a situação daquele estudante pobre. E dada essa oportunidade para se elevar, educando-se, num futuro próximo, ele se tornaria um cidadão útil à Pátria.⁹³

No trecho acima novamente o raciocínio meritocrático, fomentado a partir da sua própria história de vida, entra em contradição com a sua fala, em tom de denúncia, acerca do estado de lamúria do estudante cearense no período. Isto é, se as pessoas dependessem exclusivamente do seu próprio mérito para sair de condições sociais precárias não faria sentido muito articulado em se clamar por maiores oportunidades e por maior amparo aos estudantes por parte dos governantes.

Coelho Sampaio, ao buscar agregar em seu discurso os estudantes em torno de lutas comuns permite supor que poderia haver certa dispersão da classe estudantil naquele

⁹³ Idem.

momento. Traz à tona a situação do estudante pobre – tema esse muito presente nas colunas sobre *Ensino e Educação* – principalmente no que concernia à falta de condições financeiras para fomentar desde os itens básicos, como a alimentação e roupas, até itens necessários para a instrução, como os livros didáticos e de leitura. É posto também que havia estudantes fora dos bancos escolares por falta de escolas disponíveis. A questão das bolsas de estudos sendo concedidas por colégios particulares também era item apontado como exceção.

Novamente, Coelho Sampaio utiliza a sua trajetória de vida para legitimar suas apreciações sobre o estudante pobre. O que em número da coluna *Ensino e Educação* foi representado como via crucis, abaixo foi representado como algo a se orgulhar:

Tenho para exemplificar, a satisfação de incluir em meu passado de estudante pobre esta particularidade. E por que permanecer assim, inerte, toda a classe? Será que não temos direito á Instrução e á Educação? Em todas as Cartas Constitucionais das nações civilizadas - inclusive a nossa de 37 - há este direito reconhecido da criança e da juventude: o direito á gratuidade do ensino. E', pois, chegado o momento em que devemos lutar por nossos direitos, lutar por um mundo melhor, por um clima de maiores facilidades no terreno da adquirencia dos conhecimentos necessarios ao ingresso nas carreiras profissionais, pelo barateamento do livro didatico, pela manutenção de um serviço perfeito de assistencia medica e social; enfim, pelo completo amparo ao estudante. Entretanto, para pudermos conhecer, de perto, todas essas necessidades, múltiplas e complexas, no seu todo e minuciosas, em particular, nós, da U.E.E., tivemos a idéia de no ano da nossa gestão, em que conduzimos a entidade maxima da classe, realizarmos um Congresso democratico, onde, ao contrário dos anos anteriores, qualquer estudantes pudesse apresentar, através de sua tese, as suas necessidades mais imediatas. E assim, pensei, porque, como estudante pobre que fui e como professor e educador hoje, conheço de perto, todas as vicissitudes por que passa a classe.⁹⁴

Nessa ocasião, além de colocar a sua trajetória social como fator legitimador dos seus dizeres sobre os estudantes desvalidos, validando as suas observações sobre o assunto, por, nos dizeres do autor, ter conhecido de perto essa realidade, nota-se uma utilização da sua história de vida também para agregar a classe estudantil em torno de suas ideias. Entretanto, apesar de ter dito em todo o discurso até esse trecho, acerca das condições extremamente precárias do estudante cearense, dando a entender que, apesar de estar nas Constituições o direito à gratuidade do ensino para a criança e o jovem isso não estaria se processando cotidianamente no Ceará, o último trecho do discurso de Coelho Sampaio é dedicado a elogiar o então prefeito de Fortaleza, Acrísio Moreira da Rocha:

Estudantes e cearenses: Cabe a mim tambem, neste momento solene, a honra de em nome da classe, prestar, com o vosso apôio, uma sincera e merecida homenagem áquele que nos dias mais decisivos para a vida social do estudante da nossa terra,

⁹⁴ Idem.

soube, ampará-lo estendendo-lhe a mão de amigo leal, sincero e desinteressado. Quero apresentar-vos o primeiro homem publico da "Terra da Luz", que, do alto do seu elevado posto, lançou um olhar de reconhecida misericórdia pelo comovedor estado do estudante cearense, pondo, como uma das suas principais normas de governo - quando Interventor - a questão do ensino e da proteção á Juventude pobre. Este homem, com certeza, deve ter sido o mesmo que, no seu memorável discurso de posse, ao traçar o seu programa administrativo, disse estas palavras inesquecíveis: "E' pensamento meu olhar com devotado carinho para a questão educacional e incentivar o ensino por todos os meios, pondo-o ao alcance da mais pobre criatura para evitar que continue a ser privilégio dos que podem". "Não desconheço os sacrificios da juventude pobre e o meu governo ajudará a mocidade na conquista de sua vitória na luta conta o [ilegível] de que falo, é o Dr. Acrísio Moreira da Rocha. É, pois, com a maior satisfação que o vemos outra vez ao nosso lado, porque a sua presença neste Congresso vem, significativamente expressar que o estudante cearense continua sempre lembrado e jamais esquecido no coração de cidadão do, acima de tudo, patriota e conhecedor das nossas dificuldades. Assim sendo, caros colegas, e benvindos congressistas aqui estamos para iniciarmos o IV CONGRESSO ESTADUAL DOS ESTUDANTES, que eu, como Presidente da U.E.E., considero solenemente inaugurado. Tenho dito."⁹⁵

O elogio à gestão do político Acrísio da Rocha parece entrar em contradição com todas as outras partes do discurso de Coelho Sampaio. Se o sistema de ensino estava extremamente precário e os estudantes em condições sub-humanas, pode ser lido como contraditório que se emane elogios e homenagens à gestão administrativa vigente. Ao mesmo tempo em que tal postura também poderia ocorrer em função da crença de certa mudança – ou expectativas dela – a partir daquela administração⁹⁶. O estudante abandonado, presente há linhas atrás nesse discurso, choca-se com o estudante "lembrado e jamais esquecido no coração" do político em questão.

Além da autobiografia de Coelho Sampaio, nos livros de literatura de Coelho Sampaio, publicados entre as décadas de 1970 e 1990, existem sempre algumas páginas em formato biobibliográfico, assim como nas orelhas dos livros. Nesses materiais, o período em que o professor foi líder estudantil da UEE aparece sempre como um dos momentos mais relevantes de sua carreira, assim como a sua formação no curso secundário no Liceu do Ceará.

Entretanto, a participação de Coelho Sampaio na UEE não parece ter sido somente de glórias. Em 11 de julho de 1945, publica-se na *Gazeta de Notícias* uma nota sobre os estudantes que representaram o Ceará no Rio de Janeiro, no VIII Conselho Nacional de Estudantes:

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Entretanto admitem-se outras formas interpretativas. O elogio, em situações como essas ou similares, é muitas vezes protocolar. Ademais, uma gestão política é normalmente um prazo curto e poderia assinalar instante de mudança.

Viajou, domingo, para a capital federal, o acadêmico Francisco José de Sá Parente, aluno da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, que vai representar esse estabelecimento de ensino superior no VIII Conselho Nacional de Estudantes, a instalar-se no próximo dia 16. Como presidente do Centro Acadêmico Nogueira de Paulo, o itinerante está credenciado a apresentar sugestão, em nome dos estudantes de Ciências Econômicas deste estado naquele importante certame, que reunirá representantes de todos os estados. Além do acadêmico José de Sá Parente, viajaram, domingo, para o Rio, os acadêmicos Aluisio Fernandes Bonavides e Stélio Lopes de Mendonça, representantes da Faculdade de Direito. Possivelmente hoje viajará, ainda, o bacharelado Antonio Coelho Sampaio, presidente da União Estadual de Estudantes e que representará, igualmente, a Faculdade de Ciências Econômicas, no VII Conselho Nacional de Estudantes.⁹⁷

Nesse editorial, o que prevalece é seu cunho meramente informativo dos acadêmicos que tiveram a oportunidade de representar o Ceará em um evento nacional de educação. O que parece curioso, entretanto, é que a participação de Coelho Sampaio, mesmo na condição de presidente da U.E.E., aparece apenas como uma possibilidade.

Dias mais tarde, na página 6 da *Gazeta de Notícias*, publica-se o artigo *Mais um representante cearense*, ao Conselho Nacional dos Estudantes. Nele, consta a informação de que já havia se instalado no Rio de Janeiro a oitava edição do congresso e que outros representantes cearenses, além dos que já apareceram em reportagem anterior, seguiram em viagem para o Rio de Janeiro. No entanto, o texto está segmentado em uma segunda parte, chamada *Uma retificação*, relativa a Coelho Sampaio:

Em torno do bacharelado Antonio Coelho Sampaio, presidente da União Estadual dos Estudantes, estamos devidamente credenciados a afirmar que ele, na qualidade de aluno da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, e sem prejuízo para a representação dessa ao Conselho Nacional de Estudantes escolhida em reunião do Centro Acadêmico Nogueira de Paula, órgão representativo do seu corpo discente, defenderá, igualmente, os interesses dos estudantes de Economia brasileiros naquele certame. A retificação feita em alguns jornais da imprensa local é nossa nota de quarta-feira última, não tem, portanto, nenhum fundamento razoável. Digno de comentário é o registro que fez a <Tribuna Popular>, do Rio, ao noticiar a chegada dos representantes da Faculdade de Economia do Ceará, como sendo uma Escola de Engenharia, que não existe neste Estado.⁹⁸

O excerto do editorial visto acima é relevante por permitir entrever que a relação de Coelho Sampaio com outros acadêmicos da Faculdade de Economia não era, nesse momento, das mais harmoniosas. O que foi questionado foi a sua legitimidade em representar a Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará no congresso sobre Educação ocorrido em terras cariocas, não a sua importância em representar o Ceará no Rio de Janeiro, juntamente

⁹⁷Representante ao Congresso de Estudantes. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 11 jul. 1945.

⁹⁸Mais um representante cearense. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 18 jul. 1945.

com acadêmicos de outras áreas. Isto é, ainda que não se tenha tido acesso às notas contrárias desses jornais mencionados na *Gazeta de Notícias*, é possível afirmar que o período de liderança estudantil de Coelho Sampaio não foi um momento marcado apenas por prestígios e consensos. Assim, pôde-se visualizar meandros de disputas no interior dessa instituição estudantil, em torno da legitimidade de quem poderia lhe representar. No caso da ressalva feita ao erro de nomenclatura que foi cometido no jornal *Tribuna Popular*, no Rio de Janeiro, essa mais parece ser um esclarecimento de mal-entendidos.

Sob o título de *Congresso Estadual de Estudantes* e sub-título *A reunião de ontem*, publica-se na *Gazeta de Notícias* uma reportagem sobre a segunda e terceira sessões plenárias daquele evento. Acerca da segunda reunião, é possível rastrear o lugar de fala de Coelho Sampaio:

Na segunda sessão plenária, os congressistas receberam a visita do dr. Antonio Filgueiras Lima, Secretário de Educação e Saúde, que tomou parte nos debates, e, ontem, o Dr. Jorge Moreira da Rocha realizou uma palestra no Congresso. O dr. Antonio Coêlho Sampaio, presidente da União Estadual dos Estudantes, propôs que o Congresso sugerisse ao governo a criação de escolas de ensino superior, técnico-profissional; designação de uma comissão para elaborar um novo livro didático para as escolas primárias do interior; criação de colônias agrícolas, nas quais funcionarão anexas escolas rurais; e reforma do ensino comercial, tornando-o mais prático e objetivo.⁹⁹

A partir do trecho acima, nota-se que ter sido eleito como presidente da U.E.E. amplificou o pensamento educacional de Coelho Sampaio no afã de se fazerem mais audíveis as suas proposições para o ensino. Aqui, é possível afirmar que as ideias educacionais do autor não ficaram confinadas na coluna *Ensino e Educação*, mas chegaram, por intermédio dos congressos de estudantes, até pessoas como o secretário de Educação e Saúde, como nesta ocasião vista acima e a outras autoridades, como visto que as mesmas frequentavam esses eventos.

No excerto supracitado, Coelho Sampaio sugere a criação de um novo livro didático para escolas primárias do interior. Apesar da sugestão, o autor não enveredou pela escrita de livros escolares. Com a exceção da cartilha para o público primário intitulada *Nossas Lições*¹⁰⁰, que é de sua autoria e cuja 2ª edição é datada de 1954, saído pela Tipografia Minerva Editora, uma das editoras mais consolidadas no período.

⁹⁹ Congresso Estadual de Estudantes - A reunião de ontem. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 04 abr. 1946.

¹⁰⁰ Encontrada para pesquisa apenas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Cf. SAMPAIO, Coelho. **Nossas Lições** – Pontos para o 1º ano forte e 2º ano primário. Fortaleza: Tipografia Minerva Editora, 1954.

No encerramento do 4º Congresso Estadual de Estudantes, que se fez em um churrasco e coquetel oferecido pelo general Onofre Muniz na Escola de Agronomia do Ceará, Coelho Sampaio pronuncia suas últimas palavras como presidente da UEE e consolida-se o resultado das eleições para escolha do novo presidente da associação, que foi o acadêmico Aloisio Bonavides.¹⁰¹

Desse modo, a par da sua atuação na União Estadual dos Estudantes, durante os seis anos de publicação da coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio a elege como grande instrumento de visibilidade social para ponderar sobre os problemas na área da Educação; apresentar possíveis soluções a esses percalços educacionais, avaliando como correlato a isso não somente um entrave do progresso nacional futuro, como também um retrocesso do que já se conquistara.

O uso dessa visibilidade social, desse espaço colunar fixo, por Coelho Sampaio se processou de variadas formas. Inicialmente abordar-se-á aqui, a movimentação de iniciativas para a criação de duas instituições associativas através do espaço da coluna *Ensino e Educação*. Quais sejam: a Associação Cearense de Estudos Pedagógicos (ACEP) e o pretenso Instituto de Pesquisas Econômicas.

No que concerne a esse último, deve-se ressaltar que existiram, na coluna, muitas investidas no assunto da economia como ciência. Isso ocorria em virtude da sua formação na Faculdade de Ciências Econômicas, que, conforme ele mesmo denunciava, tratava-se de uma área do conhecimento acadêmico – ciência econômica – e uma profissão (economista) pouco conhecidos pela população cearense.

Apesar de que, como ressalta Geraldo Nobre, tenha havido um salto nos interesses por assuntos econômicos e financeiros no decênio 1940-1949 na população cearense, que suscitou, inclusive, várias tentativas de jornais especializados nesses assuntos. Essa informação é relevante, pois esses artigos de Coelho Sampaio que se configuraram como um manifesto pelo ensino econômico em nível do ensino superior, explicitando a importância e as especificidades da área, conforme a sua opinião, não estavam isolados, mas inseridos em um movimento com várias iniciativas.

A defesa das utilidades dessa área do conhecimento e dessa profissão culminariam na tentativa de criação de uma associação dedicada a refletir somente sobre assuntos econômicos:

¹⁰¹Encerrado o IV Congresso de Estudantes. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 25 dez. 1945.

O economista, como profissional da economia, deve ter, pela mesma razão, o seu laboratório. Esta é a função dos institutos de pesquisas econômicas. Fundado em S. Paulo, o Instituto de Pesquisas Economicas tem por finalidade examinar e pesquisar, detidamente, os problemas economico-financeiros, suas causas e efeitos, dando-lhes solução pratica e conhecimento de sua aplicação, através de publicações, conferencias, etc. Seria, portanto, muito interessante a fundação entre nós, de um Instituto congênere. Aqui fica a sugestão. Em 7-11 de 1945.¹⁰²

A data que consta ao fim do artigo intitulado *Pesquisas Econômicas*, da coluna *Ensino e Educação*, 07 de novembro de 1945, difere da sua data de publicação, qual seja a de 11 de novembro de 1945, se constituindo um indício de que seus escritos chegavam até ao jornal em forma de carta, existindo alguns dias entre a sua escrita e a publicação.

A atenção a este tema econômico no ano de 1945, em tom de defesa do campo, pode manter relações com a sua formatura na área, que ocorreu no mês seguinte daquele mesmo ano. Em virtude da sua colação de grau, a *Gazeta de Notícias* publicou um texto, acompanhado de foto do professor em trajes de conclusão de curso, cujo título foi *Dr. Coelho Sampaio*, informando aos seus leitores a formatura do seu colaborador assíduo. A titulação de doutor a ele atribuída foi possivelmente conferida em virtude do alto prestígio que o título acadêmico suscitava na época. Após a sua formatura, passou-se a identificá-lo na imprensa, no mais das vezes, como Prof. Dr. Coelho Sampaio.¹⁰³

Os assuntos da ciência econômica eram caros ao Coelho Sampaio. De forma que três anos mais tarde, em 09 de dezembro de 1948, publicou-se na coluna *Ensino e Educação* sob o nome de *O Instituto de Pesquisas Econômicas*:

Com a notícia, estampada nos jornais, de que a Federação do Comercio do Ceará resolveu instituir, dentro de suas principais finalidades, um Instituto de Pesquisas Economicas, veio-me á mente a campanha que fiz, no ano passado; nesta secção, no sentido a que agora se propõe realizar a importante associação. (...) E, portanto; só elogios pode merecer a Federação do Comercio do Ceará por esta iniciativa que, por certo, trará o descortinio de um novo futuro para a situação economica do Estado e quiçá do Nordeste. Entretanto, como observador de fora, vejo, nos alicerces, da nova instituição, um grave defeito, felizmente facilmente sanavel. E' que o Instituto de Pesquisas Economicas, pela sua finalidade intimamente ligada á Economia, não conta com um unico Economista na sua orientação. Sendo, o Economista; o profissional da Economia o mais dedicado aos estudos e pesquisas economicas, ninguem melhor do que ele poderia ser indicado naturalmente, para compor a direção de um instituto que se destina a tais estudos e pesquisas.¹⁰⁴

¹⁰² SAMPAIO, C. Ensino e educação – pesquisas econômicas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 11 nov. 1945.

¹⁰³ Dr. Coelho Sampaio. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 25 dez. 1945.

¹⁰⁴ SAMPAIO, C. Ensino e educação: o instituto de pesquisas economicas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 09 dez. 1948.

Novamente, Coelho Sampaio explicita, de acordo com o seu ponto de vista, o que considera os benefícios do investimento na ciência econômica, mas, direciona os enfoques, no seu artigo, para a criação de uma associação que se destinasse a pensar sobre assuntos econômicos, chamando a atenção para a campanha que ele mesmo buscara fazer para a criação de um Instituto nesse campo através da coluna *Ensino e Educação* no jornal *Gazeta de Notícias*, utilizando esse espaço em um veículo de grande circulação. No ano seguinte, 1949, há o registro nesse mesmo jornal, da participação de Coelho Sampaio como ocupante de cargo de destaque em outra instituição similar, a Associação Profissional dos Economistas do Ceará, o que indica que, a par das preocupações na área da Educação estavam as investidas nessa área econômica.¹⁰⁵

No entanto, deve-se ressaltar a relevância em se analisar o processo de tentativa de criação de um espaço associativo por Coelho Sampaio, atinente a um assunto que não é diretamente ligado à educação. Além dessa tentativa indicar que o autor tinha ciência do potencial valor agregativo que a imprensa portava, isso indica também, que é preciso observar cuidadosamente a sugestão de associação por ele feita, que se concretiza.

Apesar de Coelho Sampaio, como visto, se preocupar com assuntos econômicos, muito em função de sua formação acadêmica na área, a campanha mais persistente que o autor desenvolveu no âmbito da coluna em questão, foi em prol da criação de uma *Associação Cearense de Estudos Pedagógicos* (ACEP). Interesse que se relaciona mais diretamente com o mote principal da seção *Ensino e Educação*, embora o *Instituto de Estudos Econômicos* também tratasse de uma temática educacional, só que esta em ensino superior.

A ACEP foi tema de vários dos seus artigos na coluna, conclamando o professorado cearense a se reunir nesse Grêmio para discutir assuntos pedagógicos, pensar formas de conseguir melhorar o reconhecimento social da classe, em âmbitos legislativo e financeiro. Publicaram-se, também, nas páginas da *Gazeta de Notícias*, cartas de leitores/professores em apoio à fundação da ACEP. Essas são aqui entendidas como rastros para a compreensão dos aspectos de repercussão do espaço colunar de Coelho Sampaio na sociedade cearense.

A Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, então, conseguiu, através de apoio de educadores cearenses, sair do campo das ideias, ou seja, da iniciativa de Coelho Sampaio na coluna *Ensino e Educação* e foi fundada, mantendo reuniões.

¹⁰⁵ Professor Antônio Coelho Sampaio. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 04 mar. 1949.

Na <Associação Cearense de - Estudos pedagogicos - Sessão ordinaria, hoje. Realizar-se-a hoje, as 10 horas, no instituto Rui Barbosa, uma sessão ordinaria da "Associação Cearense de Estudos Pedagógicos", notavel entidade cultural que congrega o professorado do Ceará. Para esta reunião, que se auspicia será muito importante, pela natureza dos assuntos a serem discutidos, o Prof. Coelho Sampaio seu presidente, convida por intermedio desta folha, todos os professores interessados.¹⁰⁶

Em função dos cumprimentos das atividades da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, a partir de 1948, Coelho Sampaio iniciou, também através da coluna *Ensino e Educação*, o propósito de desenvolver uma série de entrevistas relativas ao problema do ensino. Cada entrevista realizada foi publicada em números de sua coluna na *Gazeta de Notícias*. A proposta era de "lançar bases mais solidas para o trabalho de associação e união de classe"¹⁰⁷.

A primeira dessa série de entrevistas se deu pelo artifício da correspondência, o que permite rastrear que esse recurso das missivas aparece novamente como uma forma do autor se articular com o campo. Através de cartas, como explicita Coelho Sampaio, estabelece-se uma articulação com a Prof^a. Consuelo Pinheiro, secretária geral da Associação Brasileira de Educação (ABE), uma das instituições mais expressivas da área, em âmbito nacional. Nessa carta, como é possível intuir, o autor informa à ABE acerca da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos. Com palavras de estímulo, Consuelo Pinheiro afirma que tal instituição poderia filiar-se à ABE, quando fosse formada a equipe de diretoria e conselho superior.

Nos anos 1940, a maioria das notas saídas sobre Coelho Sampaio na *Gazeta de Notícias* foram laudatórias. Nesse jornal, em ocasião do seu aniversário, em 02 de março, era costume ser publicado um texto elogioso acompanhado de foto do professor em trajes de colação de grau, como era comum suceder com outras personalidades, especialmente os colaboradores do jornal e os concludentes de cursos acadêmicos.

Observem-se três imagens de Coelho Sampaio extraídas das páginas da *Gazeta de Notícias*, na página seguinte desta dissertação.

¹⁰⁶ Na <Associação Cearense de - Estudos pedagogicos - Sessão ordinaria, hoje. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 31 out. 1948.

¹⁰⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação: entrevistas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3 e 4, 17 set. 1948.

Figura 3 –Fotografia de Coelho Sampaio em trajes de Colação de Grau.



Fonte: Gazeta de Notícias(02 mar. 1948).

Figura 4 - Prof. Coelho Sampaio discursando, ao microfone, no IV Congresso Estadual dos Estudantes do Ceará, em 1946.



Fonte: Gazeta de Notícias(05 abr. 1946).

Figura 5 – Fotografia das festividades em ocasião do Dia do Professor, em 15/10/1948. Em pé e discursando, vê-se Coelho Sampaio.



Fonte: Gazeta de Notícias(24 out. 1948).

Também com relação ao recurso imagético é possível notar conotações de valoração positivas ao professor Coelho Sampaio, como em um esforço de representá-lo como figura destacada e de liderança. **A figura 3** é a imagem mais utilizada de Coelho Sampaio na *Gazeta de Notícias*, sobretudo nos artigos destinados a homenageá-lo por ocasião do seu aniversário, ano a ano, sobressalta-se o esforço de ressaltar a sua inserção e conclusão em um curso universitário. **A figura 4** já foi analisada no presente tópico. **A figura 5** foi uma foto tirada na ocasião festiva, em função das comemorações do Dia do Professor, em 15 de outubro de 1948. A matéria, entretanto, foi publicada no dia 24 do mesmo mês e ocupa uma página inteira do periódico. Na imagem, o professor Coelho Sampaio é o único indivíduo que está em pé, em um momento de pronunciamento. Na legenda da foto, o jornal publicou: “Sessão solene comemorativa do <Dia do Professor>, vendo-se o conhecido professor, dr. A. Coelho Sampaio, de pé, quando pronunciava o seu expressivo discurso.”

Entretanto, como visto a partir da sua participação na União Estadual dos Estudantes como presidente, no período dos anos 1940, nem sempre as representações tecidas sobre a figura do professor Sampaio foram positivas.

No fim do ano de 1945, Coelho Sampaio iniciou uma campanha em prol de crianças carentes, chamando atenção para as más condições que as mesmas estariam, no que concerne ao problema do analfabetismo, má alimentação, assistência sanitária precária. Em contrapartida, elogiava algumas iniciativas preocupadas com o combate a essa situação de precariedade:

Não poderia deixar, entretanto, de fazer menção, aqui, como merecedor de elogio, o valioso trabalho educativo que vem realizando a Coordenação dos Negocios Inter-Americanos, com suas exibições de filmes instrutivos e educativos sobre a vida, costumes, civilização do povo americano e molestias do mesmo continente, com os seus meios de defesa mais aplicados e conhecidos. (...) No terreno do nutricionismo temos a "Escola Agnes Leith" - um centro do mais alto valor no combate á sub-alimentação, ensinando como aproveitar, ao maximo, os alimentos e a ciencia de escolhe-los de modo a vitaminizar o organismo, defendendo-o, ao mesmo tempo, das infecções. (...) Atualmente, realiza-se, nesta Capital, um intenso movimento de assistencia á criança. São várias as entidades que o organizam. Entre elas, destacam-se a Liga Brasileira de Assistencia, a Liga de Defesa Nacional, a Sociedade de Defesa da Criança da Aldeota, o IPEC e o Departamento Estadual de Assistencia á Criança.¹⁰⁸

¹⁰⁸ SAMPAIO, C. Ensino e educação: assistencia á criança. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 2, 18 dez. 1945.

O trecho acima citado, opta por iniciar elogiando instituições e iniciativas a nível citadino, a maioria delas, iniciativas ligadas à prefeitura ou ao governo. Em seguida, em contraste com essas ações, o autor chama a atenção para o bairro no qual escolheu para fundar sua escola, o Instituto São Raimundo, bairro em que também residia à época:

Entretanto, em alguns bairros da Capital, ainda não se organizaram sociedades com essa altruística finalidade. Entre estes apresenta-se o populoso bairro de Porangabussu'. Embora esteja, auxiliado por alguns moradores de evidencia do local, empenhado em fundar ali, a Associação de Assistência à Criança Pobre de Porangabussu", até o presente momento não foi possível realizar essa minha iniciativa. De modo que as crianças pobres daquele bairro, estão quasi certamente, sem o "presente de Natal" no corrente ano, como em todos os anteriores... Penalizado pela triste situação daquelas criancinhas pobres do meu bairro, e na impossibilidade de promover o seu Natal, apelo, por intermedio desta secção dedicada aos problemas do ensino e educação, aquelas associações para enviarem donativos, que poderãõ ser distribuidos para as crianças pobres de Parangabussu', por uma Comissão de professor do collegio que dirijo (Instituto São Raimundo) e elementos dessas mesmas associações. Sugerindo, ao mesmo tempo, que, em vez de brinquedos fossem distribuidos livros e roupas. Quantas criancinhas pobres, deixam de frequentar a escola - mesmo a gratuita - por falta de livros e roupas!¹⁰⁹

No excerto acima, o bairro Porangabussú é representado como um espaço em desamparo pelo âmbito político e marcado por pouca iniciativa dos moradores em colaborar com uma campanha que o autor situa como sendo de iniciativa sua. Nesta ocasião, Coelho Sampaio, mais uma vez, utilizou a coluna *Ensino e Educação* como um lugar de fala destacado, para viabilizar uma empreitada. Entretanto, dias depois da publicação dessa coluna, é publicada na última página da *Gazeta de Notícias*, uma réplica ao escrito de Sampaio, portadora de tom ácido:

Em artigo intitulado <Ensino e Educação> publicado na GAZETA DE NOTICIAS de 18 do mez findante, um professor, residente em Porangabussú, entre outras cousas afirmou que neste bairro não existe ainda nenhuma sociedade dedicada á Assistencia a Creança Pobre. Não é verdade. Ha tempos já existe em Porangabussú uma escola organizada pela Liga da Defesa Nacional em Cooperação com o Comité Popular Democrático. Essa Escola, além de alfabetizar inúmeras creanças proletarias, pois a sua matricula atingiu a 164 alunos, distribuiu merenda escolar, fornecida por um representante da Companhia Nestlé e tem, por todos os meios a seu alcance, procurando auxiliar essas creanças, apesar da falta de cooperação, justamente por parte das pessoas de evidencia que ele diz que o estão auxiliando. O autor do artigo a que nos referimos assistiu a instalação do Comité Popular, e até discursou elogiando o Ditador Vargas. Fez depois um festival em beneficio da Creança Pobre e, além de pedir ao Comité os bancos da sua escola, prometeu lhe 20% da renda, o que, aliás, não cumpriu. Além disso devolveu ao Comité os bancos quebrados de tal forma que apesar do <concerto> que mandou fazer, ficaram imprestáveis. Como é, pois, que esse professor afirma que em Porangabussú não se organisou ainda uma Sociedade com essa Altruistica finalidade? Além de manter a

¹⁰⁹ Idem.

escola gratuita o Comité tem realizado diversos festivais, recebeu auxilio da Liga da Defesa Nacional, e tem procurado obter donativos que tem empregado na compra de bancos, de livros e outros materiais escolares, e bem assim em alugueis da casa onde funcionam as aulas, atualmente suspensas devido as ferias escolares. Se o professor interessa-se realmente pela Creança Pobre, porque não coopera com o movimento já existente neste Bairro, em vez de procurar fundar entidades rivais? Fortaleza, 22 de Dezembro de 1945. A DIRETORIA DO Comité Popular Democratico de Porangabussu.¹¹⁰

A carta acima citada é uma das réplicas de pessoas que escreveram para o jornal *Gazeta de Notícias*, se dirigindo especificamente ao Professor Coelho Sampaio. No entanto, trata-se da voz – que se pronuncia em nome de uma associação – mais ferrenhamente dissonante construtora de representações acerca da atuação social de Coelho Sampaio.

A carta foi escrita quatro dias após a publicação do número da coluna *Ensino e Educação* à qual rebate, e foi publicada três dias após a sua escritura, ou seja, uma semana após a publicação do artigo de Coelho Sampaio. Cabe explicitar que a *Gazeta de Notícias* mantinha o *slogan* de ser um matutino independente. Por certo prisma, isso pode ser lido pela sua não inclusão na rede nacional dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, em contraste com muitos jornais cearenses contemporâneos que aderiram. Sob outro ângulo, o termo independente pode ser compreendido por uma das maneiras que o jornal se autorepresentava aos seus leitores: um periódico a favor do acolhimento de várias opiniões sobre um mesmo assunto ou campanha de vários partidos, por exemplo. Veja-se a prolongada nota que a *Gazeta de Notícias* lançou em suas páginas direcionada ao jornal católico *O Nordeste*, seu concorrente, em 1945:

O <O Nordeste>, na sua intolerancia de órgão faccioso, não pode admitir, e não concebe tão pouco, haja jornal que, não resando pela cartilha dele e se sobrepondo a interesses de ordem partidária, guarde absoluta imparcialidade e independencia na presente campanha democrática brasileira. Apressamo-nos em confessar não estar em nossas mãos fazer reproduzir-se, em certas cabeças, o milagre de Vieira... Enxerga o jornal do sr. Andrade Furtado, já que vai conduzido pelo plano inclinado de conhecidas manifestações políticas, na atitude da GAZETA de acolher, com a dos demais, a propaganda do Partido Comunista, uma preferência ou simpatia, em quebra da linha que a todo custo temos sabido manter. Uma ou outra entidade política, desde que reconhecida a idoneidade, merece em nossas colunas a mesma consideração e o mesmo acolhimento. De sorte que não iremos crear, como até agora não creámos, odeiosa exceção para um partido que afinal de contas está inscrito, depois de preencher rigorosas exigências legais, no Supremo Tribunal Eleitoral. Entre o criterio seguro, honesto e de quem desfruta o acatamento do povo brasileiro – no caso os ilustrados ministros dessa Calenda Côte, e o do jornal orientado por um auxiliar do governo do sr. Menezes Pimentel, não vacilamos em preferir o dos dignos magistrados, e isso, entre outras coisas, por respeito a nós próprios e aos nossos leitores. Para ilustrarmos, com exemplos anteriores, a

¹¹⁰ Assistência a creança Pobre. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 8, 25 dez. 1945.

honestidade de nossas campanhas, asseguramos nada devermos ao governo Menezes Pimentel, para cuja ascensão muito nos empenhamos desinteressadamente. Se outros o fizeram também, não nos cabe estimar-lhes os préstimos. Seria ocioso adiantarmos que metal sonante mau ganho não nos interessa e jamais nos sujou as mãos. O dinheiro que nos mantém, devemos-lo á compreensão de nosso povo, que nos honra com a sua preferencia. Nenhum dos redatores da GAZETA - saibam os de <O Nordeste>, jamais lidou, pondo de lado as naturais reservas de catolicidade, com verbas secretas de jogo, tenazmente combatido pela Igreja.¹¹¹

A partir dessa nota, que faz valer a noção de arena jornalística, é possível inferir que a autodenominação da *Gazeta de Notícias* como um jornal independente poderia abrigar sentidos mais nuançados naquele momento. Apontar *O Nordeste* como um órgão faccioso e fazer disso um elemento de crítica, qual seja considerá-lo intolerante por defender uma doutrina, pode significar que a *independência* da qual eles projetam seja referente à sua não intenção de defender doutrinas e partidos – ou não ser sustentado por tais segmentos –, primando, entretanto, por imparcialidade, acreditando ser esse um pilar para o exercício da democracia.

Assim, mesmo tendo ciência de que esses discursos compõem a forma com que o periódico arquiteta a sua imagem, objetivando, como qualquer outro jornal, atrair o público leitor e aumentar sua vendagem, tem-se por hipótese que a publicação de uma réplica contendo críticas ferozes direcionadas a um colaborador seu não seria possível se fosse um jornal que tivesse uma linha editorial mais hermética. Pois, por mais que a maioria dos jornais daquele período afirmasse que os escritos de autoria explicitada eram de responsabilidade do autor, aquilo tinha que estar minimamente afinado e de acordo com o jornal que era publicado.

Por outro lado, há de se notar que a proporção de 87 colunas para apenas 1 réplica contrária ao colunista – embora existam cartas-resposta de vieses positivos – é bastante desigual.

As críticas partidas da diretoria do Comitê Popular Democrático do bairro Porangabussú giraram em torno de querelas entre sujeitos desse bairro, em função de iniciativas em conflito. O que parece causar a indignação ao(s) remetente(s) da réplica, pois não se sabe se a diretoria do referido Comitê era formada por uma ou mais pessoas, são as disputas pela autoria da iniciativa de ações caritativas para o bairro no qual residiam. O que se

¹¹¹Nós e <<O Nordeste>>. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 15 nov. 1945.

choça aqui, é principalmente motivado em função da luta por pretensos pioneirismos, em suas respectivas empreitadas.

Essa réplica é relevante, pois permite nuançar as relações sociais estabelecidas por Coelho Sampaio, ao possibilitar a análise da heterogeneidade de um discurso que teve poder de fala emanado de somente um autor, em um espaço colunar. A partir desse conflito estabelecido pela réplica, ressalta-se que ideias dotadas de circularidade em meio social podem suscitar adesões, mas, e principalmente, tensões, resistências, embates.

A acidez da réplica direcionada a Coelho Sampaio não foi um fator que suspendeu sua atuação comunitária em seu bairro. Em 1948, anos mais tarde, foi homenageado pela Ceará Rádio Clube, no programa *Honra ao Mérito*, no qual recebeu uma Medalha de Ouro ao lado de intelectuais como Eleazar de Carvalho e João Calmon¹¹².

Em 1945, Coelho Sampaio optou por não rebater claramente a crítica, de modo a não citar nomes e nem a associação da qual partiu a réplica. Em artigo intitulado *Cooperação*, o autor afirma:

Com o após guerra, pensava-se, o homem adquirirá um forte sentimento de solidariedade humana. Olhará para o seu semelhante com mais realidade e procurará compreender os problemas reais da vida dos seus irmãos, com suas necessidades de pão, abrigo e conforto. (...) Mas o que acontece é justamente o contrário. O homem vem colocando acima dos interesses nacionais suas ideologias e em nome delas destroi a noção de cooperação que – embora embrionária – ainda podia existir. E' como diz, em crueis, mas reais pinceladas, Anísio Teixeira: "O homem paleolítico odiava e tinha medo do vizinho e por isto competia com ele e o enganava, e o roubava e o matava. Hoje odiamos, temos medo, competimos, enganamos, roubamos e matamos muito mais vastamente e muito mais tecnicamente. De modo que o progresso consistiu em fazer do triste selvagem paleolítico um tremendo e formidável selvagem moderno. Somos hoje selvagens servidos por aviões, "radar", tanks, o diabo, mas selvagens" Porque o cooperativismo não tem fronteiras, desconhece as nacionalidades, nega as diferenças estabelecidas pelo convencionalismo social, organiza os homens dentro de um sistema onde todos podem administrar, desde que tenham merecimento, incentiva o trabalho uno, de todos em proveito de todos, obriga o individuo a reconhecer o poder da maioria, expressa pela assembleia; conduz o homem á dedicação no trabalho coletivo, sem o personalismo egoísta da vida especulativa. E' assim o cooperativismo, universal, humano e educativo. A ideia de cooperação não está contida apenas, na forma associativa, como a conhecemos. Ela deve estar em toda parte. Nas causas nacionais; na vida do bairro; nas relações com o vizinho; na escola; no bonde; e em qualquer situação que esteja a exigir a nossa ajuda. (...)¹¹³

O destaque ao assunto do cooperativismo não estava exclusivamente no discurso de Coelho Sampaio. Esse foi um tema que apareceu com recorrência nos jornais da década de

¹¹² SAMPAIO, Antonio Coelho. **Missão Cumprida**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1981.

¹¹³ SAMPAIO, C. Ensino e educação: cooperação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 01 jan. 1946.

1940. Tratava-se, em linhas gerais, de um assunto econômico que estimulava a criação de associações nas mais diversas áreas da sociedade, em que as pessoas pudessem fazer existir cooperativas. E, a par disso, existia toda uma filosofia de ajuda ao próximo, que deveria irradiar-se pelo Brasil e pelo mundo, na visão de seus adeptos. Esse era um assunto em voga na época, suscitando, inclusive congressos sobre o tema no Ceará.

Assim, Coelho Sampaio movimenta argumentos baseados no cooperativismo, para criticar conflitos sociais entre os sujeitos. Para fomentar isso, explicita o ápice do que considerara consequências desses conflitos: a guerra em proporções mundiais. Saindo da proporção global, o autor escreve sobre o que considera os perigos das más relações entre candidatos à sucessão presidencial, que para ele resultaria em um entrave do progresso nacional, pois os candidatos que não venceram, após a derrota, não voltar-se-iam para trabalhar pela causa Pátria, que deveria ser uma causa comum e soberana, de acordo com a opinião de Coelho Sampaio.

No entanto, não parece ser por acaso que ao fim do excerto há pouco citado, o autor explicita que a cooperação deva estar, entre outros lugares, no convívio com os vizinhos, em específico e no bairro, em geral. Mais ao fim do artigo, pode-se perceber que essa menção não é mesmo aleatória. Trata-se da sua maneira de rebater a réplica do Comité Democrático de Porangabussú:

Em ponto pequeno, sucede o mesmo nos bairros: se alguém tem a iniciativa de organizar uma associação com fim cooperativista, beneficente ou de assistência somente os do mesmo credo ou de idêntica crença, o aplaudem e dão integral e completo apoio.. Os outros parece que se sentem prejudicados. E em troca do esperado auxílio, vem a oposição e o combate apesar da finalidade altruística da sociedade abranger todos os moradores, sem distinção. Como e quando se poderá forjar uma mentalidade de cooperação e entendimento entre os homens? Até quando perdurará o egoísmo humano que considera rival mesmo aquele que trabalha para um mesmo fim? 27-12-45.¹¹⁴

A data que consta ao fim dessa coluna, explicitada aos leitores do jornal, indica que o escrito destinar-se-ia mesmo a rebater a referida réplica, visto que foi escrita um dia depois da publicação da carta crítica direcionada a Coelho Sampaio. Entretanto, deve-se notar que a veiculação desse escrito na coluna *Ensino e Educação* foi feita quatro dias após a data que consta ao fim da carta pública.

¹¹⁴ Idem.

De forma a não citar nomes, o autor sugere que as brigas entre associações e iniciativas no espaço dos bairros se dariam por falta do sentimento de cooperação e a presença do que ele considerou como egoísmo humano. As duas perguntas que constam nas últimas linhas do excerto citado compõem, cada uma delas um parágrafo, o que faz conceder ênfase para as ponderações sobre o futuro.

Em 1950, Coelho Sampaio já se auto intitula e é reconhecido pelos pares como jornalista, diferente do período em que vigorou a coluna *Ensino e Educação*, quando era mencionado apenas como colaborador. No ano de 1950, o autor escreveu uma matéria para o jornal *Diário do Povo*, na condição de articulista, claramente a favor da classe dos guardas de trânsito. Esses, enviaram uma réplica para Coelho Sampaio, através de carta, nesse mesmo periódico:

O dr. Antônio Coêlho Sampaio, redator desta folha e figura muito conhecida em meios sociais de Fortaleza, recebeu dos Guardas do Trânsito expressiva moção de apreço e solidariedade, numa carta em que expressam sua satisfação pela defesa que aquele jornalista fez dessa classe, através do "Diário do Ceará"¹¹⁵. É do seguinte teor a carta recebida: "Fortaleza, 26 de janeiro de 1950. Ilmo. Sr. Prof. Coelho Sampaio - "Diário do Ceará" - Nesta. Prezado senhor: "tendo lido, com muita satisfação, o artigo que V. S. publicou nesse vibrante matutino, sob o título "Justiça aos Guardas de Trânsito", tivemos o ensejo de constatar que, de fato, V. S., na qualidade de jornalista, tem sido um verdadeiro defensor dos direitos do povo, principalmente das classes humildes. "E é com a maior satisfação, ainda, que podemos afirmar, hoje, que tendo sido, embora, V.S. o único a defender nossos direitos pela imprensa. (...) Externando o nosso profundo e reconhecido agradecimento, enviamos nesta oportunidade o nosso abraço e a nossa solidariedade e aqui ficamos ao seu inteiro dispôr."¹¹⁶

O título conferido à matéria, qual seja, *Dos Guardas do Trânsito ao Professor Coelho Sampaio*, indica o intento de associar a figura pública de Coelho Sampaio à profissão de professor. É importante ressaltar que o mesmo, no ano de 1950, já se formara economista e já era também reconhecido como jornalista. Ou seja, embora não tenha mantido a edição da coluna *Ensino e Educação*, e tenha se dedicado à coluna diária chamada *Coluna Operária*, na *Gazeta de Notícias*, sua construção pública foi pautada pela sua primeira profissão, como professor.

Este tópico esteve atento aos momentos das publicações da coluna *Ensino e Educação* em que era possível rastrear algumas das articulações sociais de Coelho Sampaio no período em análise, buscando destacar que o autor tinha por característica discursiva utilizar-se de elementos biográficos como exemplo. A forma com que tal preocupação é

¹¹⁵ As várias aspas que constam nesse trecho foram utilizadas originalmente pelo autor.

¹¹⁶ Dos guardas do trânsito ao professor Coelho Sampaio. **Diário do Ceará**, Fortaleza, p. 6, 02 fev. 1950.

executada redundante na construção de pioneirismos; construção da ideia de autoria, ou seja, buscando caracterizar sua atuação escrita como algo renomado e legitimado; bem como utilizando-se das suas diferentes atuações profissionais (professor, economista e jornalista) em momentos-chave, isto é, esses ofícios tinham serventia de legitimidade diferentes em múltiplos momentos.

2.3 “Ponto capital de educação”: ambições higienizadoras de leituras e dos meios de comunicação.

Conforme abordado no primeiro tópico deste capítulo, há um par de conceitos recorrentes nas fontes analisadas e que podem aparecer principalmente de duas formas, embora obedeçam a uma mesma lógica de oposição: *Educação/Instrução* e *Educação/Ensino*.

Ensino e *Instrução* correspondem mais ao campo da escola, da instrumentalização dos conteúdos. Embora *ensino* apareça em maior frequência do que *instrução*, termo mais usado no início do século XX e períodos anteriores. E o conceito de *Educação*, por intermédio da análise das fontes, se mostra como conceito-chave. Embora os dois devam ser analisados sempre em relação, o conceito de *Educação* mostra-se como gerador de outras constelações de conceitos, formando uma teia, um universo relacional, mais atrelado a conceitos como moral, civismo, ordem, dentre outros.

Assim, os enlaces e desenlaces entre Educação Social e Instrução Escolar processaram-se, no período abordado, priorizando, no mais das vezes, uma educação em sentido amplo, que deveria acontecer socialmente segundo o pensamento de Coelho Sampaio e para além dele. Porém, deve-se ressaltar que isso não significa afirmar que o âmbito escolar não despertasse preocupações e fosse alvo de construção de discursos para os sujeitos dos anos 1940. Assim, ressalta-se que eram bastante presentes naquele momento movimentos inquietados com meios e mensagens que circulavam na sociedade, entendendo que isso seria uma tarefa de educação social.

Partindo dessa premissa, este tópico busca delinear os contornos dessa pretensa educação social, buscando compreender de que forma tentou-se empreendê-la a partir dos meios de comunicação e da leitura, situada nesse contexto cujo objetivo centrava-se na moralização dos costumes dos sujeitos.

No início da coluna *Ensino e Educação*, em outubro de 1944, em seu oitavo número, Coelho Sampaio disserta acerca do ser infantil e delinea a finalidade educacional com a qual estava afinado:

É quando surge a necessidade da educação moral e cívica nas escolas. Como meios eficazes de instrução moral temos a leitura de obras escolhidas e o cinema educativo. Naturalmente, como a finalidade é moralizar os costumes e reprimir as más tendências, é difícil de se encontrar, nos nossos dias, filmes que tenham tais finalidades. Entretanto, a moralização dos costumes não devia estar apenas nas escolas. Mas, sim, em toda parte onde se pudesse influir na mentalidade humana, direta ou indiretamente. Tais influências seriam facilmente exercidas e tais ensinamentos seriam plenamente difundidos se os mais poderosos veículos de

educação fossem utilizados para tal fim. E êles destacamos o cinema, o radio e o jornal.¹¹⁷

Nesse trecho imbricam-se no discurso de Coelho Sampaio raciocínios sobre o espaço escolar, ao avaliar o quê deveria ser estudado formalmente nos currículos e discursos sobre o que seria uma educação social, que se mostra nitidamente afinada com um propósito de moralização dos costumes. Embora estejam presentes essas duas instâncias – escolar e social – Sampaio é categórico ao afirmar que os intentos moralizadores não deveriam habitar apenas nas escolas, ao passo em que naturaliza o objetivo o norteia: "moralizar os costumes e reprimir as más tendências".

Isto é, embora nesse excerto exista uma preocupação curricular – a inserção da disciplina de Educação Moral e Cívica nos currículos – a palavra restritiva *apenas* ligada ao termo escola, contrasta com a frase sucessora em que se afirma que essa intitulada moralização dos costumes deveria irradiar-se na totalidade da mente dos sujeitos. Dessa maneira, é possível compreender o interesse pela discussão que envolvesse os meios de comunicação e os livros, na condição de veículos de massa.

Estavam na crista da onda tanto ponderações sobre o poder de fazer repercutir em sociedade determinados conteúdos, ou seja, a capacidade dos veículos de comunicação em serializar informações, bem como reflexões sobre esses próprios conteúdos, que poderiam ser vistos como bons ou maus. Alguns questionamentos perpassam essas premissas: tendo em vista que se discutiam finalidades consideradas ideais para o papel dos meios de comunicação e os livros, de que forma se avaliavam esses veículos naquele momento? Como se julgavam os conteúdos neles contidos?

Ainda no oitavo número da coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio, após manifestar anseios por determinados conteúdos que, à sua visão, deveriam propagar a moralização dos costumes e a repressão de tendências consideradas más nos indivíduos, segue realizando um apontamento do que seria o oposto desses ideais:

E' profundamente lamentavel, no entanto, que assim não seja, pois nem o radio, nem o cinema, assim como o jornal não propagam a virtude, a moral ou o amor ao próximo. O que vemos propagados neles são as vantagens do uso do alcool; a giria e o calão da nossa já deturpada lingua; o odio e a vingança, a crueldade e o crime a corrupção e a mal-querença, nos personagens dos seus teatros; cousas que,

¹¹⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação: VIII criança - homem do futuro (conclusão). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 20 out. 1944.

desvendadas á luz da embrionária compreensão da criança vão influir na sua mentalidade de modo completo. 17/10/44¹¹⁸

Observa-se, assim, que as noções de moralidade, apresentadas com ações valorativas de caráter positivo, apresentam-se menos explicitadas, quando comparadas com que estava sendo considerado como perigoso e prejudicial. Entretanto, há algo essencial a ser notado: em intensidades maiores ou menores, ao dizer-se aquilo que se repudia, fala-se, intrinsecamente, também sobre o que se louva. No trecho acima, Coelho Sampaio aponta o rádio, o cinema e o jornal como veículos em situação lamentável, por não estarem cumprindo a missão por ele idealizada. Ao afirmar que eles não seriam propugnadores de virtude, moral e amor ao próximo, o autor cita uma série de exemplos do que seria oposto a esses ideais.

É possível localizar essa visão depreciativa dos veículos de comunicação, na condição de um setor do que era experienciado socialmente naquele período, como inscrito em uma percepção pessimista e nostálgica maior, maneira recorrente de se lidar com a temporalidade no período, de acordo com o que foi analisado no primeiro tópico deste capítulo.

Sendo o excerto ora citado localizado no início da coluna *Ensino e Educação*, em outubro de 1944, citar-se-á, agora, um trecho situado mais ao seu fim, em novembro de 1948. Sob o sub-título de *O Rádio, a Imprensa e o Cinema*, já se torna perceptível a permanência do assunto dos meios de comunicação, em geral e esses três veículos citados, em específico. Nesse artigo já aparece, inclusive, a televisão. Mas, supõe-se que por esse artefato ainda não ter sido nem mesmo trazido ao Brasil¹¹⁹ no momento da escrita da coluna, esse não figura o centro das reflexões do autor:

O progresso da civilização trouxe com as invenções, o conforto, a rapidez, o encurtamento das distancias, a facilidade das comunicações e inumeros veiculos de propagação do pensamento através da eletricidade, aviação, telefonia, telegrafia, cinema, radiotelegrafia, radiotelefonia, e, finalmente a televisão. (...) No terreno educacional várias foram as descobertas que concorreram para dar impulso á Cultura. Mas, embora os que se dedicaram á Ciência, desvendando os seus mistérios, não tivessem a intenção de causar qualquer dano á Humanidade, involuntariamente favoreceram as forças do Mal. Em consequencia, os mais belos e uteis inventos perderam, em parte, sua elevada finalidade. (...) Mas, não é oportunidade para se mostrar a deturpação dos objetivos das principais invenções, o que seria interminável. Quero apenas referir-me ao rádio, ao cinema e á imprensa. Com a certeza de que a voz humana e a musica podiam ser transmitidas através de ondas "hertzianas", anteviu-se, desde logo, no rádio o mais importante veiculo de disseminação cultural. E as esperanças dos educadores, dos pais e dos governos interessados no desenvolvimento educacional dos povos incultos, voltaram-se para o

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ O primeiro canal de televisão no Brasil foi inaugurado por Assis Chateaubriand (o mesmo dos Diários Associados) mais ao fim do ano de 1950.

novo engenho com o mesmo entusiasmo que haviam olhado para o cinema falado e a imprensa. Passam-se os tempos. Hoje, chegamos ao apogeu, em matéria de imprensa, rádio e cinema. Entretanto, poucas vezes na história da educação, encontramos-os como auxiliares da instrução. Ao contrário, assistimos vendo as crianças ao nosso lado, os filmes mais improprios; lemos os jornais do dia onde se estampam cenas de crimes e se publicam em série, com destaque, a vida dos mais célebres criminosos; e vemos os pais e mães que convidam os filhos menores para ouvirem ao pé do rádio, as novelas modernas, entremeadas ora de cenas arripantes da prática fria e regulada de crimes premeditados, ora de diálogos amorosos, onde as palavras sensuais são ajudadas pela realidade íntima dos atos, trazidos com a intenção de provocar o interesse pelo seguimento da peça. Ao invés de levarem ou consentirem os filhos a assistir filmes, e novelas de tal natureza os pais deviam escolher o cinema e a leitura para eles ou ensinar-lhes como aproveitar o tempo nos estudos.¹²⁰

A opção por iniciar seu artigo destacando as potencialidades positivas das invenções humanas em questão, classificando-as como portadoras do progresso, indica nos discursos de Coelho Sampaio diferenças entre meio e mensagem, que não devem ser confundidas. Segundo a sua visão, os meios de comunicação estariam sendo utilizados para fins divergentes do que os seus inventores projetaram. Dessa forma, as reflexões pessimistas do autor acerca desse assunto, atinem aos conteúdos neles veiculados.

Logo ao lado dessa coluna de Coelho Sampaio há uma crônica de Rogaciano Leite¹²¹, intitulada *Mais um dia amanhece*. Nesse texto, fica subentendida a fala de uma pessoa de mais idade, falando para sua filha ou neta: “Você sabe, minha filha? Aquele Ceará bonito que Alencar pintou no seu romance está perdendo cem por cento das suas atrações.”¹²² E a crítica não se centra na transformação própria da natureza, mas na ação humana: “Aqueles belezas que o romancista fez desfilar aos nossos olhos parecem agora transformadas numa dor que envolve tudo. Aqueles coisas só existiram no tempo dos índios, quando os civilizados não dispunham da triste consciência de devorar seus semelhantes.”¹²³

Tal sentimento nostálgico sustenta críticas a várias áreas da vida em sociedade no Ceará daquele momento. O autor critica a política, fazendo menção às investidas de deputados que queriam ainda mais aumentar seus salários; critica o pouco apoio dado aos jangadeiros, tido como *poetas esquecidos*, que alimentam a mesa dos *homens grandes*, mas não detém reconhecimento; chama a atenção para as cidades do interior do Estado, que não possuíam acesso a estradas, escolas, hospitais, açudes. Acerca desse último, afirma: “Se não fora o dedo

¹²⁰ SAMPAIO, C. Ensino e educação: o rádio, a imprensa e o cinema. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 nov. 1948.

¹²¹ Além de jornalista, Rogaciano Leite também foi escritor e poeta.

¹²² LEITE, R. Mais um dia amanhece. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 nov. 1948.

¹²³ Idem.

de Deus abrir o céu nestes ultimos anos o Ceará teria uma expressiva cópia do 15”¹²⁴, referindo-se à seca de 1915. Aos poucos, essa crônica aparentemente inofensiva, na qual uma pessoa mais velha apenas iria contar como as coisas eram melhores em seu tempo, torna-se uma crítica mordaz à sociedade do período. Acerca do assunto político, o estado precário da infância e dos pobres, prossegue discorrendo:

Mas eles não sabem que o povo tem também um olho mágico para denunciar todas as tramas que se tecem contra a coletividade. (...) E nem queira saber: os bairros pobres continuam no mesmo criminoso esquecimento. As crianças parecem molambos ambulantes; E’ proibido falar numa cartilha ou numa lata de Nestogeno. (...) E’ assim que está o Ceará: sangrando como se fosse um boi. Na sua e na minha opinião, minha santa, o Estado é um patrimônio do povo, uma vez que se constitui da colaboração coletiva.¹²⁵

Assim, a par das críticas ferozes a vários aspectos do cotidiano cearense naquele período, que aos poucos, no texto, ganha contornos de denúncias e estímulo à força popular, subsiste o pensamento nostálgico que é marca de muitos discursos nos anos 1940.¹²⁶

O livro, também na condição de suporte, ganhou relevância nas ambições desse projeto moralizador sendo entendido como tarefa educativa. A questão da leitura foi tema recorrente nos números da coluna *Ensino e Educação*, sobretudo entre os anos de 1948 a 1950.

No centro da página 3 do jornal *Gazeta de Notícias*, Coelho Sampaio publica em sua coluna, um artigo sem sub-título, algo que não era habitual nessa seção. Nele, o autor inicia estabelecendo co-relações entre as condições materiais precárias do estudante cearense – questão latente na escrita de Sampaio e que também apareceu nas críticas de Rogaciano Leite – e a questão da leitura:

Se já me referi, em artigos anteriores, sobre a situação angustiante do estudante de hoje, pela dificuldade em adquirir os livros de que precisa, para os seus estudos e, principalmente, para acompanhar o programa, didático, sempre dado pela metade nos colégios onde estuda, este aspecto, ainda pode, entretanto; ser estudado, em

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Em estudo sobre a década anterior, Carlos Eduardo Nogueira identifica expressões nostálgicas a partir da problemática dos lugares da cidade de Fortaleza. O que por alguns setores poderia ser considerado símbolo do progresso, as reformas urbanas do período também suscitaram essa carga de nostalgia nos intelectuais. Lugares citadinos, que naquele momento estavam apenas na memória, eram recordados com afeto e melancolia. Cf. NOGUEIRA, C. E. V. **Tempo, Progresso, Memória: Um olhar para o passado na Fortaleza dos anos 1930**. 2006. 189f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

outras faces talvez mais importantes, se olharmos, com seriedade, para o fator modernizador da leitura. Não há quem possa contradizer que é a leitura um fator de influencia social. E que, é pela leitura de gabinete que o estudante aperfeiçoa os seus conhecimentos. As aulas de cátedra, apenas orientam o aulista, formando a sua mentalidade, indicando o caminho mais seguro no terreno da pesquisa e, mesmo, no como se definir ante tantas correntes científicas e opiniões históricas, ou hipóteses ortográficas... E', sem dúvida, um papel importante do professor moderno aconselhar os alunos, já com idéias mais avançadas no terreno científico sobre o método de alargar seus conhecimentos, sem o auxílio do mestre. A orientação segura da arte de interpretação dos textos, pela análise, a escolha acertada das obras que devem ser lidas, a anotação conveniente das passagens ou trechos mais em evidencia, a assimilação do conteúdo da obra lida e, conseqüentemente; o aproveitamento, em todos os sentidos, do trabalho realizado. Mas, temos em compensação, muita coisa a lamentar que, pela sua gravidade, merece ser estudada pelas autoridades que regem o destino do país. Trata-se da influência da má leitura. E' uma medida de caráter urgente que os legisladores devem prever, a fim de salvaguardar a juventude da corrupção em que está mergulhando lentamente pelos exemplos bebidos na leitura perniciosa e amoral de certas revistas, e até mesmo de jornais, que dão á publicidade cenas evidentemente indecorosas que atentam contra os nossos costumes. Que poderemos esperar de crianças influenciadas pelas cenas de banditismo estampadas em revistas como o "Guri" e o "Gibi"¹²⁷, hoje em permanente exposição na Biblioteca Publica?¹²⁸

O artigo supracitado é relevante para compreender de que forma ou a quais proporções o autor da coluna lidava com a questão dos livros e da leitura. Novamente, não se trata de uma crítica ao livro como suporte de ideias ou, nas palavras do autor, como fator de influência social. Trava-se de um diagnóstico social que identificava grande parte das leituras correntes no período como perniciosas e que, por consequência disso, careceria de atenção.

É bastante significativo que o autor compare a questão de se vigiar quais leituras deveriam ser consumidas com o assunto do estudante pobre, que não podia adquirir livros, ou seja, outra questão de destaque nos escritos de Coelho Sampaio e na imprensa, em geral. E, de certa forma, até sobreleva-se o primeiro ponto em relação ao segundo, na medida em que se sugere que a leitura vista como um problema pode ser analisado como mais importante do que a falta de dinheiro para a compra de livros.

O autor conclama as pessoas, em geral, e as autoridades dirigentes do país, em específico, para que se pense como assunto grave, o que seria o "fator modernizador da leitura". Ou seja, é possível considerar esse embate entre conteúdos publicados em livros, sendo vistos como bons ou maus, como uma questão que faz saltar aos olhos conflitos entre tradição e modernidade. Aspecto fomentador de discursos recorrentemente embasados em nostalgia.

¹²⁷ Aspas do autor.

¹²⁸ SAMPAIO, C. Ensino e educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 08 jul. 1948.

Nesse artigo, o autor não delinea claramente o porquê, segundo a sua visão, de os jornais publicarem conteúdos considerados como indecorosos e amorais. Diferente do que realizou no artigo intitulado *O Rádio, a Imprensa e o Cinema*, discutido anteriormente neste tópico, ou seja, com relação aos jornais, a sua preocupação incide, sobretudo, na publicação das cenas de crimes e na exposição das figuras dos criminosos. Para o autor, isso significaria tornar os autores dos crimes como exemplos para os leitores infantis. E isso, considerando-se a criança como ser calcado na força dos exemplos, seria devastador.

Ao fim do artigo, entretanto, o que o autor identifica como a *influência da má leitura*, ganha contornos mais claros do que ele considera como mau e pernicioso, quando se adentra na tópica das revistas de quadrinho. Vejam-se algumas capas das revistas citadas por Coelho Sampaio no ano de publicação da coluna e em ano subsequente. (**Ver figuras 6, 7, 8 e 9**, na página seguinte desta dissertação).

As publicações *Gibi*¹²⁹ e *Guri*¹³⁰ são duas revistas em quadrinho que circularam e se popularizaram nacionalmente nos anos 1940, dentre outras coisas, por ser considerado de baixo custo. Essas duas publicações, em específico, custavam 2 cruzeiros por exemplar. O primeiro magazine citado difundiu-se de tal maneira que seu nome ficou popularmente associado a qualquer que fosse a publicação desse segmento. Na visão de Coelho Sampaio, revistas desse tipo seriam consideradas exemplos de leituras perniciosas. A razão primeira desse diagnóstico é destacada nas linhas da coluna *Ensino e Educação* há pouco citada: as cenas de banditismo. Esse gênero de publicação, especialmente as revistas citadas pelo autor, são marcadas por histórias de aventura e ação, que podem ser percebidas desde as suas capas. Isso se configurava como um atrativo para o público, além de suas páginas possuírem o recurso de serem coloridas, característica pouco comum na época discutida.

É relevante destacar que esse posicionamento contra as publicações do tipo gibis foi também expresso na década de 1930 por Eusébio de Souza, que ele, o "Vovô Ceará", na condição de personagem de um programa radiofônico na Ceará Rádio Clube, se portava às crianças cearenses aos domingos¹³¹.

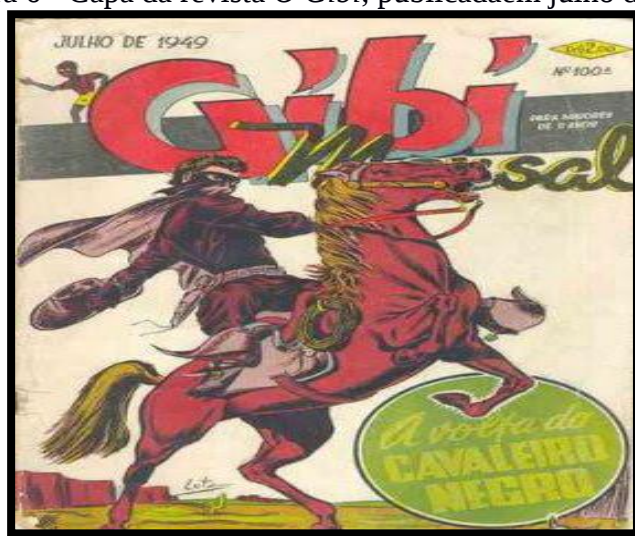
¹²⁹ A revista *Gibi* foi lançada em 1939 por Roberto Marinho (1904-2003) o mesmo fundador do jornal O Globo e da Rede Globo. Cf. CIRNE, Moacy (Org.). **Literatura em quadrinhos no Brasil**: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 127.

¹³⁰ A revista *Guri* teve sua estréia no ano de 1940 e eram traduções de gibis americanos (*comics*). Sua criação é associada à editora "Diário da Noite" (de Assis Chateaubriand).

¹³¹ Cf. HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932. 1942)**. 2004. 249f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

O segundo motivo, é uma conjectura baseada na análise das colunas como um todo. As duas revistas em questão possuíam o direito de traduzir e ter em suas páginas conteúdos norte-americanos¹³². Os ideais patrióticos de Coelho Sampaio ultrapassaram o período do Estado Novo no Brasil – a coluna iniciou-se nos anos finais desse governo – período em que Getúlio Vargas acentuou o incentivo às valorações positivas concernentes à "terra dos antepassados".

Figura 6 - Capa da revista *O Gibi*, publicada em julho de 1949.



Fonte: Gibi (jul. 1949).

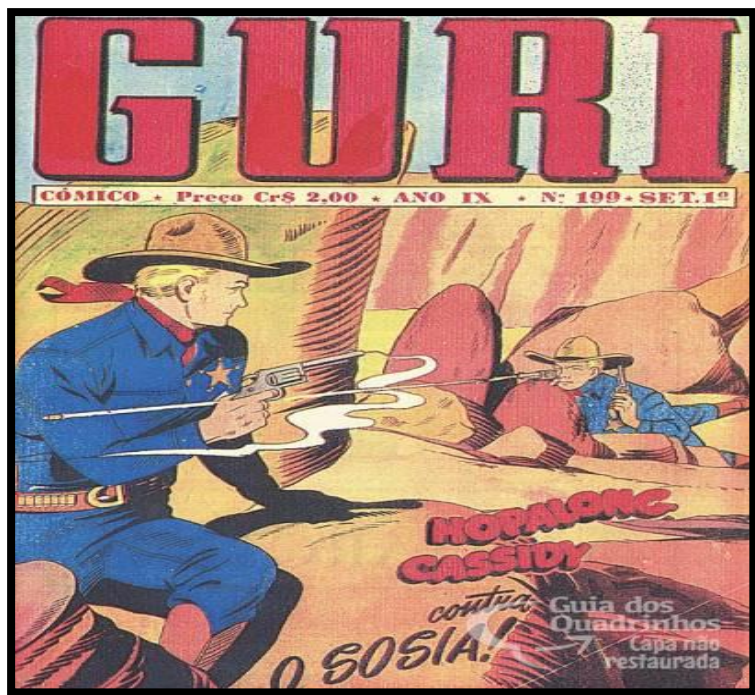
Figura 7 - Capa da revista *O Guri*, publicada em setembro de 1948.



Fonte: Guri (set. 1948).

¹³² Os comics americanos trouxeram uma nova mitologia no imaginário coletivo com Superman, Batman, Mulher-maravilha, Homem-aranha, Hulk, X-men, dentre outros. Cf. CIRNE, Moacyr. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

Figura 8 - Capa da revista *O Guri*, publicada em setembro de 1948.



Fonte:Guri (set. 1948).

Figura 9 - Capa da revista *O Guri*, publicada em dezembro de 1948.



Fonte:Guri (dez. 1948).

Entretanto, vale ressaltar que esse posicionamento execrador das publicações do tipo *gibis* costuma ser situado como dominante a partir dos anos 1950, ou mais acentuadamente a partir de 1954, quando o psiquiatra alemão Fredric Wertham lançou o livro *Sedução do Inocente (Seduction Of The Innocent)* argumentando, dentre outras coisas, que esse tipo de publicação incitaria os jovens à violência e faria crescer as taxas de jovens criminosos.¹³³

A questão da leitura, conforme é possível depreender a partir dos escritos de Coelho Sampaio, era considerada como assunto urgente, pois, segundo a sua argumentação, o que estava em jogo era a sociedade do futuro, o amanhã. As publicações vistas como prejudiciais não eram entendidas como meros conteúdos enclausurados nas letras dos livros. Isto é, a preocupação não era apenas com o que se lê, mas como se lê, ou seja, de que forma o leitor iria assimilar a leitura. Desse modo, a intenção era resgatar as crianças e a juventude de conteúdos vistos como perniciosos, pois esses seriam influenciados automaticamente por esses conteúdos, ao tomá-los como exemplos. É por esse motivo que encerra o artigo ora citado com uma pergunta que associa diretamente o conteúdo consumido por jovens e crianças e os seus comportamentos no futuro, fazendo-se por entender que a resposta seria negativa.

Em 22 de julho de 1948 (embora a carta pública tenha sido escrita em 19-07-1948, como é explicitada ao fim do artigo), quinze dias depois da publicação do número da coluna *Ensino e Educação* sem sub-título, que tratava da questão da leitura, Coelho Sampaio retorna ao tema, com o diferencial de selecionar um título portador de síntese, em tom de advertência: *Cuidado com a leitura*.

Fazendo um parêntesis sobre o assunto anterior, de defesa da classe, quero voltar ao fio da meada de antecedente. É que nunca será demais falar-se sobre a influencia perniciosa da má leitura, da leitura de certas revistas que circulam presentemente, entre as crianças e jovens. Ora, se a "leitura é considerada como o melhor meio de enriquecer a experiência, porque por ela podem-se tirar do livro os conhecimentos nele acumulados" – expressão de um educador – não podemos deixar que continue essa influencia a perdurar no seio da infância, dessa mesma infância em que repousam todas as nossas esperanças do porvir. A leitura é responsável pela formação de muitos hábitos mentais. E esses hábitos podem ser, de acordo com a espécie de leitura, bons ou maus. Desse modo, se fazemos uma verdadeira higiene

¹³³ Cf. CIRNE, Moacy (Org.). **Literatura em quadrinhos no Brasil**: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. No livro *A Explosão Criativa dos Quadrinhos* inicia sua narrativa expondo o período em que as histórias em quadrinho foram consideradas prejudiciais ao desenvolvimento intelectual do seu principal público: as crianças. Sociólogos, psicólogos e outros profissionais afirmavam que a leitura dessas publicações fomentariam a delinquência juvenil. CIRNE, Moacy. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

da leitura, escolhendo, selecionando, o que vamos ler, estamos, com certeza, alicerçando uma boa base de conhecimentos que nos serão úteis para o futuro. Entretanto, se, ao contrário, permitirmos que nos apresentem para ler obras que, a cada passo, estão evidenciando o seu caráter de amoralidade, de perversão dos costumes, de traição aos deveres civis e humanos, de exemplos francos da prática de crimes, que espécie de hábitos estaremos forjando em nós mesmos? Será fácil concluir... (...) ¹³⁴

No trecho citado acima, é possível notar a assiduidade do autor em relação à coluna, visto que o ato de romper a continuidade do assunto do número passado e avisar isso ao leitor indica o horizonte de serialização e continuidade que se exige uma seção fixa em um jornal.

O objeto de destaque é, uma vez mais, a leitura entendida como portadora de potencialidades influenciadoras na mente humana e em especial na mente infantil e juvenil. Novamente, há a explicitação de valorações positivas e negativas para as leituras que circulavam naquele momento. Embasado por uma premissa, referida vagamente como de autoria de um educador, aparece nesse artigo um elemento importante: ambições higienizadoras da leitura.

Essa dita higiene da leitura, nesse coluna, está melhor detalhada. Segue-se ao raciocínio de que a leitura, por influir na mentalidade humana, forjaria hábitos, costumes. Ou seja, assim, o apelo para conseguir adesões ao maniqueísmo dos argumentos que compõem esses raciocínios centra-se no futuro. Com a finalidade de proibir leituras vistas como más e fomentar as vistas como boas têm-se como recurso o artifício de incutir crenças de medo do futuro ou, mais especificamente, das gerações futuras. Assim, a leitura, segundo o pensamento de Coelho Sampaio, não seria guiada pelos interesses do leitor, mas pela criação desses padrões que poderiam ser vistos como perniciosos ou morais.

Como é possível perceber no trecho há pouco citado, de forma indireta, que o autor volta a questionar a leitura de revistas do tipo gibis. Falar em "certas revistas que circulam presentemente" e "exemplos francos da prática de crimes", a partir da coluna que discutiu abertamente o assunto, permitem crer que se trata, novamente, de uma crítica a esse tipo de leitura e que essa pode ser considerada, segundo a sua noção de leitura perniciosa, como um dos conteúdos considerados amorais. A continuação desse número da coluna *Ensino e Educação*, confirma o indício:

¹³⁴ SAMPAIO, C. Ensino e educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 jul. 1948.

E, se depois de alinhavarmos essas considerações, fizermos uma pausa para pensar no perigo que estas mesmas leituras representam para as crianças, o que diremos? É preciso, entretanto, antes de dar a resposta, lembrar que a criança, segundo afirma a psicologia, é um ser profundamente influenciado pelo exemplo. A prova insofismável desta verdade científica está na própria observação que cada um de nós pode fazer no próprio lar. E o seu reconhecimento como tal vem desde o início da era cristão, neste provérbio: preparai uma criança no caminho que ela deve seguir e quando ela for adulto não se afastará dele. Lendo a conhecida revista "SINGS OF THE TIMES", encontrei o seguinte período o perigo a que estão expostas as crianças que lêem o que não devem. O art. é de Mr. Howard Jennings e, falando sobre o problema dos criminosos aos dez anos de idade, e a cruzada organizada na América pelas autoridades, para estudar a origem da delinquência infantil e os meios de combatê-la, transcreve, do "PARENTS MAGAZINE" o seguinte trecho (tradução): "A magnitude destas publicações sensacionais, depende da admiração aos sem lei, ao crime, às torturas e sequestros - varias vezes tendo a criança como uma vítima. Heroicos superhomens, voluptuosas mulheres seminuas, brilhantes canhões, "justiça" encapusada, e propaganda politica barata, são encontrados em quase cada página... Pessimamente deliencadas, pessimamente escritas, pessimamente impressas, o efeito destes pesadelos da baixa propaganda, é destruir o natural senso de animação das crianças e torná-las impacientes de melhores histórias, em vez de serem quietas. Elas constituem uma destruição da cultura dos inocentes." Mais adiante, o autor do artigo transcreve este trecho do "DAILY NEWS": "A desgraça cerca grandemente os pais que não conhecem ou não tomam cuidado com a leitura de seus filhos, e, em consequencia disto, deixam de fornecer-lhes, como um antidoto, os bons livros para crianças que podem ser encontrados em qualquer livraria". É necessário, portanto, que os pais fiscalizem a leitura dos filhos, orientando-os, aconselhando-os e, acima de tudo, evitando que essas publicações penetrem no lar ou na escola. Em 19-07-48.¹³⁵

É possível perceber que toda essa argumentação que busca diagnosticar leituras como boas ou más está intimamente ligada com a noção de infância, que estava embasada sobretudo no entendimento de que o ser infantil era movido pelas engrenagens da imitação. Isso resultaria em raciocínios vigiadores do mundo social, acreditando-se, em função disso estar construindo um bom futuro. Desse modo, as preocupações recorrentes e negativas sobre aquele momento presente pareciam estar regidas pelo medo do futuro.

Para tanto, Coelho Sampaio entrelaça seu embasamento acerca da concepção de infância em três bases. Utiliza, primeiramente, o âmbito científico, a psicologia; ao mesmo tempo em que aproxima o leitor da sua argumentação ao utilizar elementos do âmbito do cotidiano e do religioso. Este último consiste em um indício para compreender todo o enfoque recaído sobre o infante no período estudado, em geral e na coluna de Coelho Sampaio, em específico. Acredita-se que, ao afirmar para o leitor que ele possui ferramentas de observação da criança no seu próprio lar e utilizar um provérbio cristão corrente à época, seja um modo de aproximar o leitor de suas ideias. A par das mediações de textos acadêmicos que constam como característica da escrita colunar de Coelho Sampaio, é possível notar, nesse trecho, que

¹³⁵ Idem.

o mesmo também traduzia publicações em língua estrangeira e fazia esse conteúdo circular no jornal.

Observa-se que, apesar de a historiografia sobre histórias em quadrinho estabelecer o livro *A Sedução do Inocente*¹³⁶, nos anos 1950, como marco para a intensificação de posicionamentos contra esse tipo de produção, nota-se que essas ideias circularam em período anterior a essa obra, no Brasil e fora dele. A partir do texto ora citado é possível captar ideias e publicações que se pretendiam proibir naquele momento, pois, ao se apontar que seria preciso o uso de antídotos contra elas, essas seriam encaradas como doências. Corroborando com o artigo de Howard Jennigs, Coelho Sampaio analisa as publicações do tipo gibi, sobretudo na condição de apologias ao crime e à sexualidade. Conectado a isso, observa-se que existe um padrão sacralizado do conceito de infância, no qual os sujeitos infantes deveriam ser quietos, passivos e disciplinados.

As últimas frases citadas, assim como o título do número da coluna, são em tons de alerta, nas quais o autor se direciona mais claramente aos pais das crianças. Fato que já deve ser notado como elemento significativo do entrelaçamento entre educação social e instrução escolar. Isto é, por se chamar *Ensino e Educação*, poder-se-ia pensar que o autor da coluna se direcionasse sempre ou principalmente aos professores e professoras. No entanto, aqui, como em outras situações, o público-alvo principal desse escrito são os pais dos infantes, na função de fiscalizar e bloquear o acesso dos filhos às publicações apontadas como amorais. Sendo interessante notar que os pais deveriam vigiá-los não apenas no lar, mas também na escola, fiscalizando os conteúdos de leitura indicados ou trabalhados com o professor. Desse modo, a tarefa educacional, em sentido amplo, nesses trechos é entendida como encargo mais dos genitores do que dos professores.

Ainda no mesmo mês de publicação da carta pública citada há pouco, o autor torna a colocar em questão assuntos sobre livros e leituras, sob o sub-título de *A Importancia do Livro*:

Há, entretanto, livros que satisfazem plenamente a sua finalidade e há os que apenas merecem ficar expostos nas vitrines das livrarias. Aconselhando aos estudantes a leitura e o estudo de bons livros, fazemos também uma campanha contra a leitura perniciosa de revistas e livrescos, que pululam nas livrarias por preços ao alcance de todos, mas que só teem contribuido para desajustar as personalidades sadias, pela perversão dos bons costumes, determinando o desvio da mocidade e até mesmo da infância, com a consequente fascinação pela pratica de atos imorais e contrarios á nossa tradição.¹³⁷

¹³⁶ Cf. CIRNE, Moacy (Org.). **Literatura em quadrinhos no Brasil**: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002,

¹³⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação: a importancia do livro. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 out. 1948

No artigo cujo trecho foi citado acima, Coelho Sampaio indica três livros da autoria de José Munhoz aos leitores da coluna *Ensino e Educação*. Respectivamente os livros *Contabilidade Aplicada*, *O Datilografo Correspondente em sua Casa* e *Metodo de Datilografia*. Novamente é possível rastrear aspectos da rede de relações do autor, ao passo em que ele mesmo afirma ter conhecido José Munhoz, recentemente ao período de escritura daquele número da coluna, explicitando o cargo de Munhoz, que era, à época, Diretor do Instituto Nacional de Ensino, de São Paulo e, além disso, informando o endereço da instituição citada. Poucas vezes, na coluna, existem autores tão bem circunstanciados por Coelho Sampaio.

Desse modo, para Sampaio os livros de José Munhoz seriam exemplos de leituras consideradas como boas. E, pelo tema desses livros, é possível notar um contraste com a problemática da dita má leitura. Sendo importante perceber, portanto, que o que ele considera como má leitura, conforme indica mais uma vez o trecho acima, seriam os conteúdos perversores, imorais, acívicos. E analisando isso pela negativa, os livros bons seriam disciplinadores, morais, cívicos. Ou seja, os livros de José Munhoz, por seus assuntos – contabilidade e datilografia – não parecem manter relações com os pilares defendidos por Coelho Sampaio como leituras boas. Os critérios de indicação ao público e o de diagnóstico de obras consideradas como boas mais parecem ser construídos a partir de pilares de outra ordem, mais afeito às relações de sociabilidade do autor.

Entretanto, é significativo que mesmo que esse número da coluna *Ensino e Educação* que teve por objetivo principal indicar dois livros de assuntos que apenas tangenciavam a questão educacional, o autor opta por sublinhar, no último parágrafo do trecho ora citado, palavras contra leituras ditas perniciosas aparecendo, pela primeira vez, na condição de uma campanha. Novamente as revistas e os livrescos citados parecem se remeter às leituras do tipo *gibis*.

Essa campanha mencionada rapidamente por Coelho Sampaio no artigo analisado acima, ganharia colaboradores e parcerias um ano após essa publicação, coincidentemente ou não, na data 7 de setembro de 1949, através do artigo *Cruzada Contra a Imoralidade*, na coluna *Ensino e Educação*. Nele, o autor inicia ressaltando o que considera uma deturpação dos meios de comunicação e do avião, veículos unidos pelos seus intentos de fazer disseminar ideias. Esses teriam se transformado em três características: disseminadores da morte, de ideologias perigosas e de péssimos costumes. Essa primeira, mais relacionada aos aviões,

mantém relações diretas com a Segunda Guerra Mundial, que estava bastante presente no imaginário social naquele momento. No entanto, no que concerne ao que seriam as ideologias perigosas e os péssimos costumes, trata-se de ideias mais nuançadas, que necessitam ser problematizadas.

É importante destacar a forma com que o autor se reporta a esses assuntos no início da coluna, antes de desenvolver os temas propostos: "Conforme tenho aludido em artigos anteriores (...)". Ou seja, isso indica certa intenção de integrar as séries dos assuntos abordados na coluna, na medida em que raramente um assunto que orbita o tema maior Ensino e Educação é abordado em um só número da coluna. Na continuação do artigo, o autor afirma que:

E, com a modernização dos costumes, até os pais já concordam em que os filhos podem assistir certos filmes, ou ler as revistas conhecidas como verdadeiramente improprias para a infancia. Surgiu, então, a necessidade de uma campanha moralizadora e também de esclarecimento contra esses deslizes, que, no futuro, poderão prejudicar, decisivamente, os hábitos de povo cristão. Como primeiro objetivo dessa campanha tem-se em vista o combate contra a imoralidade de determinados magazines, considerando, naturalmente, que a leitura é um poderoso fator de influencia social. Trata-se da CRUZADA DA BOA IMPRENSA, patrocinada pela igreja, de iniciativa do Cardeal D. Jaime de Barros Camara e apoiada pela Confederação Nacional de Operarios Catolicos. Penso mesmo que é medida de carater urgente para os legisladores que ocupam, atualmente, lugares no Senado ou na Camara, forjarem leis que possam prever a grau de corrupção em que está mergulhando, lentamente, a infancia brasileiras, pelos exemplos bebidos na leitura pernicioso e amoral de certas revistas, e até mesmo de jornais que dão á publicidade cenas evidentemente indecorosas, num verdadeiro ato de requintada maldade e incentivo ao paganismo, pela linguagem pornográfica e desmoralização das mais sadias instituições nacionais. Essa cruzada cristã contra a má imprensa e a pornografia, através das celebres historias em quadrinhos, que, muitas vezes, alem da obscenidade, trazem também o endeusamento de personagens criados fora da tradição do nosso folclore, conduzindo a mocidade ao vicio, ao crime, ou á imitação a tais individualidades e consequente descredito aos valores historicos nacionais, falta de patriotismo, precisa ser propagada nos C.C. O.O.¹³⁸ de Fortaleza. Sabemos que a leitura é responsavel por muitos hábitos mentais. Daí, será facil, portanto, concluir como os maus costumes podem formar uma segunda frente na consciencia infantil ou juvenil, pela pernicioso influencia da leitura, pela proibição da entrada no lar de tais magazines. Ressaltar-se, deve-se, aí, também, o fato provado pela Psicologia, que a criança é um ser profundamente influenciado pelo exemplo. E como prova do que afirmo, não precisamos ir muito longe. Basta que cada um observe a vida no lar. Na America do Norte também está sendo organizada uma cruzada semelhante, pelas autoridades, para estudar a origem da delinquencia infantil e os meios de combate-la. E, segundo li em uma revista dos EE. UU., referindo-se a essas publicações: (...) Segundo diz um escritor americano, comentando esse aspecto da má leitura: (...)¹³⁹

¹³⁸ Sigla referente aos Círculos Católicos Operários.

¹³⁹ SAMPAIO, C. Ensino e educação: cruzada contra a imoralidade. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 07 set. 1949.

Nota-se, novamente, o papel dos genitores vistos como portadores de função central para o conflito existente entre o que o autor denomina de modernização dos costumes e os elementos que compõem a tradição. Isto é, no processamento de uma educação social, de acordo com as premissas de Coelho Sampaio, os pais deveriam estar vigilantes acerca dos materiais que chegam até os seus filhos, de modo a cercear ou incentivar determinados conteúdos. É perceptível, também, que as preocupações com o espaço do lar aparece com maior enfoque do que o espaço da escola. Entende-se isso como um indício dos entrelaçamentos entre educação social e instrução escolar.

Nesse número da coluna *Ensino e Educação*, por seu autor apontar as parcerias e colaborações para o seu projeto moralizador, é possível rastrear sujeitos que coadunavam com seus ideais. Aqui é possível afirmar que os ecos desses discursos de Sampaio não se dispersavam, necessariamente, em seu tempo. No caso da campanha contra a dita má leitura, setores da igreja católica endossaram esses intentos moralizadores.

Além do fato de Coelho Sampaio ser bastante simpático às doutrinas cristãs nos seus escritos sobre Educação acredita-se que por constar o patrocínio da igreja católica para campanha explicitamente na coluna, o autor tenha intensificado a ênfase aos elementos religiosos. Afirma-se que a campanha deveria intervir contra as leituras consideradas más, a fim de preservar os *hábitos de povo cristão* e situa esse movimento como uma *cruzada cristã* contra *incentivos ao paganismo*. Essa definição do movimento não consta nos números anteriores da coluna, quando esses intentos ainda não eram apoiados por setores da igreja católica.

Ainda sob o escopo de legitimar suas ideias, Coelho Sampaio afirma ainda no mesmo número da coluna:

A atual CRUZADA DA BOA IMPRENSA está sendo apoiada pelo Presidente da Republica e por todos os bons brasileiros. Deve tambem ser do objetivo da vida circulista, como diz o Pe. Leopoldo Brentano, S. J. 'Apliquemos aos exploradores da má imprensa, sem contemplação, a formula de guerra total até que se convençam de que não podem enfrentar impunemente a nossa dignidade de cristãos e brasileiros'. Combater a má imprensa é dever de todo circulista.¹⁴⁰

Explicitar os apoios à campanha e às vozes que endossam o seu propósito pode ser entendido como estratégia discursiva de legitimação. Da mesma forma que diagnosticar os adeptos da campanha como sendo *bons brasileiros* é um artifício de aproximar o leitor e

¹⁴⁰ Idem.

suscitar novas adesões. Ademais, é relevante explicitar que a *Cruzada da Boa Imprensa* era iniciativa construída e substanciada pela ação católica.

É importante observar a forma com que os parágrafos traduzidos, de procedência norte-americana, ocupam espaço na argumentação de Coelho Sampaio nos artigos sobre a problemática da leitura. Não parece ser casual esses mesmos trechos serem escolhidos para fundamentar sua opinião sobre o assunto em mais de um artigo da coluna *Ensino e Educação*. Em número posterior, poucos meses depois dessas publicações, o autor faz a seguinte postulação: "Está mesmo suficientemente provado que muitos dos delinquentes infantis, tiveram a sua inclinação despertada na má leitura."¹⁴¹ O que permite estabelecer relações com a tese de argumentação do artigo de Mr. Howard Jennings, em revista norte-americana. Para esse autor, os índices aumentados do que ele denomina de delinquência juvenil seriam causados pela leitura de revistas do tipo *gibi*. Acredita-se que o "suficientemente provado" seja em função dessa opinião estrangeira, não raro hierarquicamente sobreposta às demais, sobre o assunto.

Deve-se notar que, apesar de o nome da campanha ser *Cruzada da Boa Imprensa* e, a partir disso, existe um enfoque significativo no assunto dos jornais, há forte apelo também para a questão das histórias em quadrinho. Informando, inclusive, ser o primeiro objetivo dessa campanha o combate a esse tipo de publicação. Entretanto, é fundamental ter em vista que nesse período um dos principais veículos para divulgação e mesmo comercialização de histórias em quadrinho eram os jornais. Muitos dos gibis foram publicados primeiro nos suplementos de jornais e, apenas posteriormente, passaram à forma mais próxima a um livreto.

Para Coelho Sampaio, os gibis seriam consideradas leituras perniciosas e amorais por, dentre outras coisas, exibirem o que se considera pornografia e cenas obscenas; culto a personagens estrangeiros, não inseridos na tradição do folclore brasileiro; incentivo a vícios e crimes.

Os dois primeiros critérios apresentam-se como mais nuançados, quando comparados ao terceiro, que era associado à presença de armas e enredos pautados no gênero de aventura. O que significava o termo pornografia naquele momento, visto que essa é uma

¹⁴¹ SAMPAIO, C. Ensino e educação: um novo aspecto da leitura. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 14 jan. 1950.

noção histórica?¹⁴² A presença da personagem *mulher maravilha*, por exemplo, cuja característica é marcada por trajes sensuais, que ressaltam silhuetas demarcadas, era considerada à época como pornográfica.

Outro ponto que tornava esse tipo de leitura considerada como pernicioso era a presença de personagens estrangeiros. Isso se dava porque muitos desses gibis que circulavam nos anos 1940 no Brasil possuíam o direito de tradução das histórias em quadrinhos norte-americanas. Fato encarado por Coelho Sampaio e seus apoiadores como diminuição do pretérito valor às causas históricas nacionais, o que culminaria em falta de patriotismo.

Em novembro daquele mesmo ano, 1949, Coelho Sampaio tornaria ao assunto dessa campanha, com a presença de um pequeno diferencial nos títulos. O que antes foi publicado como *Cruzada Contra a Imoralidade*, foi publicado como *Cruzada da Moralidade*, por alusão ao artigo que transcrevera em sua coluna:

Há dias passados comentei, nesta secção, a campanha iniciada pela Igreja Católica, contra a licenciosidade comum nos magazines atuais, cinemas, livros e outros veículos que, a cada dia, chegam às mãos da infância sem, contudo, receberem qualquer repressão, por parte dos pais. Hoje, peço permissão aos meus caros leitores, para transcrever um artigo do colega Geraldo Moreira, sob o título 'A CRUZADA DA MORALIDADE E OS FILHOS DE MARIA', publicado no jornal 'A CRUZ', que se edita no Rio e que é o seguinte: 'Preservar as novas gerações, amparando-as contra as más influências, contra a literatura malsã, contra os espetáculos imorais, vem sendo nas nações civilizadas, ciosas de seu futuro, ponto capital de educação. Em verdade, são as novas gerações que representam, nas gerações cultas, as mais belas esperanças e a certeza de um porvir amplo e grandioso. Basta, aliás, um rápido relance sobre a obra educacional que se processa em países da América, no México, nos Estados Unidos, em Cuba e na Argentina, principalmente, para vermos quando se cuida de proteger as novas gerações contra ensinamentos nocivos, contra a influencia daninha dos maus livros, da literatura dissolvente e pecaminosa. Entre nós, justo é confessar, relegou-se a plano inferior essa nobre missão. O esforço de alguns educadores e de algumas autoridades, ciosas de seus deveres e amigas da juventude, defensoras de uma melhor formação moral dos homens e mulheres de amanhã, viu-se prejudicado pela verdadeira torrente de escritores amigos da licenciosidade. Criou-se, assim, entre nós, um clima perigoso para a formação de caracteres. (...) Eis porque todas as vozes autorizadas e toda a boa imprensa - a imprensa que não é máquina de mentira e de escandalos, a imprensa que constroi e que não nega a sua finalidade - está ao lado da Cruzada que a Igreja, pelo seu Chefe supremo no Brasil, o eminente Cardeal D. Jaime Câmara, se decidiu desencandear contra a onda de devassidão, que ameaça estrangular as nossas mais belas tradições de decência, de cultura, de amor á família. Eis porque a Mocidade Mariana deve estar, tem que estar, unida e forte, nesta hora em que a Igreja sai a campo para refreiar o avanço de tudo quanto possa prejudicar a formação moral e a educação dos jovens. (...) A Mocidade Mariana da cidade mais culta do Brasil, não pode deixar de aplaudir a Cruzada da Moralidade, iniciada, dirigida e orientada pela

¹⁴² Acerca dessa temática, ainda que seja um estudo com recorte espacial e temporal distintos dos que aqui são tratados, EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Igreja, apoiada por toda a Nação e vir dizer a D. Jaime Câmara que morrerá com Ele e com a Igreja e pela Igreja, se necessário for. Em 2-11-49.¹⁴³

A forma com que Coelho Sampaio inicia a coluna acima citada, buscando demonstrar cuidado com os seus leitores, ao pedir permissão para conceder a fala a outro autor, indica que esse número está situado em um período que a coluna já era fixa na *Gazeta de Notícias* há quase seis anos, ou seja, próximo ao seu término.

Esse artigo do jornal *A Cruz*¹⁴⁴, situado na página 5 da edição de 26-06-1949¹⁴⁵ foi publicado na íntegra na coluna *Ensino e Educação*, de Coelho Sampaio. Trata-se de um jornal católico carioca fundado em 1917 e que circulou por longos anos, até extinguir-se em 1973. A longa circulação, por mais de 55 anos, pode ser lida como indício da grande circulação e aceitação desse referido jornal.

O número da coluna *Ensino e Educação* citado acima é relevante para circunstanciar melhor como se iniciou essa *Cruzada Contra a Imoralidade/Cruzada da Moralidade*. Apesar de citar que se tratava de uma campanha patrocinada pela igreja, de uma iniciativa do Cardeal Dom Jaime Câmara¹⁴⁶ e que tal campanha era apoiada pela Confederação Nacional de Operários Católicos, Coelho Sampaio não situou que se tratava de uma campanha nacional, constituindo-se por um pedido do maior chefe da igreja católica no Brasil, naquele momento. Apenas no número transcrito há pouco é possível circunstanciar tais informações.

No artigo transcrito por Coelho Sampaio do jornal *A Cruz* é notória a semelhança das ideias e ideais ali veiculados com o seu pensamento. O fato de o autor ter tido acesso a essa campanha nacional indica que Sampaio tinha referências do periódico aludido. No jornal *A Cruz* também aparece a questão dos gibis, apresentando novas semelhanças com os escritos do professor sobre *Ensino e Educação*. Logo em 1945, em coluna chamada *A Crítica Construtiva*, o autor identificado como S. Lacerda escreve um número sobre *Jornais e Revistas Infantis e Juvenis*. No qual avaliava:

Finalmente, é absoluta a falta de revistas apropriadas, citando apenas o nosso Tico-Tico, que ainda serve em algo, mas, mesmo assim, é preciso entrar "na fila" para viver... O Dr. Bockheuser cita a revista *Estrêla*, nossa muito conhecida, porém,

¹⁴³ SAMPAIO, C. Ensino e educação: cruzada da moralidade. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 5 nov. 1949.

¹⁴⁴ Diretor: Pe. Jose Maria Cabral, redator-chefe: João Gonçalves de Souza. Fundador: Dom André Arcoverde. Diretor-gerente: Joao Araujo Dantas. Administração e oficinas: Rua Real Grandeza, 248, Botafogo.

¹⁴⁵ Edição disponível e consultada na hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁴⁶ Figura que, exatamente por ser líder da igreja católica no Brasil figurava com constância no jornal *A Cruz*. Não raro destacando fotografias suas aos leitores do jornal, como na capa da edição de 24 de outubro de 1948.

relegada á venda de algumas portas de igreja, não sendo conhecida absolutamente pelos famintos e intoxicados dos "Gibis", "Godinhos", "X-9", "Pans" e "Suplementos" que estiolam os nossos meninos, jovens e moços, que se dão aos mesmos fanaticamente, desprezando os conselhos dos pais, dos confessores, dos mestres e até da policia se com êles se metesse. (...) O futuro do Brasil está reservado a esta mocidade que hoje se envenena, se estiola, se desnacionaliza. Uma tal geração, a continuar nessa formação, está fadada a um regime perigoso, materialista e ateu, porque justamente lhe falta o patrimônio dos seus antepassados: fé e patriotismo!¹⁴⁷

O elogio foi concedido, em parte, para a revista infantil *Tico-Tico*, primeira revista pensada especialmente para o infanto-juvenis no Brasil, começada a circular em 1905 e portadora de sucesso nacional. Isso talvez tenha se dado por sua publicações primarem por ensinamentos cívicos e personagens mais pacatos e próximos do mundo vivenciado pela criança. Provavelmente o autor tenha identificado como aspecto negativo, relativizando seu elogio, porque a partir de 1930, *O Tico-Tico* também tenha tido o direito de publicação de personagens de histórias norte-americanas.

Da mesma forma com que pensava Coelho Sampaio, o autor S. Lacerda julgava os gibis como leituras impróprias e venenosas, sobretudo porque trariam para as crianças e jovens o que o autor denominou de desnacionalização, ou seja, desprezo pela cultura e passado nacional brasileiro.

Outra ocasião em que a questão do gibi foi interpretada como má leitura no jornal carioca *A Cruz* foi em 1949, quando Jeronimo Beccar publicou o artigo intitulado *Vamos Ensinar a Ler?* No qual ironiza a literatura que as pessoas tinham acesso na época, após serem alfabetizadas:

Vamos ensinar a ler? Sim. Depois o que daremos para o povo ler? (...) Os nossos pasquins sensacionalistas que estampam fotografias de crimes horrendos? Os panfletos comunistas que vão gerar o ódio e a revolta nos operários ou o abandono dos campos pelos lavradores? Os gibis? Livros? Mas quais? Esse povo alfabetizado às pressas, sem cultura, sem formação somente poderá ler esses romances de quinta classe sem valor algum e grandemente prejudiciais. (...) Ensinar a ler, pura e simplesmente, depois lançar esta literatura superficial e perniciosa que acaba de corromper os bons costumes, (...) não é resolver, mas criar problemas. Como se vê, a educação do povo brasileiro não se conseguirá pela alfabetização pura e simples.¹⁴⁸

Nesse artigo, o autor coloca em questão a importância de se alfabetizar setores populares, identificando-os como simples assimiladores dos conteúdos veiculados à época, não portadores de cultura. Isto é, eles não teriam essa cultura propugnada como prevalente por

¹⁴⁷ LACERDA, S. A Crítica Construtiva: Jornais e Revistas Infantis e Juvenis. **A Cruz**, Rio de Janeiro, p. 6. 29 abr. 1945.

¹⁴⁸ BECCAR, J. Vamos ensinar a ler? **A Cruz**, Rio de Janeiro, p. 5, 16 out. 1949.

Jeronimo Beccar. O conceito de educação é por ele representado primordialmente por uma seleção de conteúdos de leitura dos brasileiros alfabetizados. Trata-se de uma seleção que atendia a interesses excludentes e hierarquizadores.

No penúltimo número da coluna *Ensino e Educação*, intitulado *Um Novo Aspecto da Leitura*, em janeiro de 1950, Coelho Sampaio também estava destinado a ponderar sobre o assunto da leitura. Diferente do artigo do jornal *A Cruz*, de Jeronimo Beccar, o foco das preocupações relativas a esse tema é o ser infantil:

Daí a importancia na escolha da leitura, do cuidado nos hábitos e sistema de nosso 'modus-vivendi', ao convívio com as crianças. (...) É portanto, muito acentuada a orientação que pode ser dada á infância, por meio da leitura. Devia ser, pois, objeto de maior cuidado, por parte dos autores, a escolha dos assuntos para seus livros. Adotados nas escolas do país, os exemplos ali citados podem influir grandemente no patriotismo, na conduta e na moral dos educandos. Pensando bem nesse aspecto da leitura, li, há poucos dias, a nova coleção de livros de leitura para o Curso Primário, editada pela EDITORA DO BRASIL, S/A, de autoria dos Profs. DOMINGOS BARROSO e RITA TOMAZ BARROSO. São obras que merecem a atenção dos que se dedicam ao ensino primário. Pela feição, inteiramente nova, que foi dada ao assunto de suas lições, demonstram possuir temas capazes de despertar verdadeiro patriotismo dos educandos. Além disso, possuem um aspecto novo e intrínseco: são lições vasadas em termos ao alcance da criança. Nada impede á inteligência infantil, para alcançar o que encerram suas páginas. O que se vê, nos seus capítulos artisticamente ilustrados, são temas proprios do meio em que vive a criança: brinquedos, frutas, objetos, lugares, o lar. Nada ali se estampa de maneira a encher o espirito infantil de credices abstratas, nem de ambientes ricos de fantasias. Tão pouco se procura mostrar aos leitores mundos distantes e desconhecidos. Tudo ali é Brasil. Ali a criança sente, mais de perto, a realidade de sua vida, da vida de seus pais, conhecendo tambem os reais problemas que assoberbam a familia, o sertão, o estado e a propria nacionalidade.¹⁴⁹

Embora Coelho Sampaio tenha se referido a uma coleção de livros de leitura, teve-se acesso apenas a um desses livros, chamado *A Criança do Brasil*, saído pela *Editora do Brasil S/A*.¹⁵⁰ É possível rastrear a partir da coluna acima critérios necessários para uma boa leitura, segundo sua visão. Isso ocorre porque essas obras são um dos poucos exemplos citados em seus escritos referentes a livros que constam como indicação positiva.

Os parâmetros avaliativos do material são pautados em dois pilares: conteúdos não-ficcionais e, principalmente, assuntos que despertassem o sentimento patriótico, que reforçassem laços de identidade com o país. Afirmar que "tudo ali é Brasil", como sendo um grande trunfo dos livros, significa afirmar que quanto mais o livro didático tratasse de

¹⁴⁹ SAMPAIO, C. Ensino e educação: um novo aspecto da leitura. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 14 jan. 1950.

¹⁵⁰ BARROSO, D., BARROSO R. T. **A Criança do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil S/A, 1950.

narrativas pertencentes ao sentimento de brasilidade, tanto mais ele seria qualificado como bom. Expõe-se, como sendo natural, o entrelaçamento entre o ato de ler e o patriotismo.

O livro *A Criança do Brasil* é composto por 73 lições curtas e ilustradas. Algumas delas são mais diretamente de caráter informativo e outras no formato de histórias. Ao fim, existem questionários com perguntas que enfatizam conteúdos que os autores reforçaram de maneira mais pungente nas lições. Nessa obra, há muitas seções que se destinam a trazer à tona as temáticas do ruralismo e da agricultura. É posto como finalidade maior do cidadão brasileiro ser útil ao campo, na função de trabalhador rural. Para isso, existem muitas lições que traçam elos entre o amor ao Brasil e o amor ao ambiente ruralista.¹⁵¹

A repulsa por narrativas ficcionais e fantasiosas expressas no trecho acima fornece subsídios para compreender a igual aversão pelas histórias em quadrinho. Os conteúdos didáticos deveriam conter, para Coelho Sampaio e em movimento maior, elementos que fizessem parte do cotidiano da criança, de modo a incentivá-la a amar o local em que nasceram.

¹⁵¹ Esse tema será retomado em capítulo posterior.

3 REPRESENT(AÇÕES) PROFESSORAIS E CONSTRUÇÕES SOBRE O ALUNO NO CEARÁ DOS ANOS 1940.

3.1 Sob a mira da moralidade: como se idealizou a função docente no Ceará dos anos 1940?

Aqui é que nos apresenta uma grande interrogação: Poder-se-ia criar uma metodologia para o mestre?¹⁵²

O presente tópico objetiva investigar de quais formas a prática do magistério, em geral, e o conceito de professor, em específico, foram ponderados na escrita de Coelho Sampaio na coluna *Ensino e Educação* no Ceará dos anos 1940, buscando traçar articulações desse pensamento com outros intelectuais do período, variando temporalmente e geograficamente as escalas de observação.

Como se construíram ideais e representações para o professor no período em análise? De quais formas foram pensadas finalidades para a prática docente? Até que ponto o magistério era representado mais próximo de termos como profissão e ofício do que ligado a elementos como missão e penitência? O imaginário atrelado à profissão docente tinha distinções a depender do gênero do profissional? Esses questionamentos norteiam as discussões deste tópico.

A epígrafe citada foi retirada do primeiro número da coluna *Ensino e Educação*, publicada em janeiro de 1944¹⁵³. Nela, Coelho Sampaio escolheu como tema para sua primeira carta enviada à *Gazeta de Notícias*, com vistas à publicação na já referida seção do jornal, discorrer sobre as diferenças entre ensinar e educar, como seu título sugere. Entretanto, a abordagem desse assunto – que poderia ser desenvolvida de várias formas – foi feita sobretudo com enfoque na figura do professor.

À primeira vista, eleger ponderações sobre a figura do professor como tema do número de estreia da sua coluna sugere que esse assunto é imbuído de relevância no âmbito de suas preocupações sócio-educacionais. Tal suposição inicial, após se rastrear por um todo a coluna *Ensino e Educação* ao longo de seus 87 números, é confirmada: um dos temas

¹⁵² SAMPAIO, C. Ensino e educação: ensinar e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 19 jan. 1944.

¹⁵³ Há a propaganda do Curso Primário do Instituto São Raimundo, cuja fundação e direção é do Prof. Sampaio, na mesma página da coluna. Em contrapartida, não há a informação, nem no anúncio e na referida seção jornalística, de que o Coelho Sampaio era diretor do referido Instituto. Com o passar dos anos, nas publicidades do colégio, as explicitações dos vínculos entre instituição e direção escolar foram comumente explicitados nos anúncios escolares. Já a assinatura dos artigos era composta apenas pelo nome da autoria, sem constar algum tipo de filiação do autor. Na *Gazeta de Notícias*, jornal em que se publicou a coluna, era mais comum que se explicitassem os vínculos dos autores de editoriais e reportagens quando se tratava de colaboradores esporádicos.

educacionais refletidos com maior recorrência e relevância para Sampaio são postulações sobre ser professor e o ato de ensinar. Delimitar os contornos da função docente se configurava como uma das preocupações mais constantes e proeminentes ao longo das publicações dessa seção da *Gazeta de Notícias*.

Logo em seguida do questionamento utilizado neste texto como epígrafe existe um posicionamento de Coelho Sampaio:

Nêste ponto de vista eu desacredito em qualquer realização praticavel. Nem todos os sistemas, quasi sempre proprios dos mestres, adaptar-se-iam a uma regra geral. Cada um, que se dedica de corpo e alma ao ensino, deve formar o seu auto-método.¹⁵⁴

Algo a ser ressaltado é que a escrita dos artigos, sempre redigidos em primeira pessoa, fornece indícios para afirmar que seus textos ganham moldes opinativos sobre o problema que se fala. Há demarcações claras que separam o que estaria mais próximo de uma revisão bibliográfica dos temas e a sua responsabilidade de fala. Existem, então, com recorrência, citações de autores vários para respaldar seus argumentos ou para refutar outros, mas também constam, no mais das vezes, os contornos de suas opiniões.

Em contrapartida a essa afirmação vista no excerto citado, que está mais alinhada com princípios de autonomia do professor, sobre a possibilidade de construir-se e reconstruir-se constantemente em sua prática, bem como a descrença na elaboração e prática de uma metodologia única e homogeneizante para o ser professoral, deve ser ressaltado um conflito: na maioria das ocasiões em que são tratados, na coluna *Ensino e Educação*, ideais sobre o magistério, há esforços claros e demarcados sobre o que deveria ser ou ter, em sua opinião, o docente em sua prática didática. Com recorrência, a coluna de Coelho Sampaio dissertava, em moldes de ensinamentos a serem seguidos, sobre como deveria ser a prática docente; quais indivíduos estariam aptos para o magistério, quais valores seriam indispensáveis para o professor, qual conduta deveria ter o mestre, entre outras ponderações sobre ser professor naquele período.

Devendo-se ressaltar, inclusive, que dizeres sobre a conduta moral daqueles que se dedicavam ao ensino pareciam importar mais na sua argumentação do que propriamente ditames sobre como o professor deveria ensinar. Tal posicionamento, que advogava prevalência de uma moral considerada ideal para o professor, mais até do que o domínio dos conteúdos, não poderia ser considerado específico dos raciocínios pedagógicos de Coelho

¹⁵⁴ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação: ensinar e educar. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 5, 19 jan. 1944.

Sampaio e muito menos ser entendido como uma investida própria daquele momento histórico.

No que atine aos institutos próprios para a formação docente no Brasil, ou seja, as chamadas Escolas Normais, destaca-se que a questão moral constava como preocupação prevalente desde o seu surgimento. Os primeiros decretos com vistas à criação de escolas normais no território brasileiro remetem às décadas de 30 e 40 do século XIX, e muitos desses decretos resguardaram hiatos entre criação e inauguração. Heloisa Villela¹⁵⁵ considera que a primeira escola normal brasileira a iniciar suas atividades, ainda nos anos 1830, foi a da cidade de Niterói, capital da província fluminense, e mesmo essa instituição já elegera como ponto fundamental determinar quais aspectos morais deveriam ter os candidatos à profissão.

Torna-se importante destacar, então, que desde esse processo denominado pela autora de início da formação institucionalizada de professores no Brasil, fatores como a moral e a conduta do professor eram considerados como mote determinante para o indivíduo ser avaliado como apto ou não para ser professor. Dito de outro modo: admitido ou excluído. Dentre outros critérios também excludentes, como idade acima de dezoito anos e nacionalidade brasileira; nesse momento, ter o que seria considerada uma boa morigeração, isto é, portar atestado formal, sob aval de juízes e párocos, era exigência de matrícula.

Mais de um século depois, nos anos 1940, foi expedida a Lei Orgânica do Ensino Normal, na qual fatores morais ainda ditavam quais indivíduos poderiam ou não cursar as atividades do Ensino Normal. Mais especificamente, o decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946¹⁵⁶, estabeleceu as seguintes exigências aos candidatos dessa modalidade de ensino: "a) qualidade de brasileiro; b) sanidade física e mental; c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contraindique o exercício da função docente; d) bom comportamento social; e) habilitação nos exames de admissão"¹⁵⁷. Os critérios de sanidade mental, distúrbio funcional e

¹⁵⁵ VILLELA, H. de. O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹⁵⁶ BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Lei Orgânica do Ensino Normal. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. **Diário Oficial da União, Rio de Janeiro**, Seção 1, p.116, 04 jan. 1946. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 02 jun 2014.

¹⁵⁷ A autora Aparecida Joly Gouveia afirma: "Os cursos normais, quer os públicos, quer os particulares, se regem por legislação estadual. Em geral, porém, os regulamentos estaduais sobre o ensino normal não se afastam grandemente dos princípios e diretrizes traçados pelo governo federal na chamada lei orgânica do ensino normal, de 1946". GOUVEIA, Aparecida Joly. **Professoras de amanhã**: um estudo de escolha ocupacional. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1965.

bom comportamento social chamam atenção por pertencer mais vorazmente ao signo do subjetivo, regidos pelos padrões morais dominantes à época.

Como visto a partir de fontes legislativas, existiu formalmente uma preocupação contínua em vigiar posturas e condutas dos candidatos a professores e dos profissionais em exercício. Entretanto, ao longo do presente tópico, será possível compreender que no recorte espaço-temporal adotado neste trabalho, tal premissa não ficou confinada nas letras da lei: os professores estavam constantemente sob a mira da moralidade.

Pode-se afirmar que a temática do magistério, no âmbito da coluna *Ensino e Educação*, advogava uma preponderância da atuação do mestre em relação ao papel dos educandos. A própria disparidade entre as muitas edições da coluna que traziam questões sobre o fazer docente e os poucos números que discutiam a figura do aluno já é indicativo de que Coelho Sampaio julgava que o processo ensino-aprendizagem escolar se daria do mestre para o aluno, somente através do trabalho docente.

Ressalte-se que essa maneira de conceber a figura do professor não era a única forma de se pensar o processo educacional no período em escrutínio e mesmo em décadas anteriores.

Durante este tópico serão feitas articulações – no sentido de perceber diferenças e semelhanças – entre o pensamento educacional de Coelho Sampaio e o contexto litigioso e efervescente entre os debates pedagógicos do período. Como afirma a literatura destinada a pesquisar questões educativas em perspectiva histórica, desde a Primeira República no Brasil, três principais vertentes pedagógicas defenderam ideais próprios e levantaram bandeiras vinculadas a determinados setores sociais. Quais sejam: a *Escola Nova*, a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Libertária¹⁵⁸. Ao longo deste tópico, a partir das discussões contidas nas fontes, os contornos desses conflitos de ideias e ideais ficarão mais claros.

Cinco meses depois da publicação do primeiro número da coluna *Ensino e Educação*,¹⁵⁹ foi veiculada, em uma das últimas páginas da *Gazeta de Notícias* do dia 01 de junho de 1944, a segunda edição dessa seção¹⁶⁰. Nela, Coelho Sampaio torna a trazer à baila

¹⁵⁸ GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Historia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

¹⁵⁹ Sobre tudo no primeiro ano de publicação da coluna, sua periodicidade foi bastante irregular. Algumas vezes, como o artigo que irá ser discutido, existiram meses no espaçamento entre as publicações. Somente nos anos de circulação posteriores ao primeiro artigo, uma identidade periódica da coluna como sendo semanal, foi sendo afirmada. No geral, apesar do compromisso de ser publicada semanalmente, tem-se que sua caracterização como seção de periodicidade irregular parece adequada.

¹⁶⁰ Embora tenham sido citados os dois primeiros números da coluna sequencialmente, não se tem por objetivo neste trabalho realizar uma abordagem cronológica. Ao contrário, a seleção das colunas utilizadas para a discussão se dá por outros meios, quais sejam nexos e recorrências de determinado subtema contidos na argumentação.

as diferenças sobre instruir e educar, para expor o que, em sua opinião, deveria ser função do mestre. Nesse escrito, foram traçadas noções de interdependência entre as ações de educar e instruir. Nele, afirma-se:

'A educação, propriamente dita, é o fim principal, que ninguém põe em dúvida; e a instrução, um dos meios empregados para conseguir o fim' J. Teixeira Macedo. (...) Os pedagogistas fazem até mesmo uma certa distinção entre o que instrue - o mestre - e o que educa - o educador. O mestre - procura formar valores, com fins objetivos; o educador - incentiva, desenvolve, no educando, as qualidades morais, o sentimento cívico; a religiosidade; e o amor á patria. (...) Eis porque digo que o professor hodierno precisa ser não apenas mestre. Ele precisa, antes de tudo, ter em mente êsses problemas importantes da formação básica da criança, procurando moldar-lhe o carater, aprimorar-lhe os costumes, aproveitar-lhe as tendências e dar-lhe base religiosa, também necessaria, e preparando-a para a vida na sociedade de um modo perfeito.¹⁶¹

A maioria dos textos de Coelho Sampaio possui como uma de suas características o ato de respaldar seus argumentos através de vários autores, das mais diferentes formações. Nesse número, em específico, foram citados Martins Aguiar, J. Teixeira Macedo, O' Sehulz e Beckorff.

Com a exceção de Martins Aguiar, apontado como filólogo, os demais não tiveram a área do conhecimento indicada por ele. Em relação aos possíveis motivos do uso dessa citação, em específico, sabe-se que o filólogo foi professor de Língua Portuguesa no Liceu do Ceará à época da citação no texto colunar, ou seja, trata-se de um indivíduo coetâneo ao autor das colunas, ligado às causas da instrução. Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) qualifica-o como o maior filólogo cearense¹⁶². Há de se destacar, também, que nesse período ser professor do Liceu conferia prestígio e legitimidade. Torna-se importante situar essa personalidade, pois acredita-se que cada citação feita pelo autor das colunas *Ensino e Educação*, especialmente de sujeitos que com ele compartilharam o mesmo tempo histórico, possibilita sondar os enevoados rastros atinentes à sua rede de articulações sociais a partir desse lugar social de fala, que foi sua coluna.

Uma dificuldade de análise relacionada à opção metodológica de atentar aos autores citados por Sampaio é a de que na maioria das vezes não é explicitada a obra da qual o autor extraiu os excertos que utiliza e nem mesmo há a presença de seus nomes por completo. Quando muito, há algumas abreviações. Erros tipográficos também são comuns, visto que

¹⁶¹ SAMPAIO, C. Ensino e educação: II - instruir e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 01 jun. 1944.

¹⁶² AZEVEDO, Miguel Angelo de. **Cronologia ilustrada de Fortaleza**: roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

recorrentemente há adendos nos textos subsequentes da coluna, corrigindo-os. A partir disso, têm-se margem para pressupor que os nomes dos autores, sobretudo quando estrangeiros, também podem conter erros de digitação. Nesse caso, a depender do grau de similaridade, considerar-se-á o nome corrigido.

Joaquim Teixeira de Macedo, dentre os autores citados nesse número da coluna, chama a atenção por ter sua atuação como escritor com enfoque em questões pedagógicas principalmente na década de 70 e 80 do século XIX, sendo inclusive premiado em exposição pedagógica no Rio de Janeiro em 1883, em razão de suas obras sobre o ensino na Prússia. Joaquim de Macedo situa-se em um momento histórico no qual os intelectuais começaram a debater sobre novas maneiras de se pensar a causa educacional e as práticas de ensino consideradas renovadoras. Isto é, esse autor está inserido em um movimento atento ao que se tornaria, no Brasil do século XX, sobretudo na década de 1920, denominado *Escola Nova*. Ressalta-se, inclusive, que na Europa, desde o início do século XIX havia iniciativas que buscavam testar, no ambiente escolar, novas propostas pedagógicas. Teixeira de Macedo, nos dias atuais é bastante desconhecido e pouco citado na História da Educação.¹⁶³

Tal rastreamento de leitura de Coelho Sampaio torna-se relevante para a discussão, na medida em que fornece pistas para elucidar qual seria o tempo de sua escrita. Suas referências, no geral, pertencem mais ao século XIX do que do século XX. Há mais diálogos construídos a partir de escritores de momentos históricos anteriores, temporalmente, do que com intelectuais coetâneos ou com produções mais próximas de seu tempo. Embora estivesse recorrentemente com os olhos fitados no futuro, preocupado com o porvir pátrio; bem como ponderando e citando fins e objetivos para o que seria um professor moderno, ou mesmo concentrando suas preocupações no que seria uma sociedade do futuro, a ser construída naquele momento; as legitimações de sua fala muitas vezes são construídas a partir de referências do tempo pretérito.

Apesar de assegurar, nesse segundo número da coluna, que o termo educador é mais imbuído de significados por ele admiráveis do que o verbete mestre, é mais comum nos seus escritos a utilização dos termos mestre, professor e mestre-escola. Nesse artigo, que ocupou 1/3 de uma das últimas páginas da *Gazeta de Notícias*, entre anúncios de produtos

¹⁶³ GASPARELLO, A. M.; CAVALCANTI, L. A. N. Os intelectuais e a causa educacional: Teixeira de Macedo, um tradutor da nova pedagogia para o Brasil no século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 4., 2006, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2006. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo06/Arlette%20Medeiros%20Gasparello%20e%20Luiz%20Antonio%20Nunes%20Cavalcanti%20.pdf>>. Acesso em 22 fev. 2016.

culinários e publicidades de bares da cidade, a função do professor foi caracterizada sobretudo a partir do prisma moral. Nessa situação, ressaltou-se menos a moralidade do professor e mais uma preocupação com o que seria uma formação moral dos educandos pelo docente. Isto é, quanto mais o professor estivesse atento aos valores e princípios morais dos alunos, tanto mais ele estaria sendo assertivo em seu papel educacional.

Nesse excerto é possível observar que os atos de incentivar e aprimorar estão ao lado do propósito de moldar. Essa contradição é indicativa de um ponto importante: é bastante arriscado – ou mesmo equivocado – afirmar que as convicções educacionais de Coelho Sampaio pertencem integralmente a esta ou aquela vertente pedagógica.

Em outro artigo da coluna, publicado sem subtítulo, Sampaio clarifica um pouco mais o seu entendimento da profissão docente, em geral, e da noção de incentivo, por parte do professor aos alunos, em específico:

Há, entretanto, outros fatores de real necessidade pra dirigência de uma classe qualquer. Entre estes, a autoridade, o conhecimento pleno da matéria e o saber como estimular e desenvolver, as qualidades mais necessárias á formação dos educandos. Como um dos fatores imprescindíveis, dentre os citados, destaca-se o saber estimular. Difícil é encontrar-se um professor que se ocupe de incentivar seus discípulos, fazendo lhe nascer no espirito o amor á investigação científica ou mesmo á disciplina que estudam. Tal é a displicência (– quem sabe? – ignorância) de certos professores que ao invés de utilizarem esta arma poderosa – *estimulo*¹⁶⁴ – como meio para desenvolverem um certo grau de capacidade naqueles que lhes foram confiados, negam o merecimento da nota máxima (grau 10) aos alunos, mesmo áqueles que apresentam um exercicio isento de erros!¹⁶⁵

O que se percebe repetidas vezes nesse discurso são cruzamentos entre postulações da pedagogia tradicional e princípios *escolanovistas*. Em seus posicionamentos escritos, Coelho Sampaio não se configurava como um militante escancarado de um ensino tradicionalista. Ao contrário, é possível encontrar nos seus discursos aparente apreço pela *pedagogia moderna*, pela construção de um *professor hodierno*, pelo *ensino moderno* ou mesmo pela *Escola Nova*, quase sempre sob a legitimação de que os países considerados mais avançados, sobretudo europeus, já haviam adotado metodologias pautadas por um discurso renovador, identificadas com o *novo*¹⁶⁶. Todos esses termos ora destacados aparecem ao longo dos seus textos.

¹⁶⁴ Há de se esclarecer que os itálicos acima são do texto original.

¹⁶⁵ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 20 fev. 1948.

¹⁶⁶ Tal argumento evoca a noção de síndrome do descompasso, construída por Alfredo Bosi. Em texto que objetiva discutir a questão tecnológica, o sociólogo Laymert apropriou-se da noção citada, a partir de trechos de Bosi: "‘A Obsessão do descompasso’, frase criada por Alfredo Bosi, segundo o qual seria: ‘...Tal obsessão do-

Fala-se aqui em discurso renovador como característica da *Escola Nova*, em função do entendimento de que muitas mudanças ditas como novidade pelo movimento *escolanovista* não eram de fato inovações. Uma das principais investidas desse grupo de intelectuais na década de 1920 foi construir-se sob um invólucro discursivo pautado em pretensas ideias de pioneirismo e inovação, com representações autoconstruídas de precursores das teorias e práticas por uma nova escola. Não é à toa que o primeiro libelo que esse movimento pôs em circulação intitulou-se *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Entretanto, desde o século XIX¹⁶⁷, já circulavam ideias afirmadas como novas pelo escolanovismo, como a "centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno"¹⁶⁸.

No trecho citado, a ideia de estímulo pelo conhecimento por ele destacada parece estar alinhada com o destaque dado pela *Escola Nova* a um processo de aprendizagem que

mina a mente dos economistas, políticos, homens de mídia, empresários e professores universitários, expressando-se como síndrome de modernização', '... a obsessão em relação ao descompasso faz com que pensem apenas no que está faltando (ao País) e não no que efetivamente existe. E o que está supostamente faltando é a moderna cultura ocidental, a capitalista que poderia levar ao desenvolvimento. Assim, a razão do subdesenvolvimento não deve ser procurada na condição colonial do País, mas no comportamento atrasado do povo e na 'cultura nacional''. Afirma que no Brasil essa '...obsessão pelo descompasso é uma eterna corrida entre dois pólos: de um lado, a sociedade capitalista existente, cujos efeitos capitalistas são, no entanto, negados, de outro, uma sociedade capitalista avançada ideal e inatingível que poderia existir mas não existe'. Essa situação seria a derradeira manifestação da mente colonizada". Cf. SANTOS, L. G. Politizar as Novas Tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética. *Agric*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 126-127, jan./jun. 2004. Disponível em < <http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-1-04-8.pdf> > Acesso em: 12 jan. 2017.

¹⁶⁷ Conforme afirmam Rezende e Souza, que buscaram perceber as nuances de historicidade das ideias ditas como novas pela Escola Nova: "Ao longo do século XIX, observa-se a presença de importantes discussões educacionais e pedagógicas na busca de uma forma de ensino que racionalizasse o tempo escolar, disciplinasse corpos e espaços escolares, facilitasse e organizasse a aprendizagem dos alunos. (...) O Método Intuitivo, a partir do decênio de 1870, foi uma das formas encontradas para que esta racionalização se tornasse possível através da valorização do ensino pelo domínio das coisas: a educação dos sentidos pela observação direta dos objetos e das coisas da natureza, o que possibilitou uma nova relação com o conhecimento. (...) A partir do final do século XIX, surgiram discussões em torno da difusão e divulgação do Método Intuitivo de ensino, um dos resultados dos investimentos políticos feitos na instrução. A ideia básica do método, tornar a criança o centro de sua própria aprendizagem, levando até ela os objetos da natureza para serem observadas, estava em consonância com as ideias difundidas pelo novo tipo de governo que regeria a nação a partir daquele momento, a República. (...) As concepções do Método Intuitivo foram difundidas através do manual Lições de Coisas que teve vários autores, sendo o mais utilizado o manual do americano Norman Allisson Calkins, traduzido para o português por Rui Barbosa. (...) A instrução apoiada na educação dos sentidos, na intuição e na observação das "coisas" ajudou a refletir e repensar o ensino, antes doloroso e desprazeroso." RESENDE, Fernanda Mendes ; SOUZA, Rita de Cássia de. O Método Intuitivo e a Escola Nova: discussões educacionais em fins do século XIX e início do século XX. UFMG - 2005. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 1., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/3cpehemg>>. Acesso em 23 fev. 2016.

¹⁶⁸ VILLELA, H. de. O. S. O Mestre-Escola e a Professora. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

priorizasse noções de ensino ativo e intuitivo, no qual uma das premissas fundamentais fosse ensinar o aluno a *aprender a aprender*. Entretanto, o que se percebe é que por trás dessas bandeiras levantadas por Coelho Sampaio, que advogavam teorias e métodos ditos modernos ou adiantados, havia um sem-número de convicções formadas sob moldes tradicionais de pensar o ensino. Destacar em primeiro plano a autoridade que deveria ter o professor em sala de aula já se configura como um indicativo da sua maneira tradicional de pensar o ensino.

Apesar de não ser possível caracterizá-lo integralmente em algum movimento pedagógico, é claro e evidente o seu afastamento teórico em relação à Pedagogia Libertária. No Brasil, essa vertente pedagógica surgiu no seio da classe operária, sobretudo afinada com propósitos de liberdade, transformação da sociedade e das engrenagens econômicas classistas, bem como ao combate veemente à tríade capitalismo, Estado e Igreja. Assim, essa defesa libertária por uma educação científica e racional se colocava avessa a dogmatismos.

Segundo a Pedagogia Libertária, retirar a instância religiosa dos currículos escolares não bastaria. Mesmo com princípios laicos, acreditava-se que a educação oficial buscava transmitir em seu ensino a conformação da criança segundo conveniências capitalistas. Muitas vezes apoiados no pensamento de educadores libertários como Francisco Ferrer y Guardia, Paul Robin e Sebastián Faure¹⁶⁹, os educadores concordantes com a Pedagogia Libertária objetivavam o incentivo do pensamento crítico, proporcionando uma infância livre para combater injustiças sociais e gerar uma nova sociedade, ou seja, esse projeto educacional era sobretudo de cunho social e coletivo.

Com certa obviedade, a construção dessa forma revolucionária de se pensar a educação, proposta pela Pedagogia Libertária, não deixara de repensar profundamente o papel do professor no processo ensino-aprendizagem. O bom mestre, de acordo com essa forma de se pensar a educação, não seria aquele que buscasse disciplinar e incutir nos educandos uma moral afinada com princípios burgueses e cristãos, como muitas vezes postulou Coelho Sampaio em sua coluna. Ao inverso, como elucida Aracely Gonçalves, o professor, segundo a Pedagogia Libertária deveria estar atento para desconstruir dogmas arraigados socialmente:

Para combater a educação conformada aos dogmas sociais de obediência – sustentada pela Igreja e pelo Estado, no qual se impõem pensamentos

¹⁶⁹ GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, A. Libertários: educação da solidariedade e educação da revolta. **Verve**, São Paulo. v. 1. n. 2, p. 65-87, 2002. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4612/3203>>. Acesso em: 1 fev. 2015.

pré-fabricados, adaptando-a ao sistema social – era necessário que uma outra ação educativa se desenvolvesse dentro da escola.¹⁷⁰

Para essa vertente pedagógica, o mestre não tinha por função mastigar os conteúdos escolares, de modo a assentá-los nas mentes dos educandos. Ao contrário, a aprendizagem se dava por meio de atividades baseadas em momentos de observações e práticas. Como é possível perceber, o processo de ensino e aprendizagem não se daria do professor para o aluno, isto é, o aluno deveria produzir o seu próprio conhecimento.

Essa forma bastante diferenciada de se pensar o processo educativo atentou, então, para a necessidade de se repensar a prática docente. Ferrer postulava que o papel do professor aceito mais recorrentemente naquele momento, onde "educar equivale actualmente domar, adiestrar, domesticar"¹⁷¹, estaria a serviço da classe dos opressores, na medida em que atendiam, consciente ou inconscientemente, a princípios ideológicos das classes dominantes: "eram, portanto, reprodutores das diferenças e perpetuadores da exploração, da obediência"¹⁷². Tamanha foi a preocupação em renovar a função e a formação dos professores adeptos de uma forma libertária de se pensar a educação, que Ferrer decidiu criar um espaço próprio para formar esses candidatos a professores, próximo do que seria uma Escola Normal, a fim de formá-los com base na pedagogia racionalista e científica.

Nesse segundo número da coluna *Ensino e Educação* há pouco citado, há alguns outros pontos que podem remeter às noções *escolanovistas*, caso vistas puramente pelo prisma de termos similares. A noção do mestre como *incentivador* ou *mediador* dos educandos é uma das principais características propostas pela *Escola Nova*. Muito embora o termo *incentivar* apareça no texto escrito por Sampaio, no desenrolar de suas ponderações as ideias de *moldar* e *incutir* se chocam com a ideia de incentivo e mediação, atreladas à função do professor.

Lourenço Filho, um dos educadores com maior destaque dentro do movimento *escolanovista*, ao ratificar princípios de liberdade do educando, afirmou, em seu livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, que "As relações entre mestre e aluno, hão de

170 _____. A trajetória e o pensamento educacional de Francisco Ferrer y Guardia. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 37-56, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/2274/1862>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

¹⁷¹ FERRER, F. La Escuela Moderna, Ed. Solidaridad, In: GONÇALVES, A. M. A trajetória e o pensamento educacional de Francisco Ferrer y Guardia. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 8, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/2274>> Acesso em 12 fev. 2015.

¹⁷² Idem

modificar-se"¹⁷³. Tratava-se, para esse movimento, de repensar com veemência o papel protagonista do mestre no processo ensino aprendizagem adotado pela Escola Tradicional. Para tanto, era considerado fundamental "combater o aspecto impositivo da educação tradicional, caracterizado pelo apêlo ao automatismo"¹⁷⁴. Dito de outro modo, as relações entre educador e educando que os idealizadores da *Escola Nova* almejavam modificar eram por eles identificadas como retrógradas.

E por mais que intelectuais como Fernando de Azevedo, Sampaio Doria, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Cecília Meireles, dentre outros¹⁷⁵, e o movimento como um todo, tenham vivenciado a efervescência da divulgação de suas teorias, sobretudo nos anos 1920 e 1930, modos de pensar e de agir mais alinhados com o ensino tradicionalista no cotidiano escolar do Ceará dos anos 1940, ainda eram bastante enraizados. Tal mo(vi)mento dos anos 20 e 30 do século XX é comumente referido na historiografia da educação como *otimismo pedagógico*¹⁷⁶, mas não foi adotado de maneira uniforme e totalizadora.

Crer que o mestre teria centralidade no ensino, posicionar o professor como protagonista da sala de aula, alguém que para desempenhar seu ofício deveria *transmitir* aos alunos fosse seu conhecimento intelectual ou fosse sua moral, parece ter subsidiado um discurso recorrente atrelado ao professor: muitas vezes, o mestre foi tido como o maior culpado pelos maus resultados gerados pelo ensino escolar cearense, em específico, e pela má educação da população alencarina, em geral. Ora, lendo-se pela negativa, caso não houvesse essa crença arraigada do professor como principal responsável pelo sucesso ou fracasso do ensino, outras variáveis seriam cogitadas com maior recorrência entre aqueles que se dedicavam a discutir questões educacionais nesse período.

¹⁷³ LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1961.

¹⁷⁴ Idem.

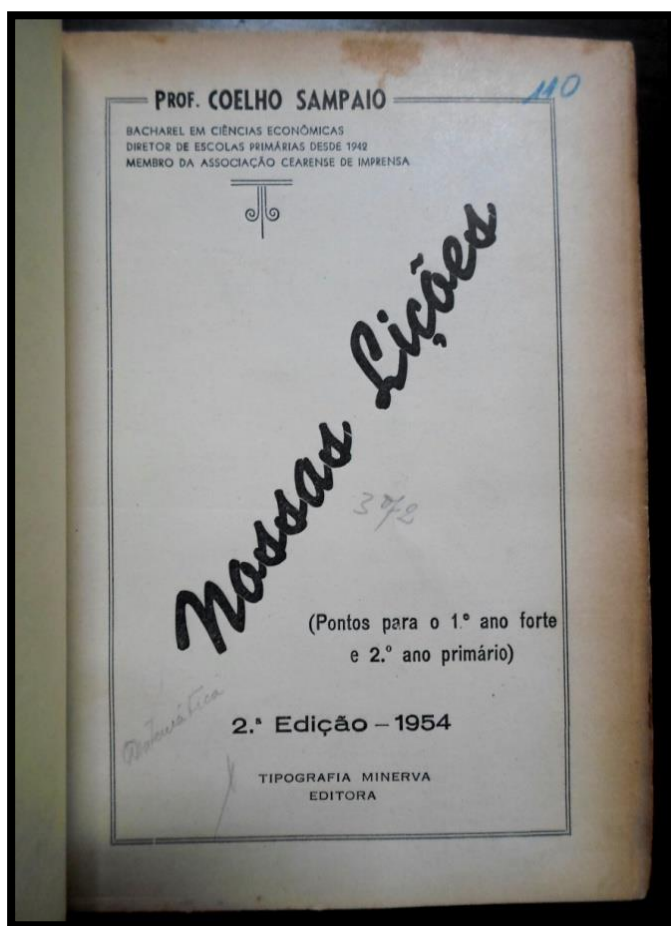
¹⁷⁵ Além dos intelectuais citados, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nobrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes também são autores vinculados ao pensamento escolanovista, constando seus nomes, inclusive, na autoria do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932. Cf. AZEVEDO, Fernando. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. A reconstrução educacional do Brasil. Ao povo e ao governo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

¹⁷⁶ O autor Paulo Ghiraldelli Jr. nos alerta para a diferenciação entre os movimentos de "entusiasmo pela educação" e "otimismo pedagógico". O primeiro remete aos anos de transição do Império para a República até o início dos anos 1920. O otimismo pedagógico, entretanto, iniciou seus esforços em meados da década de 1920, alcançando apogeu nos anos 1930, já na Segunda República. Uma das maiores diferenças entre os movimentos citados é que o primeiro centrava suas preocupações na ideia de expansão da rede escolar e o que seria um processo de desanalfabetização do povo. Já o otimismo pedagógico investiu mais na problemática da otimização do ensino. Cf. GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

A atuação escrita de Coelho Sampaio no campo da Educação não se restringiu aos números da coluna *Ensino e Educação*. Em 1954, saiu pela consolidada Tipografia Minerva a segunda edição da cartilha intitulada *Nossas Lições*. Nela, já na folha de dedicatória, existem pistas sobre a sua concepção do que seria o ofício do professor. **(Ver figuras 10 e 11).**

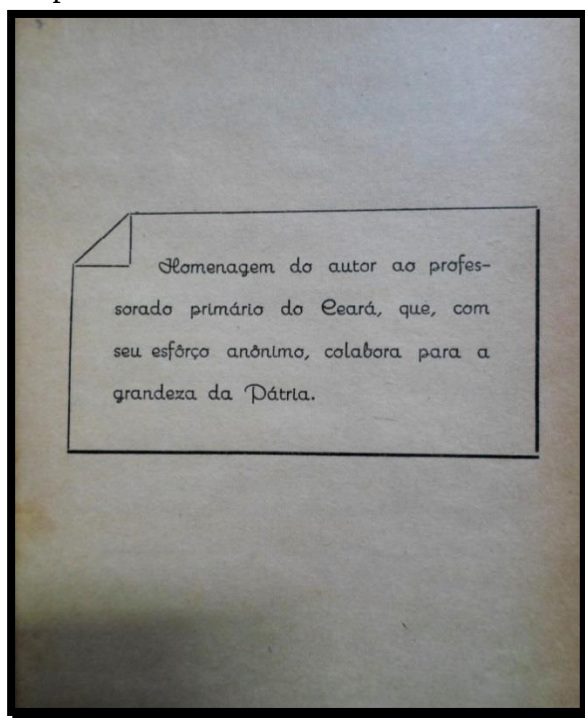
Ter esforço anônimo e colaborar para a grandeza pátria representam para o autor, respectivamente, uma qualidade e uma função. O que sugere ter guiado a forma com que o autor da cartilha optou por apresentar-se ao público leitor da publicação foi a noção de que esforçar-se anonimamente por uma nobre causa pressupunha desempenhar esforço não em prol de reconhecimentos ou créditos, mas agir somente por uma finalidade maior: o engrandecimento da Pátria.

Figura 10 - Capa da cartilha *Nossas Lições*, cuja autoria é do Prof. Coelho Sampaio



Fonte: *Nossas Lições* (1954).

Figura 11 - Página de dedicatória da cartilha *Nossas Lições*, cuja autoria é de Coelho Sampaio.



Fonte: *Nossas Lições* (1954).

Assim, a noção de esforço anônimo suscita noções de abnegação, devotamento, desapego e renúncia. E tais noções, muitas vezes, como aqui será discutido, entram em conflito com exposições do cotidiano sofrível do professor desse período, seguidos de súplicas por melhorias das condições de trabalho, movimentos para obter remuneração condizente ao que era posto como função do magistério e reconhecimento profissional. Veja-se um dos artigos colunares em que Sampaio tratou de forma mais direta a questão do magistério:

Todos os indivíduos são dotados de certas e determinadas qualidades que os tornam aptos ou não para exercer tais profissões. Assim é que uns sentem inclinação para a escultura, a pintura e o desenho; outros, para a aviação e a mecânica, e outros ainda, teem propensão para medicina, enfermagem ou magisterio. E' claro que cada um desses ramos profissionais exigem qualidades, complexas no seu todo ou em parte, que tornem, por assim dizer, o homem capacitado a ingressar na sua aprendizagem. (...) E muitas vezes o homem tenta desviar-se dessas tendências inatas, procurando uma especialização fóra da sua natural preferência, fracassando, finalmente, após inúmeras tentativas. E' que não soube escolher, devidamente, a carreira para que estava mais amoldado. (...) Como diz S. João Crisóstomo: 'A magistratura de que se acha o mestre revestido está acima das magistraturas civis como o céu está acima da terra. A magistratura civil se ocupa, antes de tudo, em punir o mal já feito; a magistratura espiritual, porém, se ocupa, antes de tudo, em evitar que o mal seja praticado. Assim, pela elevação com que se apresenta a carreira do magisterio é a que maiores e melhores tendências exige de quem deve ser mestre. Para ser mestre é

necessário, antes de tudo, a vocação. Porque nenhum, que aspire a abraçar esta nobre profissão, poderá ser verdadeiramente um mestre se não tiver sido primeiro aprendiz. (...) Aí é que se faz mister já exista a inclinação para o exercício do magistério. Ai surgem as primeiras preferências por este ou aquele ramo científico ou literário. Mas o aluno-mestre precisa, antes de mais nada, ter conhecida dedicação ao estudo da Psicologia, Pedagogia, Antropologia, Metodologia, Didática, Lógica, Ética e Religião, afora outras ciências mais ligadas ao estudo da Natureza. (...) Acontece, que muitas professoras diplomadas por escolas normais não têm capacidade para dirigir uma classe. O que terá motivado essa falta de preparo? A ineficiência do ensino normal ou a inaptidão para o ensino? Parece haver uma explicação mais aceitável na segunda hipótese, sendo aconselhável "que o aspirante ao magistério SE OBSERVE A SI MESMO, que tenha consciência de si, e aprenda a disciplinar-se! E' dessa auto-critica que o aluno mestre poderá haurir tanta experiencia e tantos dotes de observação, quantos os necessarios para se educar a si mesmo e adquirir as qualidades indispensaveis a quem aspira ser mestre.¹⁷⁷

O título do escrito acima – *Quem deve ser mestre* – expressa desde então uma posição de poder autoatribuída, haja vista que a tentativa de determinar quem pode ou não exercer a profissão de professor é uma iniciativa arbitrária. De início, nas linhas supracitadas, o magistério é citado ao lado de outras tantas outras profissões artísticas, mecânicas e sociais, o que poderia indicar a interpretação do magistério na categoria de profissão, ou seja, mais próximo de noções de disciplina, método, estudo e técnica.

Entretanto, no desenrolar da argumentação de Sampaio identifica o magistério como predestinação, na medida em que ele acredita que *tendências inatas* regem e determinam o seguimento profissional do indivíduo e que desrespeitar essa inclinação o levaria ao fracasso. Escolher uma profissão como o magistério, de acordo com sua lógica, então, não seria propriamente escolher, seria reconhecer, identificar, ter por revelado aquilo que já estaria moldado, predestinado, vocacionado.

Nesse período, e não seria exagero afirmar que desde o início da profissão docente, o papel do professor se aproximava mais do termo missão do que profissão, embora haja muitas iniciativas impressas no sentido de expor a situação sofrível do profissional do ensino no período. A afirmação feita por Sampaio explicita uma ordem entre 1) possuir de maneira inata qualidades em si que sejam afinadas com determinadas profissões e 2) iniciar o processo de aprendizagem dos saberes específicos exigidos no ramo profissional escolhido. Isto é, sem uma propensão inerente ao ser humano, acreditava-se que seriam em vão as investidas de se dedicar aos estudos de capacitação para esta ou aquela profissão.

No tocante ao magistério não seria diferente. Na concepção de Sampaio, para ser um professor bem-sucedido, o indivíduo deveria ser moldado para tal serviço. Desse modo,

¹⁷⁷ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - quem deve ser mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 20 jan. 1946.

torna-se relevante destacar que para ser professor existiria somente uma única via possível: o aspirante a professor deveria ser alguém predestinado, vocacionado, moldado, inclinado, propenso. Assim, a noção de vocação no pensamento é colocada como condição prevalente para o que considerara o bom exercício do magistério. Apesar de se reconhecer a importância do estudo de áreas específicas atreladas ao conhecimento pedagógico, a falta de vocação seria sinônimo de inaptidão para o ato de lecionar.

Acerca da listagem dos conhecimentos considerados como essenciais ao futuro mestre é preciso destacar que a teologia foi considerada um dos pilares do cabedal científico a ser estudado pelo professor no trecho em questão da coluna elaborada por Sampaio. Há de se destacar também que a própria citação utilizada para embasar a tese de que a vocação ou a falta dela seria fator determinante para o sucesso ou fracasso professoral tem autoria atribuída a João Crisóstomo, tido como santo pela igreja católica e cuja vivência data do século 4º d.C. As imbricações entre religião e ponderações sobre o ensino podem ser consideradas uma característica do pensamento educacional de Coelho Sampaio, em específico e como marca do período, em geral.

Desse modo, a argumentação final do excerto citado, qual seja, a tônica de *educar-se para educar*, é integrante de um aspecto fulcral e recorrente quando o assunto é a construção de um imaginário para o magistério. O(a) professor(a), para ser apto a exercer tal função e possuir um perfil esperado, era alvo de uma tônica discursiva que afirmava ser de ordem fundamental o zelo pelo que seria uma conduta moral exemplar.

A engrenagem discursiva fomentada por esse e tantos outros escritos pautava-se na noção de que o mestre, antes de educar outrem, deveria primeiro se educar, o que nesse contexto significava ser alguém disciplinado e com bases morais sólidas perante os padrões sociais. Ser professor significava estar sempre exposto à mira desses projetos de moralização sociocultural. Não era suficiente manter uma dita conduta digna de exemplaridade apenas no período do exercício da profissão, mas ser considerado um indivíduo socialmente exemplar de maneira intermitente. Mas, afinal, o que, nesse contexto histórico, poderia significar ter uma conduta moral sem manchas?

Em dezembro de 1946, publicou-se na *Gazeta de Notícias* mais um dos artigos centrais do Prof. Sampaio para se investigar de quais maneiras se construam idealizações para a profissão docente. Intitulado de *O ABC do Mestre*, o autor tornaria a expender, nos moldes de um abecedário, sobre o que seria necessário para os sujeitos interessados pelo ato de ensinar:

Muitas virtudes, são necessárias a quem se dedica ao ensino. Falar nelas seria, talvez, preciso escrever um alentado volume. Em verdade, há as qualidades essenciais e as acidentais. Essenciais, – as que são exigidas como "conditio sine qua non" daquele que pretende ser mestre; acidentais, – as que surgem decorrentes da mesma profissão. Dêsse modo, aquele que não sentir uma verdadeira vocação não deve seguir o magistério. (...) Baseados nessa fase preparatória de iniciação profissional, os "colegas" (sic) nos Estados Unidos da América do Norte, procuram orientar os estudantes no sentido prevocacional, usando 'testes' de variados tipos, verdadeiras provas de inteligência e investigação científica das capacidades do educando para determinadas profissões. Pensando neste ponto importante da vocação para o magisterio foi que elaborei o ABC DO MESTRE onde procuro esplanar, em ordem alfabética, o que se exige de quem deseja ser professor. E assim ficou o ABC do mestre. O professor deve TER ou SER: Amor aos que o cercam, Benevolência para os atribiliários, Contemplação no castigo, Dedicção ao magisterio, Esperança no porvir, Firmeza nas atitudes, Governo de si mesmo, Honestidade na profissão, Ideal para a carreira, Justiça nas resoluções, Liberal com os subordinados, Minucioso nas questões, Natural na explanação, Obediente aos superiores, Pontual no trabalho, Querido dos discipulos, Respeito aos educandos, Sincero nas decisões, Tolerante com os indisciplinados, Unilateralidade na justiça, Vontade de Vencer, Xerófago a alcoolatria, Zeloso no próprio nome.¹⁷⁸

Nesse artigo, uma vez mais é afirmado um caráter de poder autoatribuído, sobretudo quando em tom de advertência ou mesmo de sentença, afirma-se que a falta do sentimento vocacional implicaria, necessariamente, em fracasso profissional. Esse artigo fornece indícios para se identificar qual seriam as virtudes que subsidiariam uma moral louvável, tantas vezes exigida de um professor.

É relevante observar a referência estrangeira citada por Coelho Sampaio. Não apenas nesse artigo em específico, mas nota-se que a maioria dos exemplos educacionais por ele apontados é oriunda dos Estados Unidos. Sejam experimentos escolares ou uma vertente de pensamento sobre o ensino, há uma preponderância, na sua argumentação, de elementos dos E.U.A., chamados por ele de *colegas*, no sentido de indicar e alertar ao leitor dos seus artigos que as teorias e práticas pedagógicas elaboradas naquela parte do planeta deveriam ser vistas com olhos mais atentos e simpáticos pelos brasileiros. Essa opção de guiar-se pelo modo norte-americano de pensar teorias educacionais fazia parte de um processo mais amplo. Os educadores da *Escola Nova* não apenas tinham por objetivo estar a par dessa literatura educacional - e esse estar a par significava "se atualizar" - como também empreendiam

¹⁷⁸ Ao final do artigo, consta a data 20 de dezembro de 1946, isto é, entre o processo de escrita e publicação durou pouco mais de uma semana. SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - o ABC do mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 05 jan. 1947.

esforços¹⁷⁹ para tornar mais acessível para os professores brasileiros essas produções internacionais¹⁸⁰.

No abecedário elaborado por Sampaio destacam-se as qualidades e virtudes menos direcionadas ao ambiente da sala de aula, ou seja, as qualidades morais mais vinculadas ao social elucidam melhor a questão do que poderia significar ser exemplo moral. *Ser xerófago* – palavra cuja acepção remete ao cristianismo – à *alcooolatria*, como fora citado, aparece ao lado de *zelar pelo próprio nome*, acredita-se que não por acaso. Comumente ratificava-se que o álcool, o jogo, a prostituição, a vadiagem seriam considerados perigos significativos à moral do cidadão.

Notam-se, ademais, algumas contradições entre as virtudes consideradas essenciais para o professor: cultivar amor, benevolência, respeito e tolerância com os alunos, estava lado a lado com noções de castigo e unilateralidade para julgar situações. Afora isso, governar-se a si mesmo parece entrar em confronto com a pretensa postura de obediência com os superiores, certamente diretores, inspetores e proprietários de estabelecimentos de ensino.

Outro artigo no qual podem ser observados rastros da concepção de Coelho Sampaio sobre a questão da docência, em geral, e do docente, em específico, intitula-se *O Papel do Mestre*, publicado em 1947 na coluna *Ensino e Educação*. Nele, há outras pistas sobre a forma com que o autor pensou, a seu tempo, as funções daqueles que exerciam o magistério:

O professorado é a classe que mais trabalha pelo engrandecimento da Pátria. Pioneiros do sacrifício; sentinelas do sã pensamento; abnegados da Ciênciã; cultores do Saber; incentivadores dos mais sagrados ideais; colunas mestras da orientação dos homens de amanhã; batalhadores incansáveis da união nacional; que, sabem, sempre despertar, no coração dos jovens, os mais sadios princípios da Moral da Religião e do Civismo - são os professores. (...) Há uma onda de simpatia que envolve o mestre em toda a parte onde se encontra. E' o agradecimento. E' o reconhecimento do bem que ele proporciona á coletividade. Não será pedantismo reconhecer isto, porque falo de uma enorme classe, que espalha em todo o orbe, a ação benéfica do seu trabalho lançando em cada coração uma nova semente germinadora do Saber. E, dizendo isto, não deixo portanto de lembrar aqueles que contribuíram para me encaminhar no estreito caminho da luta pelo aperfeiçoamento moral; pela obediencia social; pelo reconhecimento do poder civil; e pela afirmação da necessidade imperiosa do sentimento religioso. Muitos dos que, hoje, se dedicam ao magistério, talvez não saibam explicar como se sentiram atraídos por esta missão

¹⁷⁹ Vidal aponta que "a criação de linhas editoriais, como a Biblioteca de educação, em 1927, dirigida por Lourenço Filho para a Cia. Melhoramentos de São Paulo, como a Coleção pedagógica em 1929, organizada por Paulo Maranhão para F. Briguiet & Cia., e como a Biblioteca pedagógica brasileira em 1931, administrada por Fernando de Azevedo para a Cia. Editora Nacional, foram exemplos desses esforços." Cf. VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹⁸⁰ Idem.

tão árdua, tão espinhosa quão necessária ao progresso e á manutenção do grau de desenvolvimento nas artes, letras, ciencias, a que chegou a humanidade. Mas, todos estão possuídos do mesmo coeficiente de idealismo. De um idealismo capaz de construir algo melhor para o futuro, preservando o homem de retrogradar a uma nova hera de barbárie. E' a luta eterna da Virtude contra o Vício; dos sãos ensinamentos contra a deturpação; do aperfeiçoamento social contra a degenerescencia moral; das ideias conservadoras contra o modernismo exagerado¹⁸¹.

No artigo supracitado, é possível descortinar de forma mais clara alguns pontos-chaves para contextualizar o pensamento pedagógico de Coelho Sampaio no que atine à questão da construção de um ideário sobre a profissão docente. Nesse trecho, observa-se, sobretudo, uma visão mais idealizada da profissão, na qual os pormenores do cotidiano sofrível do professor daquele período não foram explicitados.

O que se ressalta, então, é o incentivo de um imaginário sobre o professor, no qual o mesmo seria sacrificado, abnegado e incansável. É relevante explicitar que mesmo constando inúmeros editoriais na imprensa reivindicando melhores condições de trabalho e melhor reconhecimento salarial para os professores, o que se percebe é que não há, por parte de Coelho Sampaio nem por parte de outros professores e intelectuais do período, uma necessidade de combate a esse imaginário abnegado atrelado aos professores. Ao contrário, quando há discursos de reivindicação em prol da classe, há sempre esse imaginário professoral coexistindo.

Ao afirmar que o professorado seria soldado do *são pensamento* e incentivadores dos *mais sagrados ideais*, deve-se pensar quais parâmetros eram estabelecidos para determinar as fronteiras entre o sadio e o doentio em matéria de pensamento nas mentes dos indivíduos; bem como quais seriam esses horizontes sacralizados destinados à infância e à mocidade, comumente vistos como os homens do futuro, a sociedade do futuro.

Ao longo dos seus argumentos é notável que o autor advoga como moral sadia uma moral alicerçada pela religião, por ele explicitada como uma necessidade imperiosa, mais especificamente pela moral cristã, bem como condutas pautadas no apelo cívico. O próprio entendimento de que o aperfeiçoamento moral seria um caminho estreito e dificultoso de se alcançar já remete a ensinamentos bíblicos. Embora acreditasse que o ensino religioso não devesse ser algo obrigatório no currículo escolar, sua crença favorável ao elemento religioso nas escolas era tanta que em algumas publicidades do Instituto Escolar por ele dirigido

¹⁸¹ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - o papel do mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 01 nov. 1947.

constam a presença de um diretor religioso, como pode-se observar na **figura 12**¹⁸². O padre Luiz Dossenhoven¹⁸³ exerceu ministério presbiteral na Arquidiocese de Fortaleza nesse período, pertencendo à congregação dos lazaristas.

Figura 12 – Publicidade do Instituto São Raimundo, cujo diretor era Antonio Coelho Sampaio.



Fonte: Gazeta de Notícias (19 fev. 1950)

Além disso, o autor especifica ser papel do professor solidificar princípios de obediência social e de legitimação do poder civil, isto é, trata-se de um elogio à educação para a conformação do indivíduo em sociedade, colaboração e produtividade pacífica na engrenagem social, de modo a tolher questionamentos.

Os pares conceituais colocados pelo autor em situação de rivalidade e dualidade – quais sejam: virtude x vício, ensinamentos sãos x deturpação, aperfeiçoamento social x degenerescência moral, ideias conservadoras x modernismo exagerado – clarificam os posicionamentos pedagógicos de Coelho Sampaio que, inclusive, não se fundamentam apenas em teorias pedagógicas. Ao inverso, o seu modo tradicional e conservador de analisar a sociedade era alicerce para suas postulações sobre o ensino, tanto quanto seus referenciais teóricos educacionais. Esse trecho é significativo pois é uma das poucas ocasiões em que Sampaio explicita sua escolha por posicionamentos conservadores. Embora não se posicione totalmente contra a modernidade no âmbito do ensino – note-se que sua repulsa seria por uma

¹⁸² Publicidade do Instituto Escolar São Raimundo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3. 19 fev. 1950.

¹⁸³ Nascido em 1883, na Holanda, ordenou-se, em 1905, nesse mesmo país. Seu nome consta na lista de padres que exerceram missão na Arquidiocese de Fortaleza em algum momento entre os anos 1905 a 2015.

modernização *exacerbada* – é clara e evidente a sua defesa por princípios conservadores e tradicionais.

Afinal, posicionar-se contra uma modernização do ensino poderia ser uma demarcação de ideais bastante arriscada, na medida em que os princípios *escolanovistas*, que propalavam o novo e o moderno, já eram amplamente aceitos e divulgados nos anos 1940, ao menos na esfera do discurso. Isto é, os anos 1940 sucederam o período do chamado *otimismo pedagógico*, caracterizado por movimentos intensos no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, que discutiram renovações a serem implantadas no sistema de ensino brasileiro, sobretudo a partir de ideais da *Escola Nova*.

Entretanto, mesmo que o movimento *escolanovista* defendesse ferrenhamente ideais laicos para o âmbito escolar, no período investigado, o discurso atrelado ao mestre-escola esteve muito próximo de postulações do domínio religioso. Em função disso, muitas vezes, o papel do professor era construído tendo por base ideais sacerdotais. Em artigo intitulado *O Papel do Mestre*, em 1947, Sampaio afirmou:

E assim fazendo o papel dos professores é o de verdadeiros discípulos de Cristo, pois, como diz Keosschensteiner¹⁸⁴: 'Quem não saiba viver no amor de seus semelhantes, pode considerar-se fracassado, de antemão, como educador'. Temos o exemplo de Pestalozzi, cognominado o 'herói da educação' que, ainda aos 70 anos desejava dedicar-se dia e noite à educação das crianças órfãs. E, quando, aos 73 anos, sobrecarregado de dividas, foi-lhe concedido um auxílio de 50.000 francos para editar as suas obras completas, teve, num gesto que ficaria na História, o desprendimento de oferecer aquela enorme soma para incentivar e desenvolver, em todos os tempos, a teoria e a prática da Pedagogia. Pestalozzi pode ser considerado o exemplo dos mestres. Em toda a sua vida, venceu apenas pelo amor que devotava às crianças, ao ensino.¹⁸⁵

Nesse número, as referências teóricas utilizadas foram Kerschensteiner e Pestalozzi. Aquele, inspirado neste. Johan Heinrich Pestalozzi influenciou o pensamento educacional de muitos educadores brasileiros, sobretudo por advogar em prol de um maior afeto e sensibilidade no trato com os seres infantis escolarizados. Seu modo de conceber a educação girava em torno de princípios de liberdade, da bondade vista como inata ao ser –

¹⁸⁴ O educador alemão Jorge Kerschensteiner foi criador da denominação Escola do Trabalho, em 1911, e apre-goava princípios de ênfase do seguimento manual e de habilidades práticas em articulação com a intelectualidade do alunado. Segundo o autor: “Só poderá considerar-se trabalho no sentido pedagógico do termo, se for precedido do esforço intelectual efetuado anteriormente, e renovado durante a execução...”. RÖHRS, Hermann; AL-MEIDA; Danilo Di Manno de; ALVES, Maria Leila. (Org.). **Georg Kerschensteiner**. Recife: Massangana, 2010.

¹⁸⁵ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - o papel do mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 01 nov. 1947.

nesse ponto adepto do pensamento de Rousseau – e também indicando que a criança teria uma personalidade individual.

No texto acima, o pedagogo alemão Georg Kerschensteiner foi destacado por Coelho Sampaio, na medida em que esse exalta que máximas cristãs seriam o alicerce do trabalho docente. Desse modo, tem-se que igualar o papel do mestre com a ideia de discípulo bíblico era analogia recorrente no período. Esse viés do pensamento educacional do Prof. Sampaio está em sintonia com o que Ana Maria Peixoto denominou de *elogio do apostolado*¹⁸⁶, quando analisou dizeres com caráter missionário atribuídos ao magistério no período do Estado Novo, isto é, seu recorte está em interseção ao que é proposto no presente trabalho.

Do mesmo modo, quando Coelho Sampaio cita Pestalozzi como um exemplo de prática docente a ser seguido, o faz ressaltando sua experiência abnegada de vida. Ora, o trecho biográfico que Sampaio escolheu por destacar foi a experiência de um idoso que não fora reconhecido devidamente até o momento por seu trabalho docente e dedicou integralmente o seu tempo a atividades beneficentes e voluntárias na área da educação. E em troca de todo esse esforço, seu "pagamento" era apenas o amor e a gratidão das crianças a este devotado, abnegado, missionário, mestre. Torna-se relevante observar, então, que são exatamente essas características do ideário cristão, vistas como grandes qualidades, que o fazem pertencer à mitologia do herói, alguém que se sacrifica quantas vezes forem necessárias por algum ideal. Isto é, o sofrimento causado pelo não reconhecimento profissional de Pestalozzi é visto como um exemplo – que por definição é aquilo que deveria ser seguido – do que seria um bom professor.

Tão espinhosa caracterização quase permite que o leitor esqueça que o assunto que está em pauta é uma profissão. Acaso não se soubesse que o objetivo do artigo consistia em versar sobre o papel do professor, poderia até pensar que se tratasse de um manifesto em prol de práticas caritativas. O bom professor, como visto, seria aquele capaz de enfrentar sua *missão*, envolvida por sofrimentos, tal como um mártir, sem se importar com reconhecimentos sociais ou salariais. Está em voga a noção de sacrifício como condição naturalizada do cotidiano docente. Os professores tinham que ensinar pelo exemplo e isso passaria por tentativas de suportar problemas e situações adversas, pois a razão de ser das suas

¹⁸⁶ PEIXOTO, A. M. C. O Elogio do Apostolado: o professor nos discursos dos governantes mineiros no período do Estado Novo. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, jan/jun. 2009. Disponível em < http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/10/343o-2-Ana-Maria-_7_.pdf>. Acesso em 15 ago. 2015.

atividades deveria ser o engrandecimento do progresso pátrio. E isso seria incompatível com boas condições financeiras, tempo para lazer, períodos dedicados a estudos e outras condições as quais um profissional normalmente espera.

Ao dissertar sobre a categoria docente em sua coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio raramente faz distinções de gênero. Isto é, ao falar sobre o professorado, o autor não determina se está falando do professor ou da professora. Embora mais espaçadamente se refira especificamente às professoras, é mais comum que se reporte aos professores, em geral. Tal informação, vista isoladamente, poderia sugerir que para Sampaio o papel docente seria unificado e que a finalidade do magistério não seria determinada por questões de gênero.

Entretanto, ao analisar as poucas ocasiões nas quais o elemento feminino é tratado diretamente nos números da seção *Ensino e Educação*, é possível compreender que o autor das colunas possuía visão bastante demarcada sobre o papel da mulher na sociedade e, conseqüentemente, na área da educação. É relevante destacar que as vezes nas quais Coelho Sampaio falou sobre o feminino foram falas atreladas ao âmbito dos assuntos relacionados à criança ou à temática do Ensino Primário, cujo público era o infantil. Isto é, esse destaque mais quantitativo já possibilita compreender que essas associações estabelecidas entre a mulher e a criança não são casuais ou naturais.

Sob subtítulo *Assistencia á Criança*, Coelho Sampaio abordou, na coluna *Ensino e Educação*, a questão da precariedade alimentar das crianças do período. A partir desse assunto foi possível entrever uma vez mais diferentes prismas da sua visão sobre o feminino na sociedade. Ao destacar em sua coluna o que para ele seria a importância de se atentar à boa alimentação das crianças, afirmou:

Mas a falta de instrução neste sentido, dos pais, a-fim de escolher, devidamente, os alimentos convenientes ao organismo infantil, que possuam poder nutritivo e vitaminizador, motiva essa falha evidente dos lares que conhecemos, onde os melhores alimentos são desprezados, cedendo lugar a outros condimentados e mais saborosos, sem o necessario valor nutritivo. (...) No terreno do nutricaoismo temos a 'Escola Agnes Leith' - um centro do mais alto valor no combate á sub-alimentação, ensinando como aproveitar, ao maximo, os alimentos e a ciencia de escolhe-los de modo a vitaminizar o organismo, defendendo-o, ao mesmo tempo, das infecções. Essa instrução da Ciencia alimentar deve, ainda, ser mais difundida por meio de palestras, conferencias, publicações e pela introdução do ensino obrigatorio, dessa materia, em todos os cursos, onde quer que haja frequencia do elemento feminino, a fim de tornar esses conhecimentos mais populares, como unico meio eficiente de alcançar seu desiderato.¹⁸⁷

¹⁸⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação - assistencia á criança. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 18 dez. 1945.

Em um primeiro momento, Sampaio opina que o fenômeno da má alimentação e, por assim dizer, a falta de cuidados apropriados com o ser infantil seria de responsabilidade dos pais das crianças. No entanto, como pode ser visto na citação acima, a afirmação de que a ciência alimentar deveria ser difundida "onde quer que haja frequência do elemento feminino" é um indicativo de que Sampaio corrobora com a ideia de que seria responsabilidade da mulher deter-se apenas ao trabalho no lar, fosse ele o desempenho de uma educação familiar ou fosse ele a execução de tarefas domésticas.

Um indicativo relevante de que essa concepção não era exclusiva do Prof. Coelho Sampaio é que a *Escola Agnes Leith*, que iniciou seus trabalhos em 1944 e que posteriormente seria denominada de *Escola de Visitadoras de Alimentação*; admitia como corpo discente apenas mulheres com formação na Escola Normal. Isto é, para o propósito da educação alimentar, mudanças de hábitos alimentares da família brasileira, trabalhadores, escolares etc., foi convencionado que as mulheres deveriam ser encarregadas de tais funções. O ato de cozinhar – no espaço privado da casa, na condição de tarefa doméstica – foi, no período, entendido como trabalho feminino¹⁸⁸.

Novamente ao colocar em foco a questão do estado de penúria da criança brasileira, Coelho Sampaio cita alguns fatores que, em sua opinião, seriam responsáveis pelas más condições que se encontravam os seres infantis. Um desses fatores permite visualizar mais nuances da sua visão do papel da mulher em sociedade:

Por outro lado a pobreza extremada da classe proletaria não permite que as pobres mães tenham esses cuidados, necessarios e indispensaveis, com as criancinhas, as quais sucumbem por falta de meios e pela ausencia de assistencia maternal, motivada pelo desvio da mulher do lar, pela absorção industrial ou outros trabalhos femininos que afastam as mães dos filhos.¹⁸⁹

O processo de profissionalização feminino foi visto por Coelho Sampaio como algo que poderia ser pernicioso. Ausentar-se do lar e dos cuidados maternos em tempo integral, seria como um atestado de falência da mulher, visto que se considerava que a sua principal função era ser mãe e desempenhar, de forma exemplar, as tarefas exigidas pela maternidade. A própria utilização da expressão *desvio da mulher do lar* já sugere que a

¹⁸⁸ CIDRACK, M. L. *Escola Agnes June Leith: formação e práticas curriculares de visitadoras de alimentação (1944-1966)*. 2010. 250f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

¹⁸⁹ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - pela criança brasileira. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 2 e 4, 23 set. 1948.

inserção da mulher no mercado de trabalho seria um entrave, um bloqueio que estaria impedindo-a, desviando-a daquele que era entendido como papel natural da mulher, ou seja, seres feitos para procriar e cuidar de sua prole.

Para utilizar uma metáfora, o papel feminino - materno, doméstico, matrimonial, do campo privado - estava sendo pensado como um rio, cujas águas fluem naturalmente. Já a inserção da mulher no mercado de trabalho poderia ser entendida como uma grande barreira que tivesse caído acidentalmente no meio do rio, ou seja, um fator não-natural, impedindo o fluxo daquilo compreendido como natural. Essa barreira, cuja analogia remete ao elemento feminino como força de trabalho, assim como impediria o rio de chegar ao seu destino, impediria a mulher de desempenhar aquilo que fora definido socialmente como seu papel natural.

Em outros dois artigos sobre temática semelhante, qual seja a situação da infância brasileira, Coelho Sampaio ratifica em seus escritos que a principal função da mulher é ser boa mãe e boa esposa:

O estado de penuria em que se encontra a criança brasileira tem varias origens. Mas, uma delas, e por sinal a principal e basica, é a ausencia de preparação das mães. (...) Muitas das jovens que, hoje, contraem o matrimonio não estão suficientemente preparadas para isto. E é facil concluir se o que afirmamos, se atentarmos para o fato de que poucas são as candidatas que fazem um curso apropriado. Mesmo as que passaram pelo Curso Normal não demonstram às vezes, possuir amplos conhecimentos da ciencia que ensina os cuidados com a criança, sua educação moral e higienica. É que, no periodo do Curso, parecem dar mais atenção às materias que julgam imprescindiveis á tecnica do ensino. E esquecem-se da importancia da Puericultura. (...) Para terminarmos, queremos citar ainda o dr. Clark: 'O ensino de puericultura deveria ser para as moças o que é serviço militar para os rapazes.'¹⁹⁰

A educação da mulher deve ser a educação doméstica, que se inicia no lar. Os trabalhos manuais devem ser ensinados às jovens desde cedo a-fim-de que se habituem no trabalho e não lamentem a vida depois de casadas quando terão que assumir tão duras responsabilidades.¹⁹¹

Como visto, nas vezes em que tratou de questões relativas ao feminino, Coelho Sampaio destacou como auge da função das mulheres naquele período apenas finalidades atreladas ao lar, ao matrimônio e à maternidade. Tão profundas eram as imbricações entre a função da normalista e a função da mãe, bem como as associações entre o papel do ensino normal e a finalidade da maternidade, que o autor se depara com um espanto ao julgar que

¹⁹⁰ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - assistencia á criança. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 19 nov. 1948.

¹⁹¹ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - assistencia á criança. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 abr. 1949.

existiam moças com diploma da Escola Normal que não dominavam as técnicas de cuidado com a criança. Tratava-se de educar a mulher para princípios de conformação social.

É relevante explicitar que a referência teórica escolhida para legitimar seus argumentos foi o médico Oscar Castelo Branco Clark, mais comumente encontrado como Oscar Clark. Em um período no qual as relações entre Educação e Medicina, Educação e Sanitarismo estavam amplamente em voga, sendo oportuno lembrar que o Ministério da Educação era junto ao da Saúde, formando o Ministério da Educação e Saúde, Oscar Clark detinha voz autorizada para falar das relações de interdependência entre higiene e questões educacionais, inclusive com publicações de artigos na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* durante os anos 1940.

Assim, Sampaio, posicionado em uma rede discursiva, a partir do entendimento de que a inserção da mulher no mercado de trabalho seria um fator prejudicial à educação familiar, sobretudo ao desenvolvimento das crianças, bem como acreditando que o ser feminino deveria confinar-se apenas no lar, não desenvolveu nem mesmo uma reflexão atinente à presença das mulheres no magistério, em específico. Fato esse bastante contraditório, frente ao processo corrente de *feminização do magistério*¹⁹². Desde a passagem do século XIX para o século XX, a presença feminina no magistério já se configurava como majoritária. Sobretudo no ensino primário, o número de mulheres laborando no campo educacional era largamente superior à fatia masculina. A chamada feminização do magistério ocorreu em período simultâneo à expansão quantitativa do campo educacional. Durante muito tempo, o magistério era uma das poucas vias de inserção da mulher no mercado de trabalho, ou seja, uma alternativa de resistência à sua atuação ocorrida apenas no lar.

A seção *Ensino*, do *Almanaque do Ceará*, quando observada durante os anos 1940, possibilita perceber que a presença feminina no magistério ocorria veementemente no Ensino Primário e nas Escolas Normais. Entretanto, quando se observa o corpo docente e administrativo do Ensino Superior, do Ensino Secundário e do Ensino Técnico Profissional, é notável a predominância da atuação masculina. É bastante comum, também, que mesmo no campo relacionado ao Ensino Primário, os cargos mais ascendentes, como a direção dos estabelecimentos, sejam ocupados por homens. Na imprensa cearense do período, quando eram publicados editoriais destinados a pensar a temática educacional, também é notável a prevalência de autorias masculinas.

¹⁹² LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

Coexistiu no período em estudo, recorrente forma de pensamento que, diferente de Coelho Sampaio, estabeleceu relações positivas entre o papel materno atribuído à mulher e a sua presença no magistério. Em artigo publicado na *Gazeta de Notícias* sem especificação de autoria, exprimem-se ideais recorrentes para a figura feminina. Por forte articulação com o que seria um espírito de época – compreendendo esse termo não no sentido de uma força controladora e inconsciente dos sujeitos, mas na acepção de ideias partilhadas – o seguinte escrito será citado quase na íntegra, mas comentado por partes:

Ser professora é uma grande e desvanecedora missão, que tão bem cabe á mulher como ser privilegiado pela Inteligencia Universal para tão agigantado mistér. E' á mulher, por excelencia, que tem a missão de criar, educar e instruir as gerações. E' a mulher, êste ser primacial, que [ilegível] tão grande regalia, porque é ela, como esposa e mãe a fonte maxima da ternura, o repositório de tôdas as nossas mais caras esperanças. E' a mulher que tem o maior e o mais preponderante papel na remodelação da humanidade pela sua elevação moral, infundindo respeito e admiração e magnitude de sentimentos. A' mulher compéte a ação éducativa do lar, ao homem [ilegível] dando ao lar a segurança do seu amparo material e moral. (...) Eu sempre vi na professora primária um ser superior predestinado, dada a sua nobre missão de educadora e plasmadora de caracteres, tudo fazendo para formar cidadãos honrados.¹⁹³

Dessa forma, todo o imaginário professoral anteriormente discutido, pautado em noções missionárias, apostolais, de abnegação e sofrimento, também foi utilizado para a construção de definições do papel feminino no magistério. No entanto, diferente de Coelho Sampaio, que enxergou o engajamento profissional da mulher como um entrave para funções maternas, houve uma vertente de raciocínio contrário, bastante em voga no período em escrutínio e em décadas anteriores. Acreditava-se que características biológicas progenitoras do ser feminino, vistas como naturais, seriam fatores muito mais determinantes do que qualquer tipo de formação oficial para o magistério ou, mais especificamente, para o ensino primário.

O imaginário atribuído à mulher naquele período como sendo um ser terno, gentil, doce, altruísta e moralizado balizava o discurso propalado de que a mulher seria predestinada a ser professora, seria docente por força da natureza, por excelência. Ou seja, se o conjunto de discursos que afirmou a instância predestinada do professorado em geral foi alicerçado pela crença no aspecto vocacional; as ponderações sobre as professoras, em específico, foram substanciadas pelo imaginário feminino, cujo papel professoral e de maternal mantinham fortes articulações. Veja-se a continuação do artigo em questão:

¹⁹³ A professora primária. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 4, 02 fev. 1950.

Se bendizemos dos lábios de nossas mães, que nos ensinaram a repetir o seu santo nome, a orar a Deus e a ele pedir para sermos sempre bons indulgentes, também devemos abençoar os lábios que nos ensinaram as primeiras letras, enaltecer estes corações, fontes continuas, como os de nossas mães, de imarcessível ternura humana. (...) Olhos suplices á mãe de Jesus a professora os eleva quando recebe a notícia de que o aluno tal não comparece á aula por se encontrar enfermo; ela sabe o que é a miséria, o desconforto nas casas humildes e ampliando a missão de educadora dos jovens que lhe são confiados, muitas vezes torna-se preceptora dos próprios pais dos seus alunos, fazendo-se de médica ou de enfermeira, conforme já tive oportunidade de ver. É por esse motivo que cada um de nós deve ter uma mãe e uma professora, cada qual na sua sublime missão. A professora sucede a mãe na educação do filho; uma educa-o no seio da família, infundindo nele o seu caráter e a sua crença, amor e veneração aos seus maiores; a outra educa-o para a sociedade, para o tropelo continuo da vida moderna. (...) A Escola Publica é a sementeira da sabedoria, é o chão onde as raízes da cultura de um povo se radicam para, no futuro, se espalharem e se projetarem através dos diversos grandes setores do conhecimento humano. (...) Se no dizer do Dr. Charles D. Melver, constante das Seleções de Dezembro de 1949 findo, 'quem educa um homem, educa um individuo; quem educa uma mulher, educa uma familia', poderemos acrescentar que quem educa uma filha para professora organiza um viveiro de sabedoria do mais alto teor.¹⁹⁴

Como pode ser analisado a partir do escrito supracitado, a figura materna era vista de maneira fortemente entrelaçada com o aspecto sagrado. Escrito com referências claramente religiosas, faz-se a comparação entre ensinar a rezar e ensinar a ler. A professora, então, para corresponder às expectativas sociais, teria que estar disposta a doar-se e penitenciar-se diariamente, não somente em período escolar, mas em tempo integral. O diferencial desse discurso atrelado ao feminino é o argumento de que a mulher teria predisposição a aceitar esse papel social abnegado, já que haveria de se doar a outro ser que não a si: seu filho.

Apesar de o editorial realizar esforço para diferenciar o papel professoral do papel materno, defendendo a ideia de que aquele teria a *missão* de educar a criança para a sociedade e que este teria a *missão* de educar para o seio familiar, nessa e em outras fontes nota-se uma confusão conceitual e de finalidades entre mãe e professora.

Aqui, diferente da concepção de Coelho Sampaio, ter a capacidade de gerar vidas seria um elemento extremamente positivo para qualificar uma professora. Educar uma filha para o magistério, portanto ao mercado de trabalho, é colocado inclusive como um incentivo a esses pais. Incita-se, então, o direcionamento de mais moças para a prática do ensino, sob argumento de que elas já nasceriam qualificadas para tal finalidade.

Em artigo intitulado *Educação*, Agamenon Magalhães traça paralelos entre o ensino de seu tempo e o ensino do momento no qual escreveu seu artigo, pautado pela *Escola Nova*, com o objetivo de exaltar a Escola Experimental de Pernambuco. O elogio ao

¹⁹⁴ Idem.

estabelecimento é feito por esse adotar o ensino intuitivo e desempenhar atividades lúdicas no ensino, inclusive contendo em sua estrutura uma brinquedoteca. No artigo, elogia-se também a diretora do colégio, Maria de Lourdes Temporal. Atente-se, então, a como ele desenvolve seu elogio a essa gestora:

Quem aprendeu, como eu, o abc e a taboada, cantando as letras, as sílabas e os números, processo mnemônico para gravar as lições, adotado nas escolas primárias de então, assombrado com a palmatória, que caía de um cordão preso na mesa de pinho do professor, e visitar a Escola Experimental de Pernambuco, com o seu material e métodos pedagógicos intuitivos, fica maravilhado com o progresso que temos alcançado em matéria de ensino e com os cuidados dos governos em desenvolver e aprimorar a educação. Fica maravilhado, sobretudo, com as vocações que o nosso magisterio tem formado como a professora Maria de Lourdes Temporal, que dirige aquele instituto desde a sua fundação, dando-lhe o que a inteligência e os sentimentos que uma mulher poderiam dar no estudo da criança, dos seus caprichos, dos seus pendores e da sua compreensão. No estudo dos métodos necessários a desenvolver nessa mesma criança a compreensão e o sentido das coisas.¹⁹⁵

Uma vez mais, circulou no período o entendimento de que a mulher teria uma habilidade restrita para desempenhar tarefas do campo educacional. Não à toa, fala-se da sua atuação no ensino primário. O elogio endereçado à diretora da escola em questão foi feito sob o signo do biológico. O elogio ao seu considerado êxito nas atividades de gestão do educandário poderia ser feito com base em sua formação, diplomas ou técnicas, mas foi feito com base no imaginário maternal. Outro ponto a ser ressaltado é que na realidade cearense, como dito em momentos anteriores, os cargos mais elevados nos educandários, como o posto da diretoria, eram mais comumente ocupados pelo elemento masculino.

Houve também, sobretudo entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, no Brasil, teses que cogitaram a ideia do celibato pedagógico¹⁹⁶. Essa tese, apesar de parecer se referir a todos os profissionais do campo pedagógico, restringia-se às mulheres. Isto é, acreditava-se ser incompatível constituir uma família e desempenhar atividades professorais, concomitantemente. Através da proibição de *professoras-mães* contraírem matrimônio, alcançar-se-ia, então, dedicação exclusiva dessas mulheres à causa educacional, bem como diminuir-se-iam gastos com o que se acreditava ser um peso morto para os cofres públicos: os maridos desempregados de professoras. Assim, o que seria esse sacerdócio laico, seria um expoente do discurso missionário e apostolar construído para o professorado.

¹⁹⁵ MAGALHÃES, A. Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 20 dez. 1940.

¹⁹⁶ SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século xx**: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes. 2006. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

Entre visões que julgavam ser papel da mulher 1) o seu confinamento ao lar, educando e moralizando a família; 2) ser concomitantemente professora primária e mãe, utilizando o que seria um dom maternal, visto como algo inerente à sua existência e 3) abdicar das funções maternas para dedicar-se exclusivamente ao magistério, é necessário um destaque: a definição desses papéis para o ser feminino, nas fontes analisadas, era feita, majoritariamente, por homens.

Não raras *foram* as vezes nas quais indivíduos – ligados ao magistério ou não – descreveram, no passado, ideais para a prática professoral de forma a destacar como inevitáveis, inerentes ou mesmo necessárias à prática docente, um cotidiano sofrível, que por falta de reconhecimento profissional tem seu dia a dia permeado por adversidades.

Não raras *são* as vezes em que é possível identificar, nos dias atuais, nos mais variados meios, discursos como esses que tecem representações da figura do professor situadas mais próximas da ideia de *missão* do que de *profissão*, utilizando-as para justificar algo histórico: a desvalorização do trabalho docente.

No entanto, analisou-se, a partir das fontes pesquisadas, que lado a lado dessas idealizações missionárias, produzidas para se definir o que seria a função do mestre, existiam reivindicações de professores e professoras, quase em moldes de denúncia, que permitem ressaltar que a classe docente não passara inerte por esse processo de desvalorização de suas profissões. Ao inverso, a palavra impressa foi um dos seus instrumentos de luta pela melhoria dos seus cotidianos de trabalhadores.

Todavia, como será visto no tópico 2 deste segundo capítulo, não basta crer que de um lado estavam os discursos que propalavam a abnegação do ser docente como tônica e de outro lado estavam os reclames profissionais, de modo apartado, isolado. Como será possível perceber, apesar de parecerem ser coisas opostas, os intercâmbios entre essas formas de significar e de construir o trabalho do professorado travaram relações nada simplistas.

3.2. Noções de abnegação e profissão em conflito: professores como classe.

Como discutido no tópico anterior, existiram com recorrência discursos fomentadores de um desígnio idealizado para o papel docente, identificando o magistério como uma missão a ser seguida. O enfrentamento de um cotidiano permeado por sofrimentos e penúrias de várias ordens era postulado como inerente aos sujeitos que se dedicavam ao ato de ensinar. Um dos principais méritos do professor, então, seria suportar aquilo que lhe fora predestinado. No entanto, de forma concomitante a esses discursos, existiram, também recorrentemente, formas de reivindicação pela palavra impressa, nas quais o entendimento do magistério como profissão se fazia muito mais pungente.

Nesse sentido, este tópico tem por escopo investigar de quais formas ocorreram relações de aproximação e distanciamento entre esses dois modos de se conjecturar o papel docente: como missão e como profissão. Afinal, vozes que advogavam elementos missionários atrelados ao magistério e discursos que destacavam a instância de profissão do ato de ensinar, isto é, que defenderam ideais aparentemente opostos, traçaram entrecruzamentos?

É relevante explicitar que se toma por classe o entendimento proposto por E. P. Thompson, quando o autor afirma que é necessário estar atento ao *fazer-se* da classe, composta por sujeitos dotados de ações ativas. Para tanto, concorda-se que a dimensão da agência humana na classe deve ser interpretada como centro da questão, procurando evitar noções imóveis, estruturais e generalizantes. Em suma, como afirma Thompson:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus¹⁹⁷.

Nesse sentido, buscar-se-á destinar atenção aos conflitos existentes nesse *fazer-se* de professores e professoras, que enxergavam na imprensa um meio para fazer circular denúncias e reivindicações. Escritos esses que, quando utilizados na condição de fontes históricas, permitem descortinar cotidianos sofríveis daqueles que se dedicavam ao ofício de ensinar, bem como uma forma de observar que os profissionais da educação desse período não sofriam de maneira inerte. Ao inverso, auxiliados por uma consciência de classe, lutaram para construir os seus mo(vi)mentos.

¹⁹⁷ THOMPSON, Edward. Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Tendo por fontes principais editoriais saídos em jornais, é relevante explicitar o princípio metodológico de que o jornal, como afirmam autores que se debruçaram sobre questões pertinentes ao uso da imprensa como fonte histórica pelo historiador, deve ser analisado sob múltiplas perspectivas. Um desses elementos reporta a um cuidado de análise fulcral: mesmo que na presente pesquisa se tenha por foco investigar questões educacionais no Ceará dos anos 1940, a partir dos textos saídos na coluna *Ensino e Educação*, foi preciso dedicar olhar atento aos outros editoriais e seções saídos no jornal em que a coluna foi publicada por 6 anos, a *Gazeta de Notícias*, bem como a outros jornais que também circularam no período examinado.

Tal caminho metodológico permitiu a compreensão de que, em algumas situações, as ideias apregoadas em um mesmo órgão editorial estabeleceram relações de convergência ou complementaridade, e em outros momentos, elas divergiram veementemente. Situações essas que aconteceram, inclusive, não somente no campo das publicações educacionais, mas também em outros assuntos considerados palpitantes pelo público leitor. Suscitaram debates calorosos, com ideais divergentes entre si, na *Gazeta de Notícias*, por exemplo, editoriais opinativos sobre a situação política de transição do período, discutindo aspectos do governo do Estado Novo e a figura do então presidente Getúlio Vargas¹⁹⁸.

Ratifica-se que, apesar de os jornais comumente zelarem por propósitos unificadores, as diferentes concepções político-educacionais dos colaboradores e jornalistas não são mecanicamente cerceadas pela linha editorial do jornal. Isto é, apesar de sua existência, há visões destoantes coexistindo nesse mesmo espaço. Tal observação subsidia o entendimento de que o jornal não se configura como uma entidade abstrata, mas que é composto por sujeitos. Jornalistas e colaboradores fazem emergir brechas que possibilitam e sustentam a existência de debates com ideias contrastantes frente às pressões da linha editorial.

Nesse sentido, destaca-se que na página seguinte de um segundo número da coluna *Ensino e Educação*, com subtítulo *Instruir e Educar*, publicou-se, na *Gazeta de Notícias* o artigo chamado *O Problema do Professor*, sob a autoria de Costa Rêgo. O texto de autoria de Coelho Sampaio, já aludido em outras subdivisões do presente trabalho, tinha por

¹⁹⁸SILVA, M. A. da. Matéria de Salvação Pública: *Ensino e Educação* no Ceará da Década de 1940. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA POLÍTICA INTERFACES E DIÁLOGOS COM AS CIÊNCIAS HUMANAS, 1., 2015, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/165-12582-22052015-231337.pdf> Acesso em 3 fev. 2016.

objetivo destacar aspectos idealizados da função docente, destacando-se muito mais a finalidade altruística do ensinar, bem como o papel social de educar gerações, formando para o porvir uma sociedade mais democrática e justa, do que enfatizar aspectos do cotidiano docente. Já na página subsequente a esse editorial, Costa Rêgo também delineia reflexões sobre o magistério, mas o faz de maneira dissonante de Coelho Sampaio.

Desde o título escolhido para o artigo, C. Rêgo optou por discutir a questão dos professores no período muito mais a partir de motes práticos do que morais. E, por coligir reivindicações recorrentes da classe professoral, será citado quase em sua íntegra:

A situação do professor nunca foi brilhante nos estabelecimentos particulares de ensino. O Ministério da Educação estabeleceu há poucos anos que êsses estabelecimentos não poderiam funcionar sem que os respectivos professores recebessem pontualmente remuneração condigna; mas entre o preceito assim criado e a prática do mesmo ainda rola uma espécie de pleito. Contudo, não são exageradas as aspirações dos professores. O salário-aula que pleiteiam representa muito pouco em relação com o nível de outras profissões. Calculado na base do salário mínimo de cada região, êle busca ser, por exemplo, tratando-se de ensino secundario, de 31 cruzeiros no Distrito Federal. O numero de aulas consecutivas é limitado a quatro, e a seis o de aulas intercaladas. Em qualquer dos casos, o professor dedicará ao estabelecimento seu tempo integral. De facto, o esforço de quatro aulas consecutivas, como o de seis aulas intercaladas, já o esgota bastante para não permitir atividades subsidiárias. Na hipótese do maior rendimento, êle daria vinte e quatro ou trinta e seis aulas por semana. Mas descontem-se ainda os feriados, considere-se que nem todos chegam ao máximo das aulas e teremos a remuneração média de um professor abaixo da concedida a muitos oficiais administrativos nas repartições do Estado, e o preparo do programa lhe absorve outras horas do seu dia. Nem tudo está, porém, em fixar o salário. (...) O Sindicato dos Professores, nas sugestões ultimamente apresentadas ao govêrno sôbre o assunto, reclama o direito de entender-se com o Ministério da Educação em matéria de reclamações da classe, independentemente de serem éstas encaminhadas pelo individuo interessado. A sugestão explica-se e justifica-se. Em principio, o professor é sempre mais indicado para a apresentar á autoridade publica sua reclamação contra o estabelecimento onde serve. Mas a reclamação, encaminhada por êle, gera um conflito, ao qual nem todos podem expôr-se. O Sindicato é mais livre para debater o incidente, inclusive á revelia do proprio professor. (...) Assim, o problema do professor não é só um problema de salário. O salário assegura-lhe a vida; a proteção do Estado garante-lhe a independência para ministrar o ensino.¹⁹⁹

Não há informações sobre vínculos do colaborador ou sobre aspectos de formação de Costa Rego próximo ao título do artigo, como ocorria com frequência em outros editoriais²⁰⁰. Entretanto, por apresentar exemplos textuais acerca do salário dos professores residentes no Distrito Federal e por entender por "governo" o Ministério da Educação e

¹⁹⁹ RÊGO, Costa. O problema do professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 01 jun. 1944.

²⁰⁰ Esse tipo de informação aparecia com certa recorrência nas páginas da *Gazeta de Notícias*. No caso de Coelho Sampaio, apenas em poucos números da coluna *Ensino e Educação* constava ao lado de seu nome o adendo do mesmo ser *diretor do Instituto São Raimundo*, colégio que criara e dirigira em Fortaleza nos anos de 1940.

Saúde, é possível intuir que sua escrita não tem por base apenas a realidade do ensino cearense. E, de fato, trata-se de uma visão do sistema de ensino e de uma construção de sentidos sobre o ser professoral advinda de alguém que não tinha em vista experiência educacional cearense, especificamente, embora escritos de sua autoria fossem recorrentemente divulgados nesse matutino alencarino.

Pedro da Costa Rego (1889-1954), autor do artigo acima citado, teve, no decorrer de sua vida, uma trajetória pautada por atividades jornalistas de escrita e âmbito político. Na imprensa, sua atuação mais duradoura foi no expressivo jornal carioca *Correio da Manhã*, no qual assumiu funções de colaborador, repórter e editor-chefe por cinco décadas. Na seção *Através de revistas e jornais*, que existiu na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, também se podia frequentemente encontrar artigos seus publicados nesse periódico oficial especializado. Assim, no que se refere à opinião pública, no ano em que se veiculou o artigo supracitado, qual seja 1944, Costa Rego já possuía sólido respaldo como jornalista e escritor²⁰¹.

Há de se destacar que a presença de editoriais que buscavam fazer circular em meio cearense algum meandro da temática educacional não eram feitos com exclusividade por sujeitos ligados mais diretamente ao ensino. Outras vozes poderiam ser autorizadas a discutir a temática, que não apenas professores e professoras. Dessa forma, tal como Costa Rego, além dos docentes com formação para tal, médicos, políticos, literatos, jornalistas, religiosos, economistas, bacharéis, dentre outras vozes, expressavam ideias sobre o ensino naquele período. Tal informação possibilita desenvolver o seguinte questionamento: por que profissionais de outras áreas, mesmo sem qualquer formação na área da educação, sentiam-se confortáveis e legitimados para dizer aspectos considerados louváveis ou extirpáveis no ensino cearense? Essa questão resguarda muitas especificidades, entretanto acredita-se que, de uma forma geral, isso possa ter ligações com a questão do processo de "desprofissionalização" da profissão docente no período em questão. Quando a educação é terreno em que todos se sentem aptos para proferir julgamentos, qual o incentivo à formação específica na área?

No artigo citado, apesar de o autor não se propor a analisar as condições de trabalho professoral como classe abrangente, mas, do professor vinculado aos

²⁰¹ SOUZA, Lidiane Diniz Fernandes Santos de. **Costa Rego e o curso pioneiro de jornalismo da Universidade do Distrito Federal**. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Centro de Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

estabelecimentos de ensino privado em específico; muitos dos reclames por ele destacados eram partilhados por toda a classe. É preciso destacar que esse segmento da classe dos professores, os mestres que laboravam no ensino particular, fazia-se presente, repetidas vezes, em reivindicações impressas no periodismo cearense.

Como afirma Aparecida Gouveia, os professores que lecionavam em escolas particulares nesse período eram amparados pela legislação trabalhista e, consequentemente, credenciavam-se a benefícios menos generosos do que os atribuídos aos professores estaduais²⁰². Essa distinção entre professores oficiais e professores particulares – que resultava não somente em diferenças salariais e direitos trabalhistas, mas também diferenças de prestígio social – muitas vezes foi o mote para professores ou defensores dos profissionais vinculados à rede particular de ensino buscarem o meio impresso para expressarem suas reivindicações.

As distâncias entre leis e práticas, legislações do ensino x cotidiano escolar, como aponta o autor, resguardam abismos. Escrito na primeira metade da década de 1940, esse artigo expõe percalços e dificuldades enfrentadas por professores daquele contexto, mas que se revelam bastante atuais. Quantidades exacerbadadas de aulas ao dia, que na maioria das vezes acorrentavam o profissional às instituições de ensino que prestavam serviço; descontos no salário por feriados ou faltas com motivos justificáveis, como por exemplo por doenças; retaliações por parte das direções escolares, quando havia alguma reivindicação encaminhada pelo próprio professor às autoridades públicas, sendo essa queixa um dos principais motivos que justificavam o interesse por criações de sindicatos para a classe; bem como professores que, mesmo esgotados, tinham que complementar seus ganhos salariais com outras atividades; são reivindicações que, aos ouvidos atuais, soam familiares.

Como dito em outros momentos desta investigação, as mulheres atuantes no magistério compunham a maioria do corpo docente do Ensino Primário e também nas Escolas Normais. No entanto, nas fontes pesquisadas, existiu uma menor frequência de artigos publicados na imprensa com autorias atribuídas a alguma professora ou defensora da causa da Educação. Dentre eles, será citado um trecho do artigo de Fernanda Brito, intitulado *Professores e Alunos*, publicado na seção *Crônica da Semana*, no matutino diário *Gazeta de Notícias*, no qual a professora expõe contrastes entre o padrão de vida elevado da cidade de Fortaleza naquele momento e os poucos salários pagos aos docentes:

²⁰² GOUVEIA, Aparecida Joly. **Professoras de amanhã**: um estudo de escolha ocupacional. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1965.

Todos os homens procuram a perfeição, uns pelas teorias filosoficas e religiosas, outros pelas diferentes formas de concepções politicas. Mas, todos procuram alcançar o mesmo fim: a perfeição e a felicidade da vida. Se há homens que deviam ser perfeitos, os professores seriam estes. Entretanto, aumenta o padrão de vida social e a remuneração dos mestres continua estacionada. Até a missa deixou de receber como esmola á sua celebração de 10,00 de antigamente. E..., os professores apesar de serem humanos e tão necessitados como as outras classes, pois possuem familias, e além do mais tem por obrigação se representarem socialmente de maneira decente, ainda não tiveram o aumento que fazem jus as suas necessidades de homens inteligentes e intelectuais. (...) Os sapateiros e leiteiros podem trajar macacão e gravata, mas os professores não podem... Ora, uma gravata custa de 40,00 até 200,00, uma roupa nem se fala. Outra cousa interessante na vida dos mestres de collegios particulares é não poderem ficar doentes. Todas as outras classes podem adoecer três dias, mas a dos mestres não... Se os mesmos faltarem um dia é descontado na ficha de remuneração mensal.²⁰³

Em 1946, momento no qual foi publicado o texto supracitado de Fernanda Brito, não era comum no matutino *Gazeta de Notícias* que se publicasse o artigo seguido da fotografia de seu autor. Não se sabe ao certo o porquê, mas esse artigo, em específico, foi publicado acrescido de um retrato da autora. (Ver figura 13 na página seguinte desta dissertação). Como também pode ser observado na gravura, constou a informação do seu vínculo intelectual, o Centro Cultural José do Patrocínio. O autor F. Silva Nobre apontou-a entre *1001 Cearenses Notáveis*, em seu livro de título homônimo, como sendo poetisa e trovadora, colaboradora de vários jornais e revistas cearenses e fluminenses, após radicar-se na cidade de Nilópolis, no Rio de Janeiro. Além do grêmio explicitado pela *Gazeta de Notícias*, Fernanda Brito Araújo também participava, dentre outras agremiações, da *Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno*²⁰⁴. Por hipótese, tem-se que a presença da fotografia da autora junto ao seu texto relaciona-se com sua passagem movimentada em diferentes grêmios culturais da cidade, supondo-se que isso poderia conceder peso à sua argumentação no âmbito da opinião pública.

Na imprensa, Fernanda Brito considerou relevante expor as incongruências existentes entre as muitas responsabilidades exigidas ao mestre e o diminuto ordenado a eles

²⁰³ BRITO, F. Centro Cultural José do Patrocínio. Crônica da Semana. Professores e alunos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 31 out. 1946.

²⁰⁴ "Fernanda Brito Araujo nasceu em Fortaleza, 12 de janeiro de 1927, filha de Fernando Carvalho Brito e Maria Luisa Braga Carvalho Brito. Estudos no Colégio Sete de Setembro, Colégio Santa Cecília, Escola Normal Justiniano Serpa e Colégio São João, na sua cidade natal. Colaborou na revista 'Jangada', da Casa Juvenal Galeano, e nos jornais 'O Estado', 'Gazeta de Noticias' e 'O Democrata', de Fortaleza. Casou com o escritor Raimundo Araújo e radicou-se em Nilópolis (RJ). Outras publicações que acolheram os seus trabalhos: 'O Malho', 'O Cruzeiro', 'Voz dos Municípios Fluminenses'. Vereadora à Câmara Municipal de Nilópolis, integra o Conselho Municipal de Cultura. Poetisa e trovadora. Uma das autoras de Tetracorde, participou de obras coletivas de Aparício Fernandes e outros. Publicou Poemas do Fimca-pé (1940) e Sementes (1963). Membro da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, da Academia Brasileira de Trova, Academia Nilopolitana de Letras e Centro Cultural José do Patrocínio". Cf. NOBRE, F. S. **1001 cearenses notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.

pago. Apesar de concordar com a ideia de que todo professor deveria ter por ideal a perfeição, F. Araújo Brito incide a sua argumentação muito mais aos aspectos negativos presentes na profissão docente. Aspectos como a dificuldade em pagar até mesmo a quantia exigida como esmola na missa, o desconto no ordenado mensal por faltas atribuídas às doenças, bem como as altas cifras necessárias para cumprir-se a exigência do uso de vestimentas consideradas condignas aos mestres²⁰⁵, descortinam, dentre outras reivindicações impressas aqui analisadas, as dificuldades encontradas por esses sujeitos que laboravam no magistério, a forma com que os parcos ordenados impactavam suas vidas.

Figura 13 – Fotografia do fragmento de artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, sob autoria de Fernanda Brito, incluindo uma foto da autora, incorporada à publicação



Fonte: Gazeta de Notícias (31 out. 1946).

Já no ano de 1950, Sampaio se reportava a uma condição deveras comum ao profissional que seguia a carreira do ensino:

Raro é portanto, o professor que pode dedicar-se apenas ao magisterio, porque o ordenado que recebe não é suficiente para sua manutenção. Resultado: os melhores professores procuram obter um 'gancho' em qualquer repartição publica, afim de preencher uma parte do expediente com algo mais lucrativo. E assim fazendo, não

²⁰⁵ Ao observar na **Figura 13** o traje usado pela professora em sua foto que fora publicada na *Gazeta de Notícias*, é possível ter pistas do que poderia significar os trajes alinhados, exigidos aos professores como expressão de sua moralidade.

tem mais tempo para o estudo. Não há, desse modo, professores especializados como outrora. Como poderá mesmo o professor particular obter o tempo necessário para o estudo, nas suas matérias preferidas, se tem de ganhar a vida de várias maneiras? Conheço muitos colegas que têm dois ou três empregos para poder manter a família: pela manhã - aulas; à tarde - emprego público; de noite - trabalhando num escritório, ou na imprensa. Onde está o tempo para especialização, para o estudo? E ainda mesmo que houvesse, onde arranjar dinheiro para comprar livros?²⁰⁶

Coelho Sampaio, quando discorria sobre o papel do professor ao longo de suas colunas com temáticas educacionais, direcionava majoritária parte de suas inquietações à realidade profissional dos educadores vinculados às instituições privadas de ensino, similarmente ao que ponderou Costa Rêgo. Por mais que esse segmento temático não estivesse presente nos subtítulos das colunas, como costumava ser com outros assuntos – com exceção apenas de um dos seus números²⁰⁷ –, é possível notar que a temática do professor particular era questão preponderante nos seus escritos.

Quando Sampaio e outros intelectuais do período reclamam acerca do quanto poderia ser dificultoso o acesso a livros, fosse em bibliotecas públicas ou fosse adquirindo-os; bem como dissertam sobre as dificuldades que passaram para conseguir brechas na rotina professoral para estudos, é sinalizada uma questão. Talvez isso seja indício de que esses professores considerassem que a formação e os saberes docentes não seriam estáticos e que mesmo depois de diplomados, eles precisariam continuar comprando livros e atualizando conhecimentos.

Há de se notar que a sua própria experiência profissional na área do magistério nesse período foi ligada ao ensino privado. Além de fundar e dirigir uma instituição particular de ensino, o *Instituto São Raimundo*, na Fortaleza do início dos anos 1940, Coelho Sampaio teve trabalho docente remunerado no *Ginásio 7 de Setembro*²⁰⁸. Já no *Colégio Dom Bosco* e na *Casa do Estudante*, seu trabalho docente foi ministrado na função de aprendiz, com o objetivo de obter experiência profissional. Entretanto, esse enfoque de Coelho Sampaio em

²⁰⁶ SAMPAIO, Coelho. Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 12 fev. 1950.

²⁰⁷ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - O problema do prof. particular. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 25 jan. 1950.

²⁰⁸ Essa informação sobre o trabalho docente de Coelho Sampaio no Ginásio 7 de Setembro, propriedade de Edilson Brasil Soares; consta apenas na seção *Nota sobre o autor*, contida em seu livro intitulado *Missão Cumprida*, editado por órgão público da cidade de Fortaleza. Cf. SAMPAIO, A. C. **Missão Cumprida**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981. Na década anterior à da publicação deste livro, através de matéria veiculada na quarta página do 1º caderno do jornal *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, tem-se a informação de que Antônio Coelho Sampaio continuou a ponderar sobre assuntos educacionais. Membro do Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo, o professor Sampaio sugeriu - e teve aprovada - a criação de uma TV Educativa nesse Estado, assim como fora feito no Rio de Janeiro.

sua escrita na *Gazeta de Notícias*, direcionado a ponderações sobre a realidade particular de ensino, não se configura como algo isolado. Tratava-se de uma ramificação da classe professoral que lutava por reconhecimento.

Desde a consolidação do Estado republicano brasileiro, havia várias frentes de opinião sobre a temática educacional, sobretudo litigiosas: os que falavam em nome da escola pública como escola estatal, os que falavam em defesa de escolas confessionais, os que propunham ideais educacionais independentes e alternativos, que muitas vezes foram duramente combatidas pelo poder oficial, e também aqueles que se apresentavam no debate como proprietários de escolas ou em defesa do sistema particular de ensino²⁰⁹. No jornal *Gazeta de Notícias*, em específico, além do esforço massivo de Coelho Sampaio em defesa da educação privada em sua seção colunar, existiam, como veremos ao longo deste tópico, outras iniciativas que reclamavam melhorias para esse setor de ensino.

A principal reclamação de classe destacada por Coelho Sampaio no artigo ora mencionado, diz respeito a ser comum, naquele momento, professores que necessitavam recorrer a outras profissões para complementar a parca renda advinda do trabalho professoral. E tal fato não era, inclusive, bem visto socialmente. Esperava-se que o professor se dedicasse de forma integral ao ensino, ao passo que esse deveria ser encarado como a sua missão, que pela magnitude de sua finalidade – construir um futuro pátrio melhor – não deixava brechas para o magistério ser somente mais uma profissão na vida do indivíduo. Tal fato consistiria em não corresponder às idealizações de abnegação e missão construídas para o professor.

No Ceará do século XIX, quando alguém constatava que um professor também laborava em outras profissões, isso poderia resultar em *queixas* formais direcionadas à Diretoria da Instrução Pública²¹⁰. Caso o professor não tivesse solicitado autorização oficial desse departamento, poderia inclusive sofrer punições por buscar meios de sobrevivência concomitantes ao exercício do magistério. No entanto, apesar do propósito proibitivo de tal prática, desde o século XIX, passando pelo período deste estudo, os anos 1940, e não seria exagero afirmar que até os dias atuais, *era* e *é* bastante corriqueiro que os professores tenham que se submeter à manutenção de várias profissões ao mesmo tempo para compensar os

²⁰⁹ FREITAS, Marcos Césae de; BICAS, Maurilane. de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

²¹⁰ SILVA, B. E. S. **Uma história da educação: a invenção da instrução pública na Província do Ceará (1858-1889)**. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ordenados advindos do magistério que, sozinhos, muitas vezes não garantem sua própria subsistência ou de suas famílias.

Outra questão pertinente aos meandros das reivindicações docentes é que, nos anos 1940, havia uma grande parcela populacional em idade escolar fora dos bancos da escola, mesmo que a expansão da educação pública tenha sido uma das principais promessas republicanas. Marcos Freitas e Maurilane Biccas afirmam que, no Brasil, números mais expressivos no que se refere à oferta de vagas escolares públicas somente são observáveis a partir dos anos 1930. Entretanto, no contexto dos anos 1940, no Ceará, o que se percebe é que essa expansão de vagas ainda era bastante retraída e excluía dos ambientes escolares substantiva fatia da população.

Dessa forma, o ato de clamar por mudanças nessa sofrível realidade escolar foi feito, grosso modo, de duas formas: defender a criação de mais vagas escolares públicas e, portanto, intensificar a democratização do acesso da população à escola financiada pelo Estado ou incitar apoios e incentivos financeiros para escolas particulares, bem como realizar a tarefa de conscientizar os pais dos alunos²¹¹ a dedicarem parte de sua renda para angariar os estudos dos seus filhos. Esta última opção, deve-se destacar como sendo uma forma bastante elitista de se pensar o acesso educacional, tendo em vista que mesmo os institutos escolares

²¹¹ Outro modo recorrente, nos escritos impressos que se destinavam a culpabilizar os pais por algum aspecto que considerassem negativo no sistema educacional, é a ideia de que os pais teriam que compreender e aceitar a reprovação de seu filho em testes escolares, se assim o professor decidisse. O que era posto como *ação moralizadora dos mestres* no ensino, muitas vezes dizia respeito à fiscalização mais severa de provas, evitando a famosa "cola" entre alunos. Para os seguintes autores, bastariam tais atos, mais práticos, para moralizar/dignificar o ensino: "Está verificado que a moralização do ensino depende, acima de tudo, dos mestres. E' fato que há outros fatores a influem no problema. O teor dos programas. O critério dos estabelecimentos de ensino. As condições financeiras dos educandos. Enfim, muitas condições que tornam a questão por demais complexa. Há, porém, algo que a técnica oficial não pode oferecer e que, no entanto, parece mais importante que todo e qualquer outro provimento. Queremo-nos referir á disposição pessoal do mestre no fazer respeitar a ética dos exames. Se houvesse, por exemplo, uma espécie de pacto entre todos do magistério, no sentido de manterem o mais estrito espírito de justiça nas provas de aproveitamento e seleção a que se submetem os estudantes, é de supor que em pouco tempo a situação do ensino melhoraria extraordinariamente, quase que resolvendo todo o problema, uma vez que as demais influencias perturbadoras desapareceriam como por encanto. (...) Queremos ressaltar aqui, a possibilidade das diversas e multiplas <artes> de que se sabem valer os estudantes para contrabalançarem as suas reais faculdades, e que vão desde a <cola> mais desenfreada, até aos condenaveis processos de aliciamento e <pistolão>, em cujo apêlo são useiros e vezeiros. Nestas condições, os mestres deveriam começar por impedir, por completo, o recurso a tais métodos, que degradam e desmoralizam os exames, pondo ademais em situação de desigualdade os que não sabem, ou não querem, ou não ousam adotá-los. (...) Bastaria isso para restaurar a dignidade do ensino, porque de um lado os estudantes procurariam esforçar-se mais no aprendizado, enquanto do outro os educandários porfiariam em melhorar as condições de funcionamento, êstes e aquêles sob o efeito da ação moralizadora dos mestres." Cf. O que se espera dos mestres. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 22 fev. 1952.; "As primeiras letras representam o fundo do alicerce intelectual. Quem aprende bem as materias do curso primario não encontra maiores tropeços no curso secundario como este serve tambem de base para cursos superiores. Os pais é que não compreendem isso. Querem que os filhos avancem, que sejam aprovados mesmo sem nada saber, contanto que mais depressa passem a ganhar dinheiro." Cf. FIRMEZA, H., O fim das aulas. **Unitário**, Fortaleza, p. 2, 1 dez. 1944.

mais modestos exigiam gastos consideráveis com mensalidades, material escolar e fardamento. Por esse viés de pensamento, apenas uma minoria – classe média e abastados – poderia acessar o ensino formal²¹².

Mais ao fim dos anos 1940, foi publicado, na coluna *Ensino e Educação* o artigo intitulado *A Missão do Professor*. Nesse artigo, as representações sobre o magistério fomentaram, até mesmo contraditoriamente, outro tipo de discussão atrelada à causa educacional:

As atividades do professor, no mundo inteiro, em prol do desenvolvimento da Humanidade, é inavaliável, tendo-se em vista que todos trabalham, abnegadamente, pelo bem comum, instruindo e educando. Nêsse sentido êles, desde cêdo, perdem todas as esperanças de si enriquecerem materialmente, adquirindo, apenas, a riqueza cultural do convívio com os livros. Sendo, realmente, a classe dos menos compensados muito não ganham suficiente para comprar livros de que precisam... (...) Além disso existe uma espécie de falha compreensão por parte de grande maioria do povo no que concerne ao papel do professor. Muita gente entende que o professor deve ensinar gratuitamente, como se êle não precisasse do mesmo conforto do resto dos homens ou mesmo até mais, a se julgar pelas energias que despende no ensino estafante de 8 horas ou mais por dia. Outros, com uma mentalidade ainda tacanha e rasteira, colocam em ultimo lugar a instrução dos filhos. Para êstes a mensalidade cobrada pelo professorado sempre é exorbitante; o professor não devia ganhar as férias; os feriados não deviam ser pagos; e alguns acham até que professor devia dar, além da aula, os livros e os cadernos. (...) Nos concursos o numero de reprovações é um indice de atraso vergonhoso pra o nosso Estado. E isto tudo porque os pais colocam em ultimo plano a educação dos seus filhos, não dando valor merecido do mestre; gastando perdulariamente o que ganham em prazeres vãos, promovendo, inconscientemente, a alta dos preços das utilidades em virtude de procura sem medida que fazem aos objetos de luxo; e, finalmente, porque não pensam no futuro dos filhos, pensando-lhe apenas nas cousas de resultados imediatos²¹³.

No período em escrutínio, existiram na imprensa cearense duas grandes vertentes de ponderações quando o assunto era a profissão docente. De um lado, era assunto palpitante explicitar quais deveriam ser as características, virtudes e obrigações de professores e professoras e, do outro, escritos destinados a demonstrar – quase em moldes de denúncia aos leitores desses periódicos – em qual estado prático estavam as condições e rotinas de trabalho

²¹² Nem sempre, entretanto, Coelho Sampaio expunha seus pensamentos educacionais sobre acesso escolar dessa forma. Em artigo intitulado *Ensino Primário*, na coluna *Ensino e Educação*, afirmou: "Entretanto, a instrução primaria e pré-primaria não é proporcionada a todas as criancinhas brasileiras. Infelizmente, milhões delas ficam sem conhecer 'o p [ilegível] espiritual'. E se os governos teem promulgado leis no sentido de tornar o ensino primario gratuito e obrigatorio; ou incluido nas cartas constitucionais, artigos com o mesmo alcance, nenhum decreto ou Constituição veio solucionar o problema da alfabetização, de vez que não possuímos escolas publicas eficientes para todas as crianças ainda analfabetas ou semi-analfabetas. A primeira medida a tomar seria, portanto, criar escolas e mais escolas = suficientes para dar instrução não só ás crianças, como tambem a todos os anal-fabetos, inclusidos numa assustadora percertagem." In: SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - ensino primário. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 13 jan. 1946..

²¹³ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - a missão do professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 8, 16 fev. 1947.

do professor cearense. E por mais que essa primeira vertente defendesse a ideia do professor lecionar como *missão* e o segundo segmento lutasse por melhorias na *profissão* docente, elas muitas vezes não aparecem nas fontes analisadas apenas separadamente. Muitas vezes, a noção de missão e profissão, atrelada ao ofício de ensinar, aparecem lado a lado, por mais contraditório que isso possa parecer.

No artigo citado, intitulado *A Missão do Professor*, o autor parece ter tido como principal objetivo explicitar os abismos existentes entre o que estava sendo designado correntemente por políticos e intelectuais como função do professor – profissão na qual estaria confiada o futuro da Pátria, o progresso nacional, a salvação sócio cultural de uma população que enfrentara forte crise advinda da Segunda Grande Guerra – e a falta de condições mínimas de trabalho e valorização salarial²¹⁴.

Entretanto, é observável que, nesse período e em momentos anteriores, era bastante recorrente a associação do papel do professor como alguém abnegado, desinteressado de bens materiais, alguém que preza somente os fins altruísticos. Coelho Sampaio sugere em seu escrito que aqueles que seguiam a *missão* docente, o faziam por quaisquer outras convicções, menos como meio de ascender economicamente. Discurso esse que parece suscitar certo comodismo frente à falta de reconhecimento salarial do professor, que era fato amplamente sabido no período.

Todavia, no que concerne à reclamação de classe contida em seu escrito, que a sociedade acreditava ser obrigação do professor desempenhar suas atividades de maneira gratuita, é bastante provável que tal entendimento fosse subsidiado por esse imaginário construído em torno do papel docente, representado, na grande maioria das vezes, como alguém devotado à causa da educação. Imaginário esse endossado recorrentemente também

²¹⁴ Em outro artigo da coluna, Sampaio explicita mais a fundo acerca do salário recebido pelo professor particular nesse período. Veja-se: "E todo esse esforço não é compensado, tendo-se em vista o infimo salario-aula que recebe. Fazendo-se um calculo aproximativo e baseado na media das aulas, verifica-se o seguinte: um professor que dá 9 aulas por dia, em cursos diferentes, poderá receber a astronomica quantia de Cr\$ 2.600,00. Descontando-se de seu baixo salario, as despesas advindas com os transportes obrigatorios de colégio a colégio, aposentadoria, faltas inevitaveis, etc., ficará o seu ordenado reduzido talvez a Cr\$ 2.000,00. Porem, só a um professor privilegiado pode suceder que não lhe falem turmas para dar suas 9 aulas por dia! Na maioria, mesmo os professores de renome e prestigio no seio do magisterio, podem ter 9 turmas, mas não 9 aulas por dia. E com 9 turmas, dando tres aulas por semana em cada uma, o professor terá o seu salario baixado para apenas Cr\$ 1350.00! E que ser humano resistirá a essa luta por muito tempo? Trabalhar, diariamente 9 horas por dia, significa esforçar-se mais do que outro que, como o professor, é também considerado comerciarior! (...) Entretanto, o que se observa na maioria do professorado é um sério descontentamento. O verdadeiro mestre anseia por um ambiente propicio á profissão, com horas reservadas ao estudo e meios para adquirir o que precisa para estar em contacto permanente com o desenvolvimento científico atual. O professor rotineiro, que não dispõe de recursos que lhe permitam adquirir maior cultura, não pode ser exigente: cumpre mais ou menos o programa... (continua)." Cf. SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 19 mar. 1948.

pelos próprios mestres. Nesse mesmo artigo, curiosamente, coexistem duplos como concordar que o mestre deve ser abnegado *versus* reivindicar por conforto no cotidiano docente.

Mais ao fim de sua argumentação, o que de início poderia parecer uma reivindicação que abrangesse toda a categoria professoral vai ganhando contornos mais próximos de uma reivindicação da classe dos professores particulares. Não somente neste número, mas na maioria dos artigos de sua coluna, Coelho Sampaio direciona suas preocupações para a questão dos professores particulares, comumente em busca de melhoria salarial e também reconhecimento social.

Ao citar os movimentos em prol de melhorarias para as condições do professor particular, Sampaio destaca a figura de um professor atuante no período, o que mais uma vez permite entrever noções do seu lugar social de fala. Observe-se a forma com que o autor o elogia:

Para o professor só há responsabilidades. E' o professor sempre o indicado como o maior responsavel pela preparação do espirito civico da juventude. (...) Onde estará o merito dos professores? Há, sobre isso, algo de hilariante mesmo. Foi da parte do professor Mozart Solon. Muito conhecido entre nós, como um verdadeiro abnegado, no posto de Presidente do Sindicato dos Professores Primários e Secundários de Fortaleza, onde não apenas perde seu tempo como gasta dinheiro na defesa dos interesses de classe.²¹⁵

Configurava-se como algo ordinário, nesse período, caracterizar os profissionais do ensino com o emprego da palavra abnegado. Na citação utilizada acima, Coelho Sampaio adjetivou Mozart Solon como um professor verdadeiramente abnegado. E isso era considerado um forte elogio. O curioso é que além do artigo do Prof. Sampaio ser um escrito reivindicador da profissão docente, o Prof. Solon era presidente de um sindicato atuante na causa de avanços para o cotidiano dos professores²¹⁶. Essa situação é indicativa de que o ideal

²¹⁵ A continuação do artigo constituiu uma espécie de anedota, contada por Mozart Solon, para justificar sua afirmação de que para os professores somente são cobradas responsabilidades, ao passo em que os direitos desses profissionais não são respeitados. Ademais, ressalta o ato de culpabilizar o profissional docente: "o Prof. Mozart Solon, ao ser entrevistado por um jornal da cidade sobre a situação dos professores, largou a seguinte nota tragi-comica: 'O professor sempre é quem paga o pato... se um aluno consegue adiantar-se nos estudos, o pai, convicto do 'valor' e da 'inteligencia' do seu filho, diz: - 'É meu filho conseguiu o primeiro lugar no exame. Ele é um menino mesmo muito inteligente. Poderia ir muito mais longe, se tivesse bons professores.' De outro modo, se o aluno é preguiçoso e vai reprovado, então o pai diz: 'Coitado do meu filho, nunca teve bons professores. E o unico que ainda é melhorzinho, é um burro'... Em tudo isso, expressei mais ou menos nas palavras do ilustre mestre, vem traduzir até que ponto de descrédito chegou a profissão. E acima de todas essas verdades, há ainda, a notar que o professor é tão mal pago que nos dias de hoje ninguém quer mais se dedicar ao magisterio." Cf. SAMPAIO, Coelho. Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 12 fev. 1950.

²¹⁶ Além disso era referenciado com recorrência através de frases ou expressões suas, o que pode ser indicativo da circulação considerável de seus discursos. "Mas, não é só isso. Descobrimos a respeito das causas da decadência do ensino, cousas mais graves, dignas de lástima e que estão a exigir providencias de quem de direito. E' que, na frase acertada e muito bem aplicada do professor Mozart Solon, existem por ai afora verdadeiras <qui-

de abnegação atribuído ao professor muitas vezes estava lado a lado de circunstâncias onde se faziam severas críticas às condições profissionais as quais se submetiam os mestres e se lutava por progressos para o profissional do ofício de ensinar.

No artigo intitulado *Defesa da Classe*, publicado na coluna *Ensino e Educação*, da *Gazeta de Notícias*, em 16 de julho de 1948, é possível observar clara coexistência dessas noções, aparentemente divergentes, relacionadas à questão docente:

Os professores são verdadeiros pioneiros, que desbravam a floresta virgem da ignorância pátria. Mas, nem por isso são protegidos por uma legislação que lhes permita um melhor índice de vida, nos dias que correm. A situação atual da maioria do professorado é de angústia. Não se sabe, bem ao certo, o que se passa com os pais de hoje que não encaram, com a devida responsabilidade, a educação dos filhos. Seria necessária a intervenção do governo nesse setor privado da família? Assim, teríamos mais uma modalidade de intervencionismo do Estado nos negócios particulares; e, desta vez, dentro do próprio lar. Mas, o que vemos? Nós, os professores, vez por outra, recebemos um aluno para 'preparar'. E, tempos depois, em vez de recebermos um agradecimento humano e justo pelo nosso esforço; em vez de termos conquistado, no pai daquele por quem nos dedicamos, um amigo; - recebemos, em troca, uma verdadeira chantagem dos nossos direitos; temos, como prêmio das nossas horas de trabalho das aulas dadas (além das que não são assim consideradas pelo aluno) um débito e um inimigo declarado... (...) No meu modo de ver, só há uma maneira prática de combate aos caloteadores: que os diretores dos pequenos colégios se organizem, dentro de um sindicato, a-fim-de poderem exigir, dos alunos que ingressarem, um atestado de plena quitação do colégio de origem, bem como a devida transferencia da classe, ano ou período escolar que concluíram.²¹⁷

A reivindicação expressa no artigo acima, por mais que não se tenha especificado que o lamento ali contido se referia à defesa da classe dos professores particulares e não à classe dos professores de uma maneira geral, como seu título sugere, dizia respeito aos docentes que prestavam serviço particular de ensino. Apesar de fazer breve menção à ausência de leis trabalhistas satisfatórias para esses profissionais, por parte do Estado, toda a tônica da sua argumentação reside em uma crítica feroz a outra instância social: a família. Até mesmo sua proposta de criação de um sindicato somente para diretores de pequenos institutos de ensino – como ele o era – vai demarcando melhor os contornos de direcionamento de sua fala e suas principais preocupações na questão educativa.

tandas pedagógicas>, de fins essencialmente comerciais, lucrativos, funcionando não para a formação de nossa juventude, mas, apenas, para o enriquecimento de seus diretores. Embóra licenciados pelo Governo Federal, são na verdade balcões de diplomas e aprovações, cabendo em grande parte ou na mór parte a culpa de tão grande irregularidade aos fiscais federais, que não cumprem o seu dever e se limitam a ganhar os seus cobres e assinar de cruz os papéis que lhes são postos diante dos olhos embaciados pelo vil interesse. O que ocorre então? Essas espeluncas da instrução fazem a mais desleal concorrência aos estabelecimentos honestos, que pretendem manter alinhada do dever". Cf. **Gazeta de Notícias**, p. 3, 14 mar. 1952.

²¹⁷ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação. Defesa da classe. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 16 jul. 1948.

Nesse artigo, Sampaio parece responsabilizar muito mais os pais de crianças em idade escolar pelo pouco acesso infantil à esfera do ensino formal do que ao Estado. Mesmo quando o autor pensa em alguma forma de intervenção estatal, essa forma seria o controle e a vigilância sobre as famílias dos alunos frequentadores dos bancos escolares privados. Aqui, os débitos feitos pelos pais que matriculavam seus filhos em instituições privadas de ensino são encarados como mera displicência ou irresponsabilidade. Não são cogitadas possibilidades de essas dívidas serem advindas da falta de condições financeiras dos pais dos alunos para arcar com matrículas, mensalidades e material escolar. Ao invés de sugerir a intervenção do Estado para criação e manutenção de mais escolas públicas, para as famílias que não podiam pagar as despesas com o ensino, o que está presente em seu discurso é uma forma elitista de se pensar o acesso à escola. Nesse ponto, fica claro que o público escolar que ele mais se preocupa é aquele que podia estar nos bancos escolares privados: a elite e a classe média, ou seja, fatia diminuta da população desse período.

No Ceará, nem sempre os que levantaram a bandeira dos professores particulares defenderam apenas o argumento de que os pais deveriam despendar maiores quantias com o ensino e dessa forma tudo estaria resolvido:

Não podemos pagar aulas muito caras, protestarão os pais. Admitamos que seja verdade, mas então perdem o direito de nos exigir aulas excelentes. Quem não pode pagar o aluguel de um bangalô não se pode queixar de morar numa choupana. Mas... e os Governos? Se os pais não podem pagar mais alto, se os professores não podem aprimorar as suas aulas. (...) Mas... os Governos não podem. Não podem!? Então choremos, choremos sôbre a nossa miséria, sôbre a ruína dos nossos sonhos e sobre os sonhos dos nossos filhos.²¹⁸

Diferentemente do Prof. Sampaio, muitos professores vinculados à estabelecimentos privados não taxavam as inadimplências e débitos dos pais de alunos automaticamente como falta de responsabilidade ou organização financeira. Muitos compreendiam as dificuldades monetárias enfrentadas pelos pais para matricularem seus filhos na rede privada de ensino. Os defensores do ensino particular nem sempre deixaram de pedir por maior acesso ao ensino público. Ao contrário, muitos questionaram a falta de medidas do Estado com relação a esse tema. O que se percebe no artigo acima citado é um profundo sentimento de desesperança produzido pela presença de desamparos profissionais constantes.

²¹⁸ MACAMBIRA, Rebouças. A defesa dos professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 09 mai. 1952.

Coelho Sampaio, na condição de diretor de um pequeno estabelecimento de ensino da capital, optou por alinhar-se à causa do ensino privado e por sugerir medidas práticas que auxiliassem o trabalho dos diretores de escolas particulares, como, por exemplo, a exigência aos pais dos alunos do porte de um documento comprobatório de quitação do colégio anterior de seus filhos, como se pôde observar em artigo há pouco citado. Entretanto, foram travadas na imprensa longas discussões entre professores e diretores de colégios.

Ainda a professora Fernanda Brito, na continuação de seu artigo aqui citado em outros trechos, afirma sem meias palavras que:

Dizem os srs diretores de Colegios se as mensalidades dos professores forem aumentadas, forçosamente serão também as dos alunos, que tal, 'é de amargar'... O que se verifica é que todo diretor de Colegio em Fortaleza são abastados e logo ficam ricos, que dantes foram pauperrimos... Isso significa que os Colegios dão um lucro extraordinario e ainda querem sugar o dinheiro do pobre pai de familia. Se hoje a instrução é privilegio de uma classe, isto é para o rico que pode custear as despesas de livro, fardas, mensalidades, etc. Alertem alunos de 1947! Para o ano, talvez as aulas dos cursos aqui citados passarão a ser cobradas 150,00 e 100,00, respectivamente, talvez, quem sabe, quem dirá mais tarde é a exploração 300,00... Arranjem emprego e mais emprego...²¹⁹

O escrito impresso da professora F. Araújo Brito parece constituir mais um indício de que os professores enxergavam a imprensa como a possibilidade do uso de um canal de comunicação mais abrangente com os pais dos estudantes. O que a autora sugere é que o argumento dito por diretores, de que o aumento das mensalidades seria exclusivamente por conta do aumento do salário dos professores, seria uma inverdade. Explicitar "em alto e bom som" que o lucro do ensino desaguaria unicamente para os diretores, em detrimento de altas mensalidades e baixos ordenados aos docentes, tornando o ensino privado privilégio de elites, pode ser considerado um ato de denúncia, um ato de coragem, pois isso poderia resultar em represálias por parte do contratante dos professores à voz que se opunha. Esse foi um dos motivos dos recorrentes clamores por sindicatos que representassem a classe.

Em artigo nomeado de *Os Diretores ou os Professores*, Rebouças Macambira também não se utilizou de meias palavras para confrontar ações advindas de diretores de estabelecimentos privados de ensino. O autor, à época, fazia parte do *Sindicato dos Professores Primários e Secundários de Fortaleza*. Acredita-se que é plausível raciocinar que

²¹⁹ BRITO, Fernanda. Centro Cultural José do Patrocinio. Crônica da Semana. Professores e alunos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 31 out. 1946.

sua fala audaz se relaciona com sua experiência mais concentrada no espaço sindical do que na sala de aula:

Os professores, em cujos ombros frágeis pesa o destino da Pátria, se não eramos condignamente remunerados e portanto não dávamos aulas condignas, ao menos vivíamos em paz com os diretores sob uma capa ilusória de satisfação e serenidade. Mas as situações aparentes acabam por não sustentar-se, o que não aconteceu neste comêço de ano e cujas passagens mais importantes passamos a historiar. Como é natural somos suspeitos, porque somos professor profissional, injustificávelmente confundido com o Pai Supremo, cujo fiat poderoso tirou o mundo do nada. (...) [Sobre o aumento salarial provisório acordado entre os sindicatos de professores e diretores] O principal argumento dos diretores é que o aumento foi provisório. As despesas aumentam automaticamente com o aumento dos ganhos, e sabemos de professores que assumiram compromissos á base dos aumentos que haviam conquistado. Mas era provisório, somente por uns três meses, e os pobrezinhos não sabiam. Quantos castelos ergueram! Compraram mais livros, mais cadeiras, mais panelas, mais isto e mais aquilo, entraram na bodega de cabeça um tanto erguida, lembraram-se de Papai Noel embora com certo receio, e Papai Noel acordou-os de repente com estrepitosa gargalhada. Papai Noel foi criado pelos ricos... Leitor independente deste matutino independente: Os diretores ou os professores? Quem tem razão? Se acreditas que o direito está conosco, embora não te manifestes, ficaremos alegres ainda que a decisão da Justiça nos seja contrária, porque perderíamos a causa econômica, mas estaria salva a nossa integridade moral. Não merece viver quem não tem a coragem de lutar pelos seus direitos - o direito dos seus!²²⁰

A metáfora de que os professores carregavam em seus ombros o destino pátrio era estratégia discursiva bastante recorrente em ocasiões nas quais havia intentos laudatórios direcionados à função do professor. Entretanto, com o passar do tempo, essa figura de linguagem fora apropriada pelos professores de forma a se destacar que ela, por si só, não bastava. Os ombros professorais já não estavam intactos frente ao ideal da profissão. Não se tratava de uma tentativa de criação de novos escopos para a função do professor, mas se clamava por condições materiais que alicerçassem essa idealização do papel do mestre.

No artigo de Macambira, é possível rastrear nuances do conflito estabelecido entre os professores da rede particular de ensino e os diretores que chefiavam essas instituições. Nessa ocasião, amplifica-se socialmente, através da imprensa, uma falcatrua: a promessa de aumento provisório, acertado em consenso entre ambas as partes, que não fora cumprido. Apropriando-se da mitologia do Papai Noel, figura mais creditada pela elite, Rebouças Macambira, por intermédio do escrito citado, permite entrever vestígios fortemente marcados por desalentos e decepções contínuas desse professorado historicamente situado. Por conta da promessa de um aumento, os mestres finalmente adquiriram artefatos básicos para o mínimo

²²⁰ MACAMBIRA, Rebouças, Os diretores ou os professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 18 jul. 1952.

de conforto em seus cotidianos. Sem saber, estavam gerando dívidas que não conseguiriam pagar com seu ofício, por conta de um processo ascendente de desvalorização do magistério.

Desde o seu título, que foi ratificado com o parágrafo final do texto, o autor buscou travar diálogo direto com os leitores da *Gazeta de Notícias*, que mantinha o slogan de ser *um matutino independente*. Tratava-se de lidar com a opinião pública, no sentido de denunciar ações injustas dos diretores de colégios particulares com seus contratados, no fito de somá-los à causa. Isto é, essa luta por direitos condignos para o professorado do Ceará, da qual fala o autor, também foi feita através da palavra impressa.

Fazendo-se alusão à informação já citada aqui em outros momentos, de que a causa do ensino não foi defendida, no âmbito da imprensa, apenas por sujeitos diretamente ligados à instrução, citar-se-á o artigo de José Diogo da Silveira na *Gazeta de Notícias*:

Movimentam-se os professores secundários do Ceará, no sentido de pleitear aumento de salário. O assunto foi debatido na Capital da Republica, em fins de 1944, pelos representantes de sindicatos, a fim de amparar a justa reivindicação de classe. (...) Efetivamente, o salario não satisfaz o esforço e dedicação dos nossos pedagogos, que preparam o intellecto da juventude hodierna para maior grandeza do Brasil. Os nossos professores recebem, em geral, de 6 a 10 cruzeiros por aula; cuja remuneração é precaria para a sua subsistencia. Como se vê; a situação financeira do professorado é vexatoria, merecendo, pois, que a sua causa seja amparada; para que prossigam na ardua tarefa de ministrar os ensinamentos imprescindiveis á formação moral e espiritual da nossa mocidade. (...) Sem salarios adequados á sua manutenção; os nossos pedagogos; certamente, se retrairão do seu sacerdocio, em face de não encontrarem no magisterio o pão de cada dia. Com a majoração dos vencimentos dos nossos professores, melhoraremos o nivel cultural da terra de Bevilacqua, ante o interesse, que, de certo; despertará por parte dos educadores, tendo em vista uma recompensa á altura dos seus abnegados esforços. Os pedagogos merecem não só do Poder Publico, como tambem do povo; aplausos gerais, pelos seus multiplos beneficios que prestam á coletividade; cooperando; de modo decisivo; para a grandeza do pendão auri-verde. Solidarizemos, pois, com a pretensão dos professores, porque ela é justa e humana.²²¹

José Diogo da Silveira laborava com recorrência na imprensa nos anos 1940, tendo, nesse mesmo período, atuação política, ao compor a Câmara de Vereadores de Fortaleza. Isto é, a causa do ensino poderia ser apoiada ou não amparada por pessoas das mais variadas áreas.

Considerando vexatória a situação do professorado, frente ao descompasso entre a magnitude da tarefa a ele designada e a precária remuneração, J. da Silveira declarou publicamente o seu apoio à categoria dos mestres. O que o autor colocou em pauta foi uma questão que preocupou uma época: o medo das possíveis consequências atinentes ao processo

²²¹ SILVEIRA, Jose Diogo da. A pretensão dos professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 16 fev. 1945.

de desvalorização da profissão. Ao passo em que os professores não recebiam quantias que mantivessem suas condições de sobrevivência e conforto, temia-se que se candidatassem cada vez menos indivíduos para essa profissão. Novamente, aparece a noção de abnegação não como algo a ser extirpado, mas como algo que estava coexistindo com reivindicações de classe. Atente-se que, como afirma o autor, o que estava em jogo era o pão de cada dia, ou seja, o mínimo que se podia ter em matéria de reconhecimento salarial.

Para além da questão do salário professoral, Diogo da Silveira chamava a atenção da população para que houvesse maior reconhecimento social direcionado ao trabalho dos professores. Cobrar à população aplausos e cultivo do sentimento de solidariedade para com os mestres, quando se lê pela negativa, torna-se indício do estado extremamente adverso por qual enfrentavam os docentes.

Em 1948, o artigo intitulado *O Aumento e o Professorado Primário*, sob assinatura de THE, Heràclito Silva, expressa pelo impresso o seu apoio à causa dos professores primários, ou melhor, das professoras primárias, por serem as mulheres a maioria do professorado de primeiras letras no período:

Entre essa pleiade de colaboradores está incluso o professorado primário, que mal remunerado, vive a dessemear a mocidade a mais nobilitante quão eloquente obra educativa, mais pelo devotamento e patriotismo do que pelos poucos quinhentos cruzeiros que recebe. As professoras são, via de regra, pobres, necessitam de conforto, apresentarem-se bem vestidas, alimentarem-se convenientemente, e porisso fazem jús a uma melhor compreensão, no que tange á majoração em estudos, proporcionar-lhes um salário mais justo e consentaneo, de modo a corresponder a generosidade dessas pioneiras de nossa educação. O Ceará é um dos Estados que paga menos o magisterio primário. Agora é de se esperar que esse lapso seja corrigido, para que os componentes do arbitramento do aumento recebam os efusivos agradecimentos e as felicitações dos que lhes são gratos. (...) Que as nossas educadoras sejam compensadas nos seus esforços, na sua inteligência, na sua abnegação e desprendimentos, postos á serviço do bem comum e da grandeza do Brasil.²²²

Supõe-se que THE, Heràclito Silva seja um pseudônimo, não apenas pela estranheza que seu nome suscita, mas também pelas implicações negativas que poderiam ter os profissionais do ensino que expusessem na imprensa as suas convicções a favor das reivindicações dos professores.

O autor objetivou expor aos leitores da *Gazeta de Notícias* que, apesar dos princípios de abnegação, devotamento, missão e patriotismo partilhados pelas professoras primárias; e mesmo apesar de considerá-los relevantes, eles não bastavam para mantê-las

²²² THE, Heràclito Silva. O aumento e o professorado primário. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 26 nov. 1948.

como trabalhadoras da educação. No entender do colaborador, os ordenados seriam uma maneira de retribuir com *generosidade* ou uma forma de compensar às mestras aquilo que elas faziam em prol de causas maiores, como a construção de uma sociedade futura melhor para o país. Essa forma de pensar o trabalho docente afasta-se da visão do magistério como profissão. Precisar recorrer à noção de generosidade para se referir ao pagamento de salários de uma classe significa depender das subjetividades do indivíduo que nutriria esse sentimento, raciocínio esse que dificulta o ajustamento de balizas salariais, bem como reivindicações mais precisas por aumentos no ordenado.

Outro ponto relevante é que quando o autor se refere ao fato de que o Ceará é o Estado que pior paga o seu professorado, o mesmo caracteriza isso como um lapso, como se fosse um equívoco ou erro momentâneo, próprio daquele período. Entretanto, a má remuneração dos professores e a ampla discussão desse assunto na sociedade é questão histórica. Desde o século XIX, período de institucionalização da profissão docente, esses debates ocupam a pauta social²²³.

Até aqui, foram vistos escritos nos quais corroborar com o ideal de devotamento construído para os professores não significava aceitar as condições de penúria vividas por professores cearenses no período. Ou seja, no mesmo texto, lado a lado, conviviam ideais de abnegação e reivindicações por melhores condições para os trabalhadores da educação. Entretanto, nem sempre o imaginário de missão atribuído aos mestres endossava práticas de reclames de classe.

Em outras situações, sujeitos utilizaram esses ideais para posicionar-se contra os professores. Havia indivíduos que, inclusive, eram publicamente contra o aumento do salário dos professores. Em 1946, Oscar Pacheco Passos teve seu artigo intitulado *Erros do Magistério* publicado na *Seção Universitária* da *Gazeta de Notícias*, no qual expôs as razões pelas quais se posicionava contra o aumento dos ordenados das professoras primárias:

A proposito, que estamos ao lado das professoras no que diz respeito á questão da melhoria de vencimentos. Evidentemente, o magisterio deveria merecer a melhor atenção do governo tais são o trabalho e a responsabilidade que sobre ele pesam. No entanto, se, por um lado, assim pensamos, por outros somos visceralmente contrarios ao aumento de seus ordenados. Isto porque as professoras primarias, de um modo geral, não se capacitam desse trabalho e dessa responsabilidade, não se integram no desempenho amplo e patriotico da missão que lhes está atribuida. (...) Outro ponto capital do momentoso assunto da instrução publica é o que abrange as professoras que não desfrutam aqueles direitos, aquelas regalias inherentes ás

²²³ SILVA, B. E. S. **Uma história da educação:** a invenção da instrução pública na Província do Ceará (1858-1889). 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

"adidas", mas que nem por isto deixam de lezar o Estado e ludibriar a boa fé do povo.²²⁴

Oscar Passos, além de ter sido comentarista político na imprensa cearense nesse período, tinha um lugar de fala demarcado: o prestígio de falar em nome dos universitários era notável. Nos chamados Congressos Estudantais em âmbito universitário, discutia-se a questão do Ensino Primário²²⁵. No artigo acima citado, apesar de se iniciar com um aparente apoio à causa das professoras primárias, é efetuada uma crítica contundente não somente contra o aumento dos ordenados, que, como visto, era uma questão urgente para o professorado, como também existe uma crítica mais profunda, que diz respeito ao que o autor considerou uma falha de formação e uma falha patriótica. A crítica incidia sobre o que seria um mau preparo de atuação em sala de aula, mas também atinava a uma considerada falta de determinação para desempenhar a missão do magistério, que teria resultados contundentes no futuro pátrio.

Em artigo com temática similar, intitulado *Professoras Adidas*, o mesmo autor afirmara: "Estamos ao lado das professoras no tocante á questão dos vencimentos, mas, nem por isto, por um dever de consciencia, de amor á profissão, ou mesmo patriotismo, deveriam elas abster-se de ensinar com eficiencia as crianças necessitadas."²²⁶ A crítica do autor, direcionada às professoras do Ensino Primário dizia respeito ao que seriam professoras adidas, expressão inusual nos dias atuais, mas que seriam, na época, profissionais inseridas nas escolas públicas através dos vínculos políticos e práticas de apadrinhamento. No entanto, quando Oscar Pacheco posiciona-se contra o aumento salarial das professoras, não o faz somente em relação às professoras adidas, mas posiciona-se diante de todas as professoras primárias.

De acordo com os trechos citados, o que alicerça a sua fala contra o avanço monetário dos salários das professoras é a crença em um imaginário da profissão próximo do que seria uma via-crúcis. O referido dever de consciência, o amor à Pátria e à profissão foram postos como a única razão de ser da profissão docente. Não é ponderado que esses ideais não quitam contas, não possibilitam o sustento dos profissionais e suas famílias.

²²⁴ PASSOS, Oscar Pacheco. Seção universitária. Erros do magisterio. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 20 set. 1946.

²²⁵ PASSOS, Oscar Pacheco. Seção universitária. Professoras adidas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 13 set. 1946.

²²⁶ Idem.

Na revista da Faculdade de Direito, nos anos 1940 também se pôs em pauta a questão do ensino escolar. Em artigo sugestivamente intitulado de *Higiene do Ensino*, Otávio Lobo afirmou:

Nas escolas, ginásios, colegios, academias, polúlam professores que são o exemplo vivo da incapacidade e o padrão da inconciência. A uns falta-lhe a cultura no mastigado das exposições. A outros, a ausencia do sentimento do dever, na negligencia do ensino. Muitos mecanisam o ensino, como maquinas falantes; o disco gira até o fim. Não possuem nem a alma nem o amor á profissão. O espirito do professor é a vocação. Quando esta falha, os professores são mumias ou fosseis saídos do silencio religioso dos museus para o ridiculo vivo dos anfiteatros. Higienizar mazelas é o mesmo que fazer profilaxia de doença. Ou tudo ou nada.²²⁷

O ato de criticar os professores daquele momento era discurso recorrente. Falava-se da falta de conhecimento nas explanações no dia a dia da sala de aula. Entretanto, a crítica mais empreendida e considerada mais importante por esses articulistas era o que seria uma falta de doação por parte dos profissionais docentes à profissão. No artigo acima, Otávio Lobo se refere ao ato de ensinar como uma profissão, mas defende ferrenhamente os princípios de abnegação. Critica o que seria uma falta de esforço em busca de melhores técnicas de formação dos professores, mas advoga a prevalência da vocação, elemento que indica predisposição a algo. Médico, Otávio Lobo avaliou uma melhoria do ensino com os olhos da medicina, vaticinando o que para ele seria urgente: uma higienização do ensino.

Também era comum a prática de se criticar aspectos do sistema de ensino da época, contrastando-o com memórias que evocavam a situação do ensino no passado, ao tempo de infância dos autores, no intuito de vangloriar aquele período em detrimento do ensino atual, muitas vezes postulado como moderno.

Heitor Cavalcanti, em seção intitulada *Em Torno da Crise*, com artigo nomeado de *O Mau Professor*, tratou de abordar não uma personalidade que teria, de acordo com seu entendimento, postura errônea no magistério; mas sim objetivou expor embates entre tradição e modernidade:

Antigamente a escola era uma continuação do lar. A criança passava das mãos do pai, quase automaticamente, para as mãos do mestre. A ideia da instrução andava ligada á da educação. O professor educava ao mesmo tempo que instrua. E assim muitas gerações foram preparadas, num ambiente de moral e de fé e entregues ao serviço da Patria, da sociedade e da familia. Mas o professor moderno, digo o mau professor, êle mesmo envenenado por doutrinas errôneas e nefastas tem desvirtuado o magisterio. Em regra, não tem o espirito apostolico e abenegado de seus antecessores e mercantiliza a profissão. A materia não é motivo de vocação sua. E' apenas o instrumento intelectual, lucrativo de que automaticamente se utiliza para

²²⁷ LOBO, Otávio. Higiene do ensino. **Revista de Direito do Ceará**, Fortaleza, v. 1, p. 1-5, n. 1, 1939.

ganhar a vida. A sua preocupação maior não gira em torno da disciplina, mas do mostrador do relógio, do calendário da parede e do 'guichet' da tesouraria. Consulta diariamente, a folhinha ou as notícias de última hora procurando com o mais falso ardor cívico as datas feriadadas, com fingida reverência e devoção aos dias santificados, com hipócrita saudade de férias periódicas. (...) Extirpemos da escola o mau professor.²²⁸

Heitor Cavalcanti expressou-se no artigo supracitado como defensor ferrenho de uma tradição por ele propalada como não obsoleta. Havia na imprensa constantemente alusões saudosistas aos tempos de outrora, quando o ensino era posto como moralizado. Como se pode perceber, a educação é campo de ordem litigiosa e heterogênea: os termos tradição e progresso nem sempre são termos antagônicos. A execração do que ele considerava ser um mau professor fornece indícios para identificar o uso do imaginário apostolar atribuído aos docentes para criticar ferozmente tudo aquilo que se situasse fora desses ideais. A falta de espírito apostólico e abnegado, bem como a opção pelo magistério sendo feita não por motivos vocacionais, mas por motes profissionais são critérios colocados como as causas principais para o diagnóstico empreendido pelo autor ser lastimoso.

O discurso de *mercantilização da profissão* foi temática extremamente debatida no período. Por hipótese parece ser plausível inferir que, ao passo em que as publicações e movimentos da classe docente se intensificaram, reivindicando melhorias para a profissão, esses dizeres situados contra o ensino como meio para *ganhar a vida* também se energizaram. Isto é, as idealizações direcionadas ao mestre como alguém que deveria ser abnegado e missionário também sustentaram críticas severas aos estabelecimentos de ensino e aos professores que enxergavam no magistério uma profissão, que como tal, deveria ser capaz de proporcionar uma remuneração satisfatória. Colocar a questão salarial como um dos objetivos principais das reivindicações docentes foi muitas vezes entendida como falha grave.

Acerca dessa glorificação nostálgica de aspectos do ensino, referente ao passado dos sujeitos que debatiam questões educacionais nos anos 1940, para denegrir a situação atual de suas épocas, apesar de terem sido bastante recorrentes, não se configuraram como totalizantes. Hermenegildo Firmeza, em artigo saído no jornal *Unitário*, chamado *O Fim das Aulas*, afirmou:

O público, cá de fora, fala muito dos feriados porque não compreende que ensinar ou aprender seja uma tarefa cansativa. Se não fossem as treguas, professores e alunos adoeceriam depressa. Nessas treguas com o repouso intelectual, recobram novas energias suprindo as que foram gastas. Fala-se muito do ensino, às vezes com razão e às vezes sem ela. Não é justo, por exemplo, o confronto que se faz entre o

²²⁸ CAVALCANTI, Heitor. Em torno da crise. XII - O mau professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 15 mar. 1947.

estudo antigo e moderno. Pode ser que em outros tempos se estudasse mais, porem se aprendia menos e muitos aprendiam errado. (...) Estou cansado de ouvir individuo burro como um jumento dizer: 'No meu tempo sim, estudava-se'... Tenho vontade de perguntar: animal, o que foi que aprendeste?²²⁹

Utilizando-se de maneira coloquial e bastante direta, H. Firmeza situou-se ao lado da causa dos professores, destacando aspectos penosos do cotidiano docente para opor-se às recorrentes vezes nas quais a figura do professor estava sob a mira de duras críticas. Demarcar opinião contra a apologia nostálgica do ensino antigo e tradicional contra o ensino moderno, ao tempo de sua escrita, significava divergir de um pensamento de época bastante comum, inclusive levado a cabo por Coelho Sampaio em sua coluna.

Ao longo das publicações na seção *Ensino e Educação*, o discurso de Coelho Sampaio foi ficando mais demarcado e mais atrelado a essas questões dos professores particulares²³⁰. Em artigo intitulado *O Problema do Professor Particular*, que também expressa o que foi dito anteriormente, Coelho Sampaio faz um retrospecto da coluna anterior, levantando a bandeira do professor particular:

Procurei demonstrar, então, quanto precisa gastar o professor para estar em contacto permanente com o progresso científico, adquirindo obras para atualizar seus conhecimentos. E, do mesmo modo, quanto percebe, em troca de tantos sacrifícios, em viagens a pé, sob o sol ardente ou a chuva repentina, ou, ainda, gastando as ultimas economias nos elevados preços dos transportes coletivos. Fiz, também, um retrospecto da vida, numa verdadeira 'via crucis', que, passando de dificuldade em dificuldade, lutam entre a vida de abnegação nos estudos e as diversões convidativas do mundo vulgar. Por fim, retirei a capa que descortina a vida intima do estudante pobre - pois fui um deles - estudando, noites e noites seguidas, sob a luz bruxoleante de um lampeão, á procura de conhecimentos que, mais tarde, venham servir-lhe para assumir a responsabilidade de catedra, na faina patriótica de educar a mocidade e alicerçar o futuro da Patria. É assim a vida do professor, na sua mocidade voltada para a pesquisa, para a meditação. E em troca de quê?, dizia eu. A situação atual do professor particular compensará tal sacrifício? Eis um problema que pretendo analisar, ainda, em outros artigos. Por enquanto, basta dizer que movimentos organizados em todo o país, por intermedios dos seus legitimos representantes, que são os sindicatos, não têm faltado, para mostrar ás autoridades nacionais, a necessidades de ser melhorada a situação do professor particular. Entretanto, nada feito, até o momento. Por que? Vejamos o que diz um comentarista no sul do país sobre o assunto: 'SERA' O TRABALHO DO PROFESSOR PARTICULAR DE MERITO INFERIOR AO DO PROFESSOR OFICIAL?²³¹

²²⁹ FIRMEZA, H., O fim das aulas. **Unitário**, Fortaleza, p. 2, 1 dez. 1944.

²³⁰ Inclusive, nos anos 1950, quando Coelho Sampaio suspendeu sua atuação no jornal *Gazeta de Notícias*, migrando para uma seção fixa e diária do jornal *Diário de Notícias*, intitulada *Coluna Operária*, nas poucas situações em que tratou especificamente de questões educacionais; houve direcionamento de fala para a questão dos professores particulares.

²³¹ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - O problema do professor particular. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 25 jan. 1950.

Despender quantias significativas em transportes coletivos – não são poucas as reclamações da população, em seções do tipo queixas do povo, acerca da "carestia" das tarifas desse meio de locomoção – ou percorrer longos caminhos a pé, haja vista que as linhas de bonde e ônibus deixavam de contemplar boa parte da cidade de Fortaleza nesse período, a dificuldade de acesso aos livros sobre saberes docentes e sobre as várias disciplinas escolares ou falta de tempo e condições de locomoção para ir à Biblioteca Pública ou mesmo seu fechamento sem motivos aparentes²³², deslocar-se entre vários estabelecimentos de ensino a fim de conseguir mais turmas para aumentar seu ordenado, são algumas das principais reivindicações dos professores particulares nesse período. Em outro escrito publicado na coluna *Ensino e Educação*, é possível compreender como o jornal se configurou como um meio para expressar – ou mesmo denunciar, em moldes de manifesto – situações sofríveis da classe:

Lembremos aos pais que os atuais preços cobrados nos institutos de ensino, foi, segundo dizem os mesmos proprietários, uma derivante do aumento que eles iam pagar aos professores - aumento êste que ainda não veio. Por outro lado, não é demais que se mostre também o fato de que o citado aumento de 50% feito nos colegios, foi realizado proveniente de um acordo, no sentido de ser concedida uma majoração nos vencimentos dos professores na mesma base, - o que não foi concedido! Enquanto isso... vários colegas nossos sofrem, hoje, a dura realidade da profissão mais desprotegida de todos os tempos: o magisterio. Podemos, se for motivo de duvida, citar exemplos concretos de muitos professores de renome que passam as maiores privações pois não recebem nenhum salario proveniente dos seus trabalhos durante dezenas de anos. E o que hão de dizer aqueles que têm a profissão na conta de "carreira de futuro"? Eis o aspecto real da vida do professor. (...) E' necessario, portanto, que se reconheça, no seu devido valor, a profissão do mestre, dando-lhe todo amparo legislativo e aplicando o já existente, bem como garantindo-lhe a velhice e a invalidez.²³³

Trazer à tona, publicamente, aumentos prometidos e não concedidos aos professores em função do aumento de mensalidades de institutos de ensino particulares cobrados aos pais de alunos ou mesmo situações de ausência total do pagamento de salários a professores por longos anos significa utilizar a imprensa como meio de luta para melhoria das condições de classe. As várias utilizações nos textos de pontos de exclamação, bem como o uso de perguntas retóricas que oscilam entre revolta e desesperança, parecem traduzir um misto de luta e desencanto com a profissão escolhida.

²³² Em 1946, a professora Fernanda Brito, do Centro Cultural José do Patrocínio, utilizou o jornal *Gazeta de Notícias* para publicar seu escrito em moldes de denúncia e, dentre outras situações sofríveis do cotidiano professoral, cita: "No Ceará, há quase um ano que a biblioteca publica acha-se fechada. Por que? Não sabemos." Cf: BRITO, Fernanda. Crônica da semana. Professores e alunos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 31 out. 1946.

²³³ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - Remuneração condigna para os professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 30 mar. 1947.

Assim, a identificação do papel do professor como uma faina patriótica que alicerçaria o futuro pátrio coexistiu com reivindicações de classe que recorrentemente expunham, nas páginas dos periódicos citadinos, a situação sofrível dos professores naquele período, servissem eles ao ensino público ou ao ensino privado. A prática dos sindicatos e associações reunidos em prol da causa professoral, desse modo, acentuou-se. Coelho Sampaio fundou, através de sua coluna *Ensino e Educação*²³⁴, a Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, que objetivava agregar, em torno de si, professores em geral e professores particulares, em específico. Sobre esse assunto, os escritos de Sampaio tomavam moldes de conclames:

Quando a 7 de setembro do ano passado, iniciei, pelas colunas desta tradicional folha (que tem sido um forte baluarte na defesa dos interesses coletivos), a campanha em prol da fundação da ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, estava certo de que, no coração do cearense, não podia deixar de haver lugar para uma iniciativa patriótica. E assim foi. Com a ideia lançada, aos quatro ventos, as adesões surgiram. (...) Diz o prof. Euclides Cesar e acrescenta: 'você poderá ser o pioneiro dessa nova cruzada no terreno pratico, liderando um movimento, que muito honra a nossa cultura'. Foram expressões como estas que me fizeram prosseguir. Depois, chegaram-me as sinceras palavras do Prof. Clodomir Girão: 'Hei lido, sempre com prazer, os artigos todos que você vem publicando na 'Gazeta de Notícias', a respeito de 'Ensino e Educação'... 'Aqui estou não apenas para bater-lhe calorosas palmas pela sua feliz iniciativa, mas, também, e principalmente, para afirmar que estou a enviar as minhas forças todas no sentido de colaborar de maneira integral na fundação e manutenção da nossa Associação de Estudos Pedagógicos...' Daqui, desta coluna, meus caros colegas, quero agradecer-vos, agora que temos o objetivo conseguido, aquelas palavras amigas, pois, com o vosso decidido apoio, dezemos de outros sugiram concretizando um ideal que hoje é nosso: a Associação Cearense de Estudos Pedagógicos.²³⁵

Iniciar uma campanha em prol de interesses educacionais na data em que se convencionou comemorar a Independência do Brasil, sem dúvida, não foi por acaso. A data da Independência significava um desejo por um rompimento com a antiga ordem e a instauração de um novo tempo. O auge das reformas educacionais no início do século XX, por exemplo, foi também um esforço desesperado de cumprir a promessa de erradicar a dita

²³⁴ "Por todos êsses motivos e mais ainda pela despreocupação da Humanidade pela cultura é que eu sinto mais acentuado o desejo de conclamar todos os meus colegas de classe para objetivarmos os nossos ideais numa associação de cunho inteiramente científico: a ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE ESTUDOS PEDAGOGICOS. Idealizada por mim e já com o apoio de dezenas de professores, conforme lista já publicada pela imprensa citadina, "ela será uma esplendida realidade", como diz o professor Clodomir Teófilo Girão ou então que "virá estabelecer o mais perfeito intercambio de ideias entre os professores na observação dos problemas educacionais oriundos das observações pessoal.", como disse o professor Euclides Cesar. Há poucos dias da sua fundação oficial que será oportunamente anunciada, espero ainda receber muitas honrosas adesões." Cf: SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - A missão do professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 16 fev. 1947.

²³⁵ SAMPAIO, Coelho. Ensino e Educação - Salário condigno para - os professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 23 out. 1947.

doença social do analfabetismo até o centenário da Independência. Diante dos dados precários concernentes à alfabetização, celebrar o 7 de setembro e a chegada de um novo tempo para a História do Brasil aparenta ser, no mínimo, desestimulante para os educadores e intelectuais que se dedicavam ao campo da educação, pois a realidade educacional do momento sinalizava constantemente que, de certo modo, o novo tempo havia se restringido a uma data. O artifício de inaugurar a campanha em prol da ACEP se configurou como uma forma de se ratificar que o papel social exercido pelo professor era diretamente relacionado ao progresso pátrio. Lutar pela causa professoral significava, nesse contexto, lutar pelo engrandecimento do Brasil.

O trecho citado há pouco permite perceber como, ao longo dos anos, a coluna *Ensino e Educação* serviu como um lugar social de fala para Coelho Sampaio. Tanto o elogio ao jornal e à fala direta aos leitores, utilizando-se de expressões como "daqui desta coluna", como a rememoração de uma campanha feita na seção, que deu origem à ACEP, bem como escolher os trechos de cartas enviadas por renomados professores à época, Euclides Cesar²³⁶ e Clodomir Girão²³⁷, são indícios das articulações sociais, políticas e culturais de Coelho Sampaio.

Torna-se relevante analisar, também, quais trechos das cartas de adesão à ACEP foram selecionados por Sampaio para constar em sua coluna. O primeiro, relacionado ao Prof. Euclides Cesar, destacando o seu possível papel de pioneiro nesse assunto, o que seria um exagero – feito, talvez, para empolgá-lo – frente a movimentos já existentes. O segundo, de autoria atribuída ao Prof. Clodomir Girão, que já se mostra pertencente ao movimento e também afirma ser leitor da coluna *Ensino e Educação*. Acredita-se que a seleção desses excertos foi feita no sentido de colaborar para a criação da sua imagem ligada a aspectos de pioneirismo, bem como a legitimação dos seus escritos colunares por anos na *Gazeta de Notícias*. Entretanto, deve-se ressaltar que, como visto, os dois professores citados contavam com peso na opinião pública.

As reivindicações de classe, à medida com que se passavam os anos, intensificavam-se cada vez mais. Isto é, a exposição da penúria vivida por professores daquele

²³⁶ Além de professor e jornalista, Euclides Cesar tinha presença recorrente na cidade de Fortaleza, participante de agremiações literárias e culturais à época, como a Casa Juvenal Galeno, Grêmio Literário Cearense, Academia dos Novos, Academia Polimática, dentre outros. Autores destacam sua atuação como orador na Praça do Ferreira, aos Pés da Coluna da Hora, tratando de assuntos relacionados à Segunda Guerra. Cf. NOGUEIRA, C. E. V. **Tempo, Progresso, Memória: Um olhar para o passado na Fortaleza dos anos 1930**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

²³⁷ Alguns dados biográficos desse professor foram obtidos através do site elaborado pela família Girão. Disponível em <<http://www.giraofamilia.com/novo/index.php/2011/07/06/clodomir-teofilo-girao/>> Acesso em 12 jan 2016.

período ia tomando mais espaço na imprensa do que a existência de artigos que idealizavam os deveres da profissão docente. Veja-se um trecho da coluna *Ensino e Educação*, com subtítulo *Salário Condigno para os Professores*:

É desoladora, para não dizer miserável a condição econômica do professor no Ceará. (...) O professor no Ceará, é, a-pesar-de tudo isso, o trabalhador que menos recebe num dia de trabalho. Comparando-se mesmo o seu trabalho com o de qualquer outro mercenário, verifica-se que ele ganha menos do que qualquer tarefeiro, vendedor ambulante, etc. Quanta miséria! E, se formos avaliar o esforço que ele dispendeu para adquirir o cabedal de conhecimentos necessários para ministrar o ensino; muitas vezes estudando até altas horas da noite e mesmo pela madrugada; deixando de se alimentar, para comprar os livros que precisava; ensinando gratuitamente, para praticar, enfim, é difícil traduzir em poucas palavras o enorme sacrifício que faz o candidato a professor no início da sua carreira, julgando que, depois irá usufruir um belo futuro proveniente de seus esforços. E... que decepção. Decorridos os anos, encontra-se ele numa situação muito mais difícil do que quando iniciara. É esse o aspecto da vida do professor e que precisa ser resolvido com o maior interesse até mesmo do próprio Governo. Daqui, desta coluna faço um apêlo a todos os meus colegas para que deem o seu inteiro apoio, comparecendo a esta reunião, na esperança de que esse debatido assunto ficará resolvido em comum acordo com os Diretores dos Estabelecimentos de Ensino.²³⁸

A caracterização do magistério como profissão que somente concederia miséria e decepção para os professores era a tônica do período. A comparação do trabalho do mestre à profissão de tarefeiros ou vendedores ambulantes embute uma questão de hierarquização de tarefas profissionais. Essa comparação já era entendida como fator degradante para a classe docente. Coelho Sampaio, na sua autobiografia rememorou com tristeza a sua saída do *Colégio do Sagrado Coração de Jesus* ou *Colégio Marista*, após conclusão do Curso Primário, por motivos de falta de pagamento. Ao completar 14 anos, por ele apontado como idade legal para trabalhar, afirmou:

Veio-me a primeira oportunidade de trabalho: vender gravatas de um armarinho. Era na "praça do Ferreira" (principal de Fortaleza). Logo me senti preocupado: ser visto pelos antigos colegas em uma ocupação humilhante (hoje conhecida como "camelô") e desisti...²³⁹

O que nos anos 1940 tornava alarmante a situação de desvalorização do magistério é que ela estava se equiparando às condições de trabalhadores de profissões que poderiam ser vistas socialmente como degradantes ou humilhantes. Já nos anos 1980, em seu livro intitulado *Missão Cumprida*²⁴⁰ – livro fictício com teor regionalista, utilizando-se de

²³⁸ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - Salário condigno para - os professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 16 mar. 1947.

²³⁹ SAMPAIO, Coelho. *Nos Caminhos do Destino*. Vitória: EP, 2004.

²⁴⁰ SAMPAIO, Antônio Coelho. **Missão cumprida**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981

referências cearenses como pano de fundo e para a construção dos personagens –, há uma parte da seção *Nota sobre o autor* em que é possível entrever uma concepção da profissão professor semelhante, em alguns momentos de sua argumentação, aos ideais defendidos em 1940. Ao dissertar sobre o início das suas aproximações com o magistério, o autor afirma:

No colégio 'Dom Bosco' da Rua Barão do Rio Branco iniciou sua carreira como Professor Primário, terminando por abandonar as lides gráficas para se dedicar inteiramente à ingrata profissão. Fundou, em Porangabuçu, um colégio (Instituto São Raimundo) que dirigiu mais de 10 anos²⁴¹

Desse modo, a profissão docente foi representada nesse momento da trajetória de Coelho Sampaio como um ofício que não correspondeu às suas expectativas e aos seus esforços naquele momento, como professor primário²⁴². O passar do tempo gerou frustrações atreladas ao pouco êxito nas reivindicações, por ele e por tantos outros docentes, empreendidas no recorte temporal desta pesquisa.

Quando um(a) professor(a) que lecionou na primeira metade do século XX, ou em décadas anteriores, desempenha um esforço de realizar um retrospecto da sua trajetória no campo do ensino, não raras são as vezes em que a profissão docente é representada de forma semelhante à realizada por Coelho Sampaio, como visto no parágrafo acima. Hélio de Sousa Melo (1921-2001), profissional com atuação em múltiplas áreas – foi jornalista com colaborações na *Gazeta de Notícias*, *O Estado*, *O Povo*, *Correio do Ceará*, *Unitário*, dentre outros, além de professor e escritor na área da Filologia e da biografia –, publicou, em 1978, na *Revista do Instituto do Ceará*, uma homenagem em forma de retrospecto biográfico a um de seus primeiros professores no Liceu do Ceará, o professor Eduardo Gomes de Matos.

Nela, quando esse retrospecto estava em meados dos anos 1940, o autor afirma:

Os diminutos vencimentos auferidos como Inspetor Federal do Ensino lhe asseguravam modesta subsistência. Sabia que as portas do sucesso financeiro jamais estariam abertas ao pobre professor, essa figura esquecida e espoliada, jogada a um turbilhão de reveses e vitórias, que colidem e se compensam. Mal pode garantir-se para a vida incerta de amanhã. Não tem o professor a mútua retribuição daquilo que dá. Oprimido por problemas financeiros, vive, ordinariamente, o drama de sua profissão, sulcada de lutas e sofrimentos. O próprio sacerdócio do magistério lhe impõe abnegação na turbulenta vida do ensino. O saudoso filólogo Martinz de Aguiar, pouco antes de falecer, em entrevista à imprensa de Fortaleza, no Dia do Professor, declarou que o magistério lhe foi sempre uma carreira ingrata e que nunca foi reconhecida, aconselhando finalmente aqueles que a escolheram que a

²⁴¹ Idem.

²⁴² Entretanto, mais ao fim de sua vida, foi professor titular catedrático da Universidade Federal do Espírito Santo.

abandonassem enquanto era tempo. Sentenciados a uma vida afainosa de aulas e mais aulas, num exaustivo e penoso trabalho que cedo lhe exaure as forças, o sacrifício do mestre devia merecer o reconhecimento dos poderes constituídos.²⁴³

Conforme fora discutido nesta seção do presente trabalho, o imaginário construído em torno do magistério, como profissão ingrata, preterida, oprimida e não reconhecida, é histórico. Ele advém de um processo intenso de lutas e reivindicações de classe não ouvidas ao longo do tempo. Não raras são as vezes nas quais, nos dias atuais, fala-se da profissão docente de maneira similar ao que fora ponderado no escrito acima e nas discussões aqui trabalhadas, de maneira geral. A dedicação ao magistério foi representada como *amor às causas perdidas*.

Diferentes épocas e distintos espaços significam o fazer docente sob a marca da pluralidade. Desse modo, diferentes vozes, escolas, movimentos, correntes e sujeitos elaboram finalidades e caracterizações que em alguns aspectos mudam – demarcam posições de diferença em relação a tempos anteriores – e, em outros aspectos, aderem permanências – concordam com elementos construídos sobre noções de magistério em períodos precedentes.

Assim, é quase questão de sobrevivência tentar burlar o ritmo acelerado do cotidiano professoral e dedicar momentos reflexivos constantes, paralelos à prática docente, destinados a ponderar sobre como se pensa e se constroem significados para o ofício em exercício; de modo que o *fazer* seja interdependente do *refletir*²⁴⁴.

Como debatido, não seria plausível compartimentar as reflexões sobre o magistério no período em duas vertentes, isoladamente. Não se tratou somente da existência de 1) um grupo de professores que propalaram lemas que substanciaram ideais de abnegação, sofrimento, missão, sacerdócio e doação à profissão docente como aspectos inerentes e inevitáveis àqueles que se dedicavam ao ofício de ensinar e 2) professores que objetivaram lutar e reivindicar por melhores condições de trabalho e remuneração condigna. Ao inverso, através dos debates aqui analisados, pode-se afirmar que ambas as formas de refletir e agir em torno da profissão docente coexistiram, embora contraditoriamente, nas vozes dos professores de outrora.

²⁴³ MELO, Hélio. Elogio acadêmico de Eduardo Gomes de Matos. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 185-192, 1978.

²⁴⁴ Muito se tem discutido o conceito de professor reflexivo, não somente no Brasil, sobretudo a partir dos anos 90 do século XX. Acerca de uma extensa revisão bibliográfica sobre as origens do termo e das particularidades dele nas discussões, docentes, Cf. PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

3.3 O Porvir em pauta: construções em torno das figuras do aluno e da infância.

Como foi construído o conceito de aluno nas discussões educacionais dos anos 1940? O que se esperava como comportamento ideal para as crianças em idade escolar e o que se repudiava nas mentes e condutas desses sujeitos que experienciavam seus primeiros anos de escolarização? O presente tópico tem por objetivo principal refletir sobre a construção de significados em torno da figura do aluno. Nas fontes analisadas, as representações em torno do educando estavam intrinsecamente relacionadas ao conceito de infância. Dessa forma, questiona-se: por quê, nesse período, há denso enfoque na criança? Quais as razões para os entrelaçamentos feitos entre ser aluno e ser infante?

Diferentemente do conceito de professor/professora, para o qual existiram numerosos artigos da coluna *Ensino e Educação*; bem como outros editoriais de jornais da capital, nos quais há a existência de debates discutindo diretamente sua noção, o conceito de aluno é dotado de compreensão mais enigmática, porque sua função é mencionada ou projetada com menor frequência nas fontes analisadas se comparada aos debates em torno da figura docente. Em virtude disso, muitas vezes, nas páginas que se seguem, será possível perceber que, para analisar como foi construída a figura do aluno no contexto do Ceará dos anos 1940 será necessário ler nas entrelinhas, visto que esse conceito é recorrentemente abordado de forma tangencial a outros assuntos, geralmente quando o assunto principal era tratar a questão professoral. Torna-se, então, visceral atentar ao que se mostra quando se esconde.

A existência de poucas reflexões diretas sobre o aluno, em contraste com a torrencial quantidade de ponderações sobre a figura do mestre, no entanto, já consiste em um indicativo importante para a compreensão de que, por vezes, compartilhava-se uma ideia de prevalência da importância do papel do professor em detrimento do papel do aluno no processo ensino-aprendizagem, constatação essa que é indício para a percepção de um conflito.

No Brasil dos anos 1940, as concepções pedagógicas do movimento da *Escola Nova* se configuravam como voz estabelecida nos debates educativos e inclusive, seus princípios eram adotados nos projetos e nas reformas educacionais empreendidas pelos governos em vigência no período. Mesmo aqueles que se diziam apologistas de visões tradicionais do ensino, desempenhando evocações nostálgicas para opor-se a uma forma moderna de se pensar a educação, raramente opunham-se de maneira clara aos ideais

escolanovistas. Mesmo os indivíduos mais alinhados com propostas tradicionais faziam referência a esse movimento educacional dito renovador como sendo algo a ser aplicado, normalmente sob o argumento de que as nações consideradas mais desenvolvidas do que o Brasil, naquele momento, já seguiriam com sucesso as teorias e metodologias *escolanovistas*.

O elemento contraditório é que uma das principais bandeiras da *Escola Nova* consistia em deslocar para o centro das atenções o aluno. Mais especificamente, o aluno na condição de criança. Caso observem-se as publicações ligadas a esse movimento, tal como o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, cuja autoria é de Lourenço Filho, poderá observar-se nitidamente que as discussões sobre o ser infantil, na condição de sujeito escolarizado, detinham papel de destaque dentro das proposições ali realizadas. Isto é, o foco das discussões educacionais, para esse seguimento pedagógico, estava se deslocando do como ensinar para o como aprender. Já no Ceará dos anos 1940, apesar de, na dimensão do discurso, esses intelectuais serem adeptos à *Escola Nova*, nota-se que o papel do professor no processo ensino-aprendizagem, nesse contexto, ainda tinha prevalência para esses sujeitos, conforme fora abordado em tópicos anteriores deste trabalho²⁴⁵.

Uma premissa fundamental para a investigação que ora se pretende empreender, ou seja, pensar como os sujeitos que experienciaram os anos 1940, no Ceará, conceituaram a noção de aluno, é a questão de que apesar desse agente do ensino aparecer nas fontes de forma naturalizada, é relevante que se empreenda um esforço de problematização desse conceito, visto que ele é histórico e que épocas e contextos diferentes tecem significados também diversos para o aluno.

Como afirma Gimeno Sacristán, polemiza-se muito sobre as diferentes funções dos professores e sobre o impacto que esse ofício desempenha. Entretanto, quando se fala do aluno, dita-se que ele se configura como uma maneira natural de ser criança. Muitas vezes, há confusão conceitual entre *aluno* e *criança*, tratando-se os dois conceitos como se fossem iguais²⁴⁶.

No Ceará dos anos 1940, em expressivas vezes nas quais se falava sobre o aluno e seus deveres, estava implícito ou mesmo explícito que se estava ponderando sobre a criança. Tendo essa análise por base, também toma-se como objetivo do presente tópico refletir sobre o que se considerava infância nesse momento, dedicando cuidado de análise para perceber as

²⁴⁵ Há de se observar também que as pesquisas educacionais se dedicam muito mais a pensar sobre a figura do professor do que o imaginário atribuído ao aluno.

²⁴⁶ SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

diferentes nuances pelas quais ela foi representada, bem como os porquês desse enfoque substantivo na figura do infante.

Coelho Sampaio, apesar de dedicar reflexões para o ensino destinadas à mocidade ou aos adultos, direcionava a ampla maioria de suas reflexões para o cuidado com a infância e a sua educação dentro e fora das escolas. Sem dúvida, essa prioridade concedida por Coelho Sampaio à causa infantil faz parte de um discurso que tinha uma rede de articulações que poderia ser considerada uma tônica social no período. Todavia, as variações e embates relacionados à forma com que se conceituava a infância, são muitos. Eles fazem remeter também aos diferentes modos com que se acreditava dever se processar sua educação no lar e na escola, bem como sobre fatores que se julgavam interferir na sua formação como cidadão.

Ponderar sobre a criança era assunto que estava em voga nos principais meios de comunicação do período: a imprensa e o rádio. Vozes autorizadas, como médicos, professores e professoras, diretores de ensino, políticos, dentre outros, faziam circular com recorrência postulações sobre o assunto infantil. No que concerne ao Estado Novo, de 1937 a 1945, o objetivo da formação de um "novo homem", subsidiado por intentos eugênicos na busca por uma "nova raça", sobretudo promovendo discursos fomentadores de uma valorização do trabalho, geraram ênfases na figura da criança, instigados por um olhar que se voltava para o futuro, almejando futuros cidadãos trabalhadores, fortes e saudáveis.

Esses discursos suscitaram a criação de uma série de serviços e setores, no governo, direcionados especificamente para a criança. Dentre eles, o Departamento Nacional da Criança (1940), o Serviço de Assistência a Menores (1941), o Serviço de Escolas-Hospitais (1940), o Laboratório de Biologia Infantil (criado em 1936), o Serviço de Assistência à Criança (1941), a Legião Brasileira de Assistência (1942), dentre outros²⁴⁷. O primeiro serviço citado tinha a ambição de ser o principal desses órgãos²⁴⁸. De acordo com o artigo 5º do capítulo II do decreto-lei nº 2.024, de 17 de fevereiro de 1940: "Será o Departamento Nacional da Criança o supremo órgão de coordenação de todas as atividades nacionais

²⁴⁷ Em 1902, o atual Parque da Criança foi inaugurado sob a nomeação de Parque da Liberdade, em função da libertação de pessoas escravizadas no Ceará. Já de 1926 a 1936, a nomenclatura do espaço foi mudada para Parque da Independência, em homenagem ao centenário da Independência do Brasil. De 1936 a 1948, através de um decreto, mudou-se a denominação do local para Cidade da Criança. Em uma de suas reinaugurações, nos anos 1940, contou-se com a presença do presidente Getúlio Vargas. Isto é, a partir dessa série de mudanças denominativas é possível perceber que a figura da criança estava em enfoque nas décadas de 1930 e 1940 tanto quanto marcos considerados fundamentais para a História do Brasil. Cf: GIRÃO, Blanchard. **Sessão das Quatro cenas e atores de um tempo mais feliz**. Fortaleza: ABC, 1998.

²⁴⁸ FONSECA, C. M. O. A saúde da criança na política social do primeiro governo Vargas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 97-116, 1993. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73311993000200004>>. Acesso em 26 jan 2016.

relativas à proteção à maternidade, à infância e à adolescência."²⁴⁹ Conforme afirmam Irene e Irma Rizzini, "Na ditadura implantada por Getúlio Vargas, intervir junto à infância torna-se uma questão de defesa nacional".²⁵⁰

No Ceará, como em outros Estados da federação, além de órgãos vinculados aos governos em vigência, havia também muitas associações e campanhas em prol da criança, mais ligadas à iniciativa privada. Acerca da questão associativa, Coelho Sampaio afirmou, na coluna *Ensino e Educação*, em texto intitulado *Assistencia á Criança*, que:

Atualmente, realiza-se nesta Capital, um intenso movimento de assistencia á criança. São varias as entidades que o organizam. Entre elas, destacam-se a Liga Brasileira de Assistencia, a Liga de Defesa Nacional, a Sociedade de Defesa da Criança da Aldeota, o IPEC e o Departamento Estadual de Assistencia á Criança. Entretanto, em alguns bairros da Capital, ainda não se organizaram sociedades com essa altruistica finalidade. Entre estes, apresenta-se o populoso bairro de Porangabussu.²⁵¹

O trecho acima citado é relevante para compreender as seleções empreendidas por Coelho Sampaio no que se refere aos numerosos órgãos e associações existentes que tinham por objetivo salvaguardar a criança, por acreditar que esse cuidado teria impacto direto no futuro pátrio. Excetuando a Sociedade de Defesa da Criança da Aldeota, todos os outros órgãos citados por ele (o Instituto de Previdência do Estado do Ceará, a Liga Brasileira de Assistência, a Liga de Defesa Nacional e o Departamento Estadual de Assistência à Criança) eram entidades ligadas ao âmbito nacional ou local dos governos em vigência, o que poderia estar relacionado com os princípios patrióticos por ele compartilhados. Afora isso, é relevante perceber como a coluna *Ensino e Educação* se configurou como um espaço de amplificação social de voz do autor, na qual era possível iniciar, desenvolver e/ou concretizar campanhas.

O artigo publicado na coluna *Ensino e Educação*, com subtítulo *Criança, Homem do Futuro*, texto ao qual se reportou duas vezes sob a mesma nomeação, consiste em uma publicação central para analisar os contornos da sua concepção de infância e a forma com a

²⁴⁹ BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Lei de organização da proteção à maternidade, à infância e à adolescência. Decreto-lei nº 2.024, de 17 de fevereiro de 1940. **Diário Oficial da União, Rio de Janeiro**, Seção 1, p. 3125, 23 fev.1940. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2024-17-fevereiro-1940-411934_publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 08 jan 2016.

²⁵⁰"Com a instauração do Estado Novo, no ano de 1937, percebe-se uma crescente ideologização dos discursos dos representantes do Estado no atendimento à infância e à juventude. Na ditadura implantada por Getúlio Vargas, intervir junto à infância torna-se uma questão de defesa nacional." Cf. RIZZINI, Irene. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. Rio de Janeiro: PUC-RiO, 2004.

²⁵¹ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - Assistencia á criança. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 18 dez. 1945.

qual, segundo o seu entendimento, dever-se-iam empreender cuidados de ordens várias para com o ser infantil:

A criança, ao nascer, não tem defeitos. A não ser algumas qualidades fisiológicas talvez herdadas dos seus ancestrais, ela nasce perfeita. E, entregue aos cuidados dos pais, cabe a eles moldarem-lhe os hábitos, guiando-a em todas as ações, indicando-lhe o caminho do bem e suas vantagens. Aí todos os cuidados tidos com esse pequenino ser em formação são poucos ainda. Devemos ter todo o empenho em evitar as más influências. São estas que traçarão o caminho da sua vida futura. E essas influências, podem se manifestar de várias maneiras; atos, palavras, etc., que, passando para o sub-consciente, vão refletir futuramente, na vida do agora infantil ou adolescente. (...) Quero, com isso, afirmar que todos os defeitos, inúmeros alias, que notamos em nossa mocidade hodierna são o resultado de uma educação, senão defeituosa no seu todo, mas sem um critério definido e autoritário no sentido de levar a criança a compreender o bem e o mal. Podemos educar o futuro adolescente, até mesmo no seu modo de pensar - uma influência lógica que o convença - e se se trata de nós mesmos, então o caso é mais simples ainda: purifiquemos nossos pensamentos! (...) A educação pelo exemplo, é o caminho a seguir. Na criança isso se consegue devido à sua capacidade imitativa. (...) Como diz S. Rabelo: "é comum procurarem as crianças identificar-se com os modelos mais próximos - pais e mestres. A influência do meio em que vivem as crianças é, por isso decisiva na sua conduta moral e social".²⁵²

Conforme Arroyo, compartilha-se a ideia de que: "A infância não existe como categoria estática, como algo sempre igual. A infância é algo que está em permanente construção"²⁵³. Para tanto, é preciso pensar esse conceito de infância tendo em vista o contexto historicamente situado que se pretende analisar. Em um contexto efervescente, desafiador e de transição, como foram os anos 1940, marcados por conflitos de ordens nacionais e internacionais, como a passagem por um processo ditatorial e a convivência com atmosferas de guerra, ou seja, em uma conjuntura de extrema decepção com os rumos sociais naquele momento, a partir do trecho acima, é plausível compreender os porquês de a criança figurar o centro das atenções.

Compreendê-la como um ser que nasceria sem defeitos, isenta do que se entendia por uma contaminação social do meio no qual estava inserida, julgado repetidas vezes como ambiente pautado pela deturpação, significava crer que nela estaria a maior fonte de esperanças em um tempo de desesperanças. Mesmo sem citar Jean Jacques Rousseau, nesse

²⁵² SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - VI Criança, homem do futuro. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 13 out. 1944.

²⁵³ ARROYO, M. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 1., 1994, Brasília. **Anais...** Brasília, 1994. Disponível em: <<http://www.geppc.org.br/sites/default/files/uploads/evento/192/anais/gt01.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

número em específico, é aparente sua crença de que o homem nasce bom e íntegro e que, no entanto, a sociedade é capaz de corrompê-lo, conforme afirmou Rousseau.

Em outro escrito, Sampaio afirmou que "é na infância em que repousam todas as nossas esperanças no porvir"²⁵⁴, isto é, desde os títulos escolhidos para se tratar da infância nos jornais, portadores de sínteses, até os conteúdos desses artigos, o que estava em pauta era a crença de que competiria à criança a construção de um novo porvir. Tratava-se de pôr em debate um *espaço de experiência* desastroso e catastrófico e um *horizonte de expectativa*²⁵⁵ esperançoso e convicto de que a criança daquele período, cidadão do amanhã, teria poder para alavancar o progresso pátrio, sob o elemento condicional de que se seguisse aquilo que as vozes autorizadas expunham socialmente.

Semelhante ao que pensaram os filósofos Aristóteles e John Locke, que compartilhavam a crença de que o ser humano, ao nascer, seria uma tábula rasa ou, em outras palavras, uma folha em branco a ser preenchida, Coelho Sampaio acreditava que por nascer sem defeitos, o papel da sociedade seria o de moldar mentes e hábitos, bem como os pensamentos e as ações desses seres pueris, tal como o oleiro amolda o seu material de trabalho, o barro, de modo a transformá-lo, da condição de ser uma massa sem contornos de definição, em objetos com utilidades práticas.

A referência ao termo *subconsciente* infantil, expressa como uma das maiores preocupações relacionadas a essa fase da vida, é um indício para se perceber as articulações e aproximações do autor com teorias psicológicas, normalmente entrecruzadas com concepções pedagógicas. Aproximação essa que fazia parte de um contexto maior, pois a primeira metade do século XX foi marcada por um processo gradual de aproximações entre Psicologia e Educação no Brasil²⁵⁶. Não por acaso, a Lei Orgânica do Ensino Normal, expedida através do decreto-lei nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946, após o fim do Estado Novo, estabeleceu que seria disciplina obrigatória dos professores primários, a matéria *Psicologia Educacional*²⁵⁷.

²⁵⁴ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - Cuidado com a leitura. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 22 jul. 1948.

²⁵⁵ KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

²⁵⁶ CARVALHO, D. de C.; DAROS, M. das D.; SGANDERLA, A. P. Uma abordagem histórica da psicologia nos cursos de formação de professores: em foco os programas da disciplina em uma escola catarinense na década de 1930. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 17, n. 51, p. 675-750, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/11.pdf>>. Acesso em 14 jan. 2016.

²⁵⁷ BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Lei Orgânica do Ensino Normal. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. **Diário Oficial da União, Rio de Janeiro**, Seção 1, p.116, 04 jan. 1946. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 02 jun 2014.

Assim, a Psicologia foi entendida pela *Escola Nova* como uma ciência que deveria obter destaque no meio pedagógico, como se abordará mais à frente.

A alusão feita por Coelho Sampaio a um santo da igreja católica, São Rabelo, para justificar a crença de que a criança seria influenciada de maneira determinante por exemplos aos quais ela tivesse convivência, é rastro da prevalência de concepções religiosas no âmbito do entendimento pedagógico de Coelho Sampaio. Isto é, em momentos vários o autor utiliza-se de explicações científicas advindas da Psicologia para legitimar afirmações sobre a criança no que se referia à sua mente e aos seus comportamentos; mas concomitante a isso, há também argumentos pretensamente validados pela ótica religiosa.

Nesse contexto, no qual a criança poderia representar um futuro sadio e reparado para a nação, proliferavam os discursos que atribuíam ao feminino uma função social unicamente atrelada à maternidade.

Em um dos artigos da *Coluna Racionalista Cristã*, espaço no qual existia circulação de ideias espíritas na *Gazeta de Notícias*, tratou-se a função genitora feminina como um ato patriótico. A autora, Maria Cottas, uma das expoentes dessa vertente religiosa, o Racionalismo Cristão, surgido das dissidências entre o Espiritismo Racional e o Científico Cristão²⁵⁸, afirmou:

<<Nação rica é a que tem filhos fortes>><<Dar filhos fortes á Pátria é a manifestação mais nobre do patriotismo da mulher>>. Forte é a nação que possui mulheres capazes de lhe dar, em cada filho, um bom cidadão e excelente patriota. (...) Mães brasileiras! O Brasil muito espera de vós!²⁵⁹

O trecho acima aborda as articulações existentes nesse período entre concepções que depositavam todas as suas esperanças no futuro a ser construído pelos seres infantes daquele momento, entendidos como cidadãos do amanhã, e o papel da mulher nessa mesma sociedade. Como pode ser observado, a função feminina estava muito atrelada à sua capacidade biológica de gerar filhos e uma pretensa responsabilidade familiar e social de cuidar da criança. Dessa forma, o enfoque incidia sobre os seres infantis, mas, como havia a crença de que eles seriam indivíduos totalmente dependentes dos adultos, havia forte apelo aos pais para que fossem concedidas sólidas bases de integridade física, moral e educacional

²⁵⁸COUTINHO, D. S. **Os Combates de Luiz de Mattos (1912 – 1924):** o Espiritismo Kardecista e o Tratamento Médico da Doença Mental. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Centro de Ciências e Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

²⁵⁹COTTAS, Maria. Educação errada. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 01 dez. 1949.

às crianças. Não é por acaso que, nesse período, havia recorrentes incentivos para a existência de círculos de conversas entre pais e mestres, na tentativa de aproximar a escola do lar e vice-versa.²⁶⁰

A partir disso, destaca-se que havia os discursos que direcionavam essa responsabilidade concernente ao momento anterior do ingresso da criança na escola para o pai e à mãe, ou seja, aos pais em conjunto. No entanto, também havia os discursos que, em maior frequência, apostavam na demarcação desse encargo apenas para as mulheres, as mães. Isso consubstanciou o que por muito tempo ficou definido como o papel feminino unicamente atrelado aos cuidados com os filhos e o lar, enquanto a principal função masculina seria a do trabalho formal, fora do ambiente privado, com tarefas que propiciassem sustento financeiro à família.

Esse tipo de discurso consistiu em um entrave ao processo de profissionalização da mulher, que muitas vezes encontrava oportunidade profissional no magistério. Recorrentes vezes, como visto no tópico anterior, julgava-se negativa a presença da mulher no mercado de trabalho, atuando como professora, por significar o rompimento da sua imagem ligada unicamente ao âmbito privado, dedicando-se a outros afazeres além dos cuidados com os filhos e os trabalhos domésticos²⁶¹.

É relevante observar que Maria Cottas enfatiza que o papel feminino não apenas seria produzir filhos para a nação, mas sim dar filhos *fortes* ao Brasil. Nesse período as problemáticas de saúde e higiene estavam na crista da onda. Sobretudo para o lar e para a escola, eram direcionados discursos higienistas, propalando-se uma educação que abarcasse não apenas as mentes e os espíritos, mas que se abrangesse também o corpo. Para que o percurso até a obtenção de uma nação mais forte, saudável e civilizada fosse mais rápido e para que a marcha em direção à modernidade fosse mais acelerada, era visto como necessário atentar-se à higiene e à saúde desses corpos. Não por acaso, a disciplina de Educação Física

²⁶⁰ "O grave problema da educação não deve ficar restrito á criança. A educação deve ir mais além, deve ir aos pais das crianças. Estas sofrem invariavelmente a influencia do lar. Elas imitam os seus pais no falar, no andar, no viver, enfim em todos os seus bons ou máus habitos. Logo, pais que tenham maus costumes, vícios, etc., estão contaminando o filho; embora queiram dar educação, préguem muito, nada adeantam, porque a criança vai gravando mais o que vê do que o que ouve. Assim sendo, é de máxima necessidade a criação de escolas para pais, e isto será meio caminho andado para a verdadeira educação da criança. Escola para pais? Parecerá absurdo, mas não é, porque escola pode ser o Teatro ou todo o recindo onde se façam preleções sobre Educação." MATOS, Luiz de. Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 25 abr. 1950.

²⁶¹ Com raciocínio semelhante, Luiz de Mattos, outra figura que recorrentemente escrevia nessa seção denominada *Coluna Racionalista Cristã* afirmou: "É preciso que a sociedade se reforme e para que essa reforma seja um fato é necessario que se eduque a criança, e quem melhor do que a mãe o pode fazer? (...) São, pois, as mães as responsaveis pela educação daqueles que amanhã irão, sem saberem, governar o mundo." Cf. MATOS, Luiz. Educação das crianças. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 27 mar. 1950.

obteve destaque nas matrizes curriculares brasileiras nos anos 1940, sobretudo no Governo Vargas²⁶².

Na imprensa do Ceará dos anos 1940, era comum encontrar páginas ou seções fixas de jornais nas quais se abordavam assuntos médicos, no intento de proliferar assuntos da literatura médica para um público mais amplo, tais como causas, prevenções e tratamentos de doenças mais recorrentes à época. Também era comum que editoriais que se destinavam a falar de educação abordassem assuntos da medicina e que artigos médicos falassem de educação, o que se constitui mais um indicativo das relações intrínsecas entre saúde e educação no período.

Em artigo intitulado *A Campanha Nacional da Criança*, situado na *Ensino e Educação*, ou seja, uma seção destinada a refletir sobre motes educacionais, Coelho Sampaio abordou a questão da higiene no lar, questionando-se sobre a raiz de algumas doenças:

Senão vejamos: quais as causas da opilação? da desinteria amebiana? da febre tifoide e paratifoide? da difteria? e do tétano? e da gripe comum? e de outras doenças, que tem como própria falta de higiene, dentro do lar?²⁶³

Caso não se soubesse que se trata da voz de um professor, poder-se-ia facilmente supor que se trata de um escrito médico, em função dos termos técnicos próprios da Medicina. Nesse período, as formas de aproximações entre saúde e educação eram muitas. Fala-se muito também sobre assuntos odontológicos, com seções fixas e artigos esporádicos nos jornais da cidade. Desse modo, a educação sanitária era posta como um fator determinante para atravancar ou alavancar os rumos pátrios.

Os expressivos números de mortalidade infantil nos anos 1940, causados por doenças como a disenteria e a desnutrição ou por epidemias como a malária, recorrente no período desde a década anterior²⁶⁴, era fator que potencializava as investidas na área da saúde infantil, costumeiramente gerando prognósticos negativos. Em artigo intitulado *O Rádio, a Imprensa e o Cinema*, no qual postulava-se que esses elementos contidos no título da publicação seriam veículos propugnadores de maus costumes, Coelho Sampaio afirmou que:

²⁶² PARADA, Maurício Barreto Alvarez. **Educando corpos e criando a nação**: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

²⁶³ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - De elevado interesse para pais e professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 17 set. 1949.

²⁶⁴ BARATA, R. B. Cem anos de endemias e epidemias. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 333-345, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 fev. 2014.

Falar das condições em que se encontra a criança nunca será desnecessário, principalmente se atentarmos para o fato de que, se fizermos uma previsão do nosso futuro, baseados no elevado índice de mortalidade infantil, atual, teremos a triste desilusão de verificar que daqui a uns 50 anos talvez não exista mais brasileiros capazes de dirigir esta grande nação! Eis porque precisamos - todos nós, educadores ou não - interessar-mo-nos por essa campanha, no sentido de salvar a criança que representa o homem de amanhã e, portanto, o nosso porvir²⁶⁵.

Todo esse intenso movimento em prol da salvaguarda da figura da criança, além das concepções que almejavam sua utilidade pátria no futuro, também ocorria por motivações mais atreladas ao momento presente, como a partir das porcentagens alarmantes de mortalidade infantil na época. Até meados dos anos 1940, a população brasileira enfrentou a prevalência de altas taxas de natalidade e mortalidade. No entanto, esse movimento de políticas públicas e avanços na área da Medicina, com a descoberta de novos tipos de antibióticos nesse período, bem como o uso de medicamentos importados no pós-guerra, começaram a diminuir essas taxas em território nacional. Como afirmam as estatísticas do IBGE, nos anos 1940, a esperança de vida, ao nascer no Brasil, era inferior aos 50 anos de idade²⁶⁶, sendo relevante destacar que a taxa de mortalidade infantil no Nordeste era a maior de todas as regiões brasileiras²⁶⁷.

No parto, pós-parto e nos primeiros anos de vida, a maioria das famílias brasileiras encontravam em suas realidades essas estatísticas. No trecho citado é possível identificar que uma preocupação com a fortificação da criança era uma apreensão direta com o futuro. O porvir era muitas vezes conjecturado de maneira negativa, com base na experiência do presente. Temia-se que não houvesse cidadãos capacitados para gerir o futuro nacional. A própria concepção do que seria esse cidadão capacitado é uma questão relevante.

Veja-se o artigo de Assis Chateaubriand, intitulado *Pela infância desajustada*, publicado no jornal *Unitário* em 1944:

Onde achar na economia privada os 30 milhões de cruzeiros que mirávamos como a primeira etapa do nosso esforço pueril? - Mas haverá, pensávamos, contudo, obstáculo que se não possa romper, quando se trata de restituir á criança a sua divindade? Não é a criança ainda hoje, em varias camadas da sociedade brasileira, como um bicho em que muito poucos pensam e do qual quase todos se

265 SAMPAIO, C. Ensino e educação - O rádio, a imprensa e o cinema. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3 e 4, 27 nov. 1948.

²⁶⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Observações sobre a evolução da mortalidade no Brasil: o passado, o presente e perspectivas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

²⁶⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

desinteressam? (...) Já pensamos em fazer o cotejo entre o raciocínio de um criador de pintos e um pediatra, defrontados os dois, um pela mortalidade de 50% das crianças do seu bairro e o outro pela mortalidade de 50% dos seus pintos? Qual o criador de galinhas que não enlouqueceria vendo que 50% dos seus pintos que ele tirou da chocadeira vão morrer? Ou do criador de bezerros, verificando que 50% dos seus rebuzinhos morreram antes de atingir a idade de um ano? Entretanto, vemos todo dia essas cifras espantosas de crianças brasileiras, de valores que poderiam ser da maior utilidade para a pátria e não fazemos o que fazem os criadores de galinhas ou de vacas.²⁶⁸

Quando se fala em devolver à criança aspectos considerados divinos em sua personalidade, parte-se do princípio de que a criança nasceria divina, sem pecados, sem defeitos morais. Em suma, nasceria perfeita. A questão da mortalidade, no artigo acima, foi abordada a partir de motes pragmáticos. Para chamar a atenção do leitor, cujo autor julgava não estar devidamente interessado no problema da infância brasileira, comparam-se as crianças a animais. Não para desdenhar da situação, mas aparentemente para trazer a magnitude da questão para o cotidiano dos diversos leitores.

Parte-se do raciocínio de que os criadores de animais, que extraem o seu sustento da criação e comercialização desses bichos, normalmente empregam cuidado minimalista a cada um deles e sofrem copiosamente a cada perda, pois sabem que dali tirarão o seu sustento para as necessidades da vida. O que o autor parece querer sustentar é que dessa mesma forma deveria se comportar o cidadão brasileiro com as altas taxas de mortalidade infantil. Dever-se-ia lamentar cada criança acometida por doenças fatais, da mesma forma com que seria necessário buscar meios para reverter essa situação, na medida em que a criança era considerada o futuro do país. Enfatiza-se a ideia de que se continuasse a padecer a criança brasileira também padeceria o futuro pátrio, por falta de cidadãos considerados úteis, isto é, saudáveis, fortes, disciplinados, moralizados.

Em artigo intitulado *A fé no progresso é a fé na criança*, apesar de o título sugerir que essa fé se refere a todas as crianças brasileiras, será possível observar que nem sempre as proposições que tratavam do interesse pelo infante eram discursos velados e totalizantes. Assim afirma Assis Chateaubriand no jornal *Unitário*, dos Diários Associados:

A fé no progresso, disse Angelo Patri, é a fé na criança. Se temos fé no progresso do Brasil, no seu crescimento incessante, precisamos ajudar a formar crianças validas, e não os farrapos humanos, os meros rebotalhos, que andam penando por ai. Se a criança é o homem d'amanhã, é o futuro cidadão, como abandoná-la na base da sua

²⁶⁸ CHATEAUBRIAND, Assis. Pela infancia desajustada. **Unitário**, Fortaleza, p. 2, 17 dez. 1944.

constituição física? Que valor de produção terá um indivíduo raquítico, debilitado, porque na sua infância a pátria o abandonou, a comunidade não tomou interesse pela sua formação, não fez o menor sacrifício para que ele se desenvolvesse como um fator útil da raça e da economia da nação?²⁶⁹

A partir do excerto é possível destacar que a crença no progresso significava não apenas a fé na criança, mas sim a fé na criança válida: infantes de corpos fortes e saudáveis, não acometidos por doenças. Ao preocupar-se com o ser infantil, estava-se à busca de um valor de produção, uma validade produtiva, princípios de utilidade econômica, sendo todos esses elementos voltados para o trabalho. Além disso, tratava-se de preocupar-se com a proficuidade para a fortificação da população brasileira, que subsidiada por noções eugênicas, era entendida como raça. Os ditos farrapos humanos, ou seja, crianças pobres e desamparadas, somente interessavam após todo um processo de reconstituição física e moral. Caso contrário, esses seriam seres a ser evitados.

A par do cultivo ao corpo são, também havia fortemente um culto à mente sã. O que era frequentemente postulado, no Ceará dos anos 1940, como higiene mental também trazia indicativos para se perceber quais eram as condutas a serem exaltadas e quais eram os hábitos mentais a serem repudiados nas crianças. Na coluna intitulada *Medicina*, do jornal *O Povo*, o médico Jurandir Picanço abordou esse assunto, afirmando que: "A higiene mental exige cuidados preventivos dos pais, dos obstetras, dos pediatras e dos professores. O interessado máximo, no caso, é a criança."²⁷⁰ A criança, então, estaria no topo das prioridades desses intentos higienizantes, por ter tido menos contato com a sociedade, entendida como ambiente de contaminação moral; considerando-se que a juventude, os adultos e os idosos seriam mais difíceis de serem higienizados mentalmente, já que possuíam maior tempo de convivência social.

Acerca dessa tópica, Jurandir Picanço reportou-se novamente à questão educativa e à questão da saúde em artigo homônimo, chamado *Higiene Mental*, na mesma seção do jornal *O Povo*. É relevante ressaltar que a formação e atuação desse médico foi na área da Psiquiatria, laborando em grandes estabelecimentos psiquiátricos do período, como o Hospital de Isolamento da Saúde Pública Estadual e o Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paula²⁷¹. Esse vínculo formativo e institucional parece ser significativo, na medida em que se pode

²⁶⁹ _____. A fé no progresso é a fé na criança. **Unitário**, Fortaleza, p. 2, 02 dez. 1944.

²⁷⁰ PICANÇO, Jurandir. Medicina - higiene mental. **O Povo**, Fortaleza, p. 3, 03 jul. 1944.

²⁷¹ NOBRE, F. Silva. **1001 Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.

rastrear quais áreas do conhecimento se apropriavam de discussões educacionais nesse momento. Sobre infância e higiene mental, afirmou Picanço:

E' na infância que a higiene mental tem maiores possibilidades de êxito nos seus elevados objetivos, por meio da terapêutica precoce, da higiene preventiva e da educação, mas é a infância, ao mesmo tempo, a vítima mais facilmente exposta aos erros de educação e às falhas da higiene mental.(...) Carlo Sá ensina com muita propriedade, em "Higiene e Educação da Saúde": "De uma coisa, porém, é mister não esquecer: o <exemplo> dos grandes determina a imitação dos pequenos. E o contágio mental é uma coisa certa, verificada. Não basta dizer á criança que deve dominar suas emoções, é indispensavel dar o exemplo"²⁷²

Esse descompasso entre se julgar mais fácil introjetar princípios considerados valorativos na criança, pelas suas capacidades imitativas guiando-se pelo exemplo dos adultos, e a situação que se aquilatava como deplorável em relação à infância brasileira naquele momento, sugeria que a culpabilidade dessa situação caberia aos adultos. Comportar-se de maneira dita equivocada, exercendo os ditos maus costumes na presença de infantes seria a principal causa identificada por esses intelectuais, para justificar a situação considerada amoral das crianças no período, pois essas imitariam mecanicamente tudo que estivesse à sua volta, fossem essas posturas consideradas boas ou ruins. Pela visão médica, esse seria o contágio mental.

A referência evocada por Picanço, o livro intitulado *Higiene e Educação da Saúde*, do médico e professor Carlo Sá²⁷³, foi publicado pela primeira vez em 1943 pelo Serviço Nacional de Educação e foi reeditado sete vezes entre 1943 e 1963. É relevante ressaltar que essa publicação foi resultado de um curso ministrado para professores primários do Rio de Janeiro, a pedido da Associação Brasileira de Educação (ABE), cujo autor foi membro do conselho diretor dessa entidade. Nesse livro e em outras publicações médicas, Carlos Sá traçava entrecruzamentos entre saúde, educação e modernidade, comumente apropriando-se de ideias americanas de saúde pública e educação da saúde.²⁷⁴

Os entrecruzamentos entre educação e saúde também reverberaram nos remédios ditos fortificantes para as crianças. Na publicidade que pode ser vista na **figura 14**, na página seguinte desta dissertação, o aluno que aparece com semblante alegre e saudável, de

²⁷² PICANÇO, Jurandir. Medicina - higiene mental. *O Povo*, Fortaleza, p. 3, 10 jul. 1944.

²⁷³ SÁ, Carlos. *Higiene e educação da saúde*. Serviço Nacional de Educação Sanitária. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1943.

²⁷⁴ MORAES, M. F. de. **A higiene escolar nos escritos de Carlos Sá: circulação de ideias e projetos de interação entre saúde e educação (1920- 1945)**. 2015. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2015.

Os extremos felicidade e miséria, relacionados ao futuro das crianças do seu tempo, estavam sendo entendidos como uma opção a ser feita por todos os cidadãos daquele período, visto que a concepção de criança era atrelada ao imaginário de inocência e imitação. Humberto Cruz não se utilizou do termo que os médicos Jurandir Picanço e Carlos Sá postularam como higiene mental, mas compartilhou a ideia: evitar nos adultos tudo aquilo que se considerava prejudicial à convivência com a criança, ou seja, desde palavras até comportamentos a partir da busca por uma legitimação pela ótica religiosa.

Tratava-se de chamar a atenção de toda a sociedade para a questão infantil, representada a partir de características como doçura, ternura e ingenuidade. Não por acaso o autor traçou paralelos e analogias entre as qualidades do ser pueril e elementos da natureza, nesse caso entendidos como expressão máxima de pureza, por serem criados por Deus. Assim como marcava a fala de Coelho Sampaio, outras vozes autorizadas no debate pautavam seus argumentos na questão religiosa.

Note-se que no artigo que deu continuidade e conclusão ao tema infantil, sob título *Criança - Homem do Futuro*, na coluna *Ensino e Educação*, a maioria dos elementos postulados como moralizantes para o ser infantil consistia em noções religiosas:

E a criança que fosse educada para um grande e eterno amor á humanidade, não lhe procuraria causar mal algum; o coração que fosse instruído, desde a infancia, no temor a Deus não se transformaria, jamais, num coração atesta; a criança que fosse instruída dentro de uma escola humanitarista, jamais perseguiria os seus semelhantes, egoisticamente, em busca da fortuna e do poder; o infantil que fosse educado numa escola de pureza de costumes, jamais pregaria a corrupção; o infante que fosse desenvolvido dentro dos princípios morais e de elevação espiritual da vida cristã, jamais adotaria o vício - veneno ambulante da ordem das nações.²⁷⁶

A partir dessa crença no poder imitativo da mente dos infantes, amparado pela literatura da Psicologia, Coelho Sampaio procurou estabelecer, no trecho acima uma fórmula de educação que em sua concepção seria capaz de gerar uma sociedade futura sadia e moralizada. Ensinar à criança os perigos da dualidade do mal versus o bem, ensiná-la a temer a Deus e incutir-lhe princípios cristãos seriam, na sua visão, atos educativos; o que por si só se configura como indício para compreender suas concepções pedagógicas. Em sua opinião, elementos religiosos seriam capazes de afastar da sociedade aquilo que era considerado

²⁷⁶ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação - VII criança - homem do futuro (conclusão). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 20 out. 1944.

pernicioso: o ateísmo, riquezas e poderes terrenos em detrimento de um sentimento que valorizasse o aspecto humano, corrupções e vícios. Dessa forma, os princípios cristãos tanto estavam sendo considerados como antídotos – para a sociedade vista como já corrompida por maus costumes – como também a religiosidade era ligada a intentos preventivos – essa direcionada às crianças, que, como visto, acreditava-se que nasceriam sem defeitos morais.

Em 1945, Benedita Rosa escreveu um artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, apenas para tratar do assunto *A religião da criança*.

A natureza religiosa da criança é um aspecto da sua personalidade. (...) A reverencia começa muito cedo na vida da criança. Esta aceita tudo o que os outros lhe contam. Para ela não é difícil acreditar que Deus fez todas as cousas, assim como não lhe é difícil acreditar que alguns homens fizeram a mobília da casa. (...) Não se deve assustá-la. A instrução religiosa começa dando á criança sentimento de segurança. Deus não deve ser exibido como um Deus para se temer, como um Deus que castiga a criança que tira doce ás escondidas, mas como um Deus que a criou e que toma cuidados dela, porque a ama.²⁷⁷

Segundo a autora, o ato de fazer constantes questionamentos no dia a dia seria inerente ao ser infantil, não devendo ser entendido como travessura ou mau comportamento. Tal fato deveria ser utilizado a favor da religião católica, na medida em que seria tarefa dos pais empreender, pela primeira vez na vida da criança, uma instrução religiosa. A facilidade da empreitada se daria porque as crianças acreditariam facilmente nas respostas dadas pelos pais, não as questionando como poderiam fazer os adultos. Para que essa aceitação se desse de maneira ainda mais facilitada, para a autora seria necessário que se procurasse criar, ao máximo, um "mundo perfeito" ao redor da criança, cercanda-a de coisas belas e boas músicas, bem como aproximando-a de elementos formidáveis da natureza. Para Rosa, seria mais fácil compreender o amor e a bondade divina, que não teriam responsabilidades atribuídas por coisas cruéis e desarmônicas do mundo, e por isso seriam mantidas fora do convívio infantil. Técnica essa em parte discordada por Coelho Sampaio, que julgou não ser proveitoso esconder a realidade mundana da criança. O que deveria ser feito, segundo a concepção de Sampaio, seria a militância de pais e professores para mostrar-lhe o que seria bom ou mau. Desse modo, tendo em vista a crença vinda da Psicologia de que aquilo que fosse experienciado na infância ficaria para sempre memorizado no subconsciente, essa seria uma estratégia para consolidar a primazia da religião católica em terras cearenses.

²⁷⁷ BENEDITA, Rosa. A religião da criança. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 7, 10 jul. 1945.

Em artigo feito com o intuito de fazer circular uma crítica contundente, Pedro Mendes permite entrever a situação predominante do catolicismo no Ceará desse período. Veja-se o primeiro parágrafo do texto de Pedro Wilson Mendes chamado *Respeitemos as crenças*, escrito quase em forma de conversa com o leitor do matutino:

- Espere. Tem você a audácia de criticar um jornal católico, no Ceará? - De fato, é uma temeridade. Bem sei dos grandes riscos a que me exponho, mas como membro do agregado humano, quero cumprir o dever cívico de manifestar-me de acôrdo com a minha consciencia social.²⁷⁸

No excerto citado, o autor fez uma severa crítica à intolerância religiosa da igreja católica com outras religiões. Falou-se em letras maiúsculas que "todas as religiões são igualmente dignas", ao contrapor-se à acusação católica de que o espiritismo era uma "fábrica de doidos". Entretanto, a intenção de citar o trecho acima não se destina a analisar os conflitos entre as diferentes religiões professadas no Ceará desse período, mas para observar que as concepções cristãs católicas, recorrentemente estabelecidas nos discursos de indivíduos que se propunham a pensar a educação nesse momento, se configuravam como reflexo dessa mesma primazia religiosa de uma maneira geral. Como visto, tecer uma crítica pública ao catolicismo, na imprensa, suscitava medos, riscos e represálias.

No Brasil, o período compreendido entre as décadas de 1920 e 1940 é marcado por tentativas de reorganização da Instituição Católica, que se encontrava em processo de reformulação no período, frente a ideais de modernidade. Na Europa, o catolicismo enfrentava desafios advindos de mudanças sócioeconômicas, a partir do impacto da Revolução Russa e da crise do capitalismo, que tendiam a enfraquecer o poderio católico²⁷⁹. No contexto brasileiro, nos anos 1940, a Igreja Católica Apostólica Romana traçou fortes vínculos com o Estado brasileiro e seu poder simbólico era presença massiva nos discursos sobre educação. No Ceará, esses laços também pareciam ser estreitos, sendo a presença de concepções cristãs e católicas um aspecto acentuado no campo educacional.

Com relação a uma das principais providências que recorrentemente apareciam nas fontes, ou seja, sobre o que seria um trato adequado com a criança, tem-se que isso seria o intento de se afastar dela tudo aquilo considerado mau, pecaminoso e impuro, visto que uma

²⁷⁸ MENDES, P. W. Respeitemos as crenças. **O Povo**, Fortaleza, p. 3, 01 ago. 1944.

²⁷⁹ IRSCHLINGER, F. A. O "Renascimento" da Igreja Católica do Brasil: ideários de uma geração (1920 - 1940). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 16., 2016, Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão, 2016. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/253.pdf>> Acesso em 20 fev. 2016. Acesso em: 14 fev. 2016.

das principais características atribuídas à infância era a capacidade imitativa. À luz da Psicologia, aceitava-se como verdade que a condição de imitação da criança era a sua razão de ser. Não bastava a preocupação que partisse apenas dos pais para os filhos, mas de todos os cidadãos para todas as crianças. Como afirmara Coelho Sampaio, respectivamente nos artigos subintitulados *Discussão Democrática* e *Um Novo Aspecto da Leitura*:

A criança, segundo afirma a psicologia, é um ser profundamente influenciado pelo exemplo. A prova insofismável desta verdade científica está na própria observação que cada um de nós pode fazer no próprio lar.²⁸⁰

A criança é o resultado de muitos fatores: a influencia do meio o principal modelador da sua conduta. A imitação é o instinto inato de sua personalidade criadora.²⁸¹

Utilizar elementos da psicologia aplicados à educação estava na crista da onda. Um dos principais elementos reclamados pela pedagogia *escolanovista* foi um maior conhecimento e uso dos dizeres da psicologia como ciência para conhecer melhor a *psique* dos seres infantis, no fito de conhecer melhor o processo ensino-aprendizagem, na tentativa de melhorar os rendimentos escolares. Isto é, para melhor compreensão dos motivos de a criança ter se deslocado para o centro das reflexões na Pedagogia nesse momento é preciso atentar que o forte intercâmbio de ideias entre a Psicologia e a ciência pedagógica se estabeleceu no momento em que a Pedagogia estava em processo de constituição do seu campo científico e um dos fatores que poderiam conceder-lhes legitimidade eram as aproximações com a Psicologia²⁸². Como visto nos trechos citados de Coelho Sampaio, apesar de se traçarem articulações entre ciência e cotidiano, postulações científicas e observação leiga, colocava-se o carimbo da ciência psicológica em situação de maior legitimidade ao que poderia ser observado no lar.

O espaço privado do lar foi um lugar bastante debatido no âmbito das discussões educacionais. Sendo considerada, no período, a idade escolar como a faixa etária de 07 a 12 anos, com Curso Primário de 4 anos, somado a mais 1 ano complementar; em seus 7 primeiros anos, a criança teria convivência mais direta com os seus familiares, no espaço da

²⁸⁰ SAMPAIO, C. Ensino e educação - discussão democrática. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 12 ago. 1948.

²⁸¹ SAMPAIO, C. Ensino e Educação - um novo aspecto da leitura. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 14 jan. 1950.

²⁸² SILVA, Ana Claudia. **As Concepções de Criança e Infância na Formação dos Professores Catarinenses nos anos de 1930 e 1940**. 2003. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

casa em que vive, fora do ambiente escolar. Ou seja, tendo em vista que se acreditava que a criança nasceria sem defeitos, mas iria adquirindo essas falhas ao longo dos anos; de 0 a 7 anos acreditava-se que ela já teria tido bastante convivência com pessoas de diferentes faixas-etárias. Dessa forma, estava bastante em voga o debate acerca do lar, isto é, acerca do que seria uma moralização do espaço privado da casa. Subsidiado pela concepção de que "casa de pais é escola de filhos"²⁸³, Maragliano afirmou:

Se quisermos definir a educação como sendo o aprendizado da leitura e da escrita, além de uma série de outras pequenas e superficiais noções de matemática, geografia, história e ciências naturais - e não é outro conceito que a maioria das pessoas faz da educação - cumpre admitir que ela começa, para a criança, na idade em que esta se matricula nos grupos escolares, o que tem início aos sete anos. Mas, se considerarmos a educação como sendo o aprendizado de tôdas as noções necessarias e tendentes a preparar a criança para a sua futura vida na sociedade - e é êste o exato significado do termo - fôrça é convir que a educação, assim considerada, começa desde o primeiro dia do nascimento. (...) A vigilância dos pais em tôrno das atitudes normalmente desordenadas dos filhos, a reprimenda adequada às suas 'artes', a correção de seus atos errados, todos êsses cuidados, tendem depois para o desenvolvimento dêsse sentido de disciplina. (...) Tenho conversado com inumeras professoras e tôdas elas têm se queixado da indisciplina de seus alunos.²⁸⁴

Para o autor, a chave do entendimento da conscientização social de que a criança deveria figurar no centro das atenções naquele momento seria pela diferenciação entre educação social e instrução escolar. Para ele, o papel dos pais seria fundamental, pois seriam os indivíduos com os quais a criança mais manteria contato até atingir a idade escolar. Essa seria uma forma de evitar que as escolas se tornassem uma *casa de correção*, como muitas vezes postulava Coelho Sampaio. Cumpriria educar a criança, no sentido de domesticá-la para obedecer às ordens dos adultos até ingressar na escola, para que na sala de aula ela não fosse arredia à exigência de se obedecer à professora incondicionalmente. Falava-se que a culpa do que se considerava um alto índice de indisciplina nas salas de aula dos Cursos Primários seria dos pais, que não souberam incutir nas crianças o entendimento de que a ela cabe apenas obedecer.

Sob a égide da crença em características de imitação, consideradas inerentes à mente infantil, surge um importante rastro sobre quem ou quais classes Coelho Sampaio julgava advir uma capacidade do ato de educar a infância brasileira. Em 1944, Sampaio destacou elementos pelos quais, na sua concepção, a tradição superaria a modernidade:

²⁸³ PICANÇO, J. Medicina - higiene mental. **O Povo**, Fortaleza, p. 3, 10 jul. 1944.

²⁸⁴ JUNIOR, M. A escola e o lar na educação da criança. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 14 out. 1944.

A vida moderna como nos mostra, atualmente, deixa-nos ver as mães entregando os seus filhinhos, na fase mais preciosa da vida, na infância, inteiramente aos cuidados das empregadas domésticas (pessoas que, naturalmente, não podem ter capacidade para influenciar beneficiamento às crianças, nem educá-las) justamente quando nelas tudo é resultante de imitação. E quando atingem a idade escolar, já plenas de defeitos, as mães as entregam aos colégios, como se êsses institutos 'fossem casas de correção'. Eis porque eu digo que o professor hodierno precisa ser não apenas mestre. Ele precisa, antes de tudo, ter em mente êsses problemas importantes da formação básica da criança, procurando moldar-lhe o caráter, aprimorar-lhe os costumes, aproveitar-lhe as tendências e dar-lhe a base religiosa, também necessária, e preparando-a para a vida na sociedade de um modo perfeito. E' de lastimar, portanto, que tenhamos em nossa Capital pessoas tão inescrupulosas, que apesar de se sentirem incapacitadas para os misteres educativos, mantém escolas com fins comerciais. Algumas alegam que tais escolas são mantidas com fins filantrópicos. Mas o que não se justifica, de modo algum, é que tais 'escolas', pelo simples fato de serem 'para crianças pobres', estejam confiadas a uma direção irresponsável e incompetente e que, em vez de elevarem e tirarem aquelas pobres criancinhas da lama da ignorância e dos más costumes em que nasceram, por meio do estudo, da elevação intelectual e cultivo dos princípios sãos da moral, religião e civismo, forcem-nas ao contrario, mergulhar cada vez mais no lodo do vicio e da imoralidade.²⁸⁵

Nos anos 1940, ter poder aquisitivo para manter uma empregada doméstica ou uma profissional que fosse paga para cuidar dos filhos das mães trabalhadoras era condição que pertencia a uma minoria populacional. Dessa forma, é possível observar quais famílias ocupavam o topo das prioridades do pensamento de Coelho Sampaio: aquelas pertencentes à classe média e às elites. Não é cogitado nem mesmo algum tipo de preocupação com os filhos das empregadas²⁸⁶.

Fora tido como natural o que seria uma falta de habilidade educativa advinda dos pobres. A pobreza é representada como lugar de "lama da ignorância", ambiente de "más

²⁸⁵ SAMPAIO, C. Ensino e educação - instruir e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 01 jun. 1944.

²⁸⁶ No Rio de Janeiro, o artigo jornalístico publicado em 1946, da presidente da Associação das Empregadas Domésticas, Maria do Nascimento, cuja publicação coincide com o ano de fundação da referida associação, que tinha por objetivo lutar pela regulamentação trabalhista das empregadas domésticas: "Nós, empregadas domésticas, entregando a Vossa Excelência este memorial, queremos expor aos senhores membros da Assembléia Nacional Constituinte a nossa situação que não é suficientemente conhecida em conjunto (...) Muito embora nosso grande número, não temos nenhum direito social. Não podemos sindicalizar-nos e, conseqüentemente, não gozamos nenhuma das vantagens da Legislação Trabalhista. Trabalhamos em geral 14 a 15 horas por dia, havendo casos em que a nossa jornada de trabalho é praticamente sem limite. Não estamos enquadradas no salário mínimo, de modo que, muitas vezes, trabalhamos apenas por casa e comida. Nossa carteira de trabalho é 'essencialmente' policial." É relevante destacar que esse escrito foi publicado em um jornal especializado no assunto trabalhista, o *Diário Trabalhista*, e a partir dele é possível rastrear a ação dessas trabalhadoras na luta por melhorias nas condições de trabalho, contrastando com a noção vista no artigo de Coelho Sampaio, na qual essas trabalhadoras são vistas como sujeitos sem agência, cuja função seria servir aos abastados. O escrito em moldes de denúncia, sob título *Absurda a exclusão das domésticas de todas as leis trabalhistas*, aborda a dimensão excludente das leis de trabalho em vigência no período, que não se aplicavam de maneira igualitária a todas as classes de trabalhadores. Cf. CEVA, Antonia Lana de Alencastre. **O negro em cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9659/9659_5.PDF> Acesso em 29 jan. 2017.

costumes", "vícios" e "imoralidades". Em outro número da coluna, em 1947, ao falar sobre o papel do professor, Sampaio afirmou que "as mães modernas se entretêm com as novidades parisienses ou com os ultimos decretos da 'Brodway' deixando os filhos, desde a mais tenra infancia aos cuidados de uma doméstica sem escrupulo"²⁸⁷. Isto é, a preocupação de Sampaio não se destinava a todas as mães modernas ou a toda prole brasileira. Suas inquietações incidiam sobretudo às elites e à classe média.

Crer que a criança imitaria tudo que estivesse ao seu redor fazia o autor tratar com preocupação sobre o contato, no âmbito do lar, dos infantes com a classe proletária. Tendo em vista a forma depreciativa com que Sampaio tratou as empregadas domésticas, o raciocínio por ele explicitado seria que as crianças absorveriam, imitariam e tomariam como exemplo aquilo por ele considerado como maus costumes e más tendências. Para professoras e professores caberia então a tarefa de corrigir essas associações assimiladas pela criança, o que tornaria o trabalho do mestre uma tarefa muito mais dificultosa.

A criança, então, seria um indivíduo a ser disciplinado, moralizado, normatizado. Aos pais caberia exercer forte vigilância direcionada aos infantes, no fito de manter ao máximo possível o que consideravam as qualidades próprias das crianças nos primeiros anos de vida: pureza, ternura, obediência, inocência.

Como visto, muito se discutia sobre a forma com que os pais deveriam educar os seus filhos no período anterior ao seu ingresso na escola. Um dos pontos mais abordados, nesse sentido, foi a questão do castigo físico. Mesmo que nos anos 1940 já fosse predominante considerar errônea a prática de penalizar fisicamente os infantes por ações consideradas tortuosas, ainda havia divergências sobre a rigidez com que se julgaria prudente pautar a educação dos menores. Entretanto, é relevante ressaltar que esses discursos que se posicionavam contra surras e chicotes, lendo-se pela negativa, indicavam a existência corrente dessa prática nesse período.

Há de se destacar que havia uma constância de discursos que repudiavam os castigos físicos. Todavia, não se tratava de uma predominante repulsa por todas as formas de castigos direcionadas à criança. Coelho Sampaio, em sua coluna, afirmou, em moldes de ensinamentos a serem seguidos, quais princípios deveriam ser adotados para que, em sua concepção, fosse realizada uma boa educação da criança e perpassou o assunto dos castigos:

²⁸⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação - O papel do mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 01 nov. 1947.

A Democracia deve começar de casa para que o homem do futuro seja um democrata é necessário que os pais pratiquem a Democracia em casa e os professores na escola. Como poderemos ter homens de senso livre, se trazemos as crianças subjugadas a uma dura disciplina? (...) A vida da criança deve ser uma vida livre, embora com uma liberdade limitada. (...) A liberdade é aprendida pela criança, desde cedo, na escola e no lar. Na escola por meio das associações dirigidas pelos próprios alunos que estes venham a compreender o que seja a responsabilidade de quem dirige, para quem existe regulamentos, leis, a obedecer. (...) Apenas castigar pelo erro nunca poderá trazer bons resultados. Mas, premiar pelo que foi feito, pelas boas ações, pelo cumprimento do dever, fará a criança amar a vida, o estudo, o trabalho, e o seu semelhante. Eis, portanto, os princípios que devem nortear a educação da criança e que pais e mestres devem seguir para assegurarem aos seus filhos um cabedal suficiente de educação moral capaz de garantir-lhe o futuro.²⁸⁸

No trecho acima, o Prof. Sampaio parece traduzir o estado das discussões, no Ceará desse período, acerca da problemática do castigo. A partir da premissa de que a criança seria um indivíduo pautado pelo exemplo e pela imitação, acreditava-se que caso os seus pais fossem homens e mulheres exemplares, a criança não apresentaria problemas a serem corrigidos. À luz dos princípios *escolanovistas*, Coelho Sampaio postulou como errôneo o ato de submeter as crianças à rígidas disciplinas, visto que a psicologia, em contato com a pedagogia, dizia que seria próprio dos seres infantis um modo espontâneo e livre de compreender a vida.

Entretanto, caso esses ditos defeitos morais aparecessem, acreditava-se que deveria existir um modo mais rígido de educá-las. Sob o epíteto de uma liberdade limitada, esse modo de educação vinda dos pais e dos professores incidiria em práticas de castigo. Para Coelho Sampaio, o castigo moral deveria ser aliado à prática de premiação, após ações consideradas exemplares.

Luiz de Mattos, pautado por doutrinas espíritas advindas do Racionalismo Cristão, também comenta qual castigo considerava adequado às crianças:

E' necessario, pois, educar os pais para que eles corrijam os seus filhos, dando-lhes primeiramente o exemplo, corrigindo-se a si próprios, vivendo duma maneira racional e inteligente, procurando guiar as crianças com carinho, mas com energia, não sendo déspota, não lhes batendo bárbara e estupidamente, mas procurando corrigir os seus vícios e defeitos, pois eles se vão arraigando nos seus espiritos, e essa corrigenda se faz castigando-as moralmente, tirando-lhes aquilo de que mais gostam.²⁸⁹

²⁸⁸ SAMPAIO, C. Ensino e educação - O que deve ser imitado. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 31 ago. 1949.

²⁸⁹ MATOS, L. Coluna racionalista cristã - educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 25 abr. 1950.

Compartilhando a ideia de que a melhor educação vinda dos pais seria através do exemplo, Luiz de Mattos repudia os castigos físicos severos, mas se configurava como um apologista do castigo moral. Semelhante ao que postulou Coelho Sampaio como liberdade limitada, Luiz de Mattos avaliou que deveria se educar os infantes com carinho, mas com energia. Privá-los das coisas pelas quais as crianças tinham apreço, ou seja, castigando moralmente, foi uma das maneiras mais comuns de se pensar práticas de educação consideradas ideais nesse período.

Na *Página do Lar*, do jornal *O Nordeste*, um dos assuntos principais foi como lidar com a criança nos seus mais variados aspectos. Como educá-la, de que forma cuidar da sua saúde, de quais formas vesti-la, como inculcá-lhe doutrinas religiosas, todos esses assuntos, próximos da linguagem de um manual, constavam nessa seção do jornal, que ocupava uma página completa do periódico. No artigo sintomaticamente intitulado de *Como ensinar as crianças o controle de si mesmas*, sem assinatura explicitada, dizia-se:

Em primeiro lugar verifique se o seu filhinho tem boa saúde, se alimenta-se bem e regularmente, se dorme e repousa o tempo necessário e então poderá iniciá-lo na prática do controle de si mesmo sem o recurso habitual dos pais, do chicote ou da surra. Faça-o calar imediatamente quando chora por algum motivo tolo ou injustificável. (...) Outro motivo excelente consiste em contrariá-lo nos seus desejos, quer dizer, em ensiná-lo a receber a desaprovação do que desejou."²⁹⁰

A partir do trecho acima e da premissa expressa em outros momentos do texto, de que: "Conseguir de crianças o controle de si mesmas será o máximo que se possa alcançar em educação"²⁹¹, é possível visualizar rastros do que se podia esperar como comportamento ideal dos infantes na condição de alunos. O apelo ao cuidado com aspectos de integridade física, como saúde e alimentação, era acompanhado de uma apologia aos castigos psicológicos. Privá-lo de coisas do seu agrado, emudecê-lo a voz ou o choro, contrariar-lhe em seus pedidos: todas essas ações, ditas no imperativo, traduzem um ideal inerte que se tinha sobre a criança naquele momento. A criança almejada seria aquela que conseguisse controlar impulsos e desejos e mantivesse comportamento estático e obediente.

Apesar de que, como visto, havia muitos discursos que julgavam retrógrada a maneira com que a maioria dos pais educavam seus filhos naquele momento, utilizando-se de castigos físicos severos, considerando-os obsoletos, também havia as vozes que avaliavam

²⁹⁰ Como ensinar as crianças o controle de si mesma. *O Nordeste*, p. 4, 11 jul. 1945.

²⁹¹ Idem.

que uma maneira menos rígida de se pensar a educação dos filhos poderia acarretar prejuízos. Coelho Sampaio afirmou que:

Em geral, os pais e as mães modernas encaram a vida por um prisma já bastante diverso dos nossos antepassados - acham tudo muito natural. Qualquer leviandade cometida pela criança é considerada como uma inteligência desusada, ou como um desenvolvimento precoce.²⁹²

Nem sempre adjetivar algo de moderno poderia significar um elogio. Nessa ocasião, Coelho Sampaio apesar de afirmar-se ao lado das teorias da *Escola Nova*, nas quais a criança deveria ser respeitada em suas especificidades, deveria ser escutada e tratada de maneira maleável, afirmou como danosas as relações entre pais e filhos que eram estabelecidas de maneira menos rígida, em que as ditas leviandades não eram reprimidas de maneira intransigente e imediata. Nesse caso, a tradição dos seus antepassados foi considerada melhor do que o fator moderno.

Houve em menor frequência, mas também existiram aqueles que condenavam a prática dos castigos em quaisquer que fossem as suas instâncias. Em 1947, Humberto Cruz afirmou, em artigo intitulado *Amemos as Criancinhas*, que:

Nunca devemos, de forma nenhuma, perturbar o lento desabrochar dos SENTIDOS da criança, com admoestações graves, com pancadas, com gritos, com mentiras, com castigos, com contos fabulosos que metem medo, que as impressionem. Nunca! Nunca! O CONSCIENTE, nas crianças, é comparável a um lago cristalino e tranquilo, que, em um dado momento, poderá transformar-se em pantano, de lodo, agitado por vendavais de tempestades prejudiciais e inesperadas. Se uma criança, por um motivo qualquer, deixa de obedecer, é negligente, não estuda, diz palavras feias, procuremos corrigi-la por uma forma mais inteligente, argoindo-a com carinho, com amizade, com um cunho altruístico de verdade. (...) Muitas crianças encontram-se inteiramente infelizes, faltando-lhes tudo: educação, saúde, roupa, religião, etc. (educação não é religião, saibamos disso). Permaneceremos assim, até o momento feliz em que a Mulher, essa heroína da Humanidade, êsse anjo de ternura, que possui no coração o PÃO DO CEU, se decida a beber das páginas sacrossantas do EVANGELHO, sem espírito de preconceção, a ÁGUA DA VIDA ETERNA, que santificou Samaritana, consignada nessas simples, mas filosóficas e científicas palavras: "AMARÁS AO SENHOR TEU DEUS SOBRE TÔDAS AS COISAS". MULHER! MÃE! SALVA A HUMANIDADE AMANDO, EDUCANDO E EVANGELIZANDO AS ETERNAS E MEIGAS CRIANCINHAS!²⁹³

²⁹² SAMPAIO, C. Ensino e educação - educação popular. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 06 jan. 1946.

²⁹³ CRUZ, H. Amemos as criancinhas - (dedicado às mães). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 23 mai. 1947.

Com posicionamento mais rarefeito, no Ceará dos anos 1940, nesse artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, o autor posiciona-se não somente contra castigos físicos, mas também contra os castigos morais ou psicológicos. A partir de doutrinas católicas e de exaltação do imaginário corrente sobre o ser feminino, o autor esclarece que de acordo com a sua concepção, o ideal seria que os pais procurassem compreender os motivos que levaram a criança a agir com comportamentos tidos como inadequados, de forma terna e amigável. Caso contrário, através da recorrente analogia que comparava a criança a elementos da natureza, que poderiam ser tenros como calmos lagos, ou tenebrosos, como tempestades e dilúvios, a depender das ações dos adultos para com os seres infantis.

No jornal *Correio do Ceará*, no início de 1944, período inclusive bastante próximo da publicação do primeiro número da coluna *Ensino e Educação* na *Gazeta de Notícias*, publicou-se na segunda página daquela edição mais um número da seção intitulada *Crônicas do Rio*, como de costume. Pelo fato de o *Correio do Ceará* ter pertencido, à época, ao grupo dos *Diários Associados*, havia nesse periódico um fluxo maior de notícias, reportagens e artigos advindos de periódicos de outros estados brasileiros, sobretudo do Rio de Janeiro. Com subtítulo de *A Mestra Prodigiosa*, o autor, Genolino Amado, identificado como *copyright dos Diários Associados*, escreve sobre um caso por ele considerado excepcional:

Tem apenas oito ou nove anos o raio da garota, mas já é professora habilitada e ensina a muitas alunas com proficiente petulância. Seus conhecimentos são alarmantes. E mais alarmante ainda é a segurança vaidosa com que os espalha. Todas as manhãs, o pedacinho de gente, chega á escola, cumprimenta com superioridade satisfeita 'as queridas discipulas', sobe a um estrado e começa a papaguear suas abalizadas noções de compendio. O encanto é geral. (...) O sucesso facil, obteve como que por milagre, sem derivar de um esforço lento e longo, é uma sugestão perigosa, pois constitue quase um estímulo às improvisações espertas, ao estudo apressado e que se destina somente a brilhar, fazer figura, subir na vida. E não só o carater ficara prejudicado com isso, mas tambem a propria inteligencia, que se acostuma antes de tempo, a ensinar, em vez de aprender, trocando a curiosidade enriquecedora pela ufanía esteril do exito. Se frangotas de nove anos já tomaram ares de velha mestra, isso resulta apenas da infantilidade que ainda existe em muitas criaturas adultas deste pais.²⁹⁴

A discussão interessante que é possível fazer a partir desse artigo é que, após expor o fato, Genolino Amado posicionou-se contra essa exaltação da mitologia da menina prodígio, que, por talento nato, já lecionava. Ou seja, aparentemente era senso comum

²⁹⁴ BRITO, F. Centro Cultural José do Patrocínio: professores e alunos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 31 out. 1946.

admirar e aplaudir esse tipo de acontecimento relacionado aos infantes, podendo-se intuir que a crítica opiniosa do autor parece ser exceção. Além de expressar uma visão corrente do professor, que se distinguia hierarquicamente dos alunos, desde subir a uma espécie de pequeno palanque em sala de aula, até ao domínio dos compêndios; a crônica fornece indícios para se entrever o conceito de aluno para o autor. Ao discordar de posições laudatórias referentes ao acontecimento, o autor permite entrever sua concepção de aluno, que, ao seu entendimento, teria por função aprender, tendo em vista que a tarefa de ensinar seria destinada apenas aos professores, como fica claro no seu escrito.

Outro ponto no qual é possível apreender uma questão fundamental não somente para o número da coluna *Ensino e Educação* citado, como também para o período em escrutínio, é a ideia de que o aluno é formado na escola, mas não é educado para a escola. Veja-se um trecho de uma nota saída na *Gazeta de Notícias*, que tinha por objetivo comunicar a programação da festa comemorativa dos 95 anos do Liceu do Ceará:

O dia de hoje é de justa alegria e satisfação para o Ceará educacional, porque êle assinala o aniversario de fundação do mais antigo estabelecimento de ensino da nossa terra. Com 95 anos de existencia, toda devotada á causa da instrução e educação da nossa mocidade, o Liceu do Ceará, equiparado ao Colegio Pedro II, do Rio, e como estabelecimento oficial do Estado, vem realizando, atravez de quasi um século, uma obra de grande significação para o Ceará e para o Brasil, no tocante á preparação dos moços cearenses para as refregas da vida.²⁹⁵

O enfoque na formação e no aprimoramento das bases morais do aluno, encaradas no excerto como principal tarefa do professor, propiciaria como finalidade máxima, aquilo que seria considerado como um bom preparo para a vida social. Desse modo, o trabalho professoral alcançaria seu êxito na medida em que esse aluno, quando egresso da escola, se tornasse um indivíduo apto para a vida em sociedade. Em suma, estava em foco a construção de um bom cidadão.

O afã de preparar o estudante para a vida aparecia, recorrentemente nas fontes do período, quando o assunto era a finalidade escolar. Há também em seus escritos, o entendimento de que os vínculos entre escola e sociedade eram sequenciais: em primeira instância, formar o aluno na escola e só então, depois do processo escolar, formá-lo apto para a vida em sociedade. Entretanto, o que pode parecer um consenso, por constar na fala de

²⁹⁵ O Liceu do Ceará comemora, hoje, o seu 95º aniversario de fundação: como será festejada a magna data. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 19 out. 1940.

vários intelectuais que pensaram a educação nesse contexto, essa questão abriga especificidades.

Para Coelho Sampaio, formar o estudante para o bom viver significava buscar inculcar nos alunos ideais cívicos, morais, religiosos e disciplinadores, de modo a educá-los para a obediência das regras sociais. Para o movimento *escolanovista*, um dos pontos principais despontados no Manifesto de 1932 foi: "(...) A escola, campo específico de educação, não é um elemento estranho á sociedade humana, um elemento separado, mas uma 'instituição social'"²⁹⁶. Havia, então, um esforço discursivo para se perceber a escola como parte integrante da sociedade, mesmo no processo de formação do educando. Não se tratava de formar o aluno para depois integrá-lo, tratava-se de formar integrando. Nesse ponto, há mais uma divergência da argumentação de Sampaio em relação aos princípios da *Escola Nova*.

Já para a Pedagogia Libertária, formar o estudante para a vida significava, no limite, educá-lo para a construção de uma nova vida. Estava em jogo o processo formativo de alunos aptos para elaborar uma nova trama social, formas novas de desenvolver relações sociais, que, por sua vez, deveriam ser baseadas em princípios de liberdade, coletividade, criticidade. Seu projeto era de fato uma reabilitação da sociedade.

No que atine à coluna *Ensino e Educação* como um todo, houve uma proporção bem maior de números que elegiram como preocupação principal, a forma com que se lidaria com o caráter, as tendências psíquicas, as mentes, os costumes dos alunos do que com os conteúdos curriculares. Nesse aspecto, os dois primeiros números da coluna possuem grande margem de articulação. Para explicitar sua concepção de ensino, avessa a um culto aos conteúdos, Sampaio afirma, em artigo de sua seção na *Gazeta de Notícias*, que:

Esclarecer um tema não se limitará apenas á sua descrição metodica e entrecortada. Daí porque admiro E. Goué, quando diz: 'O professor procurará empregar o seu tempo não mais tendo por fim esgotar um assunto, mas simplesmente exercitar as crianças a se utilizarem dos cinco sentidos.'²⁹⁷

Apesar de ter existido números na coluna especificamente acerca de algumas matérias escolares ou sobre assuntos, que em sua opinião, seriam importantes de serem

²⁹⁶ AZEVEDO, Fernando. **A reconstrução educacional no Brasil ao povo e ao governo**: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932.

²⁹⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação: ensinar e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 19 jan. 1944.

abordados no espaço escolar²⁹⁸, é largamente notável que os assuntos enfocados com maior recorrência são os que envolvem a formação moral do educando, ponderações sobre os agentes do ensino, mais comumente debateu-se sobre a figura do professor, aluno e direção escolar, bem como quais deveriam ser as finalidades a serem alcançadas por meio da instrução e educação.

Entretanto, o conteúdo da cartilha escrita pelo Prof. Sampaio já no início dos anos 1950²⁹⁹, intitulada *Nossas Lições - Pontos para o 1º ano forte e 2º ano primário*³⁰⁰, é pautado pela valorização do conhecimento mnemônico do aluno, com rápidas explicações e exercícios correspondentes ao início do Curso Primário, como Português, Aritmética e História, ao longo de 51 páginas não ilustradas, no formato próximo ao que é, nos dias atuais, um livro de bolso.

Junto ao nome do autor da cartilha, constam alguns aspectos que parecem legitimar sua produção na área do ensino. Apesar de não ter feito cursos de formação profissional docente, possuir ensino superior em outra área, qual seja bacharelado em Economia, dirigir e lecionar em escolas primárias e ser ligado à Associação Cearense de Imprensa, parece dar suporte à sua produção de conteúdos sobre educação de modo geral ou para o ensino escolar.

Nela, Coelho Sampaio realiza enfoques em conteúdos precisos das disciplinas abordadas, ou seja, informações a serem decoradas. As outras disciplinas que compunham o currículo escolar primário e que não constaram na cartilha, como Ciências, Higiene e Instrução Moral e Cívica, não foram exploradas pelo autor da publicação didática em questão por considerá-las possíveis de abordar paralelamente nas aulas de leitura³⁰¹. Veja-se uma de suas curtas lições sobre o alfabeto, na disciplina de Português:

Alfabeto é um conjunto de letras usadas para escrever palavras de uma língua. A língua falada no Brasil é a Portuguesa. O nosso alfabeto possui 23 letras. Divide-se em vogais e consoantes. As vogais são: a, e, i, o, u. As consoantes são: b, c, d, f, g, h, i, j, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z. Além das vogais e consoantes, o alfabeto também possui três combinações de letras: ch, lh e nh. Estas nunca se separam. As letras K, W e Y, não pertencem ao nosso alfabeto e só em alguns casos podem ser usadas. Exemplos: Wilson, Kant, Byron e outras palavras de línguas estrangeiras. QUESTIONÁRIO: - Que é alfabeto? Que língua falamos? Quantas letras possui o nosso alfabeto? Como se divide? Quais são as vogais? E as consoantes? Que possui o alfabeto além das vogais e consoantes? Que letras deixaram de pertencer ao nosso

²⁹⁸ Sobre esse tipo de assunto, saíram artigos na coluna *Ensino e Educação* sobre o Ensino Religioso, Ensino de História, Ensino Econômico, Ensino Ortográfico, dentre outros.

²⁹⁹ A cartilha *Nossas Lições* foi pesquisada presencialmente na *Fundação Biblioteca Nacional*, no Rio de Janeiro, mediante apresentação de documento atestando vínculo da pesquisadora com um Programa de Ensino.

³⁰⁰ SAMPAIO, Coelho. *Cartilha Nossas Lições*. Fortaleza: Minerva, 1954.

³⁰¹ Tal informação consta na apresentação da Cartilha.

alfabeto? Podem, ainda, ser usadas? NOTA para o professor: - faça exercícios orais e escritos.³⁰²

O propósito de citar o trecho acima não se refere à análise do ensino de Português ou sobre o processo de seleção dos conteúdos dessa disciplina escolar³⁰³. Aqui, é relevante observar que cada frase sobre a subtemática explorada – o alfabeto –, por menor que seja, corresponde à resposta de cada pergunta proposta no questionário. A razão de ser dessa cartilha ou o seu objetivo maior parece ser a absorção integral dos conteúdos pelo aluno.

Isto é, tanto esse mecanismo do questionário pautado em cada oração do texto explicativo, como as indicações metodológicas na seção *notas para o professor*, convergem para concluir que, a partir dessa fonte, produzida para o cotidiano escolar, prioriza a exposição dos conteúdos pelo professor para o aluno, no qual o processo de ensino-aprendizagem se dá daquele para esse. Apesar de, nos anos 1940, teorias e movimentos pedagógicos, como o dos *escolanovistas* e os de tendências libertárias já estarem consideravelmente divulgadas no Brasil, pode-se afirmar que essa visão do papel do professor era recorrente nas postulações sobre o magistério no contexto espaço-temporal ora analisado.

O ato do professor transferir ou introjetar as informações selecionadas na cartilha nos alunos traz uma outra concepção de ensino e do magistério, completamente diferente do trecho anteriormente citado do segundo número da coluna *Ensino e Educação*, quando o autor cita E. Goué para posicionar-se contra um ideal de ensino no qual a *explicação metódica e entrecortada dos temas* fosse a principal tarefa do mestre.

Nesse sentido, é importante observar a partir de qual autor Coelho Sampaio opta para respaldar seus argumentos. Os ditos manuais didáticos foram um tipo de literatura bastante publicado nacional e internacionalmente por diversos autores que produziram volumes em quantidades colossais. Portanto, quando é citado um teórico nos textos de Sampaio, ou um grupo deles, essa prática deve ser interpretada como uma escolha.

Citado no texto com abreviação do primeiro nome, o que inclusive dificulta identificar melhor de qual autoria está sendo tratada, os franceses M.me Goué e E. Goué foram, respectivamente, diretora de Escola Normal e inspetor primário, publicaram uma

³⁰² SAMPAIO, C. **Nossas Lições**. Fortaleza: Minerva, 1954.

³⁰³ Na coluna *Ensino e Educação*, alguns números foram apenas sobre o Ensino do Português ou sobre questões gramaticais. A insatisfação com reformas ortográficas recorrentes no período é assunto destacado. Cf. SAMPAIO, C. Ensino e educação: o ensino da ortografia. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 09 jun. 1946.; SAMPAIO, C. Ensino e educação: o ensino da ortografia (continuação). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 21 jun. 1946.; SAMPAIO, C. Ensino e educação: ensino secundário. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 04 nov. 1944.

obra intitulada originalmente de *Comment Faire Observer Nos Élèves*³⁰⁴, saído pela primeira vez pela editora francesa Fernand Nathan. No Brasil, esse livro foi traduzido pela editora carioca F. Brigueiet e Cia quase duas décadas depois, em 1929, sob o título de *Como Fazer Observar Nossos Alunos*³⁰⁵, como um dos livros integrantes da *Coleção Pedagogia*.

Vivian Batista, em tese de doutorado sobre manuais pedagógicos em perspectiva comparada entre Brasil e Portugal, com recorte temporal de um século – 1870-1970 –³⁰⁶, realizou um levantamento de obras nacionais e estrangeiras citadas em manuais didáticos brasileiros nesse período. Nesse arrolamento, consta uma recorrência de citações da edição brasileira dos autores Goué & Goué³⁰⁷ por manuais didático-pedagógicos publicados no Brasil entre 1941 e 1970³⁰⁸.

Na citação aqui utilizada também é possível rastrear, novamente, a figura do professor como um orientador em sala de aula. No entanto, torna-se importante observar que as funções de orientar e aprimorar – dois atos direcionados a algo que já existe, o que seria diferente da ação de formar pelo exemplo – não se referem aos conteúdos selecionados em sala de aula, mas à conduta moral e aos costumes dos educandos.

Acerca do enfoque dado por Sampaio à importância de se trabalhar em sala de aula os cinco sentidos infantis mais do que os conteúdos curriculares parece se remeter à noção de educação dos sentidos, da educadora italiana Maria Montessori. Embora não a cite neste número da coluna, em específico, em outros momentos colunares seu nome aparece. Para essa forma de pensar o processo educativo seria função do professor estimular a educação sensorial da criança. Isto é, o professor, segundo a lógica montessoriana, aparentemente partilhada por Coelho Sampaio, desenvolveria atividades que estimulassem os

³⁰⁴ Obteve-se acesso apenas à quinta edição do livro em francês, datado de 1923. Cf. GOUÉ & GOUÉ, **Comment Faire Observer Nos Élèves**. Paris: Librairie Classique Fernand Nathan, 1923.

³⁰⁵ GOUÉ & GOUÉ. **Como fazer observar nossos alunos**. Rio de Janeiro: F. Brigueiet & Cia, 1929.

³⁰⁶ SILVA, Vivian Batista. **Saberes em Viagem nos Manuais Pedagógicos**: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870 - 1970). 2005. 389f. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

³⁰⁷ Outra ocasião na qual consta uma referência à edição brasileira de *Como Fazer Observar Nossos Alunos*, remonta ao trabalho das educadoras Rosane de Castro e Viviane Reis sobre a história da didática no Instituto de Educação da Escola Estadual Leônidas do Amaral Vieira, na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, no Estado de São Paulo, entre os anos de 1953 e 1975; no qual esse livro foi localizado no acervo da referida escola. In: CASTRO, R. M.; REIS, V. C. T. O acervo sobre didática da Escola Estadual Leônidas do Amaral Vieira: Contribuições para a história das disciplinas escolares. **Acervo**, Rio de Janeiro. v. 27, n. 2, p. 194-206, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/download/450/449>> Acesso em: 14 fev. 2017.

³⁰⁸ Títulos citados com maior recorrência nesse período são da autoria de Aguayo, António D'Ávila, Montessori, Afro do Amaral Fontoura, entre outros.

cinco sentidos e esse tipo de experiência no ensino deveria ser priorizado em detrimento dos conteúdos escolares definidos no currículo.

Ainda na cartilha, há seção que permite entrever vestígios da sua concepção de aluno. Trata-se de algumas notas, ao longo das páginas, para o professor e também explicitando quais deveriam ser os deveres dos alunos segundo a concepção do autor:

Nota para o professor: Somente os exercícios repetidos e variados, sobre gênero e número, conseguirão fazer com que o aluno aprenda. E' dever do aluno 1- ter especial zelo pelos objetos escolares 2- respeitar os professores e seus colegas 3- conhecer o horário escolar e observá-lo rigorosamente, preparando suas lições em casa 4- não faltar às aulas. (...) Procure ser um bom aluno, obtendo boas notas, a fim de passar nos exames. Não venha para o colégio sem os deveres feitos. Não se apresente à escola sem saber as lições.³⁰⁹

Essas notas, que por razão de ser expressam rapidamente alguma informação, permitem compreender que na visão do Prof. Sampaio, para o aluno caberia apenas a função de aprender. Enquanto a função do professor era discutida tendo em vista sua complexidade, com multitarefas que não se restringiam apenas às matérias escolares, o aluno seria cobrado por sua capacidade de assimilação e memorização através de repetidos exercícios, conforme há no trecho. As regras escolares enumeradas permitem entrever rastros de uma concepção que destinava ao aluno deveres pautados sobretudo na assiduidade e na obediência. Somado a isso, o que o autor entendia por "bom aluno" era diretamente ligado ao conhecimento enciclopédico por eles assimilados.

As duas últimas ordens citadas no trecho acima descortinam que inclusive as aulas não teriam serventia se os alunos não estudassem em casa, resolvendo as lições; o que permite afirmar que o conteúdo das aulas tinha por foco assuntos curriculares, de maneira massiva. Pois, caso as aulas não se processassem dessa maneira, talvez desenvolvendo os conteúdos através de atividades práticas ou experimentais, como postulava a *Escola Nova*, não haveria razões para o autor da cartilha pregar que seria melhor a falta do aluno caso ele não resolvesse suas lições em casa. "Educar é gravar em mármore, disse alguém. Educar é elevar até nós os pequeninos seres que ou são nossos ou nos são confiados."³¹⁰ Desse modo, obter boas notas e ser aprovado nos exames era a expressão máxima de ser considerado bom aluno.

Não é por acaso que era bastante recorrente que constassem fotos dos alunos dos mais variados estabelecimentos de ensino, seguidos de seus resultados sempre exitosos. Exibidos como troféus, os alunos dignos de louvor seriam aqueles que conseguissem

³⁰⁹ SAMPAIO, C. **Nossas Lições**. Fortaleza: Minerva, 1954.

³¹⁰ A professora primária. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 06 jan. 1946.

aprovações e notas altas. O que mediava o filtro que ditava aquilo que seria considerado digno de ser publicado, em relação ao alunado, seriam as notas dos exames e as aprovações para séries e níveis de ensino seguintes. O Instituto São Raimundo, colégio dirigido por Coelho Sampaio nos anos 1940, também tinha esse tipo de prática na imprensa, conforme pode ser observado nas **figuras 15 e 16**, na página seguinte desta dissertação.

Entretanto, havia também quem desempenhasse reflexão crítica sobre o aluno, que não incidisse apenas na tônica da assiduidade incondicional dos deveres e exercícios passados em sala de aula e à dedicação copiosa às matérias escolares. João Jacques, no jornal *O Povo*, com artigo intitulado *Férias*, afirma

Tenho piedade das crianças. Sobretudo das que estudam. Até parece um paradoxo. De primeiro, os escolares gozavam um mês de férias integral em junho. Em vez, porém, de ampliarem-se esses poucos dias de fatura que medeiam o ano letivo, reduzindo-se ao mesmo tempo a poucas semanas os folgares de dezembro a janeiro. (...) Não sei que espécie de higiene pedagógica se adota entre nós. (...) Elas precisam do ar das montanhas, do verdadeiro sol que os raios ultra-violeta das lâmpadas elétricas de consultório não substituem nunca e, sobretudo, de movimento livre. (...) Sabem? Eu digo essas cousas, porque eu tinha outrora um carneiro em que montava pelas festas de São João, no sitio de minha avó, administrado pelo meu tio Florindo, para um lado de Aquirás. Era tão divertido.³¹¹

Figura 15 – Fotografia de Estudantes do Instituto São Raimundo, escola particular cujo proprietário e diretor foi o Prof. Coelho Sampaio. Constam nomes, médias e fotos dos alunos.



Fonte:Gazeta de Notícias(11 jul. 1946).

³¹¹ JACQUES, J. *Férias*. *O Povo*, Fortaleza, p. 3, 01 jan. 1944.

Figura 16 –Fotografia do trecho subsequente da publicação descrita acima.



Fonte: Gazeta de Notícias (11 jul. 1946).

O autor, a partir de uma crítica irônica aos discursos de higiene pedagógica, que se configuravam como tônica discursiva nesse momento, como visto nas discussões do presente trabalho; destacou que os compêndios ficavam cada vez mais abarrotados e os dias letivos cada vez mais estendidos. Reclamava-se, pela voz dos adultos, o direito dos alunos. Advogava-se a ideia de que nem tudo consistia em educar as crianças no espaço escolar, ou seja, a liberdade das brincadeiras tradicionais do período, em contato com a natureza, segundo o autor, consistia em atividades igualmente relevantes para o bom desenvolvimento da criança.

No jornal *Unitário*, Hermenegildo Firmeza identificou como um dos *Defeitos do ensino*, título de seu artigo, o que seria um excesso de estudo escolar:

Outra causa que tira o alento e a coragem para os estudos é a complexidade dos programas, que são organizados mais como um luxo de erudição de quem os faz do que como formula diretriz e pedagógica de ensino. O aluno de qualquer série estuda dez ou doze matérias. Estas são ministradas em alentados programas que os próprios mestres, às vezes, não sabem para ensinar eficientemente. Pergunto: é possível aprender, por mais inteligência que se tenha, tantas disciplinas de uma vez seguindo

tais programas? O resultado é o que já acentuou o padre Arlindo Vieira - querem formar sabios e não fazem senão analfabetos.³¹²

Novamente, reclama-se as condições dos alunos pela voz dos adultos. Raramente esses eram consultados sobre algum aspecto em dimensão opinativa, do ensino que a eles era destinado. Para H. Firmeza, os alentados pontos que deveriam ser estudados pelos alunos em sala de aula apenas redundariam em erudição considerada supérflua. O excesso dos programas de estudo era um dos elementos que para o autor tornava a escola daquele momento uma instituição permeada por defeitos.

Em 1946, quando Coelho Sampaio iniciou sua campanha pela criação da *Associação Cearense de Estudos Pedagógicos*, que chegara a se concretizar, optou por legitimar a sua fala realizando um breve histórico, contrastando o que ele considerara o ensino ministrado de maneira obsoleta e uma nova forma de conceber o ensino:

Antes de se criar o Jardim da Infancia; antes que se resolvesse introduzir a Psicologia como materia essencial no preparo dos professores; antes que se tornassem obsoletos aqueles sistemas da educação da criança - rigidas e submissiveis; antes que se trocasse o professor severo e carrancudo das nossas escolas de antanho por uma substituta da mãe - carinhosa e solícita; antes de surgir tudo isto, era necessario que a Humanidade tomasse uma deliberação; pensar no futuro de seus filhos! (...) Com o tempo, essas observações feitas trouxeram a necessidade de se realizarem ensaios. Nasceu a *Escola Nova*. (...) A educação expressa e dirigida por novos metodos, se expandiu até o lar da criança. E surgiu então a necessidade de serem criados centros de estudos com participação de pais e mestres.³¹³

Na disparidade empreendida por Sampaio, o mesmo tomava partido. Na dimensão do discurso, tratava-se de banir práticas de ensino nas quais o aluno teria que adotar postura submissível frente a professores autoritários e fomentar as ideias postuladas pela *Escola Nova*, ou seja, a integração entre pais e mestres, a adoção de uma postura ativa da criança em idade escolar no processo ensino-aprendizagem, bem como a adoção de um ambiente agradável e lúdico na sala de aula. Sem dúvidas, mostrar-se ao lado dos ideais *escolanovistas*, sob o argumento de que todos os países considerados adiantados já os adotavam, configurava-se como uma estratégia para respaldar a sua campanha por uma associação de pesquisa em educação para o Ceará.

³¹² FIRMEZA, H. Os defeitos do ensino. **Unitário**, Fortaleza, p. 3, 05 mar. 1944.

³¹³ SAMPAIO, C. Ensino e educação - associação de estudos pedagogicos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 01 set. 1946.

Entretanto, mesmo quando Coelho Sampaio postulava princípios *escolanovistas*, ainda assim era possível entrever rastros de concepções tradicionais de ensino. No primeiro número da coluna *Ensino e Educação*, esse contraste ficou sutilmente perceptível:

Nem sempre o mestre educa. Por vezes há nele, além dos métodos obsoletos, e incompatíveis com o meio ambiente da classe que dirige, um grau acentuado de descurabilidade, no que concerne á educação dos discipulos. (...) Cada aluno, cada tendencia. Pois, dificilmente poderá o mestre generalizar questões, e, muitas vezes, sentir-se-á decepcionado ante os resultados obtidos nos testes, se não tomar em consideração esse ponto capital. (...) Eu entendo, sem tergiversações, que o aluno, embora fazendo parte de uma coletividade e sujeito a regulamentos, deve ser considerado como individuo independentemente; recebendo-lhe as queixas; ouvindo-lhes as historias e julgando-as de acordo com a razão e personalidade infantil; sem mostrar-mos repulsa pelos seus atos; sem o considerarmos indigno da classe; apenas mostrando-lhe o êrro e as vantagens advindas da pratica do bem e fazendo com que êle mesmo, por si, procure corrigir-se para o bem da coletividade. Dêsse modo, terá o educador transformando-se num acepilhador de caracteres.³¹⁴

A própria variação da nomenclatura aluno pelo termo discípulo já permite entrever a concepção de estudante ali transmitida. Apesar de postular que cada aluno seria dotado de especificidades, tendências de aprendizagem diferentes, ele indica que o professor poder-se-ia se sentir frustrado por obter resultados negativos nas provas escolares ou nos *tests*, como também eram chamados os exames escolares no período pós-guerra, pela influência cultural americana na cidade. Ou seja, a partir disso fica implícito que o objetivo maior do professor seria fazer com que os alunos tivessem bases para obter bons resultados em questão de notas. Mesmo tendo sugerido tratar os alunos de maneiras diferentes, pois esses seriam diferentes; o objetivo maior era a aprovação nos exames.

Também quando defende o seu entendimento de aluno como indivíduo independente, o faz concomitante à defesa da crença de que seria papel do professor mostrar-lhe o que esse consideraria um ato louvável ou reprovável e o aluno, passivamente, corrigiria aquilo que lhe seria apontado como corruptível.

Em artigo de subtítulo *A Professora Primária*, saído na *Gazeta de Notícias*, sem autoria explicitada, elogiou-se a professora por ter a missão de nivelar os alunos provindos de todas as classes sociais: "Bendigo as professoras, esses espiritos tutelares, que se sacrificam na grandiosa missão de igualar caracteres formados em meios heterogeneos, provindos, das mais obscuras mansardas ou dos mais requintados salões".³¹⁵ Aqui, educar foi posto como sendo a prática de moldar diferentes indivíduos sob uma mesma fôrma. Os alunos vindos de

³¹⁴ SAMPAIO, C. Ensino e educação - ensinar e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 19 jan. 1944.

³¹⁵ A professora primária. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 02 fev. 1950.

famílias da classe popular eram considerados, por sua pobreza, como algo obscuro, depreciativo; enquanto os alunos provenientes das camadas abastadas eram representados como sinônimo de requinte. Desse modo, essas diferentes formas de experienciar o mundo deveriam ser igualadas, partindo da concepção de que educar significava nivelar.

Em outro número da coluna, Sampaio nuançou outras de suas concepções sobre o conceito de aluno:

Na educação da infancia, utilizando-se a Psicologia infantil (...) vêm auxiliar o professor nas suas investigações de caráter educativo, e dar-lhes meios mais poderosos de correção dos defeitos morais e mesmo psíquicos, que se apresentam nos educandos entregues a sua tutela. (...) Assim, para que se possa tornar possível á criança um acomodamento ás condições existentes de uma perfeita vida social, é necessaria que se oriente, sabendo-se de antemão, que ela, por natureza, reage ás influencias extrinsecas de acôrdo com o seu egocentrismo. (...) Esta tendência natural está sendo aproveitada pela moderna Pedagogia, nas escolas, como meio educativo da mais alta importancia. Froebel, o criador dos Jardins de Infancia, diz que 'não basta fazer a criança passar o seu tempo ou ocupá-la de um modo qualquer; é necessario dar impulso ás suas aptidões.³¹⁶

A citação de Froebel parece ter sido selecionada mecanicamente, pois as teorias desse autor, no período, já estavam consolidadas como voz estabelecida. Impulsionar as aptidões dos alunos, no trecho acima, é sinônimo de correção dos ditos defeitos morais ou psíquicos, na medida em que a criança, na condição de sujeito escolarizado, seria educado para a obediência social. Tratava-se de educar para acomodar, adaptar, adequar, amoldar.

Em outro número da coluna, o ato de educar foi diretamente relacionado ao ato de transpor e incutir algo:

Para isso é exigido do educador grande poder de penetração, que o conseguirá de acôrdo com as suas tendências inatas ou natas, e com o auxilio da Psicologia, analitica ou descritiva. (...) E o mestre só logrará educar o discipulo se conseguir fazer com que êle receba a sua palavra de ordem como um conselho de pai estremoso; o castigo como reparação merecedora pela falta cometida; as autoridades como uma superioridade reconhecida de mestre, digno de veneração e respeito.³¹⁷

Identificar como qualidade do professor saber penetrar nas mentes dos alunos princípios morais e curriculares significa compartilhar da noção de aluno como um indivíduo a ser impregnado, infiltrado. Da mesma forma, crer que o mestre seria uma figura

³¹⁶ SAMPAIO, C. Ensino e educação - a psicologia na educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 16 ago. 1944. Nesse mesmo artigo, utiliza-se a metáfora de "plantar no coração infantil" valores considerados bons. Isto é, essa figura de linguagem é representativa para rastrear o entendimento de infância que se tinha no período: a criança como terra fértil, na qual bastava semear boas sementes e se germinaria exatamente aquilo que fora plantado.

³¹⁷ Idem

hierarquicamente e superiormente definida em sala de aula, bem como deveria proferir palavras de ordem a serem obedecidas pelos alunos e esses deveriam aceitar passivamente os castigos advindos do mestre, na ocorrência de atos considerados reprováveis, traduzem uma concepção tradicional de pensar o ensino, mesmo quando se referenciavam métodos de ensino ativo. Partia-se da concepção de que seria tarefa árdua:

Tornar obdientes aqueles a quem os próprios pais concedem uma inteira independência de ação; assumir e exercer autoridades diante dos mesmos, cujos pais não reconhecem valor algum nos mestres; inculcar nesses espíritos em formação as idéias de religiosidade, obediência civil, costumes sociais, higiene alimentar e sanitária, amor à Pátria.³¹⁸

Partindo da concepção de ensino na qual o professor é entendido como o detentor do processo ensino-aprendizagem, configurava-se como pensamento dominante que se o professor fosse julgado como ruim, os resultados dos alunos teriam que ser obrigatoriamente ruins também. Essa ideia deixa transparecer a noção de aluno que se tinha em voga: como acreditava-se que o ensino se daria do professor para o aluno, o movimento inverso não era levado em consideração³¹⁹.

Entretanto, houve quem acreditasse na tese inversa. Na coluna *Em torno da crise*, sob subtítulo *O mau professor*, afirmou que "mesmo tendo um mau professor, o bom aluno se destaca porque o que a gente aprende há mais nos livros do que nas aulas. Estas são apenas para orientar e controlar o estudo."³²⁰ Isto é, a crítica ao professor, nesse momento, subsidiou a noção de não centralidade do mestre no ensino.

Havia também quem repudiasse todo e qualquer tipo de castigo, bem como repudiava a ideia de que a sala de aula, como lugar a ser respeitado, fosse sinônimo de enfado:

Os conhecimentos pelos métodos intuitivos chegam à inteligência dos meninos, sem esforço, sem castigo, sem enfado, tendo as aulas um ambiente de uma sala de brinquedos. As crianças que frequentam a Escola Experimental só têm um sofrimento - o do dia em que não podem ir à escola. Perguntei a uma criancinha se

³¹⁸ SAMPAIO, C. Ensino e educação - o papel do mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 01 nov. 1947.

³¹⁹ No que se referia à mocidade, haviam concepções parecidas. Muitas vezes ela era conceituada a partir de noções de ingenuidade e inocência: "Assim ludibriando a boa fé e a singeleza da mocidade incauta, sem nenhuma experiência, faz-se comunicativo e íntimo. conversa, conta anedotas, desvia o assunto da matéria, ganha tempo. Os alunos ou alunas, em sua natural ingenuidade própria da adolescência acham um professor ideal. Perderam uma hora preciosa, com as suas intencionais pataratas, com as suas mistificações mas não sabem avaliar o prejuízo sofrido. Gastariam os seus sapatos, o dinheiro da merenda, a passagem de onibus e voltam para casa sem um milímetro de conhecimento a mais, porque em realidade não houve aula porque o professor sem escrúpulos roubou aquela hora do Estado ou do colégio que lhe paga. Outras vezes, quando se decide a dar meia aula, o mau professor envenena a alma da mocidade com o seu mau exemplo." Cf. CAVALCANTI, H. Em torno da crise XII - o mau professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 01 nov. 1947.

³²⁰ FIRMEZA, H. O fim das aulas. **Unitário**, Fortaleza, p. 2, 15 mar. 1947.

gostava da aula, e ela, respondeu com espontaneidade e graça - 'eu choro quando mamãe não me traz para a escola'³²¹.

É interessante, por mais que pudesse ser uma estratégia discursiva, que o autor tenha buscado escutar a voz dos infantes acerca do ensino que a eles era destinado. Tal intento era feito de maneira parca nas fontes analisadas. É perceptível que a metodologia do ensino ativo é posta como algo a ser seguido, em contraste com percepções tradicionais do ensino, que o autor afirmara ser a tônica do seu período experienciado na escola primária.

Em vias conclusivas do presente tópico, destaca-se a afirmação de Philippe Ariès, em seu célebre livro *História Social da Criança e da Família*:

Hoje, nossa sociedade depende e sabe que depende do sucesso de seu sistema educacional. Ela possui um sistema de educação, uma consciência de sua importância. Novas ciências, como a Psicanálise, a Pediatria, a Psicologia, consagraram-se aos problemas da infância, e suas descobertas são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura de vulgarização. Nosso mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância. Essa preocupação não era conhecida da civilização medieval, pois para essa sociedade não havia problemas: assim que era desmamada, ou pouco depois, a criança tornava-se a companheira natural do adulto.³²²

Problematizar o que nos rodeia faz parte da função do historiador. Ao nos depararmos com o cenário apontado por Ariès, no qual diversas áreas do conhecimento se voltaram para um denso estudo do ser infantil, corre-se o risco de naturalizar essa condição. Assim como o autor afirmou as diferenças entre a atualidade e a realidade medieval, espera-se que o presente trabalho possa suscitar reflexões sobre diferenças e similitudes na forma de pensar a figura do aluno e a figura da criança na sociedade.

Sobre a questão de se direcionar discursos que reforçavam uma pretensa existência das noções de "dom", "vocação" e "predestinação" para os alunos; o que se fazia era utilizar a escola como espaço para reproduzir distinções, como afirma Pierre Bourdieu³²³. Isto é, o professor enfocaria sempre os "talentos" de cada aluno, desconsiderando-se as construções que possibilitam os vários tipos de "capital cultural", que são adquiridos e distribuídos de forma desigual. Sob esse raciocínio, a escola não trabalharia para compensar lacunas da maioria dos alunos, que no mais das vezes poderiam ser fruto de falta de oportunidades; mas, ao inverso o que seria feito é um trabalho de aperfeiçoamento de poucos, perpetuando elites.

³²¹ MAGALHÃES, A. Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 20 dez. 1940.

³²² ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

³²³ BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

Gimeno Sacristán afirmou, no início do século XXI, que apesar de o século passado ter sido muitas vezes avaliado como o século da criança, o olhar de hoje "continua sendo mais magistrocêntrico (visto a partir dos professores), logocêntrico (dependente dos conteúdos mínimos) ou sociocêntrico (olhando para as necessidades sociais) do que alunocêntrico (centrado no aluno)"³²⁴. E nós, em 2017, o que e como pensamos sobre os conceitos de infância e de aluno?

³²⁴ SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

4 EDUCAR PARA PRODUIR: A EDUCAÇÃO A SERVIÇO DE INTERESSES ECONÔMICOS.

4.1 "Faltam braços para a lavoura": discursos sobre educação rural.

Retirou do bolsinho um papel com a seguinte relação: - Pequeno Escolar, 3º livro - Nosso Mestre - 6 Cadernos para pontos - 2 cadernos para exercícios - Crestomatia (para leitura) - 1 caderno para cópia - 1 caderno para apontamentos - 1 caderno para desenho "r" - 1 caderno de cartografia - 1 caderno de caligrafia 3 - 1 caixa de lápis de cores - 1 borracha - Primeiro catecismo - Uma régua graduada - 1 "trabalho". (...) O total é este: 52 cruzeiros, redondinhos da Silva. Resultado: o garoto não tem conseguido comprar coisa alguma, até agora, e continua a perder aulas, enquanto fevereiro passa. Da venda de seus cigarros não é possível retirar dinheiro, sob pena de abrir falência³²⁵.

Em fevereiro de 1944, publicou-se no jornal *Correio do Ceará*, o texto intitulado *João Isnar perdendo aulas!* A publicação ocorreu inserida na coluna jornalística *Crônica Social*, assinada por Caio Cid, que versava sobre os mais distintos assuntos cotidianos. Como de costume, esse tipo de seção não se destinava a abordar temas específicos. Ao contrário, todo e qualquer mote que fosse considerado palpitante aos olhos do público leitor ou que importasse socialmente era bem-vindo.

A presente epígrafe integra essa crônica de Caio Cid, que não tem contornos de ficção e trata sobre aspectos do cotidiano de João Isnar, uma criança por ele caracterizada como raquítica, que trabalhava para ajudar no sustento da casa. Menino esse que, como diz o autor, "é aquele garotinho de nove anos que anda vendendo cigarros pelas casas de bebidas de Fortaleza". Esse artigo aborda sob uma perspectiva singularizada, sob ótica micro, uma questão latente no Brasil dos anos 1940: crianças fora dos bancos escolares, ou seja, indivíduos que seguiam a vida sem experimentar o processo de escolarização.

O trecho em questão poderia ser mote para pensar diversas questões atreladas à temática educacional do período: quantos e quais poderiam ser elementos obrigatórios em uma lista de materiais escolares, solicitada por um instituto escolar da época, sendo interessante a observância de que o livro do *Primeiro Catecismo* se constituía como um material obrigatório; a problemática do que se apontava como carestia e dificuldade de acesso a livros, no geral, e publicações escolares, em específico; traçar reflexões sobre trabalho

³²⁵ CID, C. Crônica Social. João Isnar perdendo aulas! *Correio do Ceará*, Fortaleza, p. 5, 09 fev. 1944.

infantil no recorte temporal proposto; analisar as múltiplas concepções de infância em voga, examinando as variáveis da questão; dentre outras possibilidades.

Aqui, no entanto, o intuito da sua utilização como epígrafe foi por trazer sob perspectiva micro o que normalmente se trata a partir de números e porcentagens: as dificuldades do acesso escolar, fosse público ou privado, dos sujeitos em idade de escolarização do período em questão.

O fio condutor da argumentação desta pesquisa enfatizou, até o momento, as tensões existentes entre as noções de educação social e instrução escolar. Aquela, projetada em sentido disciplinador amplo, não restringida à instituição Escola. Esta, pensada para todos os meandros referentes ao cotidiano das salas de aula. Educar o cidadão em sentido amplo, isto é, projetar uma educação social, como visto até o momento; constava nos discursos da época, nas falas dos sujeitos que experienciaram os anos 1940, como uma necessidade mais urgente do que o ato de educar em âmbito escolar.

Entretanto, concomitante a esses discursos e esforços, surgiu também com veemência, sobretudo em meados da década em questão, uma preocupação com o problema do analfabetismo. Isto é, as ambições em torno de uma educação social não excluía uma preocupação com a instrução escolar. Isso ocorre porque as relações travadas entre elas são complexas. Co-existiam, então, junto ao intento de educar os cidadãos em sentido amplo, como ato que iria do espaço familiar ao ambiente público, uma série de ponderações sobre o que poderia significar, em termos de comprometimento do progresso nacional, a presença pungente do analfabetismo na população brasileira do período.

A partir dessas ênfases constantes sobre o fracasso do alcance quantitativo e qualitativo do processo de alfabetização brasileiro no recorte temporal em escrutínio, eram recorrentes discursos que buscavam delinear *para quem* e *para quê* seria considerado prioritário um direcionamento do ensino formal. Isto é, outro mote que acendeu as discussões sócio-educacionais no período dos anos 1940, foi a reflexão que se pautava pelo enfrentamento do problema secular do analfabetismo.

E, diante da crença de que para se remediar o que se considerava uma situação desoladora, referente ao quadro educacional brasileiro, era situação recorrente nas fontes que se buscasse delimitar quais setores sociais eram considerados mais urgentes nesse processo de inserção dos indivíduos no processo formal de ensino.

Dessa forma, tem-se por objetivos, nesse capítulo, perceber de quais formas representaram-se o analfabetismo e a figura do analfabeto; investigar as razões pelas quais

esses sujeitos não escolarizados eram considerados um peso morto para o progresso pátrio; pensar de quais formas se conjecturou intensificar o processo de alfabetização e suas respectivas construções de prioridade, bem como analisar as imbricações construídas entre trabalho e educação.

Nesta seção, em específico, investigar-se-ão os discursos direcionados para o que seria uma educação rural, matizando as diferenças estabelecidas entre educar e instruir o camponês. Para tanto, será necessário conferir análise às construções que embasam essas seleções envolvidas no processo de delimitação de quais finalidades eram projetadas para a educação rural, bem como analisar a forma com que essas funções se modificavam de acordo com o público-alvo para o qual ela era pensada; atentando aos conflitos existentes entre uma educação pensada para o trabalhador camponês e também para os seus filhos, as crianças camponesas.

Almeja-se analisar de quais formas se pensou um projeto de educação rural nos anos 1940, buscando perceber as particularidades delineadas para este segmento educacional. Havia escopos diferentes para escolas do campo e escolas da cidade? Era esperado que o aluno da esfera rural tivesse o mesmo tipo de comportamento do que o aluno citadino? O ideal de educação e o material escolar eram os mesmos caso se olhe em perspectiva comparada entre campo e cidade no período?

Para tanto, chegou-se à conclusão de que é extremamente necessário que, para que se compreenda melhor as linhas gerais e as discussões em torno desse projeto educacional voltado para os camponeses, também seja dedicada atenção à maneira com a qual se constroem significados para a figura da natureza em relação ao fator humano, ou seja, às representações empreendidas para o cenário campestre e para os habitantes do meio rural, pois compreende-se que esses são elementos que irão fundamentar essa maneira diferenciada de fomento a um projeto educacional rural.

Para Coelho Sampaio, no âmbito de sua coluna *Ensino e Educação*, a temática da educação rural foi um dos pilares de suas preocupações no terreno das discussões educacionais, sempre colocada como algo urgente. Essa atenção voltada ao campo, em um momento em que a industrialização no país e a presença de um acentuado aumento da população urbana eram a bola da vez, deve ser interpretada como uma escolha e não deve ser vista como uma iniciativa isolada.

Desde o início do Brasil republicano, projetaram-se formas de aproximar o país das nações consideradas mais desenvolvidas mundialmente, em âmbito sócio-econômico.

Uma delas concentrava as perspectivas de solução para esse problema no ambiente rural. Nesse contexto, é relevante explicitar que o início dessa preocupação com o campo não coincide com o momento de fala de Coelho Sampaio nos anos 1940. Foram nas duas primeiras décadas do século XX que se começou a debater de maneira mais sistemática sobre os intentos educacionais voltados para as populações do campo, sempre no intuito de formar cidadãos considerados úteis. E ser considerado útil, nesse momento, significava estar apto e qualificado para o trabalho.

Ainda no fito de interpretar esse enfoque de Coelho Sampaio destinado ao Ensino Rural em um panorama maior é necessário situar uma ideologia que despontou no início do século XX, estabelecendo um conflito com o contexto de incentivo à industrialização que se processara no momento. Trata-se do ruralismo, ideal que se originou a partir do domínio coronelista, apregoando que a vida campesina e o ambiente rural seriam locais ideais para a formação de homens de aspectos físico, moral e social perfeitamente construídos. Para tanto, pregava-se que os processos de industrialização e de urbanismo, que despontavam no período, seriam incapazes de alavancar o progresso pátrio de maneira substantiva³²⁶. Desse modo, o que é possível observar é um abissal conflito demarcado entre os setores agrário-exportador e o urbano-industrial.

Tamanha era a investida de Coelho Sampaio no assunto da Educação Rural, que mais ao fim da década de 1940, em sua coluna *Ensino e Educação*, as publicações dessa seção eram o resultado de entrevistas por ele realizadas, em municípios do interior do Estado. Fala essa que era diretamente veiculada à Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, instituição criada a partir da coluna. Sendo importante ressaltar que esse olhar voltado para o sertão foi um dos argumentos legitimadores para vender uma importância para a criação, manutenção e adesão da ACEP:

"Interessado em observar, de perto, a organização do ensino, geral, de todas as escolas ou cursos, na sua estrutura, bem como nas suas instituições peri-escolares ou atividades sociais, estou fazendo uma série de entrevistas neste sentido, a fim de lançar bases mais solidas para o trabalho de associação e união da classe em torno de uma associação que, não apenas una o interesse geral, mas também seja um centro de cultura a irradiar sua influencia pelos sertões e a receber, pelo intercambio, o que há de mais moderno do estrangeiro. E' sobre a associação de que tantas vezes tenho falado: Associação Cearense de Estudos Pedagogicos."³²⁷

³²⁶ NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

³²⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação: Entrevistas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 8, 17 set. 1948.

Para além de constituir indício para se refletir sobre a temática da educação rural, esse trecho é relevante para promover reflexão acerca da voz autorizada que se poderia estabelecer a partir da coluna *Ensino e Educação*. Influência essa que, tendo em vista o objetivo de fazer firmar o início de uma instituição, ganha fortes possibilidades de ter contornos auto-estabelecidos.

Afirmar que o objetivo da ACEP seria irradiar sua pretensa cultura pelos sertões parte de uma concepção hierarquizante, na qual as ideias gestadas nesse espaço e afinadas com ideias educacionais estrangeiras, sobretudo norte-americanas, seriam sempre superiores às concepções gestadas no meio rural. Ao campo, de acordo com esse propósito da Instituição, ressaltado no trecho citado, caberia a obediência na recepção desses discursos e intentos, ao passo em que o intercâmbio de experiências não era cogitado.

Nesse contexto de se projetar como necessidade uma expansão do alcance da escolarização no Brasil, definiu-se o analfabetismo como uma nódoa que deveria ser apagada da História do país, um problema secular a ser extirpado. Essa era, por exemplo, a grande meta na década de 1920, por representar o sonho republicano, o símbolo de uma nação desenvolvida. Extirpar o analfabetismo, então, significava uma dívida histórica. Assim, um dos setores sociais para os quais os intelectuais vão voltar sua atenção com veemência é para o cenário do campo. A educação, ou mais especificamente, a escolarização, estava sendo vista como fator fundamental para que o país se aproximasse das nações ditas desenvolvidas. Frente a isso é necessário destacar que a escolarização brasileira nesse período pertencia ao domínio das camadas sociais privilegiadas, concentrada sobretudo nos centros urbanos.

Os chamados intelectuais ruralistas viam no campo a salvação nacional e, na escola, um meio fundamental para o progresso. Enxergava-se então um forte descompasso entre uma escolarização que era muito mais concentrada nas cidades, julgando-se que o espaço rural nunca seria prioridade quando o assunto fosse escolarização. Desse modo, a educação rural ocupou com veemência a preocupação desses intelectuais, identificando-a como ponto fulcral para o progresso sócio-econômico brasileiro. Sendo importante ressaltar que essas conexões íntimas entre dar importância à educação apenas ao passo em que esta seria um meio para sanar problemas econômicos já diz muito sobre o que se pensava por educação no período.

De acordo com Milton Santos, é nos anos 1940 que se inicia um processo de inversão referente ao lugar de residência da população brasileira. A partir de então, as porcentagens de taxas de urbanização obedeceram a uma crescente. No ano de 1940, a

população total do Brasil era de 41.326.000 habitantes, para uma quantia de 10.891.000 habitantes urbanos. Já no ano de 1950, para uma população total de 51.944.000, a população urbana era de 18.783.000. Em 1940, então, o índice de urbanização era de 26,3% e em 1950, 36,16%.³²⁸ Desse modo, esse movimento observado no contexto histórico em análise, de um país que detinha a maior parte de sua população habitando no ambiente campesino a um enorme êxodo rural³²⁹, foi interpretado de diferentes formas.

Homens e mulheres que experienciavam os anos 1940 depararam-se com um movimento pungente de urbanização, intensificado após o fim da Segunda Guerra Mundial; concomitante a um forte crescimento demográfico que, como discutido em outros momentos desta dissertação, sinaliza uma elevação das taxas de natalidade e uma diminuição das taxas de mortalidade, decorrente de fatores como melhorias na área sanitária.

Desse modo, a grande corrente migratória presente nas capitais da década de 1940, período em escrutínio, gerava incômodo social. Esse movimento migratório gerava um cenário citadino que incomodava socialmente. O jornalista e bacharel em Direito, Odalves Lima, em artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, intitulado *O Pauperismo*, fornece algumas pistas sobre os motivos que poderiam fazer incomodar, socialmente, essa corrente migratória do campo para as cidades, que modificou vorazmente o cotidiano citadino:

Quer queiram ou não queiram, o pauperismo no Ceará é um fato. Uma verdade que condói áqueles que, sinceramente pensam em um Brasil liberto da inquietação da fome. Quem se abalançar a dar um passeio pelos subúrbios de Fortaleza, mesmo os mais próximos do centro da cidade, terá a confirmação disso. Pela praça do Ferreira, transitam centenas de pessoas mendigas e andrajosas mas, nos arrabaldes, é que se vê o verdadeiro grau de pobreza da nossa população, sendo isso apenas um reflexo do panorama desconcertante dos sertões combustos. (...) Nos sertões assolados por secas frequentes, a cena é a mesma o mesmo fundo social miserável e revoltante. Mudam apenas os personagens. Ali, vegeta ao sol inclemente o camponês esquecido dos governos. O camponio rude e eternamente faminto, vítima estóica da mesma sociedade corrupta. Rasgando a terra ávara com instrumentos inadequados e contraproducentes, o pouco que consegue auferir depois de uma luta épica, é lhe arrebatado por exploradores de caráter menos retemperado pelo trabalho que o seu mas com influência maior, produto da adulação e desonestidade diárias. (...) Que remédios, até hoje, foram administrados para curar esse mal que é secular? Que providências foram tomadas para transformar um pouco essa situação? Afóra algumas leis efêmeras e sem significação, até aos nossos dias, duas receitas têm prevalecido, para infelicidade nossa: a caridade e a resignação. A utópica caridade pode curar a doença de um ou de cem, mas não de milhões. E, os flagelados são

³²⁸ SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: USP, 2005.

³²⁹ GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Historia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

milhões. (...) Receitas como essas, baseadas em sentimentos religiosos e filantropicos, jamais curariam o pauperismo que impera no Brasil.³³⁰

Ao passo em que esse camponeses chegavam às cidades como fruto do êxodo rural, as questões como desemprego, deficiências sanitárias, pessoas que habitavam nas ruas como pedintes, dentre outros, construíam um cenário que incomodava socialmente. Todo o discurso de que seria urgente e necessária uma educação rural que fosse capaz de fixar o sertanejo no campo, freando assim o êxodo rural, através de uma educação em sentido amplo e de uma instrução no sentido específico da escolarização, corria na direção que a educação deveria chegar ao campo, para que ele tornasse a ser um lugar de produção significativa para o Brasil e que não importunasse as cidades com problemas sociais.

No texto de Odalves Lima, o sertanejo é representado a partir de características que constroem a sua imagem como alguém que sofre por excelência, que seria faminto, rude, arcaico e atrasado. Era comum que autores de textos publicados em jornais da cidade, fizessem relatos e observações com suas percepções sobre o homem do Sertão. Nesse sentido, no artigo sem autoria explicitada, intitulado *Costumes Sertanejos*, o autor buscou trazer a público suas impressões de viagem pelo interior, sendo relevante notar a partir de quais elementos são tecidos elogios aos camponeses e a partir de quais aspectos foi tentado empreender o que se tinha por elogio:

A vida no interior difere muito da vida daqui da cidade. Durante os oito meses em que estive em Nova-Russas, procurei observar o viver, os costumes dos nossos caboclos, notando neles o espirito de conformação pelas coisas, a sinceridade, e a disposição para o sacrificio. - o nosso sertanejo tem uma grande tendencia para o convivio social, procurando a sociedade, as autoridades, afim de se tornarem mais conhecidos. O que ainda é mais interessante nos nossos irmãos do campo, é a disposição que teem pelo agrado. Gostam de agradar, de presentear as pessoas recém chegadas, sobretudo em se tratando de autoridades.³³¹

Como visto, o autor construiu seu elogio ao sujeito campesino apoiado em noções também compartilhadas por Coelho Sampaio e por muitos outros intelectuais à época: a composição do caboclo como homens e mulheres naturalmente adaptados e amoldados ao ambiente que habitavam, não importando a intensidade do sofrimento que esse espaço geográfico pudesse gerar. Essa concepção de que o camponês seria sempre amoldado aos

³³⁰ LIMA, O. O Pauperismo. **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, p. 2, 15 jul. 1945.

³³¹ Costumes sertanejos. Como procede o homem do campo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 04 fev. 1945.

sacrifícios presentes na vida rural contrastava, entretanto, com os crescentes números de migração de pessoas habitantes dos campos para as cidades.

Recorrentes vezes, a figura que se construía em direção aos habitantes do campo era pautada por ideias de fraqueza, preguiça, falta de persistência. Em artigo chamado *O Sentido da Indiferença*, Sampaio recorreu a paralelos entre passado e presente para descrever as suas impressões sobre os camponeses daquele momento:

E' que uma espécie de desinteresse pelo 'dia de amanhã' se apoderou do trabalhador. Campeia a desordem no seio da classe, havendo um completo sentido de desamor a tudo que se chama trabalho. Com a realização do necessário, que o homem do campo julga, para satisfazer as primeiras necessidades, abandona-se o campo; despreza-se o machado; encosta-se a enchada; paralizam-se a moagem e a farinha. E nada mais se produz. Dá-se, então, um estado estacionário. E assim se perdem as horas mais preciosas do dia. O homem do campo dantes robusto, produtivo, agora, opilado, retráido, definha numa rede, deixando que o tempo passe... E, enquanto isso, maldiz-se de todos os defeitos seculares do país: falta de escolas para os filhos, ausência de assistência sanitária; exorbitância de impostos; e nenhum auxílio técnico ou de proteção aos pequenos agricultores. Qual será a explicação que se pode encontrar para esta situação? Qual terá sido o motivo principal da indiferença do agricultor pelo trabalho? Pensando bem só duas causas responsáveis pela improdutividade: as novas leis trabalhistas e a falta de instrução do povo. O governo de 1930, desejoso de que o país desse um pulo de 100 anos, decretou uma reforma trabalhista muito acima do grau de civilização do povo; sem educação sociológica e muito menos para ser compreendida pelo camponês que pensa tirar proveitos imediatos da nova legislação³³².

Esses paralelos traçados por Sampaio em sua coluna, entre o trabalhador rural do passado e do seu presente, se constroem a partir de uma visão sobre uma realidade sócio-econômica brasileira que estava vivenciando uma mudança pungente. Nesse trecho está presente a ideia, assim como em outras publicações do período, de que o desinteresse pelo trabalho seria algo gerado em virtude dos benefícios das leis trabalhistas. O povo, então, apontado como não educado, ou seja, não disciplinado; de acordo com a visão do autor transformaria essas leis trabalhistas em regalias e desobediências.

Falava-se muito sobre o que seria um desequilíbrio no desenvolvimento da agricultura em relação à indústria. Sobretudo após o fim da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento do Brasil como potência industrial apontou-se de maneira mais intensa. Ponderava-se, então, se o país passaria de nação agrícola à nação industrial, visto toda essa política de valorização e incentivo ao desenvolvimento da indústria e ao trabalho nas fábricas.

³³² SAMPAIO, C. Ensino e educação. O sentido da indiferença. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 16 nov. 1947.

Em contrapartida, o posicionamento de Coelho Sampaio situava-se, em certa medida, em uma oposição a esse incentivo industrial em relação ao campo. Embora em vários momentos sua trajetória fosse marcada por reflexões sobre o operário industrial, por exemplo, defendendo um projeto disciplinador voltado aos trabalhadores citadinos; sua preocupação maior era com a educação rural, com a questão da migração rural e com os desenvolvimentos das técnicas campestres.

Essas construções negativas em torno da figura do sertanejo atingem seu ápice também quando eram ponderadas soluções para essas posturas consideradas prejudiciais ao país. Em número intitulado “Ensino Rural”, Sampaio afirmou que:

Ao mesmo tempo, o sertanejo não compreende que precisa trabalhar, continuamente, para melhorar o seu coeficiente de produção. Tendo o que êle considera (seu e da família) não continua a cultivar o campo; ou, então, afasta-se dêle para viver, parasitariamente, á custa da coletividade, por falta de uma autoridade que o conduza ao labor da gleba. Um delegado-agricola em cada vila talvez resolvesse o problema da malandrice que prejudica os agricultores laboriosos. Escolas rurais e profissionais, onde se ministrassem aos filhos dos agricultores e a êstes, não só uma instrução necessária e geral para lhes dar os conhecimentos elementares basicos da vida humana (Lingua, Historia, Geografia, Ciências Fisicas e Naturais e Ciências Matematicas-, bem como os conhecimentos praticos da sua profissão (Agricultura, Avicultura, Piscicultura, Apicultura e Zootecnia, etc) trariam a principio, grande ônus para o Estado, mas, com o agricultor instruido e capacitado para desenvolver as fôrças da natureza, lucraria e aumentaria em riqueza, com o acréscimo da produção, etc.³³³

Projetar a criação e implementação de delegados agrícolas como solução para o que se considerava um problema na conduta dos sertanejos tem bastante relação com o que fora discutido no primeiro capítulo desta dissertação. Era recorrente na fala desses intelectuais dos anos 1940, que faziam publicar suas impressões educacionais por meio da imprensa fortalezense, que a saída para os problemas que se consideravam latentes fosse através da ótica de se vigiar.

Mesmo aqueles que elogiavam a cultura sertaneja e cobravam maior atenção do governo em relação ao ambiente campestre partiam de concepções que privilegiavam a cultura da cidade em detrimento da cultura do campo. Veja-se um trecho do artigo do professor, bacharel em Direito, que atuou também na área política no período, Abelardo Fernando, no jornal *O Povo*, intitulado *Libertemos o Camponês*:

³³³ SAMPAIO, C. Ensino e educação. Ensino rural. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 26 nov. 1944.

A época em que vivemos é de libertação. Não devemos, portanto, conservar escravizado o Jeca-tatú, o mané xique-xique³³⁴. Cumpre, aos espíritos esclarecidos, pugnam pela incorporação das desprezadas populações rurais à civilização. Cumpre-lhes lutarem pelo deslocamento das fronteiras culturais e econômicas, afim de que coincidam com as geográficas, transformando as massas camponesas em elemento da produção. (...) Que tem feito o Estado para solucionar o problema? Nada de eficiente. Enquanto isso, as duplas radiofônicas fazem da arte um instrumento de ridicularização do matuto. A fauna dos Al [ilegível] rengas e Ranchinhos [ilegível] relíquia, provoca gargalhadas com as piadas. Por que o rádio, como aparelho de educação popular, realiza obra tão ingrata e tão anti-patriótica? Por que não visa criar uma mentalidade de reabilitação do caipira, apresentado a elevação de seu nível de vida? Por que coloca a digestão do burguês e a desopilação de seu fígado, acima de um interesse nacional?"³³⁵

Isto é, mesmo quando a intenção era reivindicar olhares de atenção voltados aos camponeses, nesse caso também reivindicando um respeito simbólico à cultura sertaneja, pois na opinião do autor, o humor radiofônico que se construía ao caçoar dos camponeses não agregava à causa rural, existiam construções hierarquizantes. Como é possível apreender a partir do trecho acima e que, no entanto, não se constitui como pensamento isolado, a importância de atentar ao camponês somente seria relevante ao passo em que esses sujeitos fossem agregados como elemento de produção, sustentando as engrenagens econômicas brasileiras.

Como já fora observado, há com recorrência a ideia de que a natureza, enquanto criação divina, deveria ser entendida como uma dádiva, ao passo em que o que se julgava desequilíbrio social e produção econômica defasada seria uma responsabilidade exclusiva do homem rural.

Entretanto, nem sempre os julgamentos sobre os camponeses uniam integralmente as teias relacionais que buscavam frear o êxodo rural como sendo resultado de uma fraqueza do camponês, que não se doava inteiramente ao sofrimento pela causa nacional. Humberto Andrade, em artigo publicado no *Almanaque do Ceará*, afirmou que:

De quando em quando volta ao quadro das discussões do dia o velho e sempre insolúvel problema da migração do camponês nordestino. Acossado por

³³⁴ Em resposta à publicação em forma de livro do Urupês, de Monteiro Lobato, em 1918, onde aparecia o Jeca Tatu como o brasileiro doente e analfabeto do interior, Ildelfonso Albano publicou em 1919 o Mané Chique-Chique. Esse era o oposto do Jeca-Tatu, porque o Mané Chique-Chique era corajoso, forte, adaptado ao meio, além de patriota. Em desacordo com a obra e as ideias de Lobato, Albano assumia a condição de defensor das terras cearenses. In: FREITAS, Bianca. Nascimento de. **Do Mané XiqueXique ao João Pergunta: Educação no Ceará nas Décadas de 1920 e 1930**. 2016. 208f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

³³⁵ MONTENEGRO, A. F. Libertemos o camponês. **O Povo**. Fortaleza, p. 2, 09 ago. 1944.

necessidades vitais, entre as quais avulta a sêca, seguida de perto por causas decorrentes da incúria dos governos fugir do meio hostil, longe de ser sinal de fraqueza, constitui predicado dos mais fortes e capazes de enfrentar os duros e imprevistos embates da aventura em meio estranho. Ante a perspectiva da miséria e da fome, que ameaça e sobrevem frequentemente, não trepida em deslocar-se em busca do destino incerto em verdade, mas onde bruxoleia a estrêla da esperança... O êxodo rural é essencialmente fenômeno econômico. [O campônio] E' analfabeto, como foram seus antepassados e serão seus filhos e netos. As escolas não chegam para as fazendas e sítios. E quando acontece irem para aula pública da vila mais próxima é pior, por que a educação que lá recebem, em vez de encaminhá-los para colher maior proveito do meio, desperta-lhes o interesse para a vida urbana. Como pretender-se que se fixe essa gente ao meio de condições tão deficientes? Será ela, por ventura, obrigada a suportar indefinidamente tão penoso viver? Não! Nada impede que o camponês deserte de seu rincão, em busca de outro pouso. Não ha campanha de imprensa, nem conclusões de comissões de intelectuais que atenui a corrente migratoria do Nordeste. Visão politica, ação e bôa aplicação dos dinheiros públicos são fatores que, conjugados harmônicamente, podem resolver o problema da fixação do homem ao campo.³³⁶

E essa tônica de naturalização para o sacrifício, próxima da noção de martírio, que aceita seu futuro como destino inevitável, é que muitas vezes vai fundamentar todo um ideal construído para o que seria a finalidade da educação rural como um todo e das escolas rurais, em específico. Um dos pontos fundamentais do que se ponderava como estratégia para frear os movimentos migratórios foi o uso da escola rural.

A construção dos objetivos e finalidades traçados para uma escola que funcionasse em ambiente campesino foi pautada para que fosse capaz de interferir diretamente no fluxo das migrações. Essa ideia fortemente compartilhada por Coelho Sampaio não era uma ideia nova. Esse intento de tornar a escola rural uma meio para fixar o homem no campo faz parte de um ideal muito maior, que é o ruralismo pedagógico.

Trata-se de uma ideia que teve destaque sobretudo nos anos 1920 e 1930, fortemente afinada com a visão liberal e se posicionava contra a ênfase na escolarização urbana, fomentando a industrialização. Tanto é que foi apenas a partir de 1930 que ocorreu com maior sistematização a criação de programas de escolarização direcionados às populações do campo. Nas duas primeiras décadas do século XX havia, então, uma efervescência de ideias e projetos educacionais³³⁷ voltados para a problemática ruralista.³³⁸

³³⁶ ANDRADE, Humberto R. de. Desequilíbrio pernicioso. **Almanaque do Estado do Ceará**, Fortaleza, v. 48, n. 1, p. 69-70, 1948. Disponível em: <<http://portal.ceara.pro.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

³³⁷ Em 1929, por exemplo, a temática da educação rural constou nas pautas da III Conferência Nacional de Educação, sendo debatida por intelectuais e governistas. Na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, também se debatia com recorrência formas de pensar uma educação rural, bem como sua escola.

A partir dessas concepções, Coelho Sampaio postulava em seus textos a ideia de que a educação, no Brasil, deveria ser objetiva. Em artigo intitulado “Ensino Objetivo”, nos primeiros números da coluna *Ensino e Educação*, Sampaio afirmou que:

A Instrução, no Brasil, devia ser mais objetiva, mesmo porque somos um país, onde tudo ainda se precisa desenvolver: a indústria, o profissionalismo e a agricultura, principalmente em virtude de sua natureza e estrutura essencialmente agrícola. A instrução profissional poderia vir, a par da Educação, mais objetivamente desenvolvida e aplicada, considerando-se que 'essa educação imprópria do nosso povo é culpada dos grandes erros econômicos, políticos e culturais do Brasil' (Humberto Grande). E se encararmos assim o problema educacional, notaremos, primordialmente, a questão dos centros rurais onde se notam a falta de meios de conforto, de assistência e, notadamente, a ausência de uma educação adequada ao meio ambiente, à vida do campo. Seria ideal a instalação nesses centros rurais, de escolas que ministrassem o ensino de acordo com as necessidades do campo e, desse modo, preparassem o pequeno camponês para desempenhar sua própria missão de trabalho rural, tornando-o um competente técnico naqueles assuntos ligados ao cultivo do meio físico. E o campo é bastante vasto: a agricultura, pecuária, piscicultura, apicultura, silvicultura, sericultura... e dezenas de outros ramos de culturas especializadas do que nos oferece a natureza prodigiosa. Ao mesmo tempo, o filho do camponês se especializaria em qualquer profissão, também necessária à formação dos pequenos centros populacionais, como marceneiro, ferreiro, alfaiate, sapateiro, etc. Assim evitaríamos o desconforto, com mais possibilidades de uma melhor vida, onde pudessem viver também o médico, o odontólogo, o advogado e o técnico, não ficando o meio desprovido de assistência social, médica e técnica, como se acontece pelo interior³³⁹.

É relevante notar que essa ideia de um ensino objetivo vai ganhando, ao longo do texto, contornos de uma educação voltada exclusivamente para a esfera profissional. Trata-se de vislumbrar que o horizonte mais adequado às populações rurais é a perspectiva do trabalho. Promover um ensino objetivo, para Coelho Sampaio, significava educar o camponês para o trabalho e fomentar a fixação do homem rural no ambiente campestre. A importância do filho do camponês se especializar em ramos que gerassem conforto, higiene e praticidade social seria relevante para gerar uma vida melhor no campo. Mas a pergunta pertinente é: essa vida mais confortável deveria ser oferecida a quem e por quem? No artigo supracitado, fica claro o intento de que a preocupação era com indivíduos que exercessem profissões mais estabelecidas no status social: médicos, dentistas, advogados, etc.

Tinha-se por intenção elevar o padrão de vida das populações rurais que, dentre outras coisas, significava instruir esse camponês sobre melhores formas de praticar a lavoura,

³³⁸ ARAUJO, Fátima Maria Leitão. **Mulheres letradas e missionárias da luz**: ideal de formação nas escolas normais rurais do Ceará (1930-1960). Fortaleza: Edições UFC, 2014.

³³⁹ SAMPAIO, C. Ensino e educação. Ensino objetivo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 21 set. 1944.

mecanizando-a, sendo considerada uma forma de resolver o problema da escassez de mão de obra, modernizando a cultura do solo. Contrastavam-se, com recorrência, os métodos tradicionais utilizados pelos camponeses, colocados na situação de ineficientes e propostas mecanizadoras da lavoura, consideradas modernas e hábeis³⁴⁰. Como estratégia desse projeto de fixação do homem no campo também apontava-se como necessidade a organização de meios de amparo social, através de preocupações higiênico-físicos das populações, meios para formar nessas escolas rurais também profissionais que pudessem manter as pessoas no campo com maior conforto.

Esse contexto transitório entre os modelos agrário-comercial para o urbano-industrial então, fomentou formas de pensar uma educação rural e construções discursivas voltadas para o campo semelhantes ao que pensava Coelho Sampaio. A educação era pensada como forma de dar conta dessas demandas sócio-econômicas³⁴¹. Nos anos 1940, essas ideias se materializaram inclusive no formato de Programas de destaque do governo, em responsabilidade do Ministério da Agricultura e do Ministério da Educação e Saúde,

³⁴⁰ Esses modos dos agricultores produzirem suas plantações, consideradas formas atrasadas e ineficientes, apareceram em recorrentes vezes como parte do discurso que depreciava o camponês. Veja-se um trecho em que Coelho Sampaio tratou desse assunto: “Embora a cultura do campo tenha sido iniciada desde que o homem começou a notar que a Natureza, espontaneamente, não podia mais fornecer-lhe o necessário para o sustento, em virtude do aumento de população, ainda hoje há muitas terras incultas. E, das 200.000 espécies de plantas conhecidas, nem 300 chegam a ser cultivadas pelo homem e apenas 30 ou mais são exploradas pelo comércio. (...) Em muitas partes do globo os métodos utilizados na Agricultura são obsoletos. (...) Enquanto que, aqui, em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, já possuímos e cultivamos o arroz por irrigação em instalações modernas com bombas e canais de irrigação. (...) É um progresso resultante da educação do homem do campo, de modo a torna-lo apto a aproveitar as riquezas do sub-solo e aumentar a produção, realizando mais e melhor. Com relação ao Nordeste e Norte, o mesmo não acontece. Os métodos de Agricultura, usados pelo nosso camponês, apesar dos esforços do governo, são antiquados e não lhes permitem uma produção selecionada nem acentuada das plantações feitas. (...) O nosso camponês precisa ser instruído no modo como deve aproveitar suas terras em culturas rendosas e adaptáveis à sua terra, pois, como sabemos, cada planta pede um determinado tipo de terreno, de clima de humidade, de natureza do sub-solo, etc. O agricultor desconhece todos esses princípios mezinhos da Agricultura; age por imitação ou tradição.” In: SAMPAIO, C. Ensino e educação. XII Ensino rural (continuação). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 22 dez. 1944. Essas particularidades apareciam, também com recorrência, como forma de ressaltar aos leitores que consumiam esses artigos jornalísticos no período que havia certo quê de inferioridade em perspectiva comparada do camponês do norte e nordeste em relação a outras regiões brasileiras. Havia também um discurso recorrente que buscava trazer aspectos que particularizassem o sertanejo, o nordestino. Sampaio compartilhava essa ideia: “Situado o nosso Estado numa zona onde os problemas regionais ligados ao domínio econômico se multiplicam quer pela sua diversidade, quer pelos fatores cosmográficos que a [ilegível] nordestina apresenta, como que encerra a base territorial mais inexplorada, a criação de um instituto de pesquisas econômicas quase que dispensa comentários. Diversos são, portanto; os problemas de caráter econômico a ser estudado num Instituto dessa natureza: a exploração de nossas riquezas minerais e vegetais; o aproveitamento da nossa produção; o amparo e o incremento de certas culturas próprias da terra: o interesse junto aos poderes competentes para ser facilitado o necessário auxílio ao nosso setor agropecuario; o estudo sistemático da nossa flora, com aplicação na indústria; a instalação de um horto florestal; a exploração conveniente da açudagem, com a irrigação; o desenvolvimento de novos sistemas de culturas, psicultura, avicultura, rizicultura, sericultura, apicultura, vinicultura, etc.” In: SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação. O Instituto de Pesquisas Econômicas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 09 dez. 1948.

³⁴¹ ARAUJO, Fátima Maria Leitão. **Mulheres Letradas e missionárias da luz: ideal de formação nas escolas normais do Ceará (1930-1960)**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

movimentando trabalhos, órgãos e eventos destinados a incentivos à esfera rural, como Semanas Ruralistas e Clubes Agrícolas.³⁴²

Coelho Sampaio também conjecturou em sua fala uma clara divisão de preocupações entre uma escola do campo para o trabalhador camponês e para o filho desse trabalhador:

Tendo falado, em dois artigos anteriores a respeito de escolas rurais, deixando, porem, o assunto incompleto, desejo, hoje, bater na mesma tecla a-fim-de poder esplanar, melhor, o meu plano sobre a sua instalação da maneira mais pratica. (...) Entretanto, inicialmente, como a vida campestre afigura-se-nos um problema complexo em relação á instalação de escolas com finalidade educativa, temos uma dualidade de planos de estudos a executar. Primeiro, - a escola para o filho do agricultor; segundo, - outra, de nível mais elevado, para o agricultor, propriamente dito, com suas especializações. A escola rural para o campesino, ainda criança, será semelhante em tudo á da Capital - 'menos na parte didática e de orientação pedagogica'. Ai, deverá ser diferenciado o ensino e a orientação [documentação rasgada] No caso de escolas rurais enquanto aparecem livros elaborados com aquela finalidade, os livros da "Serie Patria Brasileira", poderão preencher, perfeitamente, exigencia em virtude da variabilidade de assuntos que encerram suas paginas. Ao contrario, os outros, só são aconselháveis as escolas urbanas, porque a-pe-sar-de conterem temas da vida sertaneja, conduzem, através de suas historias, a uma conclusão favoravel pela vida citadina - o que torna facil originar-se no espirito infantil a ogerisa pela vida campestre. Entretanto, necessitamos de livros adredemente preparados para essas escolas, onde os temas, interessantes e coloridos, patrioticos e sugestivos, educativos, praticos e de facil intuição, possam influir, no sentido de educar o filho do camponês no amor a vida campesina; ao trabalho agricola modernizado; ao progresso da sua vila ou cidade natal; na solidariedade aos seus compatricios participantes das mesmas dificuldades, pela carencia de braços para a lavoura; no amor á investigação cientifica, em torno das riquezas imensas da uberrima vegetação e do sub-solo; ensim, na nobreza de seu trabalho no campo, como base necessaria para [documentação rasgada] sso da industria [documentação rasgada]³⁴³.

Apesar de se tratar de uma fonte bastante rasurada, que dificulta o seu entendimento de alguma forma; trata-se de um texto que pode ser considerado sintetizador dos ideias de Coelho Sampaio para o que seria uma escola rural. Isto é, a escola por ele considerada adequada ao ambiente campesino seria um ambiente escolar que estimulasse em todas as suas instâncias (conteúdos, formação professoral, material escolar, exercícios

³⁴² CALAZANS, Maria Julieta Costa. **Para Compreender a Educação do Estado no Meio Rural**: traços de uma trajetória. In THERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. (Org.). **Educação e Escola no Campo**. Campinas: Papirus, 1993.

³⁴³ SAMPAIO, C. Ensino e educação. XII Ensino rural (continuação). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 22 dez. 1944.

passados pelo professor, dentre outras) a permanência do adulto e da criança campesina no ambiente rural.

Com relação às crianças campesinas, em específico, o que embasava o ideal de que a escola deveria contar com estratégias para alcançar o ideal de fixação desses indivíduos no campo era a crença de que o ser infante era regido pelo signo da imitação. Conforme fora discutido no capítulo 2 dessa dissertação, a partir dos estudos da psicologia, acreditava-se que as crianças teriam maior chance de seguir aquilo que lhes fosse ensinado em âmbito escolar. Desse modo, a aposta dessa educação rural incidia de maneira veemente no público infantil, acreditando-se que seria um modo mais eficaz de fixar as gerações futuras no campo.

Nesse sentido, é relevante explicitar que, com recorrência, os projetos e intentos educacionais eram construídos para servir a interesses econômicos. Interessava qualificar forças de trabalho, isto é, uma mão-de-obra que sustentasse o progresso nacional. Muitas vezes, então, quando se falava de uma educação rural para o trabalhador dos campos, o intento era de disciplinar esse trabalhador, para que fosse gerada uma produção mais efetiva para os destinos pátrios. E quando se falava de educação rural para as crianças, a intenção era fabricar uma educação que as estimulasse a residir e produzir economicamente no espaço geográfico onde nasceram, freando o processo de êxodo rural. A escola rural era vista, então, como um meio para solucionar o problema da baixa produtividade agrícola em função do êxodo rural estimulado pela industrialização das cidades e pela questão das estiagens, haja vista que as migrações nordestinas tinham fortes e históricas relações com as secas.

4.2 A problemática da educação para o trabalho em tempos de industrialização.

A conduta do indivíduo, moldada sob tal aspecto, da disciplina, do método e da ordem, põe-no em condições de fazer com eficácia a sua parte, no esforço comum da coletividade, que age concientemente no sentido de não obstruir a marcha da evolução universal; a disciplina, o método e a ordem são colunas mestras da boa educação em que se evidencia a obediência, a pontualidade, a precisão, a consideração, a atenção, a solicitude e a compenetração de que as leis, creadas pelos homens ou instituidas pela Vida, são expressões condensadas dessa disciplina, método e ordem.³⁴⁴

A epígrafe acima representa um discurso situado em um contexto específico: o do Racionalismo Cristão. Trata-se de uma vertente religiosa surgida das dissidências entre o Espiritismo Racional e o Científico Cristão³⁴⁵. Entretanto, é relevante destacar que esse modo de pensar, isto é, postular condutas consideradas ideais para o indivíduo ou para o cidadão, não se configurava como algo isolado.

Nesse período, intentos como esses acima citados, com ideais disciplinadores, moralizadores e que propugnavam uma pretensa ordem, foram direcionados com veemência no Brasil dos anos 1940 para os trabalhadores. Como analisado no tópico anterior desta dissertação, o processo de industrialização e o forte incentivo industrial, vigente na economia do período, geraram também uma série de discursos preocupados em delimitar que a educação atingiria seu ápice de função ao formar o trabalhador brasileiro.

Cumpre-se então, questionar: qual era o perfil do trabalhador a ser execrado por esses discursos e qual era o perfil do proletário a ser considerado ideal por essas vozes? Este tópico foi guiado pelo entendimento de que esses intentos disciplinadores foram tidos no período como tarefa educacional e canalizaram seus esforços em uma série de discursos e medidas também direcionadas ao trabalhador das cidades.

Interessa perceber neste tópico, então, de que maneira foram ponderados na escrita de Coelho Sampaio, na coluna *Ensino e Educação*, as aproximações entre educação e trabalho, buscando articular as tensões desse pensamento com outros intelectuais do período, variando temporalmente e geograficamente as escalas de observação. É importante ressaltar que seus posicionamentos devem ser entendidos como escolhas, visto o cenário conflituoso

³⁴⁴ MATOS, L. de. Coluna Racionalista Cristã. Disciplina, Método e Ordem - O Respeito. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 28 mai.1950.

³⁴⁵ COUTINHO, D. S. **Os Combates de Luiz de Mattos (1912 – 1924): o Espiritismo Kardecista e o Tratamento Médico da Doença Mental**. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) -Centro de Ciências e Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

que era característica do período. Conforme afirma Marta de Araújo, o Brasil das décadas de 1930, 1940 e 1950 delineou diversos projetos educacionais, obedecendo a interesses múltiplos. Conforme a autora:

Havia projetos que defendiam uma educação escolar humanística sobre a técnica ou científica; que enfatizavam os ensinamentos religiosos e o culto ao civismo contra o ensino agnóstico, laico e democratizante; que pregavam a escola única em lugar da escola para cada seguimento social; que mantinham a posição do governo na educação das elites ao invés de priorizar a educação popular; e, ainda, aqueles que insistiam na uniformidade educacional e na padronização cultural em lugar da liberdade das políticas regionalistas. As matrizes paradigmáticas em disputas estavam imbuídas de uma concepção de educação escolar enquanto veículo privilegiado para reformar o indivíduo.³⁴⁶

Conforme afirmam Schwartzman, Bomeny e Costa³⁴⁷, esse ensino com foco centralizado para o trabalho, isto é, o ensino profissional, não capturou atenção de maneira categórica do então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Contudo, apesar de Capanema ter concentrado suas ações para o ensino secundário e superior; dentre as várias modalidades do ensino profissional, o ensino industrial recebeu maior destaque. Como discutido até o momento desta dissertação, esse destaque ocorreu em função do processo de industrialização no Brasil nos anos 1940, que fazia emergir preocupações com a forma que se produziria a qualificação da mão-de obra de trabalhadores brasileiros.

Assim, nesse contexto apontado anteriormente por Marta de Araújo, de que a educação escolar era fortemente encarada como meio mais apropriado de fazer circular projetos sociais e propostas para reformar indivíduos, destaca-se aqui esse intento recorrente nas fontes examinadas, que enxergavam na escola o meio mais eficaz para preparar o homem para o trabalho. Por questões de recorte, enfocar-se-ão as discussões neste tópico para os discursos que pensavam o ensino industrial, frente às exigências econômicas da época.

Em artigo jornalístico intitulado “Instrução e Trabalho”, o professor Clodomir Teófilo Girão optou por desenvolver sua fala – ressaltando-se, então, que tal publicação foi resultado de uma palestra, um pronunciamento pertencente à esfera do oral – com base em um ideal educacional que considerara interdependentes educação e labor:

A INSTRUÇÃO E' UM TESOURO: E A SUA CHAVE E' O TRABALHO". Pois bem, senhores, foi com o pensamento voltado para este belo pensamento, que, há

³⁴⁶ ARAÚJO, M. M. de. Plasticidade do Plano de Reconstrução Educacional de Anísio Teixeira (1952-1964). **Revista Educativa**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/172>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

³⁴⁷ SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

um ano exatamente, comecei a trabalhar, de maneira integral em prol da instrução da "terra da luz", inaugurando este Educandário no Dia do Trabalho. Estava, naquele 1º de Maio, como estou neste momento, animado de grande esperança, porque, concretizando o meu ideal, porque disposto a trabalhar com o objetivo de ajudar a resolver o grande problema da Educação, aquele de que dependem todos os outros, aquele cuja solução constitui uma necessidade. (...) Vencidos os primeiros obstáculos conquistados, as primeiras vitórias, aqui estou para, comemorando o acontecimento, dizer algo concernente à responsabilidade que assumi ao batizar este meu filho espiritual, com tão insigne nome e em dia tão belo, Rui Barbosa! 1º de Maio! O patrono deste Instituto é compatível com a data em que o inaugurei. (...) Soube, todavia, vencer tudo isso e tudo mais, porque 'para ele, o melhor caminho era sempre trabalhar'. 'Tudo que nasce do Trabalho é bom, afirma. (...) E' mister que os educadores cearenses empreguem todas as nossas energias, com o objetivo de iluminar o espírito de milhões de brasileiros que vivem, em pleno século XX, imersos na noite do analfabetismo, que é o maior mal que nos aflige. Fortaleza, 1º de Maio de 1946³⁴⁸.

Projetar a fundação de uma escola na data que em que se convencionou comemorar o Dia do Trabalho; eleger Rui Barbosa como patrono do instituto escolar³⁴⁹; selecionar frases sintetizadoras de seus pareceres sobre educação, que giravam em torno do papel decisivo da educação na construção do cidadão trabalhador; bem como ratificar ao final do escrito a simbologia que a data produz, não se constituem como ações isoladas. Essa maneira de construir conexões entre educação e trabalho foram uma tônica nos anos 1940.

Entretanto, é preciso clarificar que as discussões sobre a educação profissional no Brasil não principiam nesse contexto específico dos anos 1940³⁵⁰. Tal debate remonta ao início do século XX, período no qual começaram a ocorrer articulações do setor privado com

³⁴⁸ GIRÃO, C. T. Instrução e Trabalho. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 05 mai. 1944.

³⁴⁹ O pensamento educacional de Rui Barbosa (1849-1923) coadunava com a ideia de que a instrução era a base da prosperidade pública, por ser através dela que seria possível preparar o homem para o trabalho. Suas análises educacionais estavam inseridas no contexto do processo de transição do trabalho escravo para o livre, da época transitória entre Império e República. Ver: MACHADO, M. C. G. Reflexões sobre o papel do Estado e da educação para Rui Barbosa expresso na imprensa carioca de 1889-1901. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 1., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=18630>>. Acesso em 02 fev. 2016.

³⁵⁰ Acerca dessa filosofia educacional, Lourenço Filho sintetizou que: "No prólogo que escreveu para a tradução espanhola do livro em que trata do assunto, Kerschensteiner procurou esclarecer o assunto explicando que o tipo de escola, que desejava, não deveria significar apenas escola de trabalhos manuais, nem simplesmente escola ativa, no sentido geral que a denominação passou a ter nas línguas latinas. Enumerou, então estes três princípios: 1) A escola do trabalho é uma escola que enlaça tanto quanto possível sua atividade educadora com as disposições individuais de seus alunos, e multiplica e desenvolve em todas as direções possíveis suas inclinações e interesses, mediante uma atividade constante nos respectivos campos de trabalho; 2) A escola do trabalho é uma escola que trata de conformar as forças morais do aluno dirigindo-o e examinar constantemente seus atos de trabalho, para ver se estes exprimem com a maior plenitude possível o que o indivíduo sentiu e pensou, experimentou e desejou, sem enganar-se a si mesmo e aos demais; 3) A escola do trabalho é uma escola de comunidade de trabalho, em que os alunos se aperfeiçoam, ajudam-se e apoiam-se reciprocamente e socialmente, a si mesmos e aos fins da escola, para que cada indivíduo possa chegar à plenitude de que é capaz por sua própria natureza". In: LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. São Paulo: Melhoramentos, 1961.

o Estado, de modo que as escolas tivessem por objetivo maior preparar os alunos como futuros trabalhadores úteis ao país, atendendo aos interesses da elite industrial.

A Constituição de 1937, em seu artigo nº 129, postulou que:

O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais.³⁵¹

Bomeny, Schwartzman e Costa afirmam que do início do século XX até o Estado Novo, o ensino industrial foi visto essencialmente como uma forma de educação caritativa, declaradamente oferecido às classes menos favorecidas. Importava a formação da idéia de afastar as camadas populares do que se considerava ocioso e sem significação do ponto de vista econômico-social. Esse trecho da Constituição de 1937 demonstra as ambições oficiosas de que seria necessária a criação de um amplo sistema de educação profissional, que não se diferenciase das outras formas de educação secundária a não ser pela diferentes vocações dos estudantes, pelo serviço de orientação vocacional³⁵². A intenção de orientar vocações, inclusive, foi bastante recorrente nos debates da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, sobretudo trazendo aos leitores como argumento legitimador que essa atenção à orientação vocacional já era prática estabelecida na cultura norte-americana.³⁵³

No entanto, é preciso contrastar que a educação profissional significou no período em investigação uma vertente de educação voltada vorazmente para as classes baixas. Essa proposta de ensino, que seria eficiente apenas ao passo em que formasse cidadãos úteis à Pátria, isto é, que movimentassem as engrenagens do trabalho, era segmento direcionado quase integralmente às camadas populares³⁵⁴.

É preciso destacar também que, apesar desses debates sobre o Ensino Profissional terem começado a despontar com maior sistematicidade a partir do início do século XX, os anos 1940 resguardam especificidades com relação a isso. Ainda no período do Estado Novo,

³⁵¹ BRASIL. Constituição (1937). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 10 de novembro de 1937. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 1937. <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10614355/artigo-129-da-constituicao-federal-de-10-de-novembro-de-1937>> Acesso em: 15 mai. 2016.

³⁵² BATISTA, E. L. **Trabalho e educação profissional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil**: análise do pensamento e das ações da burguesia industrial a partir do IDORT. 2013. 269f. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

³⁵³ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 267.

³⁵⁴ Idem.

com vigência entre os anos de 1937 a 1945, essas articulações entre Estado e burguesia industrial canalizaram esforços que resultaram em medidas regulamentadas.

A Reforma Capanema ou a também chamada Leis Orgânicas do Ensino significou um marco na História da Educação Profissional no Brasil, por ter regulamentado essas intenções de educação para o trabalho através de uma série de Decretos-Lei expedidos entre 1942 a 1946. Seu enfoque consistiu na estruturação do ensino profissional, reformulação do ensino comercial e a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)³⁵⁵. No que se refere às investidas relacionadas ao Ensino Profissional, os seus decretos, além da criação do SENAI, que teria por objetivo se encarregar da formação profissional dos aprendizes, destacam-se também pelo que definiria a Lei Orgânica do Ensino Industrial, que tinha por uma de suas características principais, o projeto de impor esse tipo de ensino em todo o território brasileiro. Conforme afirmam Schwartzman, Bomeny e Costa:

Em termos de intenções, ela [a Lei Orgânica do Ensino Industrial] busca atender, simultaneamente, aos interesses do trabalhador, 'realizando sua preparação profissional e sua formação humana'; das empresas, 'nutrindo-as, segundo as suas necessidades crescentes e mutáveis, de suficiente e adequada mão-de-obra' e da nação, 'procurando continuamente a mobilização de eficientes construtores de sua economia e cultura.'³⁵⁶

Todas essas investidas em uma proposta de formação do trabalhador brasileiro das cidades ou, mais especificamente, o trabalhador fabril, também estavam embasadas na intenção de substituir a mão de obra estrangeira do setor industrial pela força de trabalho brasileira, frente a crença de que operários estrangeiros carregavam consigo ideias contestadoras que poderiam significar um entrave no projeto nacionalista de industrialização do país. Nesse contexto, a educação foi vista como principal meio para formar esse trabalhador nacional para o mercado de trabalho.

Disciplinar o trabalhador era considerada uma tarefa educativa. No período dos anos 1940, ainda sob influência do projeto getulista de formar um novo homem genuinamente brasileiro, somava-se a esses intentos a construção de um ideal de operário, que fosse submisso, saudável e produtivo. Esse ideal de trabalhador, que buscava ser construído a partir de investidas educacionais, regia-se sob a égide de manter a ordem nacional.³⁵⁷

³⁵⁵ BATISTA, E. L. **Trabalho e educação profissional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil**: análise do pensamento e das ações da burguesia industrial a partir do IDORT. 2013. 269f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

³⁵⁶ SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena M. B. COSTA, Vanda M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 255.

³⁵⁷ Idem.

Nessa teia discursiva, caracterizada por articulações intrínsecas entre educação e trabalho, travou-se um conceito relevante nas fontes: o de educação popular. Educar as camadas populares ou educar as massas – denominação que também era habitual no período – era um ato que podia ser pensado de múltiplas formas. Esses debates em torno do que seria uma educação dita popular ou para as massas faziam emergir uma concepção de povo. Em artigo intitulado “Educação Popular”, publicado na *Gazeta de Notícias* em 1946, Coelho Sampaio dedicou-se a dissertar em sua coluna sobre os motivos pelos quais, em sua concepção, a educação do povo seria algo urgente para alavancar os destinos pátrios:

Os interessados pelos problemas educacionais tem á sua frente, um vasto campo de experimentação, que é a observação do "modus-vivendi" do proprio povo. Este povo, que não sabe amar e aproveitar as sabias lições da Natureza, sempre prodiga e chega até a descreer na existencia de um Ser Supremo, criador do imenso Cosmos que rodeia o nosso microscopico planeta... Este povo, que se deixa, qual fantoches animados, por uma força mecanica qualquer, levar-se pelas razões ditadas pelos demagogos. (...) O equilibrio social depende, em parte, do biologico, naturalmente, porque a degenerescencia pode ter por causa o enfraquecimento fisiologico motivado pelo uso vicioso do alcool, do fumo ou outras substancias entorpecentes do equilibrado - mesmo porque o pensamento representa uma das maiores forças de que dispõe o genero humano. (...) Para assegurar essa base biologica é que é necessaria a educação do povo. Será o combate, por todos os meios, á sub-alimentação que virá motivar o equilibrio biologico e tornar possivel a existencia de um bio-tipo. Tal educação do povo deve começar desde a infancia, nas escolas. O habito é que faz o monge. (...) Os erros e vicios alimentares; a falta de conhecimentos na devida escolha e preparação dos alimentos; a não observancia dos preceitos e normas higienicas; o não conhecimento dos meios de defesa sanitaria e da saude, motivam o depauperamento e adquirencia de molestias que entravam o alevantamento eugenico do povo.³⁵⁸

É relevante observar que toda essa concepção depreciativa, destinada ao que seria o povo brasileiro, baseia-se em alguns pilares elucidativos para a compreensão da percepção educacional direcionada ao trabalhador, partilhada por Coelho Sampaio. Era característica de seu discurso que o povo fosse identificado como o lugar da ignorância, da ausência do conhecimento, da imobilidade e da falta de agência - por isso a recorrência da metáfora dos fantoches. Em contrapartida, a natureza era representada como algo sempre positivo, que seria benevolente com os brasileiros. E, se esse fator natural não rendia o progresso conjecturado para a nação, a culpabilidade era voltada para o que o autor considerava inabilidade do povo,

³⁵⁸ SAMPAIO, C. Ensino e Educação. Educação popular. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 3, 06 jan. 1946.

em buscar aproveitá-la. Como visto anteriormente, tal raciocínio sustentou os pilares do que se julgava a importância da educação rural.

Como visto até o momento, a marca religiosa é característica fundamental do pensamento educacional de Sampaio. Como é possível analisar a partir do trecho citado, sua concepção cristã foi fator fundante também para o ato de designar o que seria o povo. A própria representação de natureza como criação divina também influi na sua crença de que o fator natural estaria sempre em patamar superior ao fator humano, considerado como o ápice da indisciplina. O equilíbrio social almejado pelo autor faz saltar um conflito entre ciência e religião, ao passo em que busca destacar sua crença em intentos eugênicos e na fé cristã.

Em empreendimento retrospectivo e de viés biográfico, em sua coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio ressaltou a partir de sua trajetória e passagem como presidente da União Estadual dos Estudantes do Ceará, bem como em Congressos Nacionais, que sempre estivera preocupado com a questão da educação do trabalhador:

Quando representei os universitários cearenses no VIII Congresso Nacional de Estudantes, do Rio de Janeiro, em 1945, tive oportunidade de apresentar uma tese sobre a Educação do Trabalhador, em que declarei o seguinte. 'A falta de preparo profissional, motiva, como sabemos, o desemprego de centenas de homens, que, sem aptidões, ficam 'ao Deus-dará', provocando serios problemas de solução de continuidade na organização social dos povos. A industrialização do país, com o aproveitamento das massas, eliminaria esses magnos problemas sociais que aumentam com o após-guerra e colocariam a Nação numa situação econômica incalculavelmente melhor". Então a minha tese apresentava a seguinte solução: "A criação de escolas noturnas mantidas ou subvencionadas pelo poder público, que instruissem a Juventude nas carreiras técnico-profissionais, iria ajudando a própria Juventude a desenvolver suas capacidades de trabalho, a manter-se por si mesma, e a ajudar e cooperar no progresso industrial do país". Hoje, vejo, com satisfação, que aquele meu pensamento se coaduna, perfeitamente, com a douda opinião do culto educador Dr Uniel de Carvalho que nos honrou com esta entrevista de hoje.³⁵⁹

Esse posicionamento, para além de chamar a atenção para refletir sobre como Sampaio constrói uma imagem pioneirismos e legitimidades, também é relevante para compreender suas aproximações com o projeto dominante à época do que se denominava educação das classes laboriosas. Mesmo o título de doutor, conferido por Sampaio à Uriel de Carvalho, o então diretor da Divisão de Educação Social do Serviço Social da Indústria (SESI) de São Paulo, já se constitui como indício das aproximações intrínsecas entre os ideais partilhados por Coelho Sampaio e os projetos de educação do trabalhador que circulavam

³⁵⁹ SAMPAIO, C. Ensino e Educação. A educação do trabalhador. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 15 out. 1948.

nacionalmente no período, inclusive em instância oficial. Em um de seus artigos colunares, Sampaio chega a fazer referência a si, como "nós, educadores sociais do SESI"³⁶⁰.

Ao mesmo tempo que Coelho Sampaio colocava no topo de suas prioridades a construção de reflexões sobre trabalhadores e trabalhadoras camponeses, por acreditar que o progresso do futuro nacional partiria sobretudo desse espaço físico dos sertões; ele também teve um pensamento bastante engajado nas medidas e instituições criadas no Brasil dos anos 1940 no sentido de disciplinar os trabalhadores citadinos.

Toda a sua argumentação, quando o assunto era como educar o homem das cidades para o trabalho, girava em torno de ressaltar que o trabalho salvaria o indivíduo da ociosidade, identificada como integralmente prejudicial ao homem. Apesar de a sua proposta de criação de escolas noturnas substanciadas pelo governo, instruindo técnico-profissionalmente a juventude se apresentasse como projeto que teria uma proposta ampla, de abarcar "a juventude" como categoria aparentemente sem distinções, é preciso notar que também aparece em sua fala a ideia de que a industrialização tornaria apenas *as massas* aptas ao trabalho.

Isto é, muito embora se fale da juventude de uma maneira geral, Sampaio estava em consonância com o projeto educativo nacional à época de que a educação para o trabalho deveria alcançar apenas as classes menos favorecidas, as classes laboriosas. Nesse sentido, essa fonte citada é relevante à discussão, na medida em que permite refletir sobre *a quem* era destinado um futuro laborioso e *a quem* esse ensino técnico-profissional era destinado.

Nesse sentido, ponderou-se muito sobre o que seria essa educação do povo ou mesmo uma educação das massas, destacando-se que essa preocupação era uma preocupação educativa nacional. Entretanto, para compreender esse discurso historicamente situado, é necessário analisar as razões e os contrastes de tal direcionamento: por que se colocava como prioridade naquele momento educar as massas? O que se entendia por povo ou por massa? Quais jogos de interesses estavam incluídos nesse movimento?

Seus escritos, então, são marcados por concepções que se expressam no contraste entre o que, em sua opinião, seria o trabalhador fabril naquele momento e o que deveria se tornar ou coadunar para ser um bom trabalhador.

Acerca dessas reflexões, Coelho Sampaio destacou em um dos textos de sua coluna *Ensino e Educação*, com o sub-título denominado "Educação do Povo", as razões

³⁶⁰ SAMPAIO, Coelho. Ensino e educação. O sentido da indiferença. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 16 nov. 1947.

pelas quais ele acreditava que educar o povo brasileiro deveria ser tarefa urgente para os destinos pátrios:

A educação do povo é o primeiro elemento do poder, a mais decisiva condição de superioridade militar e a maior de todas as forças produtoras". (Rui Barbosa). A grande confusão reinante no seio da nacionalidade, no sentido de o homem escolher o caminho a seguir, no terreno político, é, em verdade, uma das mais concretas provas de que a educação do povo, das massas, deve ser a primeira preocupação do Governo que desejar ser melhormente compreendido no seu regime a caminho da Democracia. (...) A julgar pelas reais condições dos que trabalham, há, realmente, que existir um perfeito 'contrôle' do sistema de avaliação do salário; de amparo do trabalhador; de seguridade dos seus direitos às férias, licenças, assistência social, aposentadoria e auxílio-natalidade. Mas, não se pode obscurecer que deve haver determinações e dispositivos que habilitem o empresário a se defender das constantes investidas que são feitas à sua empresa, muitas deixando de atender às verdadeiras possibilidades da mesma, quando em organização ou princípio de vida. (...) Explico: "o pequeno industrial que começa, que idealiza uma industrialização, que projeta o aproveitamento de um produto qualquer encontra os maiores obstáculos. O trabalhador não pensa por este lado. Entende que todo empregador se está enriquecendo. E daí, nasceram as chamadas "paredes" contra eles. Alega-se a enorme miséria que passa o operariado; a carestia da vida; a falta de meios para a educação dos filhos. Acusa-se também o Governo de não dar uma perfeita assistência socio-educacional ao povo, etc. (...) De outro lado acha-se o proletariado a dissipar o pouco dinheiro que recebe, pelo seu duro trabalho, no jogo ilegal, no vício do álcool e em outras diversões também prejudiciais. Com uns e outros vícios e costumes perniciosos, inclusive o do fumo, ele gasta o pequeno salário e nada lhe resta, depois, é verdade para a manutenção perfeita da família e educação da prole. Por intermédio dos vícios depaupera o já enfraquecido organismo, debilitado pela sub-alimentação e sentindo-se cansado, falta ao trabalho - vem a miséria. o espírito de revolta - causa dessas necessidades - é natural, por esse mesmo motivo. Tudo isto, ao meu ver, é apenas um erro de educação, que não permite ao homem do povo, sem instrução, notar o caso em que se está mergulhando na prática desses vícios, sem nenhuma noção de economia e previdência. Só uma educação nesse teor poderia debelar as causas deprimentes da economia nacional através do trabalhador, dando-lhe uma outra idéia de vida, mais segura, em benefício da família e do progresso nacional.³⁶¹

O trecho acima é relevante à discussão, na medida em que clarifica aspectos do lugar de fala de Coelho Sampaio. Seu posicionamento faz o duplo movimento entre citar como importantes as conquistas trabalhistas e apontar o que por ele seriam consideradas falhas desses laboriosos. Trata-se de um discurso que estava muito mais alinhado ao lado do industrial do que ao lado do trabalhador. Educar o trabalhador, então, significava adotar o fito de discipliná-lo, torná-lo obediente e saudável para render mais na produção.

³⁶¹ SAMPAIO, C. Ensino e educação. Educação do povo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 15 set. 1946.

A proposta coadunada por Coelho Sampaio em sua coluna, que dedicou números quantitativamente consideráveis sobre a temática da Educação do Trabalhador, tinha por principal objetivo a investida em um projeto educacional que gerasse operários mais disciplinados, mais conscientes dos deveres a serem seguidos do que dos direitos a serem conquistados. Afirma-se, então que toda essa proposta tinha aproximações ideológicas com os projetos educacionais adotados por Liceus Industriais ou pelas escolas do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), ou seja, espaços específicos em vigência na época para se disseminar esses ideais profissionalizantes.

É recorrente na argumentação de Coelho Sampaio a ideia de que, antes de adentrarem esses espaços, os proletários seriam regidos sob o signo da ignorância. E, após frequentarem espaços como esses citados, específicos para qualificação profissional, esses sujeitos se tornariam mais disciplinados, convertendo-se em elemento de produção. Então, muitas vezes, o ideal de operário a ser alcançado por esses discursos era aquele trabalhador que não lutasse por seus direitos, não faltasse ao trabalho, não se utilizasse do movimento grevista, que zelasse pela obtenção de um corpo saudável para melhor produzir, entre outras medidas que sempre tinham em vista aumentar o coeficiente de produção. É relevante destacar, então, que tais preceitos não eram exclusividade de Coelho Sampaio. Como foi possível observar, tratava-se de uma corrente comum de pensamento em âmbito nacional no momento³⁶².

Em artigo intitulado “Ensino Profissional”, publicado em 1944, no jornal *Gazeta de Notícias*; Agamenon Magalhães foi incisivo ao dissertar sobre os motivos pelos quais considerava importante um programa de educação profissional para os sujeitos em idade de inserção no mercado de trabalho.

A nossa política de valorização do homem sem a instrução técnica, estaria incompleta. O homem com o seu ofício ou a sua arte, tem todos os elementos de vitória na vida. Ele precisa de técnica e da consciência do seu valor social. O entusiasmo pelo trabalho e perfeição do seu ofício, são fatores morais de prosperidade. [Illegível] um episódio, que bem ilustra o conceito sobre o trabalho.

³⁶² Acerca desse assunto, Mariano Martins afirmou: "E' bem possivel que, dentro de pouco tempo, tenhamos operarios mais disciplinados e mais conscientes dos seus deveres, porque eles hão de formar-se pelos Liceus Industriais ou pelas Escolas do Senai. Toda a massa ignorante que ainda ha, podia, tambem, ter escolas afim de se abeberar das sabias leis que possuimos. O operario inteligente, consciencioso não lança mão de fatos corriqueiros para defender direitos imaginarios. Ele sabe que prejudicando o serviço está prejudicando a produção e prejudicando a produção, está prejudicando o proprio Brasil; Está fazendo sabotagem. O operario que falta ao serviço, seguidamente, ou que falta com varios de seus colegas, num só dia, vai prejudicar, diretamente, ao esforço industrial do país que, só agora, está surgindo como um gigante no concerto das grandes nações. E' preciso, pois, educar o operario já que lhes foi dada pelo governo uma legislação trabalhista digna dos mais adeantados paises do mundo. MARTINS, M. E' preciso educar o opera'rio. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 10 jan. 1945.

Três pedreiros trabalhavam numa construção. Perguntou-se ao primeiro o que fazia e ele respondeu 'ganho a vida'. O segundo respondeu com orgulho: 'construo a catedral'. O profissional precisa ter entusiasmo pelo seu ofício e pela sua obra, e isto só se consegue com o preparo técnico. O futuro da nossa economia está na industrialização, que exige preparo não só dos que planejam as fabricas, como dos operários que vão [ilegível] e dirigir as máquinas. A mão de obra é nosso problema agora e depois. A função do governo é antes prever do que remediar. A visão econômica e social do mundo atual está nos indicando o caminho a seguir para evitar dificuldades talvez amanhã insuperáveis³⁶³.

O trecho citado acima condensa ideias que eram recorrentes à época. Dentre elas, destaca-se a ideia de que o valor social do homem residiria no trabalho. Acreditava-se que o trabalho era a principal maneira de dignificá-lo e torná-lo um ser útil à Pátria. Interessava fazer circular entre os trabalhadores essa noção de utilidade social a partir do ofício por ele empreendido. Considerava-se importante que o próprio trabalhador fosse abrangido por um ideal de entusiasmo pelo trabalho. Pensar no que seria uma necessidade do ato de educar significava ter como prioridade uma qualificação de mão de obra. O foco, era a adequação da força de trabalho.

Entretanto, o trecho citado permite entrever outra reflexão relevante. Embora fosse ressaltado constantemente que o valor social do homem residiria no trabalho, a questão não parece se limitar a essa premissa. Também incitava-se uma consciência em termos do que esse trabalho poderia representar para a sociedade. Na narrativa do autor, o operário que respondeu “ganho a vida” sugere estar pensando em si, e quem se refere a construir a catedral, sugere estar pensando no coletivo. Assim, almejava-se disseminar ideais que demonstrassem o entendimento do trabalho como sendo algo também relevante em âmbito social.

Em outro artigo sobre a temática do trabalho e a construção de um ideal de trabalhador, Sampaio também frisou a proposta de higienização dos costumes populares, de disciplinarização dos costumes desses laboriosos. Desse modo, é possível fazer articulações entre aquilo que fora discutido no capítulo 1 dessa dissertação, ou seja, acerca dos ideais de educação social em sentido amplo e a conversão desses discursos canalizados para os costumes operários. Para Coelho Sampaio, esse modo de pensar estava muito afinado com a proposta do SESI, Serviço Social da Indústria:

Muitos dos caros leitores sabem que o SESI tem por finalidade dar uma completa assistência ao trabalhador. Mas, poucos sabem que essa assistência lhe é dada de modo a prepará-lo para o trabalho, para a família, para a Pátria. Ora, a recreação

³⁶³ AGAMENON, M. Ensino profissional. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 12 out. 1944.

sadia, é necessária como um processo de higiene mental que vai, aos poucos, dando nova vida ao corpo, cansado pelo trabalho cotidiano, e, ao mesmo tempo; tornando o operário mais feliz, com a participação em divertimentos sãos, nas suas horas de folga. Desse modo, vamos transcrever, alguns trechos dessa segunda entrevista com o dr. Uriel de Carvalho, ainda sobre a educação do trabalhador, e, especialmente, sobre recreação: 'A simples instrução nem sempre basta. Também a recreação educativa exerce papel preponderante no vasto plano da elevação do trabalhador industrial.' (...) A Divisão de Educação Social do SESI; de S. Paulo, confiada; assim, sob a abalizada e patriótica direção do dr. Uriel de Carvalho, vem cumprindo, como se vê, um programa digno de elogios pelo relevo de sua base essencialmente prática; no terreno educativo. No próximo artigo, mostraremos como o mesmo serviço, realiza, atualmente, uma completa assistência ao trabalhador, em todos os sentidos, procurando amenizar a difícil crise econômica em que se debate a classe proletária, por meios de vários benefícios.³⁶⁴

Em 1946, o Decreto-Lei nº 9.403, firmado pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra, conferiu à Confederação Nacional da Indústria (CNI) a empreitada de criar, organizar e dirigir o Serviço Social da Indústria (SESI). Tal instituição surgiu a partir das intenções de empresários brasileiros, de que o país necessitava de um instrumento de ação social, que complementasse a atuação do Estado. É relevante observar que todas essas intenções moralizadoras, que diziam respeito ao universo do trabalhador, eram classificadas como obra educacional. Assim, como é possível notar a partir do trecho citado, muitas vezes o discurso de que era necessário educar o operário significava disciplinar sua conduta dentro e fora do trabalho. Para o SESI, por exemplo, o segmento educacional tinha papel fundamental dentro dos seus ideais e programas de funcionamento. Com certa obviedade, tal instituição não passara a vigência de sua existência de maneira consensual.

Conforme pode ser discutido a partir da fonte citada, os afãs de disciplina e controle, portanto, não se restringiam às horas do expediente. Essas eram controladas através do relógio, tanto regulando a jornada de trabalho quanto medindo os índices de produtividade. O patrão almeja também ser senhor do tempo livre do operário, período esse que passou a ser qualificado como “lazer” ou “ócio”. Redundando em maneiras de monitorar comportamentos e tentar controlar hábitos, são traçadas diferenciações entre o que seria um aproveitamento das horas livres ou do que seria o seu desperdício. O parâmetro para definição das diversões proveitosas ou deletérias seria, de fato, a influência das atividades escolhidas no corpo, na mente e na produtividade do trabalhador.

³⁶⁴ SAMPAIO, C. Ensino e educação. Educação social. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 05 set. 1948.

Veja-se trecho do artigo intitulado “O Seu Verdadeiro Interesse”, publicado em 1948 na coluna *Ensino e Educação*, sob a autoria de Coelho Sampaio:

Como se vê, pelas expressões brilhantes do digno Diretor da Divisão de Educação Social do Departamento do SESI paulista, o Serviço Social da Indústria, apesar-de mantido pelas contribuições dos empregadores, não é uma instituição a favor do industrial, como muitos pensam e até proclamam outros menos informados, mas, pelo contrário, procura, por todos os meios ao seu alcance, alcançar sua meta desejada de melhoria de vida do homem que trabalha na industria, quer dando-lhe uma completa assistência, quer facilitando-lhe a alimentação e a educação própria e dos filhos, quer procurando conseguir para o operário um justo salário que esteja de acordo com o seu trabalho e necessidade da família³⁶⁵

Sendo possível ler na negativa, é possível observar conflitos imbuídos na institucionalização das atividades do SESI. Dizia-se que a instituição tinha tendências a servir aos interesses dos industriais, ao invés de estar ao lado do trabalhador. Esses conflitos faziam com que fossem recorrentes publicações que buscassem defender os ideais e projetos empreendidos pelo SESI. Em outro número da coluna, Sampaio voltou a defender a instituição, conforme será citado abaixo. O trecho é também importante para refletir sobre o lugar central ocupado pela educação no projeto disciplinador do SESI³⁶⁶:

Além disso, o SESI, ao invés de 'barrar a luta dos trabalhadores por aumento de salários', já tem conseguido que muitos industriais melhorem as condições de seus empregados, dando-lhes, como é justo e humano, uma melhor condição de vida, não apenas no terreno econômico, como também pondo a serviço do trabalhador outros empreendimentos que lutarão pela defesa dos seus mais sagrados ideais: saúde,

³⁶⁵ SAMPAIO, C. Ensino e educação. O seu verdadeiro interesse. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 09 set. 1948.

³⁶⁶ Outro momento em que é possível analisar o pensamento de Coelho Sampaio sobre os ideais e os conflitos envolvidos na execução das tarefas do SESI, foi o seguinte: “Não é de estranhar que os partidários do darwinismo, alegando; segundas intenções; como, por exemplo 'aumento de salário', 'melhores condições de vida', etc.; promovem, logo que se apresenta qualquer iniciativa no sentido de ressurgir a compreensão entre os homens, uma dura campanha para tentar a desmoralização da primeira tentativa que apareça em benefício da classe operária. Parece que, nesse particular, eles se julgam como que DITADORES DO PROLETARIADO, não permitindo que qualquer outra pessoa ou organização lance suas vistas para subtrair o proletário dos seus perniciosos tentáculos, que, como o temível polvo, lançam, primeiro, uma onda de líquido negro para iludir a vítima e apanhá-la desprevenida e sem defesa. Com a instalação da Delegacia Regional do SESI (Serviço Social da Indústria), nesta Capital, e posteriormente, consequente criação do Curso de Formação de Educadores Sociais, tivemos, até bem pouco tempo, uma série de impressões, partidas da boa imprensa, que só elogios dispensaram á nobre iniciativa. (...) Não é necessário mesmo, que se citem, aqui, as palavras do entusiasticamente pronunciadas pelo atual delegado do SESI, naquele dia, para demonstrar a grande envergadura dessa instituição que, de modo nenhum, é uma 'arma dos patrões contra o avanço político do proletariado'. Basta, e isto, sim; é necessário, que se mostrem as grandes realizações já efetuadas pelo SESI no terreno social, na capital bandeirante, para, de uma vez, como um forte e indestrutível argumento, derrubar, pôr por terra, toda a falsa teoria marxista desse órgão, que pretende, ás claras, disseminar o descrédito em torno das sãs iniciativas em favor do operariado. (...)” In: SAMPAIO, C. Ensino e educação. Pela paz social do Brasil. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 30 jul. 1948.

liberdade; pureza de costumes e educação, porque como disse o próprio Jesus Cristo: 'não só de pão vive o homem'³⁶⁷

Uma vez mais, é possível identificar a força do argumento religioso no pensamento educacional de Coelho Sampaio. Essa pretensa pureza de costumes/educacional, por ele empreendida, estava nutrida e sedimentada em concepções cristãs. Esse projeto empreendido especificamente por Sampaio, mas que tinha toda uma rede discursiva local e nacionalmente, postulava o levantamento físico, mental e moral do trabalhador brasileiro. Intenções essas que, em muitos momentos, mantinham aproximações com propostas eugênicas.

Destarte, esse tópico buscou nuançar o que seriam essas ambições educativas destinadas ao povo, ou mais especificamente, aos trabalhadores citadinos. Em vias conclusivas, ratifica-se que um dos múltiplos matizes que impulsionaram a reflexão sobre a temática educacional no Ceará dos anos 1940 foi o referente ao como lidar com a classe operária frente aos processos intensos e de transição pelo qual passara o país no período. É relevante fazer sobressaltar a relação existente entre o que fora discutido no capítulo I e o que está sendo mote do presente tópico. Isto é, todos os intentos moralizadores dos costumes populares também estavam bastante canalizados para fazer circular objetivos disciplinadores dos sujeitos na condição de operários. A tônica de educar o operário fabril era pauta recorrente quando o assunto era pensar aspectos educacionais. Desse modo, a discussão desse tópico justifica-se por buscar matizar um pouco dos múltiplos significados que o ato de educar poderia ter nesse momento histórico.

³⁶⁷ SAMPAIO, C. Ensino e educação. Pela paz social do Brasil. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 30 jul. 1948.

4.3 O analfabetismo como chaga social e a educação de adultos como antídoto.

Esse é o nome porque atende, mais intimamente, o imbecil, e [ilegível] Pedro Gomes Coutinho, atual coveiro da UDN no município de Quixeramobim, egresso das hostes comunistas, mercê de cujas ideias andou esfregando os costados na enxovia da polícia, vive ali em constante estado de histerismo procurando atingir, com a sua peçonha, as mais dignas, cultas e distintas personalidades do meio. Quasi analfabeto, vai para os microfones e deita disparates de toda sorte, convicto de estar dizendo coisas de alto coturno. Não se apercebe, absolutamente, do ridículo em que se vai afundando dia a dia.³⁶⁸

A presente epígrafe foi aqui utilizada não no intuito de mapear disputas e intrigas políticas e ideológicas no período em escrutínio, mas foi empregada como indício para investigar o que poderia significar ser analfabeto no Ceará dos anos 1940. Essa década foi, sem dúvidas, um marco no início de uma institucionalização do que à época era denominado Educação de Adultos e que nas décadas seguintes seria chamado de Educação de Jovens e Adultos. No trecho acima, o autor parece considerar existir um abismo entre ser analfabeto e ir aos microfones, ter poder de fala, pronunciar-se para pessoas aglomeradas. Tal entendimento sobre sujeitos analfabetos não se constituía como algo isolado.

Nas primeiras décadas do século XX e de maneira mais acentuada nos anos 1920, a questão da expansão escolar, sobretudo das escolas primárias, poderia ser considerada uma preocupação nacional. É nesse sentido que surgem iniciativas que reivindicavam a erradicação do analfabetismo. Esses altos índices de sujeitos não escolarizados eram então identificados como uma vergonha nacional e esses clamores por uma difusão do ensino pertenciam muito mais ao signo do quantitativo do que do qualitativo³⁶⁹.

Apesar de como analisado no tópico anterior, Coelho Sampaio tenha tido um discurso incisivo sobre o que considerara a importância de escolarizar as massas, inclusive defendendo a criação de escolas noturnas profissionalizantes; é bastante curioso que o autor não tenha se portado ao termo Educação de Adultos ou não tenha se referido às campanhas oficiais do governo, como se engajara em causas outras, como por exemplo as cruzadas contra as ditas leituras ímpias, conforme discutido no primeiro capítulo desta dissertação. Entretanto, as reflexões que neste tópico serão traçadas justificam-se por ter tido relevo nas discussões

³⁶⁸ MARTINS, M. Pedro Caieira. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 16 jul. 1948.

³⁶⁹ LUSTOSA, K. da S.; SILVA, M. do S. A Educação Popular e os Movimentos Educativos e de Cultura Popular da Década de 1960. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 9., 2016, Recife. **Anais...** Recife, 2016. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/apresentacao.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2017.

educacionais do período e por articularem-se às noções analisadas no segundo tópico deste capítulo, sobre educação do trabalhador e educação das massas.

Veja-se o que afirmou o autor Geraldo Nobre, no artigo intitulado “As Professoras e o Analfabetismo”, no jornal *Gazeta de Notícias*, ainda em 1945, antes das primeiras campanhas de Educação de Adultos. Apesar de o autor não se reportar especificamente aos analfabetos em idade adulta ele aborda questões importantes para compreender as ambições envolvidas no projeto de extirpar o analfabetismo entre os brasileiros nesse período:

No Ceará, dir-se-ia que as professoras estão sobrando, a julgar pelos fatos já assinados, mas a tremenda verdade ressalta não só aos olhos dos que percorrem o interior como também aos dos que se derem ao trabalho de observar as condições de nossos suburbios, onde como no sertão, muitas centenas de crianças estão privadas dos primeiros ensinamentos, por falta de quem os ministre. E' que, neste Estado, como aliás em todo o Brasil, seguimos uma erronea politica de alfabetização, que poderíamos representar como sendo de cima para baixo, isto é, cruzamos os braços á espera de que o governo faça alguma coisa enquanto nós, que estamos no povo julgamos que nenhuma providencia é de nossa alçada, ainda que se trate de um problema fundamental para a Nação, que sem solucioná-lo jamais poderá atingir a um indice seguro de grandeza economica e cultural. (...) E' preciso que ambos, povo e governo, compreendam a necessidade de instituir-se uma politica de alfabetização, que vise validar em proveito do desenvolvimento economico do pais, a espantosa porcentagem de analfabetos, de que tivemos agora mesmo um expressivo indice, ao ser negado o direito de voto a milhões de brasileiros, que permanecem em condições de menoridade e incapacidade, por não terem adquirido o conhecimento das primeiras letras indispensaveis em todas as atividades humanas.³⁷⁰

Geraldo Nobre aborda em seu artigo jornalístico sobre um dos pontos principais referentes aos interesses e ambições daqueles que voltavam suas reflexões para as massas trabalhadoras nesse período histórico: almejava-se transformar esses analfabetos em eleitores. Já que nessa condição eles não teriam acesso ao voto, os intentos que clamavam por democracia também coadunavam seus discursos para que o Brasil contasse com eleitores e, para tanto, indivíduos alfabetizados. Isto é, dentre outras razões, o analfabetismo também incomodava esses intelectuais local e nacionalmente na medida em que os sujeitos não escolarizados não poderiam ter participação oficial nos processos eleitorais. Dizia-se que os analfabetos não poderiam ter participação na vida política, ainda que saibamos que a atuação política dos trabalhadores estava para muito além do voto³⁷¹.

Desse modo, com o fim da ditadura do Estado Novo no Brasil, em 1945, acentuaram-se os debates sobre a importância de solidificar em território brasileiro a

³⁷⁰ NOBRE, G. As professoras e o analfabetismo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 18 dez. 1945.

³⁷¹ É relevante destacar que foi no advento da República que ocorreu a proibição do voto dos analfabetos. Isso fez com que o contingente eleitoral brasileiro do momento, que já era excludente, fosse drasticamente reduzido. E foi na primeira quadra republicana que a força dos coronéis e do voto de cabresto teve atuação pungente.

democracia. Nesse contexto, essas ideias de atenção às massas, sobretudo incentivando a escolarização de adultos, eram movidas pela intenção de aumentar o eleitorado.

Esse argumento dito pelo autor, de que a tarefa de escolarização não seria apenas da alçada do governo e que deveria contar com a ajuda popular³⁷², fazia parte das investidas das campanhas. Esse clamor de apoio popular chegava a tal estágio argumentativo, que era comum que esses intelectuais pedissem que moças se voluntariassem para ensinar as primeiras letras aos adultos analfabetos mais próximos³⁷³.

A proposta de educar os adultos, educar os trabalhadores e qualificar essa mão-de-obra ganhou contornos institucionalizados nos anos 1940. Foi nessa década que a proposta do que depois iria se tornar o EJA se tornou uma política educacional oficial de educação.

³⁷² Ajudar um brasileiro a ler, fazia parte das intenções dessas campanhas, frente ao entendimento de que a escolarização não atingiria o contingente por eles esperado. No trecho que será citado, de Calheiros Bombim no jornal *Gazeta de Notícias* em 1948, observe-se que consta ao fim do artigo, a sua cidade de publicação, Rio de Janeiro. Tal dado demonstra a circularidade dessas ideias e dessas campanhas. Tratava-se de formar até mesmo professores improvisados, como viu-se no texto. A ideia de voluntariar-se para ensinar alguém as primeiras letras, sem ter a formação específica para tal tarefa, significava voluntariar-se a salvar o Brasil, daquilo que era considerada uma doença social: o analfabetismo: "A 'Revista do Globo' abriu o seu comentário com o título: 'Já se pode viver de literatura?' e nele se transcreve a opinião de Luiz Jardim, segundo a qual não se pode viver no Brasil exclusivamente de literatura. 'A razão - esclarece Luiz Jardim - está no fato de que SOMOS UMA GRANDE MAIORIA DE ANALFABETOS, PARA QUEM AS LETRAS NÃO CONTAM. Os que sabem ler, em porcentagem baixa, não têm o hábito da leitura. Basta fazer-se um inquérito rápido sobre o processo de vendas de livros.'. As palavras de Luiz Jardim, apoiadas e divulgadas pela 'Revista do Globo', de Porto Alegre, revelam uma triste realidade contra a qual está sendo realizada uma vasta campanha organizada pelo Govêrno da Republica, e executada em todo o país pelo Ministério da Educação. Trata-se de um movimento a que se pode denominar de 'libertação da ignorancia': é a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos. Iniciada em 1947, ampliou-se em 1948 e constituiu o maior empreendimento já realizado em todo o mundo em favor da recuperação de analfabetos adolescentes e adultos. (...) Mas isso ainda não é tudo. Precisamos dizer, algum dia, que já se pode viver no Brasil de literatura. Mas, somente será possível afirmá-lo no dia quando todos, individualmente, derem sua cooperação á Campanha de Educação e Alfabetização de Adultos. Cada um pode se tornar um voluntário da Campanha, ensinando um brasileiro a ler, ajudando desta maneira a melhorar o nível de cultura de nossa Pátria. Cooperemos, pois, no Movimento de Recuperação de Analfabetos. Rio de Janeiro, 949". BOMFIM, C. Somos uma grande maioria de analfabetos? **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 11 nov. 1948.

³⁷³ Essa ideia de não se enxergar problemas em se solicitar que moças voluntárias a ensinar as primeiras letras a pessoas próximas, mesmo se não fossem diplomadas, era tida com recorrência na imprensa cearense. Devendo-se ressaltar inclusive que no trecho que será citado, o autor incita que as moças, no feminino, se voluntariem a tal função, o que indica uma visão de magistério como algo da alçada feminina. Conforme afirmou Heitor Cavalcanti em 1945 na *Gazeta de Notícias*: "O problema da alfabetização rural é um dos mais urgentes e complexos. Urgente, porque é do nosso dever entregar ao Brasil de amanhã uma geração alfabetizada, complexo por causa da distribuição demografica. (...) Consoante já dissemos, algures, a população escolar do Ceará é aproximadamente de 300.000 crianças, entre 7 e 14 anos. Para alfabetizar trezentas mil crianças em grupos de 40, são necessárias 7.500 professoras. Pagando-se Cr\$...300,00 por mês a cada uma teríamos uma despesa mensal de Cr\$ 2.250.000,00 (em moeda antiga dois mil duzentos e cinquenta contos) sem falar na enorme despesa com material para instalação e conservação das respectivas escolas. O Estado não pode arcar, portanto, com tamanho dispêndio. (...) Mas governo algum poderá sosinho, encarar êsse vultoso problema. Indispensavel se torna a cooperação particular, dentro de um plano de ação largamente estudado e combinado. (pede ajuda de moças, voluntárias, ensino fora da escola, boca a boca.) In: CAVALCANTI, H. Escolas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 02 mar. 1945.

Anteriormente a esse período, o que existiam eram ideias e ações locais, que não tinham expressão nacional. Expressão essa que começaria a ocorrer apenas nos anos 1940³⁷⁴.

Nos anos 1940, o conceito de educação popular estava intrinsecamente ligado à ideia de Educação de Adultos. Foi nessa década que um dos contornos mais enfocados para se levar a cabo essa política oficial de educação foi através da produção e circulação de campanhas de abrangência nacional. As principais iniciativas em âmbito oficial no período foram a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), vigente entre 1947 e 1963³⁷⁵, sendo essa a primeira grande campanha dirigida também ao meio rural, e a criação do Serviço de Educação de Adultos em 1947, um programa de ordem nacional destinado a abranger especificamente a problemática da alfabetização de pessoas adultas.

A CEAA teve passagem por todos os Estados da Federação e contou com a coordenação de Lourenço Filho. Buscou articular-se com os dirigentes locais, apesar de intitular-se como um esforço nacional. Suas preocupações não eram dirigidas apenas às cidades, mas também tinha grande foco nos interiores, buscando agregar aos seus ideais uma atenção à extensão da educação de adultos no meio rural. Entretanto, é relevante explicitar que quando se falava à época de *educação de adultos*, ou nos termos da época, conceder *educação de base* para todos os brasileiros iletrados das áreas urbanas e rurais, o termo educação, nesse contexto, significava escolarização. E mesmo esse objetivo de alfabetização, muitas vezes restringia-se a saber assinar o próprio nome, fator indispensável para a obtenção do título de eleitor. E isso fez com que, à época, essas campanhas sofressem muitas críticas, por parte de intelectuais que afirmavam que alfabetizar por si só não era a solução e inquietações partilhadas de que tal projeto visava apenas a ser uma fábrica de eleitores.

Nesse sentido, é relevante ressaltar que foram produzidos materiais didáticos como cartilhas, guias de leitura e guias de linguagem, distribuídos pelo Ministério da Educação e Saúde. Parte desses conteúdos, como as orientações destinadas aos professores, sempre postas nas primeiras páginas da cartilha, eram reproduzidas na *Revista Brasileira de*

³⁷⁴ VENTURA, J. P. **O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: a Subalternidade Reiterada**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

³⁷⁵ Nos períodos subsequentes à pesquisa, empreenderam-se outras iniciativas destinadas à Educação de Adultos. A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), 1952 a 1963 e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, atuante entre 1958 e 1963, foram iniciativas de destaque no período. In: BARREIRO, I. **Política de educação no campo: para além da alfabetização (1952-1963)**. São Paulo: UNESP, 2010.

Estudos Pedagógicos, mais ao fim da década³⁷⁶. Esses materiais didáticos compunham-se de pequenos textos acompanhados de muitas imagens, geralmente de viés moralista, de educação para o trabalho e traziam questões sobre saúde, técnicas de trabalho e higiene.

É importante situar que essas campanhas, iniciadas em meados da década de 1940 no Brasil, não se caracterizavam como exclusividade brasileira. Ao inverso, essas campanhas foram difundidas também em outros países após a II Guerra Mundial, sobretudo incentivadas pela recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU). Foi impulsionada a realização de programas nacionais de educação de adultos em diferentes países, geralmente vinculados a ideais de combate ao comunismo e ao estímulo do ideal da educação para o trabalho³⁷⁷.

O Censo Populacional de 1940 mostrou que 56% da população maior de 15 anos era analfabeta. Nacionalmente, com as campanhas e também em âmbito local, na imprensa, essas porcentagens eram usadas como argumento legitimador nesse projeto de extirpar o analfabetismo da população brasileira. Ao passo em que acelerava-se o processo de industrialização e o consequente processo de urbanização acentuava-se o discurso contra o analfabetismo.

Acerca disso, em meados da década de 1940, quando a Educação de Adultos ganhou de fato expressão no Brasil, as políticas educacionais vigentes estavam sendo construídas com base no ideal de qualificação e diversificação da força de trabalho nacional. Dessa forma, a intenção de educar os adultos seguia a ideia de que a partir da difusão da escolarização, esses analfabetos seriam transformados em força econômica produtiva.

Em artigo intitulado “Instrução e Saúde”, cuja autoria é de Ademar Távora, publicado no jornal *O Povo* em 1944, apontou-se sobre o que se consideravam os perigos das altas alíquotas de doentes e analfabetos em território brasileiro no período:

Nos dias que estamos vivendo, não pode acompanhar o ritmo do progresso universal um povo que descarta destes dois problemas fundamentais: o da instrução e o da saúde. Uma nação constituída, em sua maioria, de analfabetos e enfermos, tem, por força, que ficar á margem dos grandes fatos que através do tempo vai a História recolhendo. (...) O que ainda ninguém viu foi o milagre de uma nação construir a sua grandeza, sem primeiro ter cuidado da instrução e da saúde do seu povo. (...) No Brasil, infelizmente, ainda não pudemos mostrar o de que somos capazes, porque

³⁷⁶ Instruções aos Professores de Ensino Supletivo. **Revista Brasileira de estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 29, p. 71-88, jul./ago. 1947. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbeep>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

³⁷⁷ VENTURA, J. P. **O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: a Subalternidade Reiterada**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

formamos uma grande massa de doentes e analfabetos. Os dois problemas fundamentais do país continuam sem solução. Temos, é certo, grande número de estabelecimentos de instrução secundária e superior, nas nossas principais cidades. Mas isso não resolve o problema. A instrução popular continua deficientíssima e a secundária só acessível a um pequeno numero de individuos. Nos sertões, o quadro é desolador. Ridícula é a percentagem dos que sabem assinar o nome. (...) Em nucleos de dezenas de crianças não ha uma escola. As moças se diplomam e não querem ir ensinar no interior, porque os vencimentos são exíguos e a vida lá também é cara. Isso sem falar na absoluta falta de conforto que se observa por toda parte no nosso 'hinterland'. Seria o caso dos nossos dirigentes, não só aumentarem o número de escolas nos sertões, mas ainda proporcionarem ás professoras que para lá fossem, vencimentos melhores do que os percebidos pelas que aqui ficam. Absurdo? Engana-se quem supuzer que a vida no interior é mais barata que na capital.³⁷⁸

A discussão conjunta e articulada desses dois problemas nacionais, o analfabetismo e as doenças físicas, não é casual. Essa forma argumentativa era comum. A fala sobre o analfabetismo nesse período foi inclusive abundantemente tomada pelo discurso médico, tratando-se de uma visão higienista do problema. Muitas eram as comparações do analfabetismo com assuntos da área médica.

As definições de analfabetismo como uma chaga social (e variáveis como mazela, tumor, praga ou simplesmente doença), por exemplo, era recorrente. Tal imagem ganha ressonância e respaldo quando apoiada na analogia da sociedade como organismo. O analfabeto desse período, então começou a ser enxergado como alguém que não se adequaria aos projetos para o novo Brasil que se pensavam à época. Como afirma Osmar Fávero, nos bondes havia cartazes que diziam: "Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil, use formicida!", então começou-se a parodiar: "Ou o Brasil acaba com o analfabeto ou o analfabeto acaba com o Brasil"³⁷⁹. Isto é, muitas vezes o analfabeto era considerado como uma praga social a ser combatida, ele foi sendo posto como um problema que atravancaria o progresso pátrio. Não se fazia uma reflexão sobre a condição de "ser analfabeto" ou sobre as razões pelas quais esses sujeitos não tivessem tido acesso à escolarização.

Hermenegildo Firmeza traçou em 1944, no jornal *Unitário*, em artigo intitulado "Os Defeitos do Ensino", definições sobre o problema do analfabetismo de maneira muito comum à época. Veja-se:

O aspecto alarmante da questão é que não logramos baixar os indices de iletrados no país. Como poderá falar em democracia uma nação esmagada por esse peso morto

³⁷⁸ TAVORA, Ademar. Instrução e saúde. **O Povo**, Fortaleza, p. 3, 13 jul. 1944.

³⁷⁹ FÁVERO, Osmar. **Educação de Jovens e Adultos na América Latina**: direitos e desafio de todos. Brasília: UNESCO, 2009.

de indivíduos, incapazes mentalmente para o exercício da cidadania? Pode dizer-se que de 40 milhões de brasileiros, 28 milhões nada significam civicamente e tampouco para o fomento da vida espiritual da nação. Porque todos se encontram 'off-side' da pátria, não sendo partes vivas da sua substância animica nem do seu organismo político. A extensão do analfabetismo no Brasil está a exigir do Estado Nacional atos de presença mais constantes, pelo menos dentro da comunidade pobre, no afã de ajuda-la á redenção dessa praga. A indispensável intensidade, é dever da União suprir essa ausência, abrindo tantos centros escolares quantos forem necessários. Contando que o Brasil não se nivele ás repúblicas mais apagadas, como padrões de obscurantismo, do hemisfério sul.³⁸⁰

Assim, a instrução popular ou a instrução das massas foram sendo colocadas como a solução dos problemas nacionais, ou como antídoto, linguagem essa que já é indício sobre a forma com que se pensava a questão do analfabetismo. A metáfora do país acometido pela doença do analfabetismo era bastante recorrente.

A Educação de Adultos, então, destinou-se eminentemente aos subalternizados da sociedade, isto é, trabalhadores; bem como se constituiu desde o início de sua formação como um nível paralelo ao sistema regular de ensino³⁸¹. É importante delinear o contexto econômico brasileiro a partir dos anos 1930, para que se compreenda que esse projeto educacional destinado a adultos trabalhadores não detinha apenas intenções educativas³⁸². E não se tratava de lidar com essas intenções de maneira velada. Ao inverso, educar para o trabalho era intenção posta de maneira clara. Coelho Sampaio afirmou em sua coluna em 1947, que "Lutar, pois, pela extinção do analfabetismo no Brasil significa lutar pelo aumento de nossa produção. E' lutar contra a miséria. E' também arrancar o nosso povo povo ao terrível espectro da fome."³⁸³ Isto é, tratava-se de converter o analfabeto, entendido como peso morto para a nação, alguém sem serventia para a perspectiva dos interesses econômicos; em força

³⁸⁰ FIRMEZA, H. Os defeitos do ensino. **Unitário**, Fortaleza, p. 1, 18 jan. 1944

³⁸¹ VENTURA, J. P. **O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: a Subalternidade Reiterada**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

³⁸² Ainda sobre o fato de que essas intenções postas nas campanhas de alfabetização de adultos, de educar para o trabalho, tem-se que elas normalmente não eram postas de maneira velada. Veja-se o que afirmou Mário Pinto Serva mais no fim da década de 1940: "Ora, nós, no Brasil o que temos maximamente é um operariado rural que precisa ser levantado de nível e merece todos os carinhos da sociedade. A campanha de alfabetização e educação dos adultos abre horizontes novos e infundáveis para o progresso nacional. Alfabetizados todos os brasileiros, poderão todos eles iniciar nova vida de aperfeiçoamento individual. 'O gênio se compõe de um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de perspiração, isto é, de esforço e trabalho'. (...) Demonstrado pela ciência moderna que é o cérebro do homem é o órgão da inteligência e de todas as funções intelectuais, se todos os entes humanos temos um cérebro fisiológica e psicologicamente igual, tudo depende de nossa vontade de elevarmos intelectualmente todos os brasileiros, sem exceção a um novo e mais alto nível de preparo, instrução e educação. In: SERVA, M. P. A revolução pela educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 16 jul. 28 abr. 1949.

³⁸³ SAMPAIO, C. Ensino e educação. O sentido da indiferença. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 16 nov. 1947.

produtiva. Essa figura despertava o interesse apenas ao passo em que existisse a sua contribuição como força de trabalho³⁸⁴.

Tratava-se de arquitetar uma mão-de-obra que se aquilatava como imprescindível frente às mudanças sócio-econômicas do momento. Na década de 1930, no Brasil, houve um processo de perda de hegemonia pelos latifundiários cafeicultores, em relação à emergência da burguesia industrial brasileira. Conforme afirma Jaqueline Ventura: "Estava em emergência o início do processo de estruturação do Brasil urbano-industrial e o projeto liberal-industrializante, sobrepondo-se às elites rurais (...) visando tornar o pólo urbano-industrial o eixo dinâmico da economia."³⁸⁵ Nesse sentido, nesse momento de redesenho do cenário econômico brasileiro, os planejamentos e as ações educacionais também foram postos em remodelação.

O apropriado, então é o questionamento: por que, em momentos de grandes mudanças sócio-econômicas, é comum que se almeje, de maneira pungente, transformações na área da Educação? Nos discursos da época, as mudanças no sistema educacional são colocadas como urgentes frente às múltiplas transformações do período e a deficiência do ensino é vista como raiz de todos os males nacionais. Como encaminhamento interpretativo, acredita-se que esses matizes ideológicos são substanciados pela ideia de que a educação deveria servir sobretudo aos princípios econômicos de produção.

O questionamento acima pode ser considerado um mote para toda essa dissertação, frente ao entendimento de que, muitas vezes, os escopos educacionais existem para se chegar ao alcance de interesses econômicos e para interferir diretamente na mão-de-obra que sustentam essas metas no campo do trabalho. Em vias de síntese, as duas principais razões que fizeram com que o movimento em torno da preocupação nacional de educar os

³⁸⁴ Em publicações que tratavam diretamente das campanhas em prol da alfabetização de adultos, iniciadas em 1947 em território brasileiro, era comum que se trouxesse o argumento de que esses esforços trariam de volta a serventia das pessoas em *idade de trabalho*, através da alfabetização. Veja-se o que apontou Geraldo Nobre no jornal *Gazeta de Notícias* em 1947: "O titular da pasta que diz mais de perto com os destinos da Patria não quis se restringir a burocracia improdutiva, como os seus antecessores, nem se deixou contagiar, até aqui, de mania das reformas que tantos prejuízos há causado ao ensino no Brasil, mas procurando encaminhar as suas atividades em outra direção, lançou vistas sobre a deficiência de instrução no meio adulto, lembrando-se de conquistar para a produção milhões de seres que continuam á margem da política e da economia nacionais, devido á ignorancia. (...) No setor economico, computando igualmente os numeros, estaremos em condições de fazer uma ideia dos beneficios a serem conferidos pelo plano do Ministro Clemente Mariani, que conseguiria reduzir o enorme contingente de homens e mulheres em idade de trabalho, mas impossibilitadas de realizar eficientemente ás suas tarefas, á falta da primeira instrução, notada na proporção de 56, 38% da população maior de dezoito anos, ou seja em mais de onze milhões de um total de vinte e um milhões, espaços em toda a vastidão do territorio nacional. NOBRE, G. S. A Campanha de Educação dos Adultos. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 3, 13 fev. 1947.

³⁸⁵ VENTURA, J. P. **O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: a Subalternidade Reiterada**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

adultos, alfabetizar os adultos; partia de um objetivo que buscava aumentar a produção econômica e também do aumento do eleitorado brasileiro, sobretudo com o fim do Estado Novo em 1945, quando os debates sobre democracia despontaram com veemência.

Caso o leitor do presente texto reporte-se à epígrafe do tópico 1 deste trabalho, no qual a crônica feita por Caio Cid no jornal *Correio do Ceará* trazia o cotidiano de trabalho do menino João Isnar, impedido de estudar pelas baixas condições econômicas de sua família; trar-se-ão aqui os aspectos conclusivos da crônica. Nela, o autor compartilha com o leitor o conselho que destinou à criança, dizendo: "Joãozinho, meu irmão, você deve ir às autoridades. Você é um brasileiro disposto a aprender a ler. E' uma vocação raríssima e precisa ser aproveitada."³⁸⁶ A partir das discussões empreendidas nesse capítulo, estimulam-se sobretudo as seguintes reflexões: quais poderiam ser as relações estabelecidas no raciocínio em que um indivíduo escolarizado era considerado um sujeito aproveitável ou seja, útil? Seria mesmo raríssimo esse interesse do analfabeto/semi-analfabeto pelo estudo

³⁸⁶ Idem.

5 CONCLUSÃO

Não há, nem pode haver nunca, uma moral 'natural', nem 'fins naturais'³⁸⁷.

Este trabalho teve por objetivo enfocar a historicidade de valores, costumes e normas na escrita de Coelho Sampaio e em seus contemporâneos locais e nacionais, sob o entendimento de que essas questões são intrínsecas à maneira com que se conjecturam finalidades educacionais. Enfocaram-se, assim, as tensões, os litígios e as incongruências envoltas nas múltiplas maneiras de se pensar ideais, escopos e modelos para a educação, no momento histórico analisado; fosse ela refletida em sentido amplo ou específico, ou seja, pensada sob o viés social ou escolar.

Todo o processo de gestar³⁸⁸ e escrever este trabalho partiu do entendimento de que postulações sobre o como, o porquê, o quê e para quem se deveria ensinar e educar são questões sempre envoltas por tensões e complexidades constituídas em relações de poder, que muitas vezes enxergam a educação como espaço ideal para instrumentalizar interesses.

Esta dissertação levou a cabo a noção de investigação. Ser o primeiro trabalho a analisar como fonte principal a coluna assinada por Antônio Coelho Sampaio significou um grande desafio em vários aspectos. Ter realizado um trabalho de formiguinha na pesquisa documental parece ser a metáfora mais adequada. Desde a tomar conhecimento do seu nome completo ou ter acesso à personificação de sua imagem, até buscar desvendar seus posicionamentos ideológicos e político-pedagógicos, tudo representou uma descoberta que, em outros temas já analisados por outros pesquisadores, seriam momentos triviais, questões sanadas em consultas bibliográficas. Outro desafio foi o de buscar compreender os meandros de suas escolhas. Desde as escolhas textuais, pois acredita-se que cada sinuosidade de sua escrita, ou seja, a sua forma, não é natural, e sim pautada por seleções; até seus posicionamentos político-ideológicos.

Nesse trabalho, também obteve-se o entendimento de que é extremamente necessário situar as convicções ideológicas/sócio-educacionais que são comumente apresentadas por seus veiculadores como naturais. Todo projeto educacional é perpassado por seleções ideológicas. As escolhas de Sampaio, então, representaram movimentos que partiam do macro para o micro. Mesmo quando se defendiam propostas de escolarização para sujeitos das classes

³⁸⁷ THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

³⁸⁸ A palavra se adequa também porque as sensações de escrever um livro e gerar um filho são postas comumente como semelhantes.

desfavorecidas, por exemplo, suas intenções resguardavam princípios burgueses e se afinavam à vieses hierarquizantes. Mas o que se buscou ressaltar neste trabalho é que tal pensamento não se sustentara sozinho. Ao inverso, tal forma de pensar a educação fazia parte de uma rede de articulações. Talvez esse seja o motivo pelo qual a coluna se sustentara em um jornal de grande circulação como a *Gazeta de Notícias*, em um período em que as seções dos jornais tinham durações efêmeras e variantes: uma andorinha só não faz verão. Afora que o jornal sempre terá por maior objetivo ser um produto vendável: os assuntos precisam ser "palpitantes" aos olhos do público-leitor.

Foi extremamente necessário perceber que os jornais são envoltos por um conjunto de tensões que abrangem a sua produção, circulação e consumo. Para as concepções tradicionais nas considerações acerca da matéria-prima do fazer histórico, as fontes; os jornais se inseriam na dinâmica de ora serem julgadas como fontes suspeitas e ora se constituírem repositórios da verdade.³⁸⁹ Assim, os jornais, por vezes, são associados às fontes privilegiadamente férteis, por dar aos historiadores fatos da sociedade. Discutia-se a tese de que os jornalistas <fazem>³⁹⁰ a História, como refletiu Marc Kravetz.³⁹¹ Nas últimas décadas, as reflexões sobre como os historiadores se apropriam dos jornais no seu ofício mudaram. Conforme Tânia Regina de Luca³⁹², existem três principais possibilidades de uso dos jornais para o historiador: é possível contar uma História da Imprensa, sendo assim, fonte e objeto na pesquisa; utilizá-la como fontes históricas acerca da temática que se deseja pesquisar; assim como é igualmente exequível o estudo de como a História aparece nos periódicos perscrutados. A historiadora Maria Helena Capelato afirma: “a imprensa registra, comenta e participa da história.” (CAPELATO, 1988:13.)

A presente pesquisa não foi realizada apenas nos dois anos de duração do Mestrado. O trabalho de investigação documental iniciou-se em 2012. Em vista disso, uma das dificuldades enfrentadas foi de lidar com um volume imenso de documentação. Portanto, destaca-se que tanto o rol documental aqui adotado, como as sub-temáticas abordadas nesse trabalho tiveram por intenção analisar apenas alguns espectros da temática educacional do período, que foram ponderados a partir de recortes. Isto é, longe de qualquer pretensão totalizante ou óticas de esgotamento, ressalta-se que o trabalho feito foi apenas uma, das infindas contribuições à

³⁸⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

³⁹⁰ Grifo do autor.

³⁹¹ KRAVETZ, Marc. Os jornalistas « fazem » a História. In: DUBY, George. **História e Nova História**. Lisboa: Teorema, 1986

³⁹² DE LUCA, Tania Regina. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In: _____. PINSKY, Carla Basanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

História da Educação no Ceará que ainda estão por vir. Muitas das questões aqui discutidas podem ser aprofundadas por outros desafios investigativos.

Alguns leitores podem se questionar: em que medida reside a importância em se debruçar sobre as discussões educacionais de quase 80 anos atrás? Primeiro, é necessário destacar que esse tipo de pergunta (que é relevante, assim como quase todo tipo de inquietação) talvez parta de uma concepção linear de História, de uma concepção linear de progresso. Não se trata de estabelecer quem está mais correto em nível de projetos político-pedagógicos, se são os sujeitos do passado ou se somos nós, no hoje. Partindo-se da concepção destacada na epígrafe utilizada nesse momento de considerações finais, de que não há, nunca, uma moral natural, conforme afirmou Thompson; se trata de fazer permanentemente o seguinte questionamento, a partir da historicidade do tema: a quem, isto é, a quais interesses, as múltiplas formas e projetos educacionais servem ao longo dos tempos?

Durante a elaboração desse trabalho, não foram poucas as vezes em que houve certo espanto ao se notarem diversas semelhanças com o momento presente. Convida-se o leitor, então, a refletir junto: será que a proposta de se moralizar/disciplinar condutas e posturas sendo direcionada apenas às classes populares, ficou confinada apenas nesse passado? Será que princípios da alçada da meritocracia, que homogeneiza experiências, facilidades e dificuldades nas mais diversas trajetórias, somente foram ovacionadas em tempos pretéritos? Será que a ideia de que o professor deve ensinar por amor e estar disposto a sacrifícios para seguir um ideal de missão e vocação é exclusividade do passado? Será que ainda hoje adotamos concepções que enquadram o ser infantil apenas em noções de passividade e obediência? Será que tomamos como natural que um indivíduo que nasce no campo teria postura honrosa em escolher lá residir e construir sua vida? Será que nos afastamos totalmente da ideia de que a função maior do professor é fazer com que os alunos aprendam os conteúdos? Será que ainda é presente nos dias atuais que o bom trabalhador seja aquele subserviente aos patrões? Será que a principal finalidade educacional continua sendo o trabalho? Será que a laicidade do ensino público já foi plenamente alcançada?

Essa gama de questionamentos não quer com isso supor que nada mudou dos anos 1940 "pra cá". Mas busca chamar a atenção do leitor no sentido de perceber ideais, discursos, projetos e ações na área educacional, que servem a uma lógica dominante e que persistem em nosso imaginário, década após década. É oportuno lembrar que no juízo de Pierre Bourdieu, a

escola tem servido para reproduzir distinções e praticar violências simbólicas³⁹³. O que se quer ratificar aqui é que os projetos e as políticas educacionais não devem ser apenas delineados por poucos e aceitos como naturais por muitos.

Como afirmou Gimeno Sacristán, "a essência máxima da educação não são os conteúdos a serem ensinados, mas os sujeitos nela envolvidos"³⁹⁴. Nesse sentido, buscou-se fazer nesse trabalho um movimento que destacasse contrastes e similitudes entre nós no presente e os sujeitos envolvidos direta e indiretamente às questões educacionais de uma outra época. Mas não foi bem esse o maior sentido desse trabalho.

Todo autor de uma produção escrita alegra-se quando ela circula.

A felicidade da professora que escreve o presente trabalho se dará menos em função de cada leitor que considere que após essa leitura o mais importante foi ter entendido um pouco mais sobre questões educacionais dos anos 1940; e mais por cada ocasião em que o leitor questione modos de pensar a educação hoje, em sua volta. Em cada ocasião onde se discuta a temática educativa, seja em pronunciamentos governistas, que no mais das vezes redundam em questões do estilo "mais do mesmo"; na sala dos professores, espaços em que muitas das vezes reproduzem-se discursos assustadores; ou seja debatendo educação com pessoas de diferentes gerações, áreas do conhecimento, atuação profissional, nacionalidades e diferentes crenças; o importante é historicizar e problematizar sempre: a educação que eu defendo, defende quem? A educação que eu descarto, descarta quem?

Na História, por vezes, as perguntas são tão importantes quanto as respostas.

³⁹³ BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

³⁹⁴ SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

REFERÊNCIAS

- A CRUZ. Rio de Janeiro: Diários Associados, 1949. Diário.
- ALMANAQUE DO ESTADO DO CEARÁ. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1940-1950. Anual.
- ALMEIDA, M. G. A. A. Estado Novo: Projeto político pedagógico e a construção do saber. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36. p. 137-159, dez. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-018819980002000008>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- ALVES, Joaquim. O Ensino Primário na Primeira Metade do Século XX. In: MARTINS FILHO, Antônio; GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.
- ALVES, Raquel da Silva. **Mães da pátria, educadoras na terra da luz: o ensino primário no Ceará na década de 1920**. 2009. 234f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. **Mulheres letradas e missionárias da luz: ideal de formação nas escolas normais rurais do Ceará (1930-1960)**. Fortaleza: Edições UFC. 2014.
- ARAÚJO, M. M. de. Plasticidade do Plano de Reconstrução Educacional de Anísio Teixeira (1952-1964). **Revista Educativa**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/172>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ARROYO, M. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 1., 1994, Brasília., **Anais...** Brasília, 1994. Disponível em: <<http://www.geppc.org.br/sites/default/files/uploads/evento/192/anais/gt01.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2013.
- AVELAR, A. S. A retomada da biografia histórica. **Oralidade**, Espírito Santo, v. 1, n.2, p.45-60, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/2528/2024>>. Acesso em: 30 mar 2016.
- AZEVEDO, Fernando. **A reconstrução educacional no Brasil ao povo e ao governo: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932.
- AZEVEDO, Miguel Angelo de. **Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural**. Fortaleza: Edições UFC, 2001.
- BARATA, R. B. Cem anos de endemias e epidemias. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 333-345, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-812320000002000008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 fev. 2014.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. **Política de educação no campo: para além da alfabetização (1952-1963)**. São Paulo: UNESP, 2010.

BARROSO, D.; BARROSO R. T. **A Criança do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasil S/A, 1950.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel e a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, J. C.; GATTI JÚNIOR, D. (Org.). **Novos temas em história da educação: Instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU, 2002.

_____, CATANI, Barbara Denice (Org.). **Educação em Revista: A Imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

BATISTA, E. L. **Trabalho e educação profissional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil: análise do pensamento e das ações da burguesia industrial a partir do IDORT**. 2013. 269f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos**. São Paulo: Pioneira, 1974.

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **Pátria, civilização e trabalho: O Ensino de História nas escolas paulistas (1917- 1939)**. São Paulo: Loyola, 1991.

BOMENY, Helena Maria. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.), **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bomeny (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

BURKE, P. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n.19. p. 11-22, dez. 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

BRASIL. Constituição (1937). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 10 de novembro de 1937. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 1937. <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10614355/artigo-129-da-constituicao-federal-de-10-de-novembro-de-1937>> Acesso em: 15 mai. 2016.

BRASIL. Constituição (1946). Constituição dos Estados Unidos do Brasil: promulgada em 18 de setembro de 1946. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 1946. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm>. Acesso em 24 out. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Cartas oficiais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos**. Endereçadas ao Diretor do Departamento Geral de Educação do Ceará. Rio de Janeiro, 1940-1949.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Lei de organização da proteção à maternidade, à infância e à adolescência. Decreto-lei nº 2.024, de 17 de fevereiro de 1940. **Diário Oficial da União, Rio de Janeiro**, Seção 1, p. 3125, 23 fev. 1940. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2024-17-fevereiro-1940-411934-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 08 jan 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Lei Orgânica do Ensino Normal. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. **Diário Oficial da União, Rio de Janeiro**, Seção 1, p. 116, 04 jan. 1946. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 02 jun 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Subsídios para a História da Educação Brasileira. **Boletins mensais da Seção de Documentação e Intercâmbio do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1940-1949.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CAMARGO, A. M. de A. **A imprensa periódica como objeto e instrumento de trabalho**. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. Para Compreender a Educação do Estado no Meio Rural: Traços de Uma Trajetória. In THERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. (Org.). **Educação e Escola no Campo**. Campinas: Papirus, 1993.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARVALHO, C. H. de. **Imprensa e educação: o pensamento educacional do professor Honório Guimarães (Uberabinha-MG, 1905-1922)**. 1999. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999.

CARVALHO, D. de C.; DAROS, M. das D.; SGANDERLA, A. P. Uma abordagem histórica da psicologia nos cursos de formação de professores: em foco os programas da disciplina em uma escola catarinense na década de 1930. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 17, n. 51, p. 675-750, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/11.pdf>>. Acesso em 14 jan. 2016.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino no Ceará**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial do Estado do Ceará, 1970.

CEARÁ. DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO. **Ofícios da Seção Técnica do Departamento Geral de Educação**. Fortaleza, 1940-1949.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico do Estado do Ceará**. Rio de Janeiro: IBGE, 1940-1950. Anual.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. A cultura e a escola. In: CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CHOPPIN, A. O historiador e o livro escolar. **História da Educação**, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 5-24, abr. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30596/pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

CIDRACK, M. L. **Escola Agnes June Leith: formação e práticas curriculares de visitadoras de alimentação (1944-1966)**. 2010. 174f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CIRNE, Moacy; MOYA, Álvaro de; AIZEN, Naumim; D'ASSUNÇÃO, Otacílio. (Org.). **Literatura em quadrinhos no Brasil**: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza: Diários Associados. 1944-1950. Diário.

COUTINHO, D. S. **Os combates de Luiz de Mattos (1912 – 1924): o espiritismo kardecista e o tratamento médico da Doença Mental**. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Centro de Ciências e Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. C.. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, v3, nº 35, p. 253-270, jun./dez. 2013. Disponível em <<http://www4.pucsp.br/projetohistoria/series/series3.html>>. Acesso em 09 de jul. de 2013.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE CASTRO, R. M.; REIS, V. C. T. O Acervo sobre didática da Escola Estadual Leônidas do Amaral Vieira: Contribuições para a História das Disciplinas Escolares. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 194-206, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/download/450/449>>. Acesso em: 25 mar. 2016

DE LUCA, Tania Regina. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. **Topói**, Rio de Janeiro, v. 10, n°. 19, p. 7-16, jun./dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2016.

DIÁRIO DO POVO. Fortaleza.1946-1950. Diário.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: USP, 2009.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1985.

FLEURY, Renato Senega. **Pátria brasileira**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1943.

FONSECA, C. M. O. A saúde da criança na política social do primeiro governo Vargas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 3, n.2, p. 97-116, 1993. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73311993000200004>>. Acesso em 26 jan 2016.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.

FREITAS, Bianca Nascimento de. **Do Mané XiqueXique ao João Pergunta: educação no Ceará nas décadas de 1920 e 1930**. 2016. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FREITAS, Marcos César de; BICAS, Maurilane. de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

GABAGLIA, Laurita Pessôa Raja. **Juventude de hoje, lares de amanhã**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1935.

GANDINI, Raquel. **Intelectuais, Estado e educação**: a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Campinas: UNICAMP, 1995.

GAY, Peter. **O Coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Fortaleza. 1944-1950. Diário.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Historia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

GIMENO, Sacristán. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIRÃO, Blanchard. **"Sessão das Quatro"**: cenas e atores de um tempo mais feliz. Fortaleza:ABC, 1998.

GIRÃO, Raimundo. Educandários do Ceará. In: MARTINS FILHO, Antônio; GIRAIO, Raimundo. **O Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962.

GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Adelaide. Uma fábrica de homens utilizáveis: sobre escola e instrução pública para os pobres no Ceará. In: . RIOS, Kênia Sousa e FURTADO FILHO, João Ernani (Org.) **Em tempo**: história, memória, educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

_____; BRUNO, A. Libertários: educação da solidariedade e educação da revolta. **Verve**, São Paulo, v. 1. n. 2, p. 65-87, 2002. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4612/3203>>. Acesso em: 1 fev. 2015.

_____. A trajetória e o pensamento educacional de Francisco Ferrer y Guardia. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 37 a 56, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/2274/1862>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

GONÇALVES, D. da C. **A insuficiência da ordem**: discursos e reformas policiais (Fortaleza, 1930-1945). Dissertação. (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

GOUÉ & GOUÉ. **Como fazer observar nossos alunos**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1929.

GOUVEIA, Aparecida Joly. **Professoras de amanhã**: um estudo de escolha ocupacional. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1965.

HANSEN, Patrícia. A arte de formar brasileiros: um programa de educação cívica nas páginas da revista *O Tico-Tico*. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; HORTA, José Silvério Baia. (Org.). **A pátria, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932. 1942)**. 2004. 249p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

HOLLANDA, Guy de. **Um quarto de século de programas e compêndios de história para o ensino secundário brasileiro**. Rio de Janeiro: INEP, 1957.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Observações sobre a evolução da mortalidade no Brasil: o passado, o presente e perspectivas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

IRSCHLINGER, F. A. O “Renascimento” da Igreja Católica do Brasil: Ideários de uma Geração (1920 - 1940). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 14., 2014, Campo Mourão. **Anais....** Campo Mourão, 2014. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/253.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. **Historias de conceptos**. Estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

LAMEGO, Valéria. **A Farpa na Lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. São Paulo: Papirus, 1986.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LOBO, Chiquinha Neves. **Glórias Brasileiras**. São Paulo: Brasil S/A. 1943.

LOPES, Marciano. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40**. Fortaleza: ABC, 1996.

LORIGA, Sabina. Entrevista e a história biográfica. **Métis história e cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 11-22, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1038>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. **O pequeno x: da biografia à história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao estudo da Escola Nova.** São Paulo: Melhoramentos, 1961.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LUSTOSA, K. da S.; SILVA, M. do S. A Educação Popular e os Movimentos Educativos e de Cultura Popular da Década de 1960. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 9., 2016, Recife. **Anais...** Recife, 2016. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/apresentacao.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2017.

MACHADO, M. C. G. Reflexões sobre o papel do Estado e da educação para Rui Barbosa expresso na imprensa carioca de 1889-1901. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 1., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=18630>>. Acesso em 02 fev. 2016.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. **Lições de Casa:** discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista:** Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: USP, 2001.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História e História da Educação: um diálogo necessário e profícuo. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. (Org.). **Aeducação escolar em perspectiva histórica.** Campinas: Autores Associados, 2005.

MORAES, M. F. de. **A higiene escolar nos escritos de Carlos Sá:** circulação de ideias e projetos de interação entre saúde e educação (1920- 1945). 2015. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2015.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. **Juventude da pátria a(r)mada:** O Centro Estudantil Cearense em Fortaleza, 1931-1945. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

MOTTA, M. S. da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria, v. 19, nº 34, p. 101-122, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/519>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

NADAI, E. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13., nº 25, p.143-162, 1993. Disponível em: <<https://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/519>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Sobre o campo da história da educação na região nordeste. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. (Org.). **História da educação no nordeste brasileiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Org.). **História e Imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: Grecel, 1976.

_____. **Democracia á prova**: legislativo estadual cearense, 1947-1997. Fortaleza: INESP, 1998.

_____. **1001 Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

NOGUEIRA, C. E. V. **Tempo, Progresso, Memória**: Um olhar para o passado na Fortaleza dos anos 1930. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

O ESTADO. Fortaleza: Imprensa Oficial. 1944-1950. Diário.

O GIBI. Rio de Janeiro: Diários Associados, 1948. Mensal.

O GURI. Rio de Janeiro: Diários Associados, 1948. Mensal.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

O NORDESTE. Fortaleza. 1944-1950. Diário.

O POVO. Fortaleza: Diários Associados, 1944-1950. Diário.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PARADA, Maurício Barreto Alvarez. **Educando corpos e criando a nação**: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

PEIXOTO, A. M. C. O Elogio do Apostolado: o professor nos discursos dos governantes mineiros no período do Estado Novo. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em < http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/10/343o-2-Ana-Maria-_7_.pdf >. Acesso em 15 ago. 2015.

PIMENTA, Selma Garrido.; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PONTE, Sebastião Rogério. **História e memória do jornalismo cearense**. Fortaleza: NUDOC, 2004.

PORTO, Sérgio Dayrell. (Org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: UNB, 2002.

RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. **Foi assim!** O movimento estudantil no Ceará (1928 – 1968). Fortaleza: ABC, 2002.

RESENDE, F. M.; SOUZA, R. de C. O Método Intuitivo e a Escola Nova: discussões educacionais em fins do século XIX e início do século XX. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/055_fernanda_mendes.pdf>. Acesso em jan. 2017.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Rio de Janeiro: INEP, 1944-1950. Quadrimestral.

REVISTA DE DIREITO DO CEARÁ. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1939. Bimestral.

RIZZINI, Irene. **A institucionalização de crianças no Brasil:** percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Loyola, 2004.

ROCHA, Demócrito. A imprensa do Ceará. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará.** Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

RODRIGUES, E. Educação Nacional: Ancestralidade e Projeção de um Projeto de Democratização. **HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 12, n.18, p. 65 - 79, jun. 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis18/art07_18.pdf>. Acesso em 14 abr 2016.

RÖHRS, Hermann; ALMEIDA, Danilo Di Manno de.; ALVES, Maria Leila. (Org.). **Georg Kerschensteiner.** Recife: Massangana, 2010.

SAMPAIO, Coelho. **Nossas Lições.** Fortaleza: Minerva, 1954.

SANTOS, N. M. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século xx:** uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes. 2006.135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

SCHELBAUER, Analete Regina, ARAÚJO, José Carlos Souza (Org.). **História da Educação pela Imprensa.** Campinas: Editora Alínea, 2007.

SCHMIDT, B. B. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. Anos 90. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 4, n. 6. p. 165-192, dez. 1996. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6178>>. Acesso em 20 jul 2016.

_____. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: USP, 2005.

SCHWARCZ, L. K. M. . Biografia como gênero e problema. **História Social**, Campinas, v. 24, n. 24, p. 51-74, 2013. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577/1083>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCOTT, J. W. .Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n° 2, p. 1-35, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%Aanero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em 20 mai 2016.

SILVA, A. C. da. **As concepções de criança e infância na formação dos professores catarinenses nos anos de 1930 e 1940**. 2003. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

SILVA, B. E. S. **Uma história da educação: a invenção da instrução pública na Província do Ceará (1858-1889)**. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, M. A. da. Matéria de Salvação Pública: *Ensino e Educação* no Ceará da Década de 1940. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA POLÍTICA INTERFACES E DIÁLOGOS COM AS CIÊNCIAS HUMANAS, 1., 2015, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/165-12582-22052015-231337.pdf> Acesso em 3 fev. 2016.

SILVA, M. A. de O. Biografia como fonte histórica. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 1, n. 36/37, p. 9-15, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/viewFile/1146/1066>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

SILVA, V. B. da. **Saberes em Viagem nos Manuais Pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870 - 1970)**. 2005. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro. Mauad, 1999.

SOUZA, A. B. de. Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universitária Rural Seropédica**, Rio de Janeiro, v.29, n.1, p.27-36, jan.-jul. 2007. Disponível em: <http://www.academia.edu/35316295/BIOGRAFIA_E_ESCRITA_DA_HIST%C3%93RIA_REFLEX%C3%95ES_PRELIMINARES SOBRE_RELAC%C3%87%C3%95ES_SOCIAIS_E_DE_PODER> Acesso em: 13 jun 2016.

SOUZA, L. D. F. S. de. **Costa Rego e o curso pioneiro de jornalismo da Universidade do Distrito Federal**. 2010. 99f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Centro de Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Folclore, antropologia e história social. In: _____. **As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios**. Campinas: UNICAMP, 2001.

_____. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

UNITÁRIO. Fortaleza: Diários Associados, 1944-1950. Diário.

VALLE, Lílian do. **A escola e a nação**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

VENTURA, J. P. **O PLANFOR e a educação de jovens e adultos trabalhadores: a subalternidade reiterada**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

VICENTINI, P. P. Uma metralhadora a serviço do professorado na grande imprensa: a coluna de Elisiário Rodrigues no Diário de S. Paulo. (1943-1963). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. **Anais....**Aracaju, 2008. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/26.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIEIRA, Sofia Lerche e FARIAS, Isabel Sabino (Org.). **História da educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

XAVIER, Libânia Nacif. (Org.). **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008

YAZBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. (Org.). **Cultura e história da educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa**. Juiz de Fora: UFJF, 2009.